



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Instituto de Economia

Leandro Seiji Kojima

**ÁSIA CENTRAL: INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS DE MOSCOU E PEQUIM SOBRE AS
ESTRUTURAS ECONÔMICAS, POLÍTICAS E INSTITUCIONAIS REGIONAIS**

Campinas
2013

Leandro Seiji Kojima

**ÁSIA CENTRAL: INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS DE MOSCOU E PEQUIM SOBRE AS
ESTRUTURAS ECONÔMICAS, POLÍTICAS E INSTITUCIONAIS REGIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Graduação do Instituto de Economia da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Econômicas, sob orientação do
Prof. Dr. Eduardo Barros Mariutti

Campinas
2013

Dedicatória

“A quem eu dedico? A mim mesmo!”

Nelson Piquet, piloto brasileiro de Fórmula 1, após ganhar seu terceiro título mundial em 1987.

Agradecimentos

A Deus.

Aos meus pais, que me aturam há 24 anos.

À minha Samia, que me atura há cinco anos e ainda terá de me aturar por muito mais tempo.

O que seria de mim sem vocês? Para aparecerem aqui, é porque vocês são realmente fundamentais na minha vida.

“O poder real, o poder pelo qual devemos lutar dia e noite, não é o poder sobre as coisas, mas o poder sobre os homens”

George Orwell

Campinas
2013

KOJIMA, Leandro Seiji. **Ásia Central**: Influências históricas de Moscou e Pequim sobre as estruturas econômicas, políticas e institucionais regionais. 2013. 194 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto de Economia. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

RESUMO: Este trabalho introduz ao leitor um pouco sobre a Ásia Central, uma região ainda pouco conhecida pela maioria das pessoas no Ocidente, mas que desperta grande interesse em governos e empresas de todo o mundo devido ao seu potencial econômico e aos seus problemas geopolíticos. Ponto de transição entre a Europa e o Extremo Oriente, a Ásia Central foi dominada pelos russos a partir do século XVIII e compôs o território da antiga União Soviética até seu colapso. Atualmente, os cinco países que constituem a região (Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão) são repúblicas independentes e integradas ao capitalismo globalizado. Livres dos ditames de Moscou, eles puderam estabelecer contatos com outros grandes países. O objetivo do texto consiste em comparar a presença das duas potências mais influentes nesta região, a própria Rússia e a China. Tendo apresentado a história e as especificidades da Ásia Central, a monografia descreve como os dois países citados acima interferiram nos sistemas políticos, econômicos e institucionais da região em tempos recentes. Por meio da análise das intenções e das medidas tomadas nessas intervenções, busca-se compreender se a tendência da China estar tomando da Rússia o poder hegemônico sobre a Ásia Central é verdadeira e passível de maiores atenções no futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Rússia, China, Ásia Central, Ásia, União Soviética, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão, Uzbequistão, política, geopolítica, economia internacional, história econômica, poder, hegemonia.

Campinas
2013

KOJIMA, Leandro Seiji. **Ásia Central**: Influências históricas de Moscou e Pequim sobre as estruturas econômicas, políticas e institucionais regionais. 2013. 194 pages. Undergraduate thesis – Instituto de Economia. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

ABSTRACT: This paper introduces to the reader the region called Central Asia, a part of the world that is yet little known by most of the Western people, but that brings about great interest in governments and companies all over the world due to its economic potential and its geopolitical problems. Midway between Europe and Far East, Central Asia was taken over by Russians from 18th century on and made up the territory of Soviet Union until its collapse, in 1991. Nowadays, the countries that comprise the region (Kazakhstan, Kyrgyzstan, Tajikistan, Turkmenistan and Uzbekistan) are independent republics that became fully integrated into the globalized capitalism. Free from Moscow's dictates, they could establish contacts with other big countries. The purpose of this paper is to compare the presence of the two most powerful in the neighborhood, Russia itself and China. Having introduced the history and the special features of Central Asia, this monograph depicts how these two mentioned countries intervened mainly in the political, economic and institutional of the region in recent times. Through the analysis of the intentions and the ways in which the interventions are made, the paper aims to understand if the trend of China taking over from Russia the hegemonic power over Central Asia is true and deserves further attention in the future.

KEYWORDS: Russia, China, Central Asia, Asia, Soviet Union, Kazakhstan, Kyrgyzstan, Tajikistan, Turkmenistan, Uzbekistan, politics, geopolitics, international economics, economic history, power, hegemony.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Variação percentual anual na renda nacional, entre 1986 e 1992:.....	52
Tabela 2 - Indicadores econômicos recentes dos países da Ásia Central:	58
Tabela 3 - Percentual de russófonos em quatro países da Ásia Central:	62
Tabela 4 - Indicadores sociais recentes dos países da Ásia Central:	63
Tabela 5 - Peso da Rússia no montante de exportações dos países centro-asiáticos por ano:..	89
Tabela 6 - Percentual de cada país centro-asiático no total de exportações e importações da região à Rússia por ano:	90
Tabela 7 - Percentual das importações dos países centro-asiáticos que vêm da Rússia:.....	92
Tabela 8 - Peso da China no montante de importações e exportações dos países centro-asiáticos por ano (%):.....	133

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Crescimento do PIB dos cinco países da Ásia Central entre 1993 e 2012:60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	12
1. DOS OIRATS AOS SOVIETES: TRAJETÓRIA DA INTEGRAÇÃO DA ÁSIA CENTRAL AO IMPÉRIO MOSCOVITA	22
2. TRANSIÇÃO E CHOQUE: COMO AS REPÚBLICAS ADENTRARAM O MUNDO CAPITALISTA GLOBALIZADO	43
2.1 ASPECTOS POLÍTICOS	45
2.2 ASPECTOS ECONÔMICOS	48
2.3 ASPECTOS CULTURAIS E SOCIAIS	61
2.4 ASPECTOS GEOPOLÍTICOS	66
3. A SOMBRA RUSSA	71
3.1 IDAS E VINDAS DA RELAÇÃO ENTRE RÚSSIA E ÁSIA CENTRAL	72
3.2 AS REAIS INTENÇÕES RUSSAS	82
3.3 INTERCÂMBIO COMERCIAL ENTRE RÚSSIA E ÁSIA CENTRAL	87
3.4 INVESTIMENTOS RUSSOS NA ÁSIA CENTRAL	96
3.5 IMPACTOS NAS SOCIEDADES CENTRO-ASIÁTICAS	106
3.6 O FUTURO	112
4. O RECENTE ASSÉDIO CHINÊS	115
4.1 A APROXIMAÇÃO	116
4.2 AS INTENÇÕES CHINESAS	123
4.3 O COMÉRCIO ENTRE CHINA E ÁSIA CENTRAL	130
4.4 INVESTIMENTO CHINÊS NA ÁSIA CENTRAL	139
4.5 E AGORA?	149
CONCLUSÃO:	152

ANEXO 1 – OS PAÍSES DA ÁSIA CENTRAL	159
CAZAQUISTÃO.....	159
QUIRGUISTÃO.....	164
TADJIKUISTÃO.....	169
TURCOMENISTÃO	174
UZBEQUISTÃO	180
 ANEXO 2 – MAPA DA ÁSIA CENTRAL.....	186
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	187

INTRODUÇÃO

O mundo está mudando. A ordem das coisas já não é mais a mesma. Personagens outrora abastados agora padecem na decadência e no desespero. O contrário também acontece: aqueles que passaram anos, décadas, séculos à margem da riqueza e do progresso, carentes de esperança e abandonados à própria sorte, agora celebram um novo momento, de prosperidade e abundância. Neste início de milênio, a geoeconômica mundial sofreu uma reviravolta avassaladora e definitiva. As coisas nunca mais serão as mesmas. O mundo está mudando.

De maneira informal, podemos estabelecer o dia 15 de setembro de 2008 como o ponto de transição do antigo para o novo mundo. Naquele fatídico dia¹, o banco de investimentos Lehman Brothers entrou com pedido de concordata na justiça americana após não conseguir encontrar um comprador que salvasse o valor de seus ativos. O colapso do Lehman Brothers, um dos gigantes do setor financeiro americano, desencadeou uma série de falências e a erosão da confiança e da liquidez internacional, o que resultou numa crise financeira mundial que ainda está longe de ter um fim definitivo.

A crise financeira iniciada em 2008 intensificou drasticamente uma tendência que já vinha sendo percebida nos anos anteriores. Nas últimas duas décadas, a distância entre os países desenvolvidos e os países subdesenvolvidos ricos em recursos naturais ou em força de trabalho de baixo custo diminuiu de maneira notável. Dentro de um contexto de globalização financeira e comercial, considerável crescimento populacional, constante desenvolvimento tecnológico, competitividade cada vez maior entre empresas e entre governos e crescente necessidade de recursos naturais e humanos, alguns países cuja inserção no capitalismo global era risível até algumas décadas atrás ganharam espaço por disporem de bens e ativos de enorme interesse para muitos mercados ao redor do planeta. Com o aumento das necessidades mundiais de recursos energéticos, grandes produtores de petróleo e gás natural se tornaram personagens de primeira importância para o desenvolvimento econômico internacional, como são os casos da Rússia e da Venezuela. O fim da União Soviética permitiu a entrada de novos personagens no jogo capitalista, como a Ucrânia, grande produtora de alimentos, e a Estônia,

¹ SORKIN, Andrew Ross. **Lehman Files for Bankruptcy; Merrill Is Sold**. The New York Times, Nova Iorque, 15 set. 2008. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/09/15/business/15lehman.html?pagewanted=all&_r=0>. Acesso em: 27 out. 2012.

cujo setor de tecnologia de informação possui grande potencial de desenvolvimento. A existência de um gigantesco mercado de capital humano de baixo custo e alta eficiência e de um mercado consumidor ainda pouco explorado faz da Ásia o continente mais visado por empresários e políticos nos dias de hoje. A China e a Índia são expoentes óbvios quando se fala de países asiáticos que passaram a constar nas agendas econômicas de todo o planeta, embora outros mercados como o vietnamita e o indonésio também possam ser mencionados. Na América Latina, o Brasil e o México despontam como países de ótimo potencial consumidor e produtivo e poucas possibilidades de conflitos políticos e ideológicos com as potências antigas. Portanto, o surgimento de novos agentes relevantes no cenário mundial leva ao redesenho das relações entre centro e periferia, entre Norte e Sul, entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos. Aquele antigo mundo no qual algumas poucas nações ricas conduziam as rédeas da globalização econômica e o resto pouco ou nada influía no processo, definitivamente, está fadado à extinção.

A partir de 2008, a distância entre os dois lados se tornou ainda menor devido ao fato da crise ter atingido com força o sistema financeiro global, o qual era controlado pelos países desenvolvidos e do qual estes países muito dependiam para manter a dinâmica de suas economias. Nos três últimos anos, o epicentro da crise tem sido a União Europeia, na qual países como Grécia e Espanha vêm enfrentando problemas de solvência e se encontram na obrigação de controlar estritamente os gastos para receber ajuda externa. Desta forma, com a União Europeia mergulhada em problemas e os Estados Unidos ainda em fase de recuperação, a economia global encontra abrigo nos países emergentes supracitados, menos afetados pela crise mundial pela sua menor integração histórica ao complexo financeiro mundial. Estes países fornecem a liquidez, a produção e o mercado consumidor que as antigas potências não estão nas melhores condições de suprir neste momento.

A ascensão econômica destes novos atores obviamente significa que a academia e a imprensa internacionais são obrigadas a conceder uma atenção maior às atividades e aos acontecimentos dos chamados “países periféricos”. Professores, intelectuais e jornalistas trazem à discussão o funcionamento econômico, as decisões políticas e as conjecturas relacionadas às regiões emergentes, orientando decisões políticas e econômicas e incutindo às multidões de leigos que estas regiões, nos dias atuais, são tão importantes para os rumos da

humanidade quanto os antigos países ricos, representados especialmente pelos Estados Unidos, pelo Japão e pelos maiores estados da Europa Ocidental.

Entretanto, é de se notar que nem todos os países emergentes são lembrados pela mídia *mainstream* e pela academia com a mesma empolgação ou fé. Pode-se argumentar que em alguns casos, o furor não seria justificado, visto que o choque econômico gerado por sua ascensão ainda não seria tão relevante, como seria o caso dos países africanos que, aos poucos, começam a receber investimentos e a atenção da China e da Índia. No entanto, este nem sempre é o caso. No próprio continente asiático, existe uma região ainda pouco conhecida ou lembrada pela maioria das pessoas cujo potencial econômico e cujo contexto político e geográfico são de grande importância e deveriam obrigatoriamente estar sendo estudados por economistas e demais intelectuais. O isolamento geográfico, a inexistência de bibliografia farta sobre sua história, a abertura política apenas recente e até mesmo a relativa irrelevância estratégica frente aos seus vizinhos são empecilhos reais que explicam a ausência de maiores estudos sobre a região atualmente, mas o advento da internet e a grande facilidade de comunicação, de acesso a bibliotecas de todo o mundo e até mesmo de aprendizado de novas línguas proporcionada pela Rede Mundial de Computadores são fatores que mitigam estes empecilhos e abrem boas possibilidades de desenvolvimento de estudos de caso que dependem apenas da boa vontade e do interesse do pesquisador.

A região em questão é a Ásia Central, um pedaço de terra de 3,9 milhões de km² que se encontra no coração do continente asiático e que é composto por cinco países: Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Até o episódio dos ataques terroristas ao World Trade Center, ocorridos nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, a Ásia Central era vista por grande parte da comunidade internacional apenas como um aglomerado de países pobres e sem qualquer utilidade política ou econômica que dispensavam maiores atenções. Os ataques e a Guerra do Afeganistão subsequente acabaram inserindo os “istões” na agenda norte-americana, pois sua proximidade com o Afeganistão poderia fazer destes países bases militares dos Estados Unidos no conflito contra os fundamentalistas islâmicos. Ao mesmo tempo, a existência de grande potencial econômico baseado principalmente na produção de hidrocarbonetos, de recursos minerais e de commodities agrícolas está, aos poucos, sendo percebida pelas grandes potências, que

começam a irromper a Ásia Central com investimentos e parcerias. Desta forma, a região vem gradualmente ganhando importância internacional e ignorá-la é um grande erro.

A Ásia Central possui algumas características que a tornam, ao mesmo tempo, uma região atraente e perigosa. Uma das grandes razões pelas quais o Ocidente passou a prestar atenção na questão centro-asiática é a vizinhança que cerca as cinco ex-repúblicas soviéticas. A leste, a China possui 1.533 quilômetros de fronteira com o Cazaquistão, 858 quilômetros com o Quirguistão e 414 quilômetros com o Tadjiquistão. Ao norte, a Rússia tem 6.846 quilômetros de extensão com o Cazaquistão. Ao sul, o Afeganistão faz fronteira com o Tadjiquistão em 1.206 quilômetros, com o Turcomenistão em 744 quilômetros e com o Uzbequistão em 137 quilômetros. Por fim, o Irã possui uma fronteira de 992 quilômetros com o Uzbequistão. A oeste do Turcomenistão, encontra-se o Mar Cáspio, que separa o país do Cáucaso, região composta por Azerbaijão, Armênia e Geórgia. Mesmo sem haver fronteiras em comum, encontram-se nas proximidades o Oriente Médio a sudoeste e a Índia a sudeste. A presença de vizinhos com históricas relações negativas com o Ocidente faz da Ásia Central um alvo das atenções por parte dos países que querem evitar a disseminação do fundamentalismo islâmico, dos conflitos étnicos e das afrontas aos direitos humanos e também instaurar uma ilha de tranquilidade para as operações econômicas, políticas e militares ocidentais.

Em termos geográficos, a Ásia Central pode ser dividida em três. O oeste do Turcomenistão e quase todo o Cazaquistão são ocupados por estepes planas e quase desérticas, propícias para a pecuária e para a agricultura pouco intensiva em irrigação. O Quirguistão, o Tadjiquistão e o extremo leste do Cazaquistão são preenchidos pelas cordilheiras Tian Shan, Pamir e Elbourz, formando uma região de baixíssima densidade demográfica onde predominava a vida nômade antes da formação da União Soviética. O Uzbequistão, o extremo sul do Cazaquistão e o nordeste do Turcomenistão são caracterizados pela existência de vales formados às margens dos rios Amu-Darya, Syr-Darya e Zarafchan, que nascem na cordilheira Tian Shan. O alto potencial de irrigação existente nesta região permitiu o surgimento de uma civilização sedentária, que acabou se desenvolvendo com a agricultura, o comércio e a cultura.

Sob as vastas e belas terras da Ásia Central, encontram-se imensas fontes de recursos naturais de valor inestimável para o planeta, em especial petróleo e gás natural. As reservas somadas de petróleo dos cinco países centro-asiáticos atinge a casa dos 31,2 bilhões

de barris, o que justifica a atenção dada por gigantes petrolíferas como a russa Gazprom, a francesa Total e a americana ConocoPhillips. As reservas de gás natural impressionam ainda mais: são 11,76 trilhões de metros cúbicos de gás natural disponível sob o solo central-asiático, quantidade inferior apenas à das reservas da Rússia, do Irã e do Catar. O nível de exploração econômica destes hidrocarbonetos ainda é baixo, pois os países da Ásia Central ainda não dispõem de infraestrutura completa e ampla de extração e logística. Portanto, há ainda um grande potencial energético a ser explorado. Ademais, as reservas de minerais como ouro, urânio, carvão, mercúrio, cobre, prata, chumbo, zinco, molibdênio, tungstênio e muitos outros recursos metálicos e não-metálicos são consideráveis, podendo suprir boa parte da demanda internacional.

O extrativismo é a principal atividade econômica da Ásia Central, mas não é a única. O setor agrícola é bastante desenvolvido especialmente nas estepes do norte e nos vales do sul, com predomínio do cultivo de algodão, amplamente estimulado durante o período soviético, e de grãos. Em países como Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão, a agropecuária representa mais de 20% da composição total do PIB. O setor industrial possui algum desenvolvimento graças aos investimentos feitos durante a União Soviética, embora o parque industrial existente seja defasado, pouco eficiente e pouco diversificado. Predominam as indústrias de processamento de minérios, têxtil e de alimentos, sendo que cada país possui maior ou menor peso em cada uma destas indústrias dependendo da força de produção de matéria-prima. O setor de serviços, frequentemente ignorado pelas políticas econômicas soviéticas, ganha força em especial nas grandes cidades, onde foi possível florescer estruturas comerciais e financeiras que servem às populações locais de maneira adequada, embora sem haver qualquer chance de competição com a concorrência internacional.

As características históricas, sociais e étnicas fazem da Ásia Central uma região bastante peculiar. Povos de origem túrquica (turcos, cazaques, quirguizes, turcomenos, uzbeques, karakalpaks, uigures, tártaros), persa (tadjiques, azeris), eslava (russos, ucranianos, bielo-russos), germânica (alemães) e mongol (dunganos, coreanos) convivem em cinco nações criadas artificialmente pelos soviéticos de maneira nem sempre pacífica, como os recentes conflitos entre uzbeques e quirguizes no Vale do Fergana em 2010 provaram. A religião dominante é o islamismo, que chega a ser praticado por 89% dos turcomenos, 88% dos uzbeques e 85% dos tadjiques. O único país onde os muçulmanos não representam a

maioria absoluta da população é o Cazaquistão, onde há uma grande parcela de cristãos ortodoxos. A riqueza histórica da Ásia Central, ainda pouco conhecida entre a maioria das pessoas, é bastante grande: a região foi invadida por dezenas de povos, esteve sob domínio de diferentes etnias, teve períodos de prosperidade e decadência e desenvolveu alguns entrepostos comerciais, culturais e religiosos onde povos de todos os lugares negociavam produtos e intercambiavam conhecimentos, como Bucara e Samarcanda. A questão social centro-asiática ainda é bastante delicada, uma vez que as cinco repúblicas pós-soviéticas obtiveram sua independência há pouco mais de duas décadas e ainda padecem com a pobreza, a violência e a falta de liberdade de expressão e de ação política, ainda que, em linhas gerais, as variáveis macroeconômicas da Ásia Central estejam melhorando a passos largos. Por fim, as questões políticas internas dos cinco países centro-asiáticos possuem vários pontos em comum. Seus líderes locais iniciaram suas carreiras políticas dentro da *nomenklatura*² soviética, abandonaram os ideais comunistas tão logo a União Soviética deixou de existir e implantaram em suas nações regimes bastante autoritários que não abrem espaço para ideias opostas e projetos políticos diferentes e que costumam beneficiar apenas uma determinada parcela da população, aquela estritamente ligada ao clã³ ao qual pertence o governante. Dentro dessa descrição geral, cada país apresenta suas particularidades históricas, políticas, sociais, econômicas e geográficas que serão tratadas brevemente no Anexo I.

Embora pouco deste enorme pedaço do continente asiático fosse conhecido pelo Ocidente até o final da União Soviética, a Ásia Central nunca foi uma região totalmente deixada de lado pelas grandes potências mundiais. Em 1726, o *khan*⁴ cazaque Abul Khair foi à Rússia pedir ajuda militar contra a ameaça de invasores *oirats*, uma etnia oriunda da Mongólia. Os russos aceitaram fornecer ajuda e iniciaram a construção de uma linha de guarda que impedia a invasão dos oirats pelo norte – esta linha acabaria se tornando, posteriormente, a representação geográfica da fronteira entre a Rússia e o Cazaquistão. A partir desta primeira tratativa, os russos iniciaram um processo de aproximação e posterior conquista não só das estepes cazaques como também das montanhas na divisa com a China e,

² Elite política da União Soviética, obrigatoriamente ligada ao Partido Comunista da União Soviética e suas filiais regionais.

³ O clã é a unidade social histórica que rege a dinâmica das sociedades da Ásia Central. Em linhas gerais, pertencem a um determinado clã todos os indivíduos que possuam uma ancestralidade em comum.

⁴ Expressão túrquica utilizada para designar um líder regional.

principalmente, do Turquestão, a civilizada e culturalmente desenvolvida região localizada no território onde hoje existem o Turcomenistão, o Uzbequistão e partes do Cazaquistão, do Quirguistão e do Tadjiquistão. Esse processo durou até a década de 1870 e estendeu os limites russos até a fronteira com o Afeganistão e o Irã. Entre o final do século XVIII e o início do século XIX, os russos alimentaram uma breve rivalidade com os ingleses, que mantinham colônias na Índia e no Afeganistão e não desejavam ver os exércitos de Moscou irrompendo seus domínios, o que resultou numa disputa estratégica conhecida como “O Grande Jogo”.

Os russos observavam a Ásia Central com grande interesse em utilizar suas vastas terras para agricultura intensiva e em explorar seus recursos minerais, conhecidos desde os tempos do governo de Pedro, o Grande. Eles impuseram a vida sedentária nas estepes cazaques, onde a vida nômade sempre predominou, de modo a impulsionar a pecuária e o cultivo de cereais. Na região do Turquestão, o estímulo maior foi aplicado sobre o cultivo do algodão. Neste sentido, os russos implantaram novos métodos e tecnologias de cultivo e irrigação do insumo que aumentaram consideravelmente sua produtividade e ainda desenvolveram uma rede de transporte que levava a produção até a Rússia. Os recursos minerais eram abundantes e variados, mas ainda não eram devidamente explorados devido à falta de tecnologia e infraestrutura de logística.

Durante o período soviético, vigente entre 1917 e 1991, a Ásia Central e suas repúblicas socialistas soviéticas ficaram sob absoluto controle do governo central de Moscou. A União Soviética, cuja economia era estritamente regida pelo GOSPLAN⁵, considerava que seu território asiático estaria incumbido de extrair ou produzir matéria-prima, principalmente algodão, grãos e recursos minerais. As repúblicas enviavam sua produção para Moscou e recebiam em troca alimentos, manufaturados e serviços, o que as tornava totalmente dependentes do governo central. A propriedade privada havia sido abolida e a produção agrícola era realizada em fazendas coletivas, os *kolkhozes*, ou em organizações comandadas diretamente pelo governo e estruturadas de maneira análoga à indústria, os *sovkhozes*. A indústria foi bastante desenvolvida em especial a partir da Segunda Guerra Mundial, quando Moscou transferiu muitas das fábricas localizadas na parte europeia da URSS para a Ásia Central visando protegê-las de ataques. Ela era voltada basicamente para a produção de bens

5 O GOSPLAN era o escritório de planejamento central da União Soviética, onde eram decididos todos os rumos que a economia soviética deveria tomar.

de capital e para o processamento dos recursos naturais. Desta forma, os russos enxergavam as repúblicas centro-asiáticas de forma colonialista, como uma grande linha de produção de commodities e bens processados a partir destas commodities.

O fim da União Soviética, ocorrido em 1991, representou a independência das cinco repúblicas centro-asiáticas, que se viram livres de um poder central soberano e tiveram de desenvolver uma estrutura política, econômica, jurídica e institucional própria. Entretanto, trata-se de um equívoco considerar que a sombra russa foi dissipada após o colapso da União Soviética. Por um lado, a Ásia Central ainda precisava da Rússia para fazer suas economias internas funcionarem. Por outro, os russos ainda desejavam manter uma zona de influência a partir dos demais países ex-soviéticos. Já em 1992, o Cazaquistão, o Quirguistão, o Tadjiquistão e o Uzbequistão assinaram tratados de amizade e cooperação com a Rússia e formam a Organização de Segurança Coletiva (CSTO). Quatro anos depois, os mesmos quatro países, a Rússia e a China criaram a Organização de Cooperação de Xangai, cujo objetivo era o de garantir a segurança regional. Esta medida representou a primeira grande aproximação entre russos e chineses, rompidos desde o final dos anos 50⁶.

A dependência dos países da Ásia Central em relação à Rússia ainda era grande. A Rússia não era só o maior mercado para a maioria dos produtos exportados como também grande fornecedor de bens e serviços. Antes da crise internacional de 2008, 48% do PIB do Tadjiquistão e 27% do PIB do Quirguistão eram formados pelo envio de remessas de indivíduos nativos que migraram para a Rússia para trabalhar. Até os primeiros anos do novo milênio, os russos monopolizavam os dutos de transporte de petróleo e gás natural do Cazaquistão e do Uzbequistão. Os hidrocarbonetos saíam da Ásia Central para a Rússia e esta, por sua vez, redistribuía o produto à Europa.

Contudo, a obrigatória ligação com a Rússia não faz mais sentido num contexto de abertura política e econômica. Sem a existência de um poder absoluto que decida seus rumos, as repúblicas centro-asiáticas puderam iniciar negociações com outros países. Os Estados Unidos, por exemplo, passaram a considerar a Ásia Central como assunto de primeira importância em sua agenda geopolítica após os atentados terroristas de 11 de Setembro de

6 A ruptura entre China e Rússia se deu principalmente por motivos ideológicos. Os chineses acreditavam que a “via pacífica” característica do socialismo soviético era inócua e que o único caminho possível para a concretização da revolução comunista era a guerra. Ademais, os chineses criticavam duramente o modelo soviético de economia, muito centrado na indústria, burocrático e até mesmo burguês, pois algumas das reformas introduziram os conceitos de rentabilidade e lucros nas empresas. (FAVROD, 1976).

2001. O Uzbequistão e o Quirguistão permitiram a abertura de bases militares americanas (Khanabad e Manas, respectivamente) em seus territórios em troca de ajudas financeiras que alcançam a casa das centenas de milhões de dólares. Por meio destas bases, era possível desembarcar soldados, armas e suprimentos que seriam utilizados na guerra do Afeganistão, país que faz fronteira com o Uzbequistão e que também não se encontra distante do Quirguistão. O Uzbequistão cancelou o acordo com os Estados Unidos em 2006 após os americanos terem condenado as ações repressivas do presidente uzbeque Islam Karimov no conflito de Andijan em 2005, em que rebeldes ligados a movimentos islâmicos enfrentaram as tropas governamentais objetivando a deposição do presidente. O Quirguistão ameaçou fechar a base militar em 2009 e só desistiu da ideia quando os Estados Unidos aumentaram a ajuda financeira. No entanto, o governo quirguiz já anunciou que os americanos deverão deixar a base de Manas em 2014. O relacionamento entre os países da Ásia Central e os Estados Unidos, até aqui, provou-se bastante suscetível a crises e instabilidades.

Muito mais sólido e promissor é o relacionamento da região com a China. A economia chinesa encontrou na Ásia Central uma inesgotável fonte de matérias-primas e recursos energéticos necessários para o seu contínuo crescimento. Ademais, a relativa proximidade geográfica e a recente abertura política e financeira fazem dos países centro-asiáticos um mercado cada vez mais sedutor para os produtos chineses. Na primeira década do novo milênio, a China realizou investimentos em dois grandes projetos de infraestrutura de transporte de hidrocarbonetos na Ásia Central. Em dezembro de 2005, foi inaugurado um oleoduto que transporta o petróleo produzido no Cazaquistão ao oeste da China, mais precisamente na região autônoma de Xinjiang. Em dezembro de 2009, os governos da China e do Turcomenistão iniciaram as atividades do gasoduto que transporta o gás natural produzido em território turcomeno à região chinesa de Xinjiang passando pelo Cazaquistão e pelo Uzbequistão. Tanto o oleoduto cazaque como o gasoduto turcomeno construídos com capital chinês representaram o fim do monopólio russo no transporte de hidrocarbonetos extraídos na Ásia Central. Ademais, os chineses também possuem investimentos nos demais países centro-asiáticos e mantêm atenções especiais no Quirguistão por questões étnicas, uma vez que o país tem uma grande população uigur, etnia que lidera o movimento que deseja separar a região de Xinjiang do resto da China para criar seu próprio país.

Estaria a Rússia perdendo o poder hegemônico sobre a Ásia Central para a China? De fato, as repúblicas centro-asiáticas não possuem mais nenhuma ligação obrigatória com Moscou, ainda que a presença russa seja percebida, por exemplo, nas tropas mantidas no Tadjiquistão desde o fim da Guerra Civil tadjique ocorrida nos anos 90. Sem estes laços, a Ásia Central pôde dialogar com países de todo o mundo. Neste sentido, a China se torna o país mais proeminente por realizar os maiores investimentos, interessada que está nos recursos naturais e energéticos da região, e por estar geograficamente tão próxima das cinco repúblicas centro-asiáticas quanto a própria Rússia. Esta, por sua vez, ainda tenta manter viva a grande dependência econômica, política, institucional e militar que as repúblicas centro-asiáticas, cujas estruturas ainda não estão propriamente desenvolvidas, ainda têm.

Esta monografia buscará responder a pergunta que iniciou o parágrafo acima. A China realmente está se tornando a potência de maior influência sobre a Ásia Central, com grandes tendências de determinar não somente seus rumos econômicos como também os políticos e institucionais? Ou esta mudança hegemônica estaria sendo superestimada e a Rússia segue sendo o país mais importante na dinâmica econômica, política e institucional centro-asiática? A análise será feita em quatro capítulos. No primeiro, será apresentada brevemente a história da Ásia Central sob domínio direto russo, entre 1731 e 1991, detalhando as influências de Moscou sobre o desenvolvimento regional do período. O segundo capítulo dissertará sobre o período pós-soviético, de construção das estruturas econômicas, políticas e independentes de uma região que havia acabado de conquistar a independência. O terceiro capítulo apresentará o relacionamento contemporâneo entre as repúblicas centro-asiáticas e a Rússia, que quer manter uma zona de influência própria mesmo após o fim da União Soviética. O quarto capítulo introduzirá o relacionamento recente e crescente entre os países da Ásia Central e a China, que se torna um agente cada vez mais importante na região. Após estes quatro capítulos, a conclusão apresentará as conclusões inferidas a partir do trabalho analítico.

1. DOS OIRATS AOS SOVIETES: TRAJETÓRIA DA INTEGRAÇÃO DA ÁSIA CENTRAL AO IMPÉRIO MOSCOVITA

Muito embora os cinco países que compõem a Ásia Central contemporânea contabilizem pouco mais de duas décadas de vida independente, a história que acompanha a região é bastante extensa e turbulenta, com vários períodos de prosperidade e decadência. A primeira intervenção russa não está longe de completar seu aniversário de três séculos, mas ainda representa apenas uma das fases recentes de toda uma trajetória milenar. Esse capítulo inicial fará uma apresentação sucinta da história centro-asiática com destaque para a relação entre os povos nativos e os russos, iniciada formalmente na primeira metade do século XVIII.

Falar em Ásia Central como um território estruturado e definido antes da invasão russa não é possível, visto que sua composição urbana e demográfica era bastante irregular e dispersa. Classificar os diferentes povos antigos e delimitá-los em espaços definidos, nesse sentido, é um exercício que conduz à total imprecisão. Roy (2005, p. 9-10) opta por um caminho simplificado, a categorização por meio da análise do modo de vida. Desta forma, dois grupos são identificados: os nômades das estepes e os sedentários das civilizações da Transoxiana. Os primeiros, que habitavam as regiões setentrionais fronteiriças com a Rússia e a China, eram povos de origem túrquica, vida tribal, vocação pecuária e menor ligação com o islamismo. Os povos da Transoxiana, que ocupavam os vales meridionais, empreendiam a agricultura e o comércio, eram de origem persa e praticavam o islamismo com fervor. Esta divisão simplificada não permite visualizar as inúmeras alterações políticas, étnicas e culturais que ocorreram no curso da história regional.

Antes da integração ao império russo, a Ásia Central foi palco de invasões, guerras e domínios de vários povos. A região da Transoxiana, cujo território abrangia pedaços dos cinco países centro-asiáticos atuais, foi inicialmente habitada por povos de origem persa, como os bactrianos e os sogdianos. Estes grupos se estabeleceram nos vales ligados a rios como o Syr Darya e o Amu Darya e construíram grandes sistemas de irrigação que permitiram o desenvolvimento de um rico setor agropecuário e de cidades como Bucara e Samarcanda. Por outro lado, as estepes do Norte, que ocupavam grande parcela do atual Cazaquistão e

partes menores dos atuais Turcomenistão e Quirguistão, eram esparsamente habitadas por tribos nômades de origem túrquica ou mongol.

Devido à sua localização geográfica privilegiada, a Transoxiana foi considerada uma das regiões mais importantes do mundo durante vários séculos. Ela fazia parte da chamada “Rota da Seda”, um entreposto no qual povos de todos os lugares compravam e vendiam produtos, com destaque para a seda chinesa: os chineses que criavam o bicho-da-seda levavam seu produto até a “Rota da Seda” e o negociavam com os europeus.

Além das relações comerciais, a Transoxiana possibilitava rico intercâmbio cultural e religioso. No século VIII, os árabes dominaram grande parte da Ásia Central e impuseram a religião islâmica e o persa moderno como *lingua franca* aos povos subjugados. Poucos séculos após a dominação, centros como Bucara e Samarcanda haviam se tornado cidades de primeira importância para o Islamismo, recebendo religiosos e intelectuais do Oriente Médio, da Rússia, da China e da Índia.

Devido a estes atrativos comerciais e culturais, a Ásia Central sempre era alvo das atenções de invasores. Alexandre, o Grande em 329 a.C. e Gengis Khan no século XIII foram dois dos grandes imperadores que ampliaram seus domínios com a conquista de territórios centro-asiáticos. Além do mais, a região frequentemente era assolada por invasões de tribos persas e túrquicas, sendo que em vários casos as disputas tinham caráter regional e opunham povos vizinhos ou de ancestralidade comum. Uma destas invasões acabou abrindo caminho para a conquista de toda a Ásia Central por parte dos russos.

As estepes localizadas na fronteira com o sul da Rússia eram comandadas pelos cazaques, um povo originado no século XIV a partir de uma dissidência da confederação tribal uzbeque que comandava a Ásia Central naquele período. Os cazaques, por sua vez, se dividiam em três clãs majoritários, a Pequena Horda, a Média Horda e a Grande Horda. Cada um destes clãs ocupava um território próprio nas estepes e era liderado por um *khan*.

No início do século XVIII, a região cazaque estava sob ameaça de invasão de nômades da etnia oirat, originária da Mongólia. Sem ter como conter a ofensiva dos oirats pelos seus próprios meios, o *khan* da Pequena Horda Abul Khair viajou à Rússia em 1731 para pedir ajuda ao governo russo na defesa da soberania cazaque sobre as estepes. Moscou acatou o pedido e ergueu uma grande linha de proteção composta por fortalezas e barreiras

fortificadas que, posteriormente, seria considerada na delimitação da fronteira oficial da Rússia com o Cazaquistão.

Embora o desejo principal de Abul Khair fosse a formação de uma força-tarefa temporária que defendesse as estepes cazaques dos invasores oirat, Moscou optou pela transformação gradual do território da Pequena Horda em um protetorado russo de caráter permanente. Até a primeira metade do século XIX, o Império Russo seguiu construindo novas barreiras e fortalezas que se estendiam cada vez mais em direção ao interior da Ásia Central. Após assumir o território da Pequena Horda, os russos não tiveram maiores dificuldades para conquistar os domínios da Média Horda e da Grande Horda. Na década de 1850, o Império Russo já havia tomado para si quase toda a extensão de terra correspondente ao atual Cazaquistão.

Todo o processo de tomada de controle das estepes cazaques por parte dos russos foi feito de maneira cuidadosa e pacífica, sem a necessidade de conflitos bélicos. Num primeiro instante, as elites nativas não só não se opuseram de forma agressiva à presença daquele povo estranho como também adotaram a língua russa e os costumes ocidentais sem maiores ressalvas⁷. Parte de seus poderes feudais foi perdida com a submissão da região ao governo de Moscou, mas a participação política em âmbito local foi mantida com a criação de conselhos de anciãos.

Entretanto, a presença russa trouxe grandes consequências negativas para a população nativa. O governo de Moscou consideravam os cazaques como uma população “estrangeira” dentro do Império Russo, o que significava a automática dispensa do recebimento de alguns direitos e do cumprimento de alguns deveres, como o serviço militar obrigatório. Dentro do próprio território cazaque, havia leis que beneficiavam a crescente população russa em detrimento dos nativos. Mas o maior dos problemas gerados foi a deterioração das estruturas econômicas e sociais da vida nativa em prol do uso agrário das estepes. Com a colonização do território cazaque, os russos absorveram uma grande extensão de terras virgens e propícias para a agricultura. Os nômades da região faziam pouco uso destas terras, quase que exclusivamente destinadas à pecuária, e não precisavam estabelecer propriedades devido exatamente ao seu estilo de vida. Com isso, o governo russo não

⁷ A influência da cultura persa e do islamismo era bem menor forte nas estepes cazaques do que nos vales da Transoxania, cujo contato com as civilizações persas e árabes era sempre maior.

encontrou maiores entraves para estabelecer propriedades agrárias destinadas especialmente ao cultivo de grãos e algodão, entregando-as a colonos oriundos da própria Rússia. Desta forma, os nômades acabaram tendo suas atividades pecuárias limitadas pela impossibilidade de acesso livre às estepes. Esta situação levou ao aumento drástico da pobreza entre as populações nativas. Entretanto, devido à escassez de condições financeiras e militares dos cazaques em relação aos russos, não houve grandes manifestações de insatisfação dos autóctones com os problemas da região. Durante todo o século XIX, foram poucas as fases de revolta contra o governo central, como o período entre 1836 e 1847, no qual uma considerável parcela da população liderada pelo *khan* Kenisary Kasimov participou de manifestações contra a colonização da região do rio Syr Darya. As reações russas eram sempre avassaladoras, violentas e eficazes. Na década de 1870, a nobreza cazaque, a contragosto, já havia se conformado com a perda de poder e a submissão ao regime moscovita.

Mais conturbada foi a trajetória do domínio russo sobre a Transoxiana. Ao contrário do território cazaque, conquistado por meio de um avanço gradual e sutil, a região dos vales meridionais da Ásia Central foi invadida de maneira rápida e agressiva. Em 1847, após derrotar os rebeldes cazaques liderados pelo *khan* Kasimov, os russos construíram nas proximidades do rio Syr Darya sua primeira base militar na região limítrofe da Transoxiana, o forte Raim. Sete anos depois, as tropas de Moscou adentraram a Transoxiana pela região noroeste e construíram a cidade de Vernyi, correspondente atualmente à ex-capital cazaque Almaty.

A tomada de toda a Ásia Central pelo Império Russo parecia iminente. Os canatos⁸ de Khiva e Kokand e o emirado⁹ de Bucara enfrentavam crises internas ocasionadas por lutas políticas e revoltas populares. Diante do poderio militar e econômico do invasor, os nativos não tinham quaisquer condições de enfrentamento. Os russos, então, não tiveram dificuldades para anexar grandes territórios em questão de poucos anos. Entre 1864 e 1868, o emirado de Bucara e as cidades de Tashkent e Shymkent foram ocupados sem grandes empecilhos. Por meio de Bucara, as tropas russas chegaram à região de Pamir, localizada na fronteira com o atual Afeganistão. Esta aproximação assustou os ingleses, que estavam

⁸ Unidade provincial adotada por população de origem mongol ou que tenha sido diretamente influenciada por mongóis em algum momento de sua existência. Seu líder é o *khan*.

⁹ Unidade provincial adotada por populações de predominância religiosa islâmica. Seu líder é o emir.

assumindo o controle do sul asiático. No episódio conhecido como “O Grande Jogo”, russos e ingleses quase entraram em guerra em 1884 devido a problemas de determinação de limites territoriais das colônias de cada lado. O litígio foi resolvido apenas após a assinatura de um acordo que definiu de maneira definitiva uma fronteira entre o Afeganistão e a Ásia Central.

Em 1865, Moscou decidiu organizar todas as regiões ocupadas até então em um único oblast¹⁰, o do Turquestão. Para administrá-la, foi nomeado o general K. P. von Kaufman, cuja administração foi bastante elogiada por Pierce (1972, p. 209-210) por ter implantado um sistema político baseado em moldes ocidentais, promovido reformas agrárias e mantido praticamente intactos a cultura nativa, a estrutura política local e o sistema jurídico baseado na lei consuetudinária Azat e no código muçulmano Sharia. A inexistência de grandes áreas disponíveis não permitiu que os russos pudessem criar mais do que alguns bairros europeus contíguos aos bairros tradicionais. Com relação à cidadania dos habitantes nativos, assim como os cazaques, os nativos do Turquestão não eram considerados cidadãos do império e estavam dispensados dos direitos e dos deveres que cabem aos cidadãos.

Em 1873, os russos conseguiram assumir outro território importante, o canato de Khiva. Eles trouxeram alguns avanços para a região, como o livre comércio e a abolição da escravidão. Naquele mesmo ano, iniciou-se uma sangrenta batalha entre o exército da Rússia e o povo turcomeno na fortaleza de Dengil Tepe, na região transcaspiana. Os turcomenos chegaram a estar em vantagem, mas os russos acabaram vencendo o conflito, que durou até 1874, e transformaram a região transcaspiana em um oblast do império. No ano de 1875, o canato de Kokand também se rebelou contra a ameaça russa, mas foi facilmente derrotado pelas tropas de Moscou e acabou transformado em outro oblast, o de Fergana. A última parte da Ásia Central assumida pelos russos foi justamente a dos pamires, dividida entre o governo de Moscou e a administração de Bucara após um processo de conquista que durou entre 1891 e 1895. Em suma, entre 1731 e 1895, a Rússia conseguiu tomar o controle de uma área de 3,9 milhões de km².

Do ponto de vista econômico, geográfico e estratégico, a Ásia Central foi uma conquista altamente compensadora para o império russo. As inúmeras reservas minerais, principalmente as de cobre, chumbo e prata, já eram conhecidas havia séculos. O grande

¹⁰ Unidade provincial adotada em países majoritariamente eslavos ou que sofreram grande influência de eslavos.

potencial de cultivo de algodão e cereais também seduzia os russos, que delimitaram propriedades agrícolas nos vales próximos aos rios do Turquestão e principalmente nas estepes cazaques, onde havia mais espaço livre. Para ocupá-las, foram trazidos centenas de milhares de colonos de origem eslava, muitos deles ex-servos que haviam logrado a liberdade em 1861. A chegada deles alterou drasticamente a distribuição étnica da Ásia Central, principalmente nas regiões ao norte. Em 1911, 40% da população total dos quatro oblasts das estepes (Uralsk, Akmolinsk, Semipalatinsk e Turgai) era de origem russa, percentagem que equivalia a 1.544.000 pessoas. No Turquestão, o desequilíbrio étnico era bem menor, mas não poderia ser ignorado. Também em 1911, 4% da população, cerca de 202.000 pessoas, era russa.

Os russos não correspondiam à maioria da população, mas empreenderam profundas transformações na economia e na infraestrutura da Ásia Central. Foram construídas escolas e universidades que promoviam a língua russa e os costumes ocidentais. No Turquestão, onde já havia um sistema de ensino baseado no Islamismo com 5.000 escolas primárias, 400 madraças e 75.000 alunos, os russos optaram pela gradual marginalização das instituições muçulmanas em prol das construídas por eles próprios. Além disso, foram criadas bibliotecas, museus, observatórios, órgãos de imprensa e outros instrumentos de propagação da língua e dos costumes da Rússia.

Os avanços implantados na área econômica eram ainda mais suntuosos. Antes da chegada dos russos, a produção de algodão na Ásia Central era realizada com métodos e instrumentos de plantação, colheita e transporte arcaicos, que resultavam em baixa produtividade. Uma vez subordinada ao Império Russo, a região centro-asiática foi contemplada com a modernização de sua agricultura por meio do cultivo de novas variedades de algodão, do uso de máquinas sofisticadas e do desenvolvimento de modernos sistemas de irrigação. Graças a estas novidades, a produção algodoeira cresceu de maneira notável até 1914. Foi desenvolvido também um amplo sistema de infraestrutura de transporte, com destaque para a construção de duas estradas de ferro de grande porte. Em 1888, foi inaugurada a Estrada de Ferro Transcaspiana, que permitiu escoar grandes quantidades de mercadoria, rebaixar custos de frete e tornar o algodão do Turquestão competitivo. Em 1905, a abertura da Estrada de Ferro Orenburg-Tashkent possibilitou a importação de produtos da Ucrânia e da Sibéria Ocidental. Outrossim, é possível elencar várias outras inovações e benefícios que os

russos implantaram na região, como a produção de vinhos em Samarcanda e de açúcar em Tashkent, a modernização da indústria da seda local e os métodos de desidratação de frutas e de transporte refrigerado de carnes. Portanto, em termos econômicos, tecnológicos e logísticos, a melhora da situação centro-asiática sob domínio do Império Russo é inegável.

Porém, esse domínio se mostrava bastante desvantajoso e indesejável com relação aos aspectos cultural e político. Muito embora os russos tenham trazido elementos modernizadores à Ásia Central, eles também desfiguraram toda a dinâmica da vida cotidiana regional. Os autóctones foram obrigados a se integrar a um ambiente que, em última instância, era rigorosamente controlado por um povo estranho. O Islamismo, as antigas tradições e as línguas nativas, em que se pese não terem sido deliberadamente combatidos naquele primeiro instante, também não eram estimulados. Por fim, a pobreza havia aumentado bastante entre os povos centro-asiáticos após a chegada maciça de colonos russos. Nesse contexto, o surgimento de movimentos de resistência e a ocorrência contínua de revoltas de todas as camadas sociais eram possibilidades naturais.

Embora as elites políticas nativas não entrassem em conflito direto com o governo central de Moscou, o sentimento de insatisfação era generalizado. Num ambiente cada vez mais russificado, os povos centro-asiáticos começaram a alimentar a utopia de uma única nação que uniria todos aqueles que compartilhassem características étnicas ou religiosas em contraponto ao modelo vigente de regiões subordinadas a um poder completamente distante da realidade local. A partir destes intentos, floresceram conceitos como o panturquismo (união de todos os povos de origem túrquica contra os invasores eslavos) e o panislamismo (união de todos os povos muçulmanos contra os invasores cristãos ortodoxos), que serviram como referência para vários dos movimentos de oposição aos russos até a primeira metade do século XX.

Nas estepes do norte, os ideais pantúrquicos e panislâmicos foram difundidos durante algum tempo entre a antiga nobreza feudal, ainda ressentida com a perda de poder e a delimitação de propriedades destinadas aos colonos russos. O estímulo intelectual destes ideais partiu dos tártaros, um grupo étnico de religião muçulmana que foi designado por Moscou para administrar o território cazaque. Ao perceber a má influência, os russos iniciaram, a partir da década de 1870, um processo de neutralização do poder tártaro sobre a elite local. Para evitar a formação de uma classe intelectual anti-Rússia patrocinada pelos

tártaros, as escolas tártaras foram substituídas por escolas russo-cazaques, que cultivavam uma ideologia pró-Occidente, na qual acreditava-se que apenas o contato com Moscou poderia civilizar e desenvolver a população cazaque. Com o tempo, o panturquismo e o panislamismo perderam força nas estepes cazaques e a população local reforçou seus vínculos com os russos ao mesmo tempo em que passou a se opor às demais populações indígenas, incluindo os próprios tártaros.

Entretanto, o sentimento de insatisfação com o governo central de Moscou não diminuiu. Entre 1891 e 1892, um milhão de colonos russos adentrou as estepes cazaques, o que reduziu ainda mais as áreas livres para a pecuária nômade e, conseqüentemente, causou a morte de grande parte das cabeças de gado da região. Esse fluxo extra apenas piorou a já deteriorada relação entre os colonos e a população nativa. Em junho de 1916, Moscou determinou que as populações nativas da Ásia Central deveriam formar brigadas de trabalho compulsório para as atividades russas na região e a óbvia consequência foi a revolta generalizada dos centro-asiáticos, especialmente nas terras correspondentes atualmente ao Cazaquistão e ao Quirguistão. Os exércitos da Rússia contiveram as manifestações com violência e o resultado foi a morte de milhares de nativos, a migração de 300 mil nômades para a China e o recrudescimento dos problemas sociais dos sobreviventes.

No Turquestão, região cujo grau de desenvolvimento cultural e político prévio era mais alto, os movimentos de oposição eram mais intensos e bem organizados. O sistema de ensino introduzido pelos russos criou uma situação contraditória: os poucos membros das elites autóctones que conseguiram chegar ao ensino superior tiveram contato com ideais liberais e nacionalistas e formaram uma *intelligentsia* de oposição ao próprio Império Russo. Assim como no caso cazaque, os ideais liberais eram relacionados aos sonhos pantúrquico e panislâmico e foram construídos a partir da influência dos tártaros enviados pelo próprio governo russo à região para ocupar os cargos mais elevados. A intenção final era a criação de uma nação de religião muçulmana e língua túrquica subordinada ao Império Russo.

A má situação social e política observada em território cazaque também se repetiu no Turquestão. O aumento substancial da inflação, a cobrança cada vez mais pesada de impostos, a ocupação crescente das poucas áreas livres pelos colonos russos e a construção de campos de concentração que recebiam presos de todo o Império Russo criaram na população local um grande sentimento de indignação que acabou convertido em manifestações violentas

em junho de 1916, quando o governo russo obrigou a população masculina centro-asiática a trabalhar em obras de caráter militar. Os autóctones se rebelaram e a reação russa foi bastante violenta, com centenas de milhares de mortos no Turquestão. A relação entre os povos da Ásia Central e o governo central russo havia chegado à sua pior fase.

As revoluções russas de 1917, que derrubaram o antigo regime czarista e também o Governo Provisório de Alexander Kerensky, trouxeram grande esperança para os povos da Ásia Central, que acreditavam que a formação de uma União Soviética governada pelos bolcheviques inspirados nas teses marxistas traria liberdade e prosperidade aos autóctones centro-asiáticos. De fato, a situação não teria como ficar muito pior do que já estava. Os camponeses nativos competiam por terras com os colonos russos, que se tornavam cada vez mais numerosos na Ásia Central. Nas cidades, o desemprego era um problema cada vez mais sério. Nas indústrias, embora 70% da força de trabalho fosse composta por habitantes locais, os melhores empregos eram sempre ocupados por imigrantes russos. A pobreza e a insatisfação com a presença russa haviam atingido seu nível máximo e um regime soviético baseado no comunismo parecia ser a única saída naquele momento. O Turquestão declarou apoio aos bolcheviques esperando que problemas como a constante chegada maciça de colonos russos, a escassez de terras e a ausência de autonomia política fossem resolvidos.

Ao mesmo tempo, as regiões da Ásia Central aproveitaram o momento de transição de regime para tentar fortalecer sua capacidade de ação política e sua soberania. Pouco após a queda do regime czarista, os líderes cazaques se reuniram e formaram um partido nacional de ideologia liberal, o Alash-Orda. Quando os bolcheviques assumiram o poder, os partidários do Alash-Orda decidiram se aliar à militância de oposição e declararam a criação de uma república nacional independente nas estepes.

Entretanto, esta situação durou pouco devido à hostilidade de Moscou com relação às aspirações nacionalistas do Alash-Orda. Em março de 1919, os líderes do partido se renderam ao regime soviético e anunciaram a adesão aos bolcheviques, firmando um acordo que garantia à região cazaque autonomia nacional. Desta forma, em 1920, a União Soviética criou a primeira república autônoma da Ásia Central, batizada como República Socialista Soviética Autônoma (RSSA) Quirguiz – ela seria rebatizada como República Socialista Soviética Cazaque em 1925. O Alash-Orda manteve-se integrado à administração da República até 1928, quando teve divergências com os comunistas em relação ao assentamento

de nômades e à destruição das classes burguesas. Devido a esse choque de ideias, os comunistas acusaram os partidários do Alash-Orda de simpatia ao nacionalismo burguês e eliminaram o partido em 1928. Desde então e até o fim da União Soviética, não houve qualquer outra ideologia presente no governo local que não fosse o marxismo-leninismo.

Na região do Turquestão, o ambiente político pós-revolução estava muito mais delicado. Em março de 1917, um congresso muçulmano em Tashkent votou pela criação do Comitê Nacional, que deliberaria sobre a formação de uma nação nos moldes pantúrquico e panislâmico. Em outubro de 1917, quando os bolcheviques estavam prestes a assumir o controle da Rússia, o Comitê Nacional aprovou a criação de um governo muçulmano no Turquestão. Entretanto, esta formação durou pouco devido à falta de recursos políticos e administrativos: em 1918, tropas soviéticas alocadas em Tashkent entraram em combate com o governo local do Turquestão, que não teve condições de reagir à altura e acabou derrotado.

Porém, mesmo após a consolidação da mudança de regime e o controle exercido pelo governo central sobre os focos de revolta, a população ainda estava insatisfeita não apenas pelo fato da precária realidade política e econômica local não ter sofrido grandes alterações em curto prazo (entre 1917 e 1920, o Turquestão sofreu com a fome em decorrência dos longos períodos de seca e da redução da importação de alimentos) como também pela continuidade do opressor domínio russo sobre os centro-asiáticos. Dois grupos se destacaram na resistência contra os soviéticos: os *basmatchis*, camponeses praticantes da religião muçulmana, e os *jadides*, intelectuais de cunho reformista e nacionalista. Os *jadides* das regiões de Bucara e Khiva, que chegaram a apoiar os bolcheviques no período das revoluções, romperam com eles e fundaram duas repúblicas populares dentro da União Soviética.

Estas duas repúblicas não duraram muito. A partir de 1920, o governo soviético decidiu encerrar definitivamente a questão nacional da Ásia Central, reprimindo os movimentos de cunho pantúrquico e panislâmico e definindo repúblicas nacionais que pudessem ser controladas de maneira segura por Moscou. Enquanto a região cazaque era transformada em uma República Autônoma, o Turquestão seria dividido em várias nações subordinadas diretamente à União Soviética.

Para melhor compreensão do processo, faz-se necessária uma breve explicação sobre o conceito de nação para os soviéticos. Em 1913, o futuro secretário-geral do Partido

Comunista soviético¹¹ Josef Stalin publicou na revista *Prosveshcheniye* o artigo *Marxismo e a Questão Nacional*, que posicionava a formação política e social das nações vis-à-vis a luta de classes. Segundo esse artigo, "uma nação é uma comunidade de pessoas historicamente constituída e formada com base em uma linguagem comum, um território, uma vida econômica e um desenvolvimento psicológico manifestado em uma cultura comum" (STALIN, 1913). Desta forma, uma nação propriamente dita é aquela que conta com uma língua comum e falada pelo povo, uma estrutura econômica composta por leis, infraestrutura e recursos, um território permanente e claramente delimitado e uma cultura nacional construída historicamente a partir de diferentes condições de existência. Após definir o conceito, Stalin delibera qual seria a melhor solução para a questão nacional considerando um contexto de luta de classes. Para ele, os povos devem optar pelo sistema de autodeterminação das nações: os indivíduos que compartilham uma mesma língua, um mesmo território, uma mesma estrutura econômica e uma mesma cultura serão os únicos que terão o direito de definir livremente sua existência nacional, não sendo obrigados a sofrer influência ou pressão de outrem. Esta solução teoricamente delimita indivíduos com grandes semelhanças dentro de um grupo, gerando forte coesão entre eles e impedindo o surgimento de dissidências internas que poderiam levar à formação de outras nações. Para Stalin, as lutas nacionalistas devem ser evitadas por se tratarem de uma questão burguesa, já que elas historicamente sempre foram lideradas por burguesias. Uma vez que as nações estejam bem definidas e o nacionalismo não seja mais uma questão relevante, as pessoas poderão, enfim, integrar a luta de classes em prol de uma sociedade marxista.

Inicialmente, os soviéticos decidiram separar os povos por língua falada. No entanto, havia apenas duas línguas majoritárias na Ásia Central, o persa e o chagatai. A solução encontrada foi a criação de línguas oficiais artificiais a partir de línguas minoritárias ou dialetos regionais, que eram identificados de forma arbitrária. Desta maneira, por exemplo, o tadjique surgiu a partir do reaproveitamento do persa antigo e o uzbeque foi criado a partir da língua kiptchak. Uma novidade desse processo foi a implantação de um alfabeto único para toda a Ásia Central. Entre 1923 e 1928, foi utilizado o alfabeto árabe. Entre 1928 e 1940, o alfabeto árabe deu lugar ao alfabeto latino. Por fim, a partir de 1940, a região adotou o mesmo

11 Em termos práticos, o secretário-geral do Partido Comunista soviético era o chefe de governo da União Soviética, a liderança política máxima do país.

alfabeto cirílico dos russos com a intenção de ampliar a “russificação” cultural sobre a população centro-asiática. A unificação alfabética intencionava inviabilizar a reprodução de antigas obras literárias indígenas e facilitar o processo de alfabetização do sistema de ensino soviético.

A próxima etapa foi a definição de um território. As nações identificadas ganharam um território próprio definido de modo arbitrário, desconsiderando qualquer coerência geográfica, histórica ou até mesmo étnica. A formação de uma república uzbeque ignorou, por exemplo, a existência de uzbeques étnicos nas demais repúblicas da Ásia Central. A localização geográfica das capitais foi outro grande problema. O caso mais notável era o de Almaty, a capital cazaque, que ficava muito próxima à fronteira com a república quirguiz. Por fim, cada território recebeu suas próprias instituições: filial do Partido Comunista, aparato governamental, bandeira, hino e infraestrutura de serviços públicos. O governo central tomou cuidado ao criar estas instituições, evitando qualquer abertura nacionalista que ameaçasse a integridade soviética. Para comandar estas repúblicas, os soviéticos patrocinaram a formação de uma classe política forte em âmbito local, os *apparatchiks*, que mantinham bom relacionamento tanto com a população nativa como com os russos e não alimentavam qualquer movimento de oposição.

O desmembramento do Turquestão foi realizado conforme a trajetória descrita acima. Para minimizar os problemas de relacionamento com a população local, a administração de Moscou integrou a região aos planos da Nova Política Econômica (NEP), devolvendo terras confiscadas aos seus donos e proporcionando alguma liberdade às atividades econômicas menores durante um período limitado, além de ter promovido algumas medidas que favoreceram a prática do Islamismo, como a reabertura de mesquitas. A elite política do Turquestão apreciou as medidas tomadas, mesmo sabendo que elas não durariam muito, e passou a apoiar as políticas soviéticas. Gradualmente, as fontes de oposição nacionalista eram neutralizadas.

Ao mesmo tempo, as repúblicas autônomas de Bucara e Khiva não conseguiam satisfazer as populações locais devido à falta de recursos e à consequente impossibilidade de cumprir as promessas feitas durante sua construção. Em 1923, Stalin acusou o governo de Bucara de não ser favorável às diretrizes soviéticas. Sem qualquer comoção popular, os soviéticos conseguiram derrubar o governo e entregaram o poder ao Partido Comunista de

Bucara. Em setembro de 1924, os comunistas de Bucara decidiram dissolver a república autônoma e o destino de seu território seria decidido em questão de semanas. Situação semelhante ocorreu na república de Khiva, que também foi dissolvida em 1924. Naquela altura, não existia mais qualquer região centro-asiática que não estivesse totalmente subordinada ao governo central soviético.

Como explicado há alguns parágrafos, a República Socialista Soviética Autônoma Quirguiz foi criada em 1920. No ano seguinte, o governo soviético fundou a República Socialista Soviética Autônoma Turcomena a partir da junção de uma parte ocidental de Bucara com a região transcaspiana. Em 1922, é criada a Região Autônoma Caraquirguiz no território equivalente ao atual Quirguistão. Em 1925, a União Soviética modificou os nomes de duas repúblicas autônomas: a RSSA Quirguiz passa a se chamar RSSA Cazaque e a Região Autônoma Caraquirguiz se torna a nova RSSA Quirguiz. Todas as RSSA da Ásia Central eram subordinadas à República Socialista Federativa Soviética Russa.

Em 1924, a União Soviética criou a primeira República Socialista Soviética (RSS) da Ásia Central, com a RSSA Turcomena sendo elevada à condição de RSS Turcomena. Na hierarquia administrativa soviética, uma República Socialista Soviética é a divisão imediatamente subordinada à União: possui parlamento e ministérios próprios, língua e símbolos nacionais. Logo abaixo, encontra-se a República Socialista Soviética Autônoma, que detém grande capacidade de autodeterminação política e cultural, mas ainda se encontra subordinada a uma República Socialista Soviética. Por fim, na posição mais baixa da hierarquia, encontra-se a Região Autônoma (RA), subordinada a uma RSSA e dotada de menor poder de autonomia.

Ainda em 1924, foi criada a RSS Uzbeque a partir da junção da parte central de Bucara com o sul de Khiva, a região de Samarcanda, o Vale de Fergana e as regiões próximas aos rios Syr Darya e Amu Darya. Dentro desta RSS, os soviéticos declararam no mesmo ano a formação da RSSA Tadjique, que aproveitava a região montanhosa de Bucara. A RSSA Tadjique se tornou uma República Socialista Soviética em 1929, conseguindo se desvencilhar da RSS Uzbeque. Por fim, a RSSA Cazaque e a RSSA Quirguiz se tornaram RSS em 1936, completando o período de subordinação definitiva das regiões centro-asiáticas à União Soviética. Para efeito de simplificação, as repúblicas centro-asiáticas passarão a ser

denominadas pelo seu nome mais popular durante o período soviético: Cazaquistão, Quirguízia, Tadjiquistão, Turcomênia e Uzbequistão.

Conforme as repúblicas centro-asiáticas se consolidavam e ganhavam autonomia política dentro do contexto ideológico soviético, os movimentos de oposição nacionalista perdiam cada vez mais poder de ação. No Cazaquistão, como explicado anteriormente, os liberais do Alash-Orda foram eliminados pelas autoridades soviéticas e a facção deixou de existir em 1928. Na Quirguízia, os nacionalistas também foram suprimidos entre 1928 e 1930. Na década de 1930, aliás, os soviéticos empreenderam uma série de expurgos dentro das próprias administrações locais que destruíram por completo qualquer possibilidade de resistência.

No Uzbequistão, as elites políticas e intelectuais locais conflitavam com o governo soviético devido aos inúmeros problemas econômicos e sociais que não conseguiam ser resolvidos com as políticas formuladas em Moscou. A vingança do governo soviético era feita sob a forma de expurgos e execuções. Em 1938, dois personagens de grande importância da política uzbeque, Faizullah Khojaev e Ahmed Ikhrarov, foram acusados de trotskismo e condenados à morte.

Na Turcomênia, a situação foi bastante semelhante. Entre 1930 e 1934, os intelectuais autóctones lideraram um movimento nacionalista de caráter cultural, mas a reação soviética condenou vários deles à pena capital. A classe política também foi perseguida por Moscou, que acusava o governo turcomeno de sabotagem da política soviética. Em 1939, o presidente do Soviete Supremo ¹² turcomeno Nedirbai Aitakov foi executado pela administração central por não estar de acordo com as diretrizes soviéticas.

No Tadjiquistão, outros membros da classe política nacional foram eliminados por argumentos semelhantes. Em 1939, dois dos líderes da república, Nasratullah Maqsum e Abdurrahim Khojibaev, foram acusados de sabotar a política agrária soviética com seus ideias nacionalistas e antirrussos e executados.

A indignação era justificada não somente pelas precárias condições econômicas e sociais da Ásia Central como também pela destruição dos valores tradicionais dos povos nativos perpetrada pelas políticas soviéticas. Instituições como a prática do Islamismo e o

¹² Órgão máximo do Poder Legislativo em uma república soviética, no qual eram deliberados assuntos de segurança, relações exteriores e administração política geral.

nomadismo dos povos das estepes foram obliteradas em prol do ateísmo oficial e da vida sedentária. A composição étnica regional foi bastante desfigurada com a crescente chegada de pessoas de outras nações, muitas delas por motivo de exílio. Se a Ásia Central sob domínio do Império Russo czarista era uma região que, embora empobrecida e paulatinamente alterada por políticas exógenas, gozava de alguma liberdade política e cultural, a Ásia Central soviética pouco diferia de qualquer outra região pertencente à União: russificada, opressiva e hermética a qualquer coisa que não fosse diretamente aprovada pelas diretrizes de Moscou.

Tão logo os movimentos opositores foram suprimidos, a vida política na Ásia Central passou a ser determinada pela dinâmica interna dos Partidos Comunistas locais. A partir dos anos 20, com o objetivo de aproximar a realidade regional à condução administrativa das repúblicas e enfraquecer a elite nacionalista, a União Soviética decidiu estabelecer uma política de “indigenização” das filiais regionais do Partido Comunista. Desta forma, os líderes geralmente não eram eslavos, mas indivíduos autóctones que mantinham boas relações tanto com sua comunidade quanto com o governo central. A morte de Josef Stalin nos anos 50 e a nova liderança de Nikita Krushev no governo central representaram o fim de um período de perseguições étnicas e instabilidade política na Ásia Central. Os conflitos entre as administrações locais e o governo de Moscou se tornaram menos frequentes e os secretários-gerais dos Partidos Comunistas regionais puderam desfrutar longos períodos no cargo. Nas cinco repúblicas, observou-se a manutenção do mesmo secretário-geral entre a fase de transição dos anos 50 para os anos 60 e meados dos anos 80: Dinmuhhammad Kunaev no Cazaquistão, Sharaf Rashidov no Uzbequistão, Muhamednazar Gapurov no Turcomenistão, Jabbor Rasulov no Tadjiquistão e Turdakun Usulbaliev no Quirguistão.

No plano econômico, as repúblicas centro-asiáticas tinham funções claramente definidas dentro das políticas elaboradas no GOSPLAN, o órgão soviético de planejamento econômico. O Cazaquistão era uma das grandes economias da Ásia Central devido às várias possibilidades de produção que podiam ser exploradas. No Norte, Krushev decidiu implantar um programa de ocupação das chamadas “terras virgens”, grandes áreas das estepes que ainda não estavam sendo economicamente aproveitadas. Esse programa previa a chegada de mais imigrantes de outras regiões da União Soviética que trabalhariam no cultivo de cereais e na pecuária. Previa-se a produção de 30 milhões de hectares de trigo e de pasto o suficiente para alimentar 100 milhões de cabeças de gado. A execução desse plano aumentou a população

não nativa, sobretudo russa e ucraniana, de tal forma que, nos anos 70, os cazaques não ultrapassavam 26% da população total do Cazaquistão.

Nas demais regiões da república cazaque, em especial a central, predominava a indústria extrativista. Produzia-se cobre em abundância em Djez Kazgan, carvão em Karaganda, fosfato, níquel, bauxita e cromo em Aktiubinsk, chumbo, zinco e prata na região leste do país. No sul, predominava a pecuária extensiva de carneiros e uma pequena indústria polimetálica em Tchimkent. Pela sua extensão, o Cazaquistão ainda era uma das regiões mais importantes para a União Soviética, fornecendo especialmente bens agrícolas, metais e bens de capital às demais regiões. Ademais, a grande produção de grãos e animais fazia da república a única autossuficiente em alimentos na Ásia Central.

O Uzbequistão era a outra grande economia centro-asiática. Destacava-se pela grande produção algodoeira (em meados dos anos 70, estimava-se que 5.330.000 das 8.400.000 toneladas produzidas em toda a União Soviética eram oriundas dos campos uzbeques) e pelo desenvolvimento de sua indústria, que era a mais forte da Ásia Central. A Turcomênia e o Tadjiquistão também eram fornecedores importantes de algodão para todo o país, embora sem a mesma força da república uzbeque. A Quirguízia era o único dos países sem nenhum grande produto de exportação para as demais repúblicas, tendo na criação de gado ovino, bovino, caprino e suíno sua principal fonte de renda.

Embora o Cazaquistão e o Uzbequistão produzissem bens importantíssimos para toda a União Soviética e se beneficiassem com as exportações, nenhuma das cinco repúblicas centro-asiáticas possuía capacidade de sobreviver por si só. O planejamento econômico soviético era feito de modo a detectar as vantagens comparativas de cada região e determinar que a região se concentrasse na produção daqueles bens que ela conseguia desenvolver em maior quantidade ou eficiência. Estes bens eram, então, distribuídos às demais partes do país. Num ambiente no qual o conjunto das regiões teoricamente consegue produzir tudo o que é necessário para a sobrevivência da população e o funcionamento do país da maneira mais eficiente possível, cada região acaba contribuindo com uma determinada gama de produtos e recebe todo o resto de outras regiões, gerando um arcabouço de dependências. Nesse sentido, a Ásia Central era uma região largamente prejudicada pela sua especialização: as repúblicas produziam principalmente algodão, bens de capital e grãos e acabavam dependendo de grandes importações de alimentos e bens de consumo em geral. Esta situação foi refletida nas

dificuldades que os países centro-asiáticos sofreram no período imediatamente após sua independência: sem poder contar com uma economia diversificada em decorrência do legado estratégico soviético, eles se tornaram grandes dependentes de importações para conseguir sobreviver, especialmente nações de economias pequenas, como o Quirguistão e o Tadjiquistão.

A agricultura praticada na Ásia Central soviética era caracterizada pela baixa diversificação, pelo uso de métodos e tecnologias arcaicas de cultivo, irrigação, colheita e transporte, pela baixíssima produtividade e pela grande agressividade ao ecossistema local. Ela era realizada em dois tipos de ambiente: os *sovkhozes*, empresas estatais agrícolas comandadas como indústrias, com a existência de trabalhadores assalariados e metas a serem cumpridas, e os *kolkhozes*, cooperativas agrícolas nas quais os camponeses recebiam um pedaço de terra, o cultivavam e repassavam a produção ao Estado a preços extremamente baixos. Nos tempos de Josef Stalin como secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, os camponeses trabalhavam em regime análogo à escravidão e não tinham a opção de abandonar esse modo de vida. Após a fase stalinista, predominou o modelo de *sovkhozes*, com os camponeses sendo contratados para trabalhar nas plantações. A baixa produtividade poderia ser explicada, sobretudo, pelo atraso técnico da agricultura e pela falta de estímulos aos trabalhadores. Ademais, o uso excessivo de água e de produtos químicos como fertilizantes e pesticidas levou a um processo de degradação ambiental quase irreversível mesmo nos dias atuais. Destaca-se, nesse sentido, a desertificação quase total do Mar de Aral, incapaz de se renovar devido ao fato dos técnicos soviéticos terem desviado os rios Syr Darya e Amu Darya, que alimentavam o mar citado, para irrigação dos campos de algodão no Uzbequistão. Chama também a atenção os altíssimos níveis de poluição do Mar Cáspio, do Syr Darya e do Amu Darya, prejudicados devido à falta de cuidado das atividades industrial e agrícola.

O setor industrial da Ásia Central durante os dias soviéticos desenvolveu-se rapidamente, ainda que não fosse possível classificar as repúblicas da região como fortemente industrializadas. Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo central transferiu fábricas inteiras da Rússia e dos países mais próximos da Europa para a Ásia Central, inclusive para as frágeis repúblicas quirguiz e tadjique, visando proteger as plantas de bombardeios e ataques. Destacava-se a indústria de processamento das principais matérias-primas locais, algodão e

recursos minerais. Os principais tipos de produtos fabricados eram bens intermediários e bens de capital pesados, como máquinas e equipamentos. A indústria de bens de consumo era irrisória, praticamente inexistente.

O setor de serviços era pouco desenvolvido devido à pouca atenção dada pelas políticas econômicas soviéticas, pelo baixo nível de instrução necessária para sua execução e pelo baixo grau de desenvolvimento urbano das repúblicas. Esse último quesito merece rápida atenção nesta análise. Repúblicas como a Quirguízia, o Tadjiquistão e o Uzbequistão contavam com populações urbanas inferiores a 35% do total no final dos anos 50. Nesta mesma década, a União Soviética havia iniciado um amplo processo de urbanização da Ásia Central, mas a população urbana média do conjunto cresceu apenas 5,36% entre 1959 e 1979. Contribuía para esse resultado não somente a dinâmica econômica vigente, que favorecia a agricultura e o extrativismo, como também a queda das taxas¹³ de crescimento demográfico da região desde os anos 50. Entre o fim desta década e o fim dos anos 80, a taxa anual do Cazaquistão caiu de 3,1 para 1%, a da Quirguízia declinou de 3,3 para 1,9%, a do Tadjiquistão foi reduzida de 3,5 para 2,9%, a da Turcomênia caiu de 3,3 para 2,6% e a do Uzbequistão sofreu queda de 3,5 para 2,2%.

Nos anos 1980, alguns acontecimentos resultaram em uma nova fase de litígios entre as repúblicas centro-asiáticas e o governo central soviético. A insatisfação regional com os grandes problemas econômicos e étnicos ocasionados pela existência de uma União seguia alta e o descontentamento de Moscou com a Ásia Central também era grande. Um dos pontos de conflito era a situação política do Uzbequistão. Secretário-geral do Partido Comunista uzbeque desde 1959, Sharaf Rashidov havia sido acusado de estar envolvido em vários esquemas de corrupção e de ter empregado parentes e conhecidos no aparato governamental da república. Diante desta situação, Moscou decidiu eliminar todos os políticos uzbeques envolvidos em ilegalidades, pondo um fim na gestão de Rashidov e alimentando o sentimento antirrusso na população nativa.

De fato, havia no governo central, então liderado pelo secretário-geral Leonid Brezhnev, uma opinião bastante negativa acerca dos políticos da Ásia Central. Na década de 1980, os ideais marxistas-leninistas haviam enfraquecido dentro da estrutura política soviética

13 RONNAS, Per; SJÖBERG (org.). **Economic Transformation and Employment in Central Asia**. Ankara: International Labour Organization, 1994. pp. 131.

e velhas instituições fortemente ligadas aos russos, como a cultura pré-1917 e a própria Igreja Ortodoxa, retomavam sua importância de maneira gradativa. Esta guinada cultural e religiosa suscitou a desconfiança de que a corrupção e o mau uso da coisa pública por parte dos líderes centro-asiáticos encontravam eco na tradição islâmica ainda vigente, mesmo que de forma quase clandestina, nas instituições das repúblicas da Ásia Central. Outro grande motivo de incômodo para o governo central se referia a alguns rituais islâmicos, em especial o casamento e o funeral, que a população centro-asiática insistia em realizar mesmo sem o consentimento das lideranças exógenas. Em um momento em que o aparato repressor soviético, ainda que ativo, já não causava ao povo e às classes dirigentes autóctones o mesmo temor dos dias stalinistas, as lutas entre os dirigentes de Moscou e as repúblicas da Ásia Central se faziam de maneira mais explícita e direta, contando com uma participação mais ativa das populações nativas dentro destas disputas.

A segunda metade da década de 1980 foi marcada pela ascensão de Mikhail Gorbachev ao cargo de secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética. De perfil liberal, Gorbachev promoveu reformas de abertura política e econômica em toda a União, conhecidas respectivamente como *Glasnost* e *Perestroika*. Com relação à Ásia Central, a fase Gorbachev foi marcada pelas mudanças na liderança de alguns Partidos Comunistas locais visando a modernização das repúblicas. No Cazaquistão, a substituição de Dinmuhhammad Kunaev por Gennadiy Kolbin revoltou a população regional, que travou vários conflitos com os exércitos soviéticos em dezembro de 1986. Na Quirguízia, a entrada de Absamat Masaliyev no lugar de Turdakun Usulbaliev não satisfez a elite local, que pressionou pela sua saída durante os anos seguintes. As populações centro-asiáticas já não toleravam mais que burocratas de Moscou interferissem em seus destinos políticos e econômicos.

No final da década de 1980, já eram claros os sinais de perda de controle sobre a situação centro-asiática por parte da União Soviética. No Uzbequistão, as classes intelectualizadas se reuniram e lideraram grupos de oposição às políticas soviéticas. No sul da Quirguízia, houve um violento conflito entre quirguizes e uzbeques étnicos, estes insatisfeitos com a forma como eram tratados na república, entre os meses de junho de agosto de 1990. Esse conflito mostrou o quão falha foi a divisão territorial da Ásia Central realizada por Josef Stalin, que não conseguiu congrega todos os considerados “uzbeques” em um único território, contrariando o conceito de “nação” definido por ele próprio.

No mesmo ano de 1990, algumas das repúblicas centro-asiáticas declararam soberania política da União Soviética, o que lhes permitiu escolher seus próprios líderes por meio de eleições realizadas dentro do Soviete Supremo local, sem a intervenção de um poder maior. Nesse sistema, o líder máximo do país seria um presidente, que não precisaria ter ligação obrigatória com a hierarquia do Partido Comunista local. Desta forma, Kakhar Makhamov foi eleito presidente do Tadjiquistão, Nursultan Nazarbayev foi eleito para o mesmo cargo no Cazaquistão e o mesmo aconteceu a Saparmurat Niyazov na Turcomênia. No Quirguistão, o acadêmico Askar Akayev se sagrou vencedor contra a candidatura comunista, fato inédito na Ásia Central.

Em termos práticos, o que faltava para consolidar o desligamento das repúblicas centro-asiáticas do governo de Moscou era tão somente a confirmação do fim da agonizante União Soviética. E isto começou a acontecer em agosto de 1991: após sofrer uma tentativa de golpe por parte de uma ala mais conservadora da administração soviética, insatisfeita com os rumos liberalizantes do governo, Mikhail Gorbachev anunciou no dia 24 a renúncia do cargo de secretário-geral do Partido Comunista soviético, a dissolução do Soviete Supremo do país e a interrupção das atividades políticas do Partido Comunista, pondo fim a 74 anos de controle total e irrestrito sobre a União Soviética. Em dezembro de 1991, a saída de Gorbachev da presidência do país e o anúncio da independência da Rússia sacramentaram a morte definitiva do colosso soviético.

As elites políticas da Ásia Central assistiram ao colapso da União Soviética com apreensão. Embora esse fato pudesse representar o início de uma era de liberdade política, econômica, cultural e religiosa, a ausência de um poder soberano sobre as repúblicas centro-asiáticas poderia trazer sérios problemas para elas. A União Soviética, mesmo sendo um sistema repressor, ainda garantia bom funcionamento institucional, estabilidade política e subsistência econômica à região. Sem a administração de Moscou, cada república teria de desenvolver por si só uma estrutura que lhe permitisse sobreviver de forma minimamente estável e digna. Conhecendo bem suas limitações, nações como a Quirguízia, a Turcomênia e o Tadjiquistão declararam, antes do estopim da crise, desejarem se manter na União Soviética pelo argumento citado acima.

No entanto, a situação mudou rapidamente tão logo o aparato comunista foi derrubado por Gorbachev. A Quirguízia (cujo nome oficial passou a ser Quirguistão)

declarou independência da União Soviética em 31 de agosto de 1991. No dia seguinte, foi a vez do Uzbequistão anunciar a independência. Em 9 de setembro, o Tadjiquistão se tornou independente. O mesmo anúncio foi feito pela Turcomênia (que passou a ser chamada de Turcomenistão) no dia 27 de outubro. Por fim, o Cazaquistão permaneceu ligado à moribunda União Soviética até o dia 16 de dezembro, sendo uma das últimas repúblicas soviéticas a anunciar a independência.

Soberanos, os cinco países da Ásia Central encontraram um mundo completamente diferente daquele em que estavam acostumados. Suas populações teriam de se adaptar rapidamente a um ambiente internacional competitivo e dinâmico, onde predominavam conceitos desconhecidos a elas, como o capitalismo, a globalização e a livre concorrência. A ausência de um governo forte personificado em Moscou seria sentida durante algum tempo. Quanto tempo? De que maneira esta ausência foi superada? Como os russos reagiram à perda de influência sobre a região? Os dois próximos capítulos, que tratarão das dificuldades do processo de transição das repúblicas centro-asiáticas e de seu relacionamento contemporâneo com a Rússia, responderão a esta e a outras perguntas sobre a histórica e sempre polêmica ligação entre Moscou e a Ásia Central.

2. TRANSIÇÃO E CHOQUE: COMO AS REPÚBLICAS ADENTRARAM O MUNDO CAPITALISTA GLOBALIZADO

Em um dia, os habitantes de uma república soviética se encontram sob total controle por parte de burocratas confortavelmente instalados na distante cidade de Moscou, tendo suas atividades e suas ideias estritamente monitoradas e orientadas pela ideologia oficial. No dia seguinte, os mesmos habitantes estão totalmente livres do jugo comunista e encontram um mundo novo, completamente diferente daquilo que eles viveram durante sete décadas, pautado por conceitos e estruturas inimagináveis durante o período soviético. A transição de um determinado sistema político-econômico para outro totalmente oposto ocorrida na Ásia Central no segundo semestre de 1991 representou um verdadeiro choque para a população local.

Os cinco novos países centro-asiáticos, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Tadjiquistão, obtiveram a independência sem saber exatamente o que fazer a partir do instante em que não estavam mais sob a tutela de nenhum poder superior. Em um momento de consolidação do capitalismo como o sistema econômico hegemônico e de aumento das relações e transações internacionais por meio da globalização, a Ásia Central ainda padecia com grandes dificuldades econômicas, políticas e sociais oriundas das limitações inerentes à própria União Soviética. Em âmbito internacional, a região se viu obrigada a efetuar mudanças estruturais de modo a lograr uma maior interação no arranjo econômico globalizado e a cumprir padrões sociais e governamentais ditados pelos países ocidentais.

No momento da independência, as repúblicas centro-asiáticas dispunham de uma estrutura condizente com sua condição de subordinação à União Soviética. O corpo político, sempre liderado por um presidente, só possuía condições plenas de comandar um país soberano graças ao elevado grau de autonomia governamental concedido por Moscou às Repúblicas Socialistas Soviéticas. O aparato industrial e econômico havia sido montado de forma a fazer de cada região uma especialista em um determinado tipo de produto, explorando suas vantagens comparativas. Dessa maneira, a União Soviética era formada por várias regiões que transacionavam mercadorias entre si de modo que, inevitavelmente, surgiram

grandes laços de dependência entre elas. A partir do momento em que esses laços foram rompidos em decorrência do fim da União, os novos países independentes não demoraram a perceber que suas economias possuíam um grau de especialização tamanho que seria impossível, ao menos a curto prazo, não manter qualquer tipo de relacionamento comercial com os países vizinhos.

A infraestrutura dos novos países centro-asiáticos, enquanto não houvesse recursos para efetuar melhorias, continuaria sendo aquela implantada pelo governo soviético. Portanto, os sistemas de transporte, de abastecimento de energia e de água e de serviços públicos básicos dos primeiros instantes pós-independência eram basicamente os mesmos da era comunista. A herança soviética ainda se fazia perceber no uso do rublo como moeda corrente até 1993, do russo como idioma preferível em determinadas situações e do alfabeto cirílico, além da presença de soldados e oficiais russos nas forças armadas nacionais nos primeiros anos de independência. Ademais, como apontado por Rumer (2005), há uma corrente de pensamento seguida por alguns autores e até mesmo pelos próprios presidentes da Ásia Central que aponta a mentalidade antidemocrática como um dos legados mais importantes da União Soviética. Segundo essa corrente, as populações dos países pós-soviéticos, incluindo os centro-asiáticos, não estão preparadas para uma vida política baseada em princípios democráticos devido ao fato delas terem vivido um regime de ausência de liberdade política e de expressão durante setenta anos. Dessa forma, mesmo após o fim do comunismo soviético, somente a presença de um líder de caráter autoritário e personalista poderia manter um país pós-soviético coeso e estável. Os presidentes centro-asiáticos, notadamente o quirguiz Askar Akayev e o cazaque Nursultan Nazarbayev, costumavam utilizar os argumentos acima para justificar o caráter pouco democrático de seus governos.

Esse capítulo apresentará de forma sintetizada, dado o alto grau de complexidade dos acontecimentos, como as cinco repúblicas da Ásia Central adentraram uma nova realidade e como elas reagiram às novidades e aos descompassos entre suas peculiaridades e os padrões exigidos pelas grandes potências capitalistas.

2.1. ASPECTOS POLÍTICOS

No pós-independência, as repúblicas da Ásia Central passaram a ser comandados por líderes de um perfil bastante específico. Os cinco primeiros presidentes da região eram antigos quadros da burocracia soviética, alguns de maior prestígio (Nazarbayev e o tadjique Rahmon Nabiyev eram figuras do alto escalão do Partido Comunista de suas repúblicas) e outros de carreira mais meteórica (Akayev passou a maior parte de sua vida na academia quirguiz e o uzbeque Islam Karimov ocupava um cargo de segundo escalão na Gosplan, o setor de planejamento econômico da União Soviética). Em comum, todos compartilhavam a postura autoritária e autocrática, o desenvolvimento de relações políticas com base em ligações com clãs e famílias, a disposição de permanecer no poder pelo máximo de tempo possível e o rechaço velado às estratégias econômicas praticadas no período soviético. As diferenças residiam, sobretudo, na intensidade das características supracitadas de cada caso. Nazarbayev, por exemplo, é considerado por Furman (2005) um político conciliador e popular entre seus semelhantes. Karimov, por outro lado, é um presidente com um histórico de relações instáveis com os vizinhos e com a Rússia. O caso considerado mais extremo é o do turcomeno Saparmurat Niyazov, que fez de seu país um dos mais isolados do planeta, alheio até mesmo aos vizinhos. Seu oposto é o quirguiz Akayev, que conquistou a simpatia das grandes potências promovendo grandes reformas liberalizantes na economia de país, apelidado carinhosamente de “Suíça da Ásia Central”¹⁴. Em suma, por mais que haja um aparato legislativo e judiciário teoricamente independente do poder executivo nesses países, os primeiros líderes conseguiram estabelecer regimes análogos à ditadura nos quais há poucos limites ao seu poder, ao seu personalismo e às suas atitudes opressivas. E nos casos em que houve sucessões, as novas lideranças pouco ou nada fizeram para reduzir o autoritarismo vigente na estrutura política.

Nenhum dos cinco países desfrutou de real tranquilidade política desde o fim da União Soviética. Todos, em maior ou menor intensidade, enfrentaram problemas relacionados à contestação popular, à ação de guerrilhas e grupos clandestinos e às pressões internacionais.

¹⁴ O apelido surgiu ainda no início das reformas econômicas de cunho ortodoxo aplicadas no Quirguistão, poucos anos após sua independência. A comparação se referia à combinação de estabilidade monetária e belas paisagens montanhosas que tanto a república centro-asiática como a Suíça possuíam.

O caso mais notável foi a Guerra Civil do Tadjiquistão, que devastou o país entre os anos de 1992 e 1997, resultando em cem mil mortes, 600 mil desabrigados e colapso da infraestrutura e da economia nacional. A origem do conflito se deu na oposição entre apoiadores do governo (no geral, membros da elite soviética e as populações do norte) e as oposições islâmica e democrata, localizadas no sul e no leste. A guerra só acabou após o então presidente Emomali Rakhmonov formar um governo de coalização com a presença de vários opositores em cargos altos. No entanto, com um presidente que foi reeleito três vezes e se deu o direito de disputar as eleições de 2013, não é possível dizer que não há resquícios de autoritarismo no governo tadjique. O Quirguistão, de população politicamente mais ativa em comparação aos vizinhos, foi palco de dois golpes de estado em 2005 e 2010. Os presidentes Akayev e Kurmanbek Bakiyev foram depostos pela população devido a inúmeras acusações de corrupção, fraudes eleitorais e atos repressivos. No Uzbequistão, guerrilheiros ligados ao extremismo islâmico ocuparam uma penitenciária e um prédio da administração municipal da cidade de Andijan com o objetivo de pressionar pela saída do presidente Karimov em maio de 2005. O governo uzbeque, dos mais repressivos da região, respondeu aos ataques colocando o exército nas ruas, perpetrando um combate que resultou em centenas de mortes. O incidente de Andijan rendeu duras críticas da opinião pública ocidental e sanções econômicas dos Estados Unidos, o que pôs fim ao bom relacionamento então existente entre os dois países. O Cazaquistão, que aparentemente conseguiu compor uma estrutura política mais estável em relação aos vizinhos, nunca registrou um conflito violento em mais de duas décadas de independência, mas os principais opositores do presidente Nazarbayev frequentemente são perseguidos e presos, como o ex-primeiro-ministro Akezhan Kazhegeli'din. O Turcomenistão, por ser o mais fechado e opressivo dos países, é o que registra os menores focos de oposição, sempre debelados de forma dura. Desde o fim da União Soviética, muito pouco mudou no arcabouço político da república turcomena.

Apesar dos problemas internos, os governantes conseguem se manter no poder através de um sistema político hermético e opressivo. Dos presidentes atuais da Ásia Central, Karimov e Nazarbayev estão no poder desde a independência graças à aplicação de emendas constitucionais que ampliam o direito de reeleição, Rahmonov é chefe de estado desde 1992 pela mesma razão e o turcomeno Gurbanguly Berdimuhamedov só assumiu o poder em fevereiro de 2007 graças à morte do presidente vitalício Niyazov. Apenas o quirguiz

Almazbek Atambaev foi empossado como presidente de forma teoricamente democrática, vencendo as eleições de 2011 com 63,2% dos votos, porcentagem baixa em relação a outros pleitos ocorridos anteriormente na Ásia Central – resultados próximos à unanimidade são comuns¹⁵ em eleições e plebiscitos na região. Alguns países, como o próprio Quirguistão e o Tadjiquistão, possuem sistemas políticos relativamente avançados, caracterizados pela existência de parlamentos mais fortes e liberdades maiores de participação. Os demais países avançam muito lentamente em relação à reestruturação política: o Turcomenistão, por exemplo, só passou a permitir a existência de outros partidos além do Partido Democrático do Turcomenistão em janeiro de 2012. No entanto, as restrições de liberdade de expressão e de ação, as perseguições, os favorecimentos, as fraudes eleitorais e hostilidade a movimentos opositores ainda predominam no ambiente político centro-asiático.

Em que se pese o ambiente político regional ainda estar longe de ser considerado livre e democrático, os governantes centro-asiáticos possuem apoio das grandes potências mundiais. Países como o Cazaquistão e o Quirguistão conseguem manter relações boas com Rússia, China e Estados Unidos graças, principalmente, à postura combativa contra o extremismo¹⁶. Os russos desejam manter os terroristas longe de suas fronteiras ao sul, onde há histórico de confrontos religiosos e uma considerável população muçulmana. Os chineses temem que organizações como o Taleban ajudem a fortalecer o movimento separatista uigur, ligado à etnia muçulmana que habita o extremo oeste do país. Os americanos confiaram nos países da Ásia Central como parceiros nas ofensivas militares contra os grupos islâmicos. Portanto, as atitudes repressivas e antidemocráticas dos presidentes da região são desconsideradas diante da sua luta contra um inimigo comum.

¹⁵ No Anexo 1 desse trabalho, há vários exemplos de eleições cujos resultados chegavam à casa da unanimidade, como o plebiscito turcomeno de 1999, no qual todos os parlamentares votaram a favor da manutenção de Saparmurat Niyazov na presidência do Turcomenistão até o fim de sua vida.

¹⁶ Apesar de o islamismo ser a religião majoritária dos cinco países centro-asiáticos, todos adotaram a secularidade e rechaçam a interferência religiosa no governo graças ao papel menor que o Islã teve na dinâmica histórica regional se comparado, por exemplo, ao caso do Oriente Médio.

2.2. ASPECTOS ECONÔMICOS

Se o sistema político centro-asiático é marcado pela existência de vícios herdados do regime soviético e pela imobilidade, o mesmo não pode ser dito sobre a trajetória econômica da Ásia Central nos anos seguintes à independência. Livres das amarras soviéticas, os governantes da região passaram a dispor de autonomia para tentar solucionar seus problemas locais, que eram inúmeros nos primeiros anos.

Os cinco países centro-asiáticos herdaram da União Soviética uma estrutura obsoleta, verticalizada, pouco dinâmica e nada competitiva perante o capitalismo internacional. O parque industrial, em que se pese grande, não era capaz de fabricar grandes variedades de produtos e os que eram fabricados, em geral insumos e bens de capital, não poderiam ser aceitos facilmente nos mercados globalizados. As poucas indústrias eram pouco produtivas, extremamente agressivas ao meio ambiente, intensivas¹⁷ em mão-de-obra, tecnologicamente atrasadas e administradas apenas a partir de parâmetros políticos, como as decisões de planejamento estatal. Considerando todos esses problemas e também o alto grau de especialização industrial de cada república, seu nível de autonomia perante as regiões vizinhas era muito baixo. Uma indústria de uma determinada nação poderia necessitar do insumo produzido pela indústria de outra nação, que por sua vez necessitava de uma máquina que só era produzida em uma terceira nação e, dessa forma, há uma cadeia de interdependências que não é solucionada de forma instantânea com o fim da União.

Da mesma forma, o setor agrícola desses países pouco pode ser comparado com o dos países mais avançados em termos de variedade e produtividade. A União Soviética fez da Ásia Central uma grande produtora de alguns poucos insumos agrícolas, notadamente o algodão turcomeno e uzbeque, o que fez com que as repúblicas centro-asiáticas (com exceção do Cazaquistão, grande produtor de grãos) se tornassem grandes importadoras de alimentos. A baixa produtividade era explicada pela ausência de técnicas modernas de cultivo e colheita e pelo uso excessivo de água e fertilizantes, que resultaram em consequências ecológicas desastrosas. A transição para o mundo capitalista comprovou a grande defasagem do setor, que mal conseguia suprir as necessidades locais.

¹⁷ De acordo com Ronnas e Sjöberg (1994), as repúblicas centro-asiáticas empregavam uma média de 10 a 20% a mais de trabalhadores na indústria do que os países capitalistas.

Com relação ao setor extrativista, os países centro-asiáticos herdaram da era soviética uma estrutura que lhe possibilita obter explorar reservas de hidrocarbonetos e transportar o produto para a Rússia de forma adequada, mas que possui limitações no que se refere à possibilidade de ampliação das capacidades produtiva e logística. Durante os primeiros anos pós-independência, os produtores de petróleo e gás natural só dispunham dos oleodutos e gasodutos instalados pelos técnicos soviéticos, cujas rotas permaneciam dentro dos limites territoriais da União. Portanto, o acesso físico a novos mercados era uma impossibilidade real nos primeiros anos após a independência. Ademais, os equipamentos de descoberta e perfuração não eram sofisticados o suficiente para a exploração a fontes de acesso mais difícil. Somente a chegada das potências mundiais e de suas grandes empresas de hidrocarbonetos a partir do final dos anos 90 permitiu a construção de novos dutos e a exploração de novas reservas, como a de Kashagan, no Cazaquistão.

O rígido planejamento econômico perpetrado pela União Soviética, com foco total nas três áreas supracitadas, levou à formação de um arranjo empresarial caracterizado pela total preponderância¹⁸ das empresas grandes em relação às médias e pequenas, pelo alto grau de hierarquização, pela grande dependência de um baixíssimo número de fornecedores e compradores, pela administração pautada em decisões de Estado, pela distribuição geográfica irregular¹⁹ e pela baixa qualidade de produtos e serviços oferecidos. Na fase de abertura econômica, essas empresas se mostram incapazes de concorrer contra semelhantes de países capitalistas. Logo nos primeiros anos, elas passam por grandes processos de remodelação, com privatizações, drásticas reduções de pessoal e reestruturações gerais de planos de negócios.

A infraestrutura geral dos novos países, como não poderia deixar de ser, era aquela herdada do período soviético. Serviços públicos básicos, vias de transporte, telecomunicações, fornecimento de energia elétrica, gás e água, segurança e demais aspectos da vida urbana e econômica eram constituídos a partir de decisões de planejamento estatal.

¹⁸ O pensamento econômico soviético, segundo Ronnas e Sjöberg (1994), favorecia a criação de empresas muito grandes que pudessem gerar economias de escala, consideradas a receita principal para a obtenção de uma maior produção. Enquanto isso, as médias e pequenas padeciam com as dificuldades da União em compreender sua dinâmica de funcionamento totalmente diferente das grandes plantas e suas necessidades.

¹⁹ Ronnas e Sjöberg (1994) apontam que as plantas foram distribuídas de maneira que as economias das diversas cidades e regiões da União Soviética se tornaram monótonas e pouco diversificadas. Situação muito comum era a de cidades menores terem apenas uma ou duas empresas que empregavam a esmagadora maioria da população local.

Apesar das dificuldades ligadas à demora na execução de obras, aos trâmites burocráticos relacionados a elas e à baixa frequência de atualizações e reformas, as repúblicas centro-asiáticas sob o jugo soviético não precisavam se preocupar com a necessidade de recursos para o financiamento dessa infraestrutura. No entanto, a partir do momento em que se tornaram países independentes, essas repúblicas passaram a ter de arcar sozinhas com suas próprias despesas de construção e manutenção. A falta de meios para efetuar novas obras e a defasagem do legado soviético resultaram em problemas graves e imediatos de infraestrutura da Ásia Central.

Os trabalhadores do período pós-transição foram obrigados a se adaptar de forma abrupta a um sistema de relações baseado em desempenho econômico, e não em decisões de Estado. Durante a era soviética, as empresas e as fazendas absorviam o máximo de força de trabalho possível sem considerar qualquer critério de produtividade ou uso racional do trabalho, seguindo apenas a determinação estatal de não comprometer a situação de pleno emprego. A educação gratuita era fornecida de modo a formar uma população especializada em áreas consideradas vitais para o desenvolvimento econômico da União, como a engenharia e a ciência. Assim, os novos países entraram no mundo capitalista munidos com um plantel de trabalhadores altamente qualificados, vantagem que outras regiões em desenvolvimento não possuem. Havia, no entanto, dois grandes problemas. Em primeiro lugar, a educação técnica e científica era condizente com a realidade soviética, na qual as funções desses profissionais se relacionavam unicamente ao progresso econômico e intelectual do Estado e do povo. No mundo capitalista, onde predominam a competição, o individualismo, a maximização de lucros e as rápidas mudanças tecnológicas, a formação do trabalhador pós-soviético nem sempre era adequada para enfrentar uma situação completamente nova. Em segundo lugar, o foco excessivo da União Soviética em criar trabalhadores apenas para a indústria, a agricultura, o extrativismo e a academia acabou levando à falta de profissionais em áreas consideradas secundárias para Moscou, mas importantes no contexto capitalista. Dessa forma, se sobravam engenheiros e cientistas, faltavam advogados, contadores, administradores, economistas e outros relacionados principalmente aos setores de serviços e negócios. Em consequência disso, a defasagem desses setores, que empregavam apenas 20% da população economicamente ativa na Ásia Central, em relação ao primário e ao secundário nos primeiros anos pós-independência era grande.

As relações trabalhistas foram uma das questões mais sensíveis durante o período de transição. Como as diretrizes econômicas da União Soviética objetivavam o alcance do pleno emprego e as empresas eram todas controladas pelo Estado, as políticas de remuneração eram muito pouco flexíveis. Como apontaram Ronnas e Sjöberg (1994), os salários eram muito semelhantes mesmo entre áreas e posições diferentes, não havia incentivos condicionados à produtividade e os encargos compunham grande parcela do montante de remuneração. Os sindicatos soviéticos, por serem totalmente controlados pelo governo e ocuparem funções²⁰ que iam além do âmbito sindical, pouco respondiam às reais demandas dos trabalhadores. Um dos grandes desafios na primeira metade dos anos 90 foi a adaptação do aparato trabalhista em um contexto onde valores como a meritocracia, a produtividade e o livre intercâmbio de forças de trabalho pautavam o diálogo entre empregador e empregado. Salários e benefícios tiveram de se adaptar à realidade de mercado, empregadores e empregados passariam a dispor de mais liberdade de negociação de acordos e a parcela dos custos trabalhistas em relação ao custo total diminuiu bastante em relação ao período de economia planificada.

A realidade exposta nos parágrafos acima resultou em grandes dificuldades nos anos imediatamente seguintes à independência. Na Tabela 1, é possível verificar o impacto que a transição da economia planificada para o capitalismo causou sobre a renda nacional. Todas as cinco repúblicas centro-asiáticas registraram decréscimo entre 1990 e 1991 graças à conturbada situação política da União Soviética. Em 1992, a queda na renda nacional foi ainda maior devido ao processo de reestruturação interna. Em países como o Cazaquistão e o Quirguistão, a contração nesse ano ultrapassou a casa dos 10%. De forma simplificada, é possível dizer que os anos 90 foram a verdadeira década perdida para a Ásia Central: somente em 1999 que todos os cinco países conseguiram registrar variação positiva no PIB, resultado de um contexto de recuperação posterior à crise russa do ano anterior, de ascensão dos preços das *commodities* e de consolidação das reformas econômicas realizadas desde a independência.

²⁰ Segundo Samorodov (1994), a ausência de um sistema de relações tripartites, envolvendo o Estado, os trabalhadores e os empregadores, na União Soviética forçava os sindicatos a se ocuparem em funções que, nos países ocidentais, eram realizadas por outros agentes, como as inspeções do ambiente de trabalho e o controle sobre os fundos de garantia.

Tabela 1: Variação percentual anual na renda nacional, entre 1986 e 1992

	Cazaquistão	Quirguistão	Tadjiquistão	Turcomenistão	Uzbequistão
1986	0,8	0,0	2,6	3,1	-1,0
1987	-0,1	2,0	-1,7	3,2	-0,2
1988	5,8	2,6	12,2	10,2	10,0
1989	0,5	3,7	-1,0	1,4	2,2
1990	-1,7	-0,9	-8,9	0,5	3,4
1991	-13,0	-5,0	-9,0	-4,7	-0,9
1992	-14,0	-26,0	-	-5,3	-9,5

Fonte: GÖTZ, Roland; HALBACH, Uwe. **Die Nachfolgestaaten der UdSSR – kurz vorgestellt (III)**. Osteuropa, 1992. Vol. 42, nº 8, pp. 680 – 693; _____, **Die Nachfolgestaaten der UdSSR – kurz vorgestellt (IV)**. Osteuropa, 1992. Vol. 42, nº 10, pp. 887 – 907; WORLD DEVELOPMENT OUTLOOK. Washington: IMF, 1993. pp 140 *apud* RONNAS, Per; SJÖBERG, Örjan. **Economic Transformation and Employment in Central Asia**. Ankara: International Labour Organization, 1994. pp 132.

A recessão centro-asiática foi acompanhada de grande aumento da inflação, ocorrido graças à mudança na dinâmica de preços: sem a existência de um ente superior que determine valores de bens, insumos e serviços, estes passaram a ser ditados pela lógica de mercado. Como os preços praticados no capitalismo eram bem maiores do que os subsidiados pelo planejamento soviético, o resultado foi um encarecimento geral que acabou sendo benéfico para alguns²¹ e maléfico para a maioria, em especial para os importadores de combustíveis fósseis e alimentos, como eram os casos do Quirguistão e do Tadjiquistão.

Apesar da queda da renda nacional, as empresas industriais centro-asiáticas, em processo de reestruturação, conseguiram obter lucros em 1992, mas sua situação financeira geral foi comprometida exatamente pela inflação, materializada no encarecimento dos custos de insumos, máquinas, equipamentos, salários e encargos. Com isso, mesmo lucrando, essas empresas começaram a ter problemas para sanear despesas. Paralelo a isso, os governos da Ásia Central iniciaram, em maior ou menor escala, a redução da atividade empresarial do Estado por meio de privatizações. Segundo Samorodov (1994), as primeiras companhias a serem transferidas para a iniciativa privada foram as do setor de serviços, consideradas menos

²¹ Países exportadores de energia, como o Turcomenistão e o Cazaquistão, se beneficiaram com a introdução de preços de mercado em seus produtos por meio da melhora dos seus meios de troca.

relevantes para o desenvolvimento estratégico dos países. Com a redução paulatina do papel do Estado na execução econômica, as privatizações começaram a acontecer também entre empresas dos ramos industrial e imobiliário²². Nos primeiros anos após o fim da União Soviética, predominou o “estilo russo” de aquisições: o presidente repassava as empresas mais promissoras a preços relativamente baixos a pessoas do seu círculo de confiança, em geral familiares e indivíduos de seu próprio clã. Dessa maneira, a elite econômica que surgia na Ásia Central na década se caracterizava pelo relacionamento estreito com as castas mais altas de governantes e pelo crescente poder financeiro associado às exportações de *commodities*. A presença de capital estrangeiro nas empresas centro-asiáticas só começou a se tornar mais intensa a partir de 1994, com as boas perspectivas de exploração de hidrocarbonetos na região.

Situação curiosa é a do emprego na Ásia Central. Em 1991, apesar da queda na atividade econômica, não houve aumento de desemprego graças à postura²³ das empresas estatais de proteger a força de trabalho. A situação mudou em 1992, com o desemprego aumentando drasticamente devido a várias razões: o fim do apoio direto de Moscou, as privatizações, grandes reestruturações nas empresas, destruição dos laços comerciais entre as companhias na União Soviética, introdução de critérios de mercado na manutenção de empregos, entre outras. Vale notar que o desemprego era ainda mais grave em grupos sociais específicos. No Quirguistão, enquanto 82% das vagas nos primeiros anos pós-independência eram oferecidas a trabalhadores sem qualificação, a categoria que mais padecia com a falta de empregos era a das mulheres altamente educadas. Outro grupo bastante prejudicado é o dos jovens instruídos: no Cazaquistão, o desemprego entre eles variava entre 50% e 70% do total, dependendo da região.

O panorama piorou ainda mais no segundo semestre de 1992, quando problemas de fornecimento de insumos levaram às interrupções nas operações das empresas centro-asiáticas. No mês de setembro, por exemplo, cerca de 920 companhias quirguizes realizaram

²² O surgimento de um setor imobiliário privado na Ásia Central está associado à maior mobilidade das forças de trabalho. Na era soviética, mudanças de endereço eram praticamente inviáveis devido ao excesso de burocracia tanto para obter a documentação necessária como para trocar de casa e de emprego.

²³ Segundo Ronnas e Sjöberg (1994), o mercado de trabalho não era considerado um problema pela União Soviética. Acreditava-se que a força de trabalho, os insumos e o maquinário eram bens escassos que precisavam ser continuamente injetados para manter tanto o nível de produto como o pleno emprego. Essa mentalidade perdurou durante os primeiros anos após a independência das repúblicas centro-asiáticas, mas acabou sendo substituída gradativamente pela percepção capitalista de que o uso racional e eficiente dos meios de produção era mais adequado para o aumento da produtividade do que a simples maximização de quantidades alocadas.

demissões em massa por incapacidade de funcionamento. A situação só não foi pior porque as empresas, ainda não totalmente despidas da mentalidade soviética, se esforçaram para manter os funcionários com a intenção de não ampliar o desemprego de seu país. Muitos trabalhadores acabaram encontrando refúgio na informalidade. Em áreas como a construção civil, os empregadores ofereciam contratos diários que garantiam remuneração em espécie e refeições gratuitas. Segundo Samorodov (1994), um em cada dez desempregados havia optado pelo emprego informal. Outra solução paliativa encontrada foi a ilegalidade: o narcotráfico, em especial no Tadjiquistão²⁴, foi uma saída para pessoas de todas as classes sociais e escolaridades.

Este, portanto, é um breve sumário da estrutura econômica que a Ásia Central herdou do período soviético e a situação em que os cinco países da região se encontravam no período imediatamente após a independência. Ainda que o fim da União Soviética tenha significado o início de uma era de autonomia econômica, as repúblicas tiveram de resolver, por si só, os antigos problemas surgidos na fase comunista e os novos resultantes do processo de integração ao capitalismo mundial. Nos próximos parágrafos, serão apresentados os caminhos que os novos países decidiram tomar para solucionar suas deficiências.

Diante de todo o panorama descrito, nenhuma das cinco repúblicas da região manteve o sistema econômico vigente na União Soviética, caracterizado pelo altíssimo grau de planejamento econômico e pela ausência do setor privado. Entretanto, é impossível apontar um padrão nas agendas adotadas por cada um deles. Alguns adotaram a abordagem ortodoxa, outros se apoiaram em um modelo econômico nacional-desenvolvimentista e os resultados foram diversos, ainda que nenhuma das repúblicas tenha conseguido traduzir qualquer avanço em melhorias profundas de caráter social.

É possível definir um matiz ideológico nas políticas econômicas dos cinco países. Do mais liberal para o mais nacionalista, ordenam-se o Quirguistão, o Cazaquistão, o Tadjiquistão, o Uzbequistão e o Turcomenistão. Pouco após a independência desses países, organismos internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial sugeriram aos seus governos que a integração aos mercados mundiais só poderia ocorrer mediante reformas de cunho econômico que levassem à abertura comercial e financeira e à

²⁴ De acordo com o banco de dados CIA Factbook, o Tadjiquistão é responsável por 80% da produção de drogas em toda a Ásia Central, além de ser o terceiro país que mais registra apreensões de opiáceos em todo o planeta.

substituição do Estado pelo setor privado como grande propulsor do desenvolvimento. Visando se tornar uma moderna economia de mercado orientada a exportações, o Quirguistão foi o país que melhor acolheu as doutrinas ortodoxas pregadas no Ocidente. Mantendo bom relacionamento com o FMI e o Banco Mundial, o país empreendeu uma série de medidas que acabaram fazendo dele o mais liberal de toda a Ásia Central. Abriu suas contas corrente e de capitais, privatizou várias de suas empresas e serviços, rebaixou a carga tributária de 27% do PIB em 1990 para 16,1% em 1995 e 13,5% em 2000 e reduziu o déficit público de 7,2% do PIB em 1994 para 5,2% em 1997, medidas que levaram o economista heterodoxo Stanislav Zhukov a considerar que “o Estado perdeu a maior parte de sua capacidade de operar funções sociais e econômicas das mais importantes” (ZHUKOV, *Kyrgyzstan...*, 2005:313). Graças a essas políticas, apenas três anos após a independência, a inflação quirguiz chegou à casa dos 0,2%. Ademais, as políticas liberais permitiram a atração de capitais externos e empréstimos com muito mais facilidade do que seus vizinhos, além de possibilitar que o Quirguistão fosse o primeiro país centro-asiático a ser aceito na Organização Mundial do Comércio, em 1998. Os demais resultados econômicos, no entanto, são controversos. Zhukov afirma que o PIB quirguiz caiu numa média anual de 3,95% entre 1991 e 2003, as exportações continuam baixas, a dívida externa é cavalgar e a pobreza absoluta cresceu após as medidas. A ortodoxia defende que a economia quirguiz tem um nível maior de estabilidade e dinamismo que as demais e os problemas maiores residem na ausência de recursos naturais²⁵ e na corrupção endêmica que assola a política do país.

O Cazaquistão também aderiu às políticas ortodoxas, ainda que com menor fervor do que o Quirguistão. Promoveu uma onda de privatizações de suas indústrias petrolíferas e metalúrgicas entre 1995 e 1997, reformou o sistema previdenciário do país, rebaixou as tarifas elétricas das empresas em relação à população e criou em 2000 um Fundo Nacional do Petróleo com a intenção de criar uma poupança com os rendimentos do hidrocarboneto. O grande crescimento registrado entre o fim da crise russa de 1998 e a crise mundial de 2008 se deu com o aumento dos preços mundiais do petróleo e o boom creditício e imobiliário. Atualmente, mesmo crescendo a patamares mais baixos do que no período anterior a 2008, a república cazaque é a maior e uma das mais sólidas economias centro-asiáticas. O

²⁵ O Quirguistão possui apenas uma mina de ouro, a de Kumtor, que vem apresentando produtividade decrescente nos últimos anos.

Tadjiquistão, em menor intensidade, também adotou algumas das medidas propostas pelos organismos internacionais, ainda que sua economia, já precária na era soviética, tenha sido devastada pela Guerra Civil dos anos 90. Algumas privatizações foram feitas especialmente na área energética, mas a principal indústria do país, a de alumínio, se encontra sob administração estatal e é utilizada pelo presidente Rakhmonov para propósitos pessoais. A presença do FMI é notada, sobretudo, na reforma agrícola que está sendo realizada nos últimos anos, com o Fundo oferecendo um perdão de até meio milhão de dólares sobre as dívidas do setor. Entretanto, a participação estrangeira pouco poderá ajudar um país assolado pela ausência de grandes reservas de recursos naturais, pela total desorganização econômica e pelos problemas sociais.

Apesar do contato com organismos internacionais e do bom relacionamento dos seus governantes com o Ocidente, é difícil, no entanto, apontar que Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão se tornaram países capitalistas na mais pura acepção da expressão, pois a mentalidade econômica da população ainda está arraigada em um sistema caracterizado pela forte presença estatal, pela hierarquização e pela inexistência de relações de mercado. São repúblicas que, nesse estágio, apenas emulam um modelo que lhes é oferecido como o mais adequado, adotando medidas que, em vários casos, não fazem o menor sentido ao povo em geral e aos governantes em especial. Rumer (2005:38) aponta que:

“a system of free entrepreneurship and market relations can be created in the countries of Central Asia (as had happened in Kazakhstan, for example), but this is still not full-fledged capitalism, with all the inherent economic, social, political and cultural components of what Max Weber termed ‘spirit of capitalism’”.

Uzbequistão e Turcomenistão foram dois países que preferiram dispensar a assistência das organizações ocidentais e adotar um programa de caráter mais intervencionista, pautado pelo sistema de substituição de importações e pelo foco no aproveitamento dos aumentos de preços de seus produtos de exportação, como o algodão e o gás natural. A república uzbeque, cujos primeiros anos de independência foram marcados por uma postura mais dócil em relação ao Ocidente e às grandes multinacionais, iniciou conversas com o FMI em 1994 visando implantar um programa de privatizações, estabilização monetária e livre conversibilidade. Porém, o programa foi abortado dois anos depois numa radical reviravolta

ideológica. A moeda voltou a ser controlada, os preços foram congelados, os recursos destinados ao setor público foram ampliados e a intervenção estatal sobre a economia cresceu de forma notável, sobretudo na agricultura. Devido à opção por um paradigma mais fechado, ainda que a economia uzbeque tenha padecido com baixa dinamicidade e produtividade na segunda metade dos anos 90, o país foi o que registrou a menor variação negativa no PIB durante a década por não ter sido contagiado pela crise russa de 1998. A partir desse ponto, o Uzbequistão efetuou pequenas e graduais medidas liberalizantes, sem, no entanto, diminuir a participação estatal. Entre 1999 e 2000, o país promoveu grande reforma bancária e unificou as taxas de câmbio vigentes até então. Entre 2002 e 2004, o governo reintroduziu a conversibilidade da moeda em contas correntes, cortou gastos públicos, diminuiu o crédito, reduziu a burocracia para as empresas, rebaixou a taxa sobre os lucros e introduziu incentivos à agricultura privada. Graças a essas medidas, a moeda se estabilizou, o setor de bens de consumo se desenvolveu e muitas empresas pequenas e médias apareceram. No entanto, não é possível dizer que se trata de um país liberal. Na república uzbeque, os preços são firmemente controlados, os setores mais fundamentais continuam sendo subsidiados e ainda há pouco espaço para o crescimento do setor privado.

O Turcomenistão é o único dos países que, em momento algum, abriu espaço a qualquer modelo econômico externo. Desde a independência, a economia do país vem sendo rigorosamente controlada pelo governo. Poucas reformas foram efetuadas nas duas décadas de soberania, quase todas relacionadas a um melhor aproveitamento dos lucros proporcionados pelas exportações de gás natural e pelo algodão. O setor privado é irrisório e a produtividade é bastante baixa. Após a morte do presidente Saparmurat Niyazov, o governo turcomeno aumentou de forma marginal seus contatos com países e empresas do Ocidente, mas os relacionamentos ainda se encontram em fase de desenvolvimento.

Os resultados numéricos mais recentes das cinco repúblicas centro-asiáticas podem ser conferidos na Tabela 2. Analisando as variáveis Produto Interno Bruto e Saldo da Conta Corrente, é possível concluir que há dois tipos de países na região: os grandes e afortunados exportadores de recursos naturais (Cazaquistão, Turcomenistão e Uzbequistão) e os pequenos e empobrecidos importadores (Quirguistão e Tadjiquistão). O primeiro grupo²⁶ é

²⁶ Mais informações sobre a disponibilidade de recursos de cada país podem ser obtidas no Anexo 1 deste trabalho.

caracterizado pela abundância de hidrocarbonetos e pela grande produção agrícola, com destaque para o algodão. Beneficiados pelos aumentos dos preços do petróleo e do gás natural até 2008, cazaques, turcomenos e uzbeques puderam crescer a taxas superiores a 7% especialmente entre 2005 e 2007. Em 2008, o valor do barril de petróleo caiu drasticamente e o Cazaquistão, cuja economia já estava abalada devido ao estouro de sua bolha imobiliária, cresceu 1,8% a menos que no ano anterior. Suas perdas só não foram menores devido à existência de reservas acumuladas em períodos mais prósperos. Desde então, o país tem crescido menos do que Turcomenistão e Uzbequistão, cujo principal produto, o gás natural, teve seu valor bem menos reduzido no período da crise. Mesmo assim, os três países desfrutam de maior renda *per capita* e capacidade de expansão econômica.

Tabela 2: Indicadores econômicos recentes dos países da Ásia Central

	Cazaquistão	Quirguistão	Tadjiquistão	Turcomenistão	Uzbequistão
PIB em 2012 (US\$ bi)	210,9	6,19	7,59	33,47	48,3
PIB per capita em 2012 (US\$)	11.890	1.117	959	6.546	1.685
Desemprego (%)	5,2 (2012)	8,6 (2011)	2,5 (2012)	60 (2004)	4,8 (2012)
Inflação (% em 2012)	5,2	4	6,4	10,5	12,7
Saldo da conta corrente em 2012 (US\$ bi)	12,69	-0,546	-0,401	1,496	3,284

Fonte: CIA Factbook (2013)

Quirguistão e Tadjiquistão, por outro lado, não possuem nenhuma grande fonte de renda internacional. Como principais produtos de exportação, os quirguizes dispõem de ouro e os tadjiques, alumínio. Sem grandes possibilidades de desenvolvimento autônomo, os países

preferiram tentar atrair capitais externos por meio de medidas liberalizantes. No entanto, embora suas economias tenham modernizado e crescido na última década, notadamente a do Tadjiquistão²⁷, pouco em termos de produção e renda foi modificado. O PIB dos dois países continua baixo em comparação aos vizinhos centro-asiáticos, a renda per capita se encontra ao redor dos mil dólares e ambos registraram déficits comerciais em 2012.

Dessa forma, as escolhas tomadas pelos presidentes das repúblicas da Ásia Central pouco importam diante das vantagens comparativas já existentes em cada uma delas. Por mais eficaz que seja a política econômica de um país, seu desempenho é relacionado majoritariamente aos recursos naturais que ele possui. O liberal Cazaquistão optou por uma linha oposta à dos intervencionistas Turcomenistão e Uzbequistão, mas os três podem gozar dos resultados que são inalcançáveis para o Quirguistão, o mais liberal da Ásia Central, e o Tadjiquistão, que apostou em um regime misto.

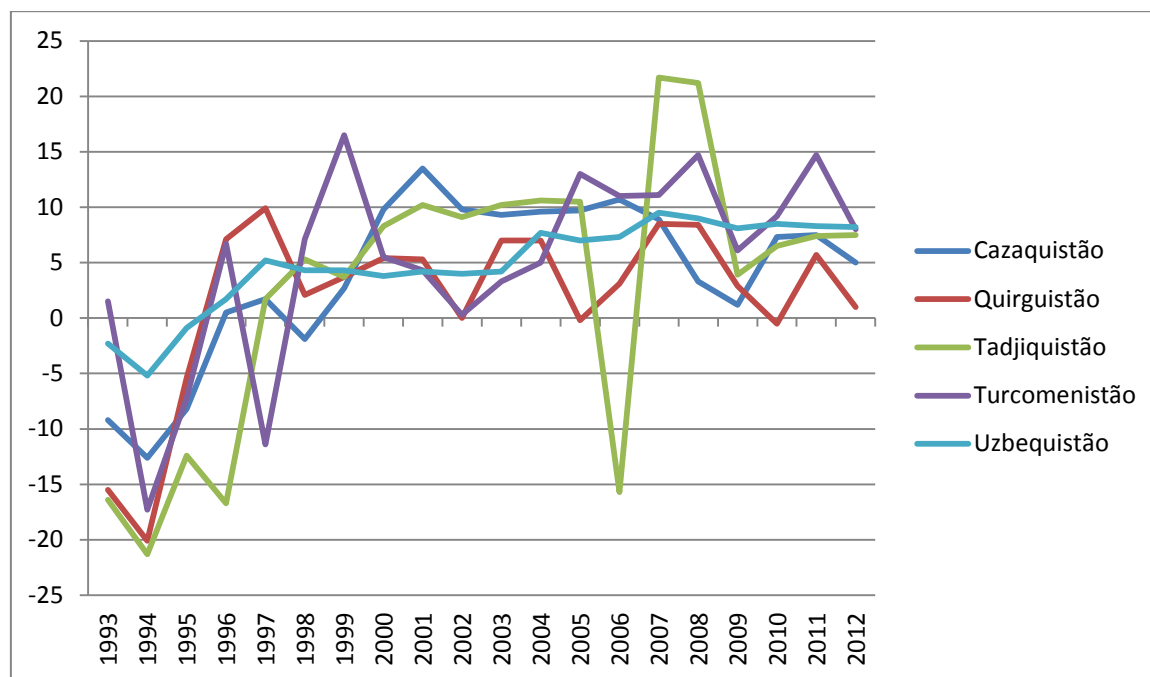
Apesar do bom desempenho, os três países exportadores de recursos naturais não repassam a bonança ao desenvolvimento de outros setores da economia e à melhora da qualidade de vida da população. Rumer (2005) considera que se trata de um caso de “indigestão econômica”: a maior parte da riqueza absorvida pelo país é distribuída entre os integrantes de uma pequena elite ligada ao governo e somente uma pequena sobra é alocada à população, geralmente na forma de subsídios e programas assistenciais que pouco auxiliam na real redução da pobreza. Os países desprovidos de recursos naturais acabam optando por outro enfoque de gestão econômica, baseado na formação de um ambiente de negócios propício para a entrada de capital externo. Com isso, alguns de seus indicadores macroeconômicos acabam sendo melhores do que os de países abundantes em recursos. Constata-se, por exemplo, que a inflação quirguiz é a menor da Ásia Central e a tadjique é a terceira menor. Enquanto isso, Turcomenistão e Uzbequistão, que alocam suas boas condições naturais de forma ineficiente ao desenvolvimento local, registram índices inflacionários acima dos 10%.

Considerando a histórica instabilidade econômica regional, facilmente observada pelas variações de avanço do PIB registradas no Gráfico 1, é difícil estabelecer um prognóstico confiável acerca da situação da Ásia Central a longo prazo. Seu futuro depende

²⁷ Segundo informações do Banco Mundial, o país cresceu a taxas acima de 10% nos anos de 2001, 2003, 2004, 2005, 2007 e 2008. O elevado crescimento foi interrompido em 2009, quando os preços mundiais do alumínio despencaram.

dos desdobramentos das próximas sucessões políticas, do comportamento mundial dos preços das *commodities* e da própria dinâmica econômica internacional. Em meio a tantas incertezas, o que pode ser afirmado de forma segura é que o modelo econômico russo está definitivamente esquecido na região.

Gráfico 1: Crescimento do PIB dos cinco países da Ásia Central entre 1993 e 2012



Fonte: CIA Factbook (2013) e World Bank (2013)

2.3. ASPECTOS CULTURAIS E SOCIAIS

Para a Ásia Central, o colapso da União Soviética representou o encerramento de uma fase que lhe trouxe mais dificuldades do que benefícios. Naquele segundo semestre de 1991, chegou ao fim o regime de mais de sete décadas que cerceou liberdades individuais, destruiu instituições sociais e culturais tradicionais e levou milhões de indivíduos à pena capital ou a trabalhos forçados em campos de concentração. Entre os centro-asiáticos, a independência foi celebrada como um avanço nacionalista. As repúblicas deixariam de ser controladas por políticos de Moscou e passariam a comandar seus destinos por si mesmas.

Na década de 1990, os autóctones da Ásia Central se esforçaram para aniquilar os resquícios do período soviético e reavivar a história e a cultura regionais. Nas classes intelectualizadas, o colonialismo russo passou a ser visto de maneira crítica e os heróis locais e as batalhas contra os invasores voltaram a ser exaltados. As estátuas de homens fortes da União Soviética foram substituídas por monumentos que reverenciam indivíduos e momentos históricos da Ásia Central. As bandeiras dos cinco países abandonaram as referências ao comunismo soviético e adotaram as cores e os símbolos significativos em âmbito regional. No Turcomenistão e no Uzbequistão, o alfabeto cirílico deu lugar ao latino. Nos cinco países, os idiomas nacionais foram adotados como oficiais e tiveram seu uso ampliado²⁸. As escolas de elite gradativamente abandonaram o ensino do russo e passaram a ensinar o inglês, mais útil num mundo globalizado. A língua russa só continuou a ser usada, e em círculos específicos, no Cazaquistão, no Quirguistão e no Uzbequistão.

Com essa guinada nacionalista da Ásia Central, muitos russos (e também outros povos europeus, como ucranianos e alemães) acabaram retornando para seus países de origem. A Tabela 3 apresenta as diferenças de porcentagem de russófonos na população total de quatro repúblicas centro-asiáticas entre 1988 e 1998. Nessa tabela, é possível perceber que apenas o Cazaquistão permaneceu com uma significativa população russa graças à proximidade geográfica e às boas relações com Moscou na década de 1990.

²⁸ Roy (2005) fornece em sua obra alguns exemplos dessa maior importância concedida às línguas nacionais. No funcionalismo público e na política, o russo foi extirpado e os documentos, leis e textos passaram a ser escritos obrigatoriamente na língua nacional. Nos exames de admissão para o ensino superior, as provas eram aplicadas apenas no idioma do país, considerado um conhecimento obrigatório para o candidato. Em 2000, o presidente quirguiz Askar Akayev impôs um exame de proficiência do idioma quirguiz a todos aqueles que quisessem se candidatar nas eleições presidenciais.

Tabela 3: Percentual de russófonos em quatro países da Ásia Central

	Cazaquistão	Quirguistão	Turcomenistão	Uzbequistão
1988	50	30	10	10
1998	32	14	6,7	6

Fonte: Roy (2005)

Em meio a tantos legados negativos, uma das boas heranças que a União Soviética deixou para a Ásia Central é o poder intelectual e científico advindo da educação. Se comparadas a outros países em desenvolvimento, as repúblicas centro-asiáticas contam com uma população altamente instruída: nenhuma delas possui índice de alfabetização menor que 98%. Além da educação, os soviéticos construíram várias universidades e centros de pesquisa na região. Infelizmente, o fim da União significou também o fim dos maciços investimentos destinados à educação e à ciência. Independentemente, os países não conseguiram manter a mesma qualidade no ensino e na pesquisa devido à falta de recursos.

Entretanto, a educação não é o maior dos problemas sociais na Ásia Central. Muito embora as economias regionais tenham avançado consideravelmente nas duas últimas décadas, pouco foi feito para reduzir a pobreza que assola grandes parcelas da população. A Tabela 4 apresenta vários indicadores sociais obtidos recentemente. Por meio dela, é possível concluir que ainda há muito a ser feito para melhorar as condições de vida dos centro-asiáticos.

Tabela 4: Indicadores sociais recentes dos países da Ásia Central

	Cazaquistão	Quirguistão	Tadjiquistão	Turcomenistão	Uzbequistão
Índice de alfabetização (%)	99,5	98,7	99,7	98,8	99,3
População abaixo da linha da pobreza (%)	5,3 (2011)	33,7 (2011)	39,6 (2012)	30 (2004)	17 (2011)
Índice de Gini	28,9 (2011)	33,4 (2007)	32,6 (2006)	40,8 (1998)	36,8 (2003)
Expectativa de vida (anos)	69,63	69,45	66,38	68,84	72,77
Crianças de até 5 anos de idade abaixo do peso (%)	4,9	2,7	15	-	4,4
Mortalidade infantil (a cada 1.000 crianças)	23,06	30,8	37,33	40,89	21,20

Fonte: CIA Factbook (2013)

Com exceção do Cazaquistão, todas as repúblicas centro-asiáticas ainda contabilizam altos percentuais de indivíduos abaixo da linha da pobreza. Quirguistão, Tadjiquistão e Turcomenistão são países onde 30% ou mais da população total se encontram nessa situação. Ademais, índices como o de mortalidade infantil e o de expectativa de vida

revelam panoramas semelhantes aos dos países mais problemáticos da África e do Sudeste Asiático. Os países que aparentam ter obtido melhor sucesso no combate à pobreza foram o Cazaquistão e o Uzbequistão, as duas maiores economias da Ásia Central e dois países de trajetória política relativamente menos conturbada do que os vizinhos. O caso uzbeque também se explica pelos investimentos que o governo realiza em serviços sociais e no subsídio de produtos básicos.

É necessário apontar, entretanto, que a questão social melhorou bastante se for tomada como referência a década de 90. Após a independência, os cinco países da Ásia Central sofreram com o aumento drástico da pobreza em decorrência da diminuição da atividade econômica e do crescente desemprego. Em 1993, entre 39% e 66% da população uzbeque tinha renda mensal menor que 120 dólares. No Quirguistão, os índices eram ainda piores: entre 86 e 88% da população. A crise russa de 1998 até ampliou um pouco mais a dramática situação, mas o crescimento econômico da Ásia Central vinculado às exportações de *commodities* permitiu que houvesse redução real da pobreza. No entanto, ainda há um grande caminho a ser percorrido até que o nível de vida das cinco repúblicas possa ser considerado aceitável.

Enquanto a grande maioria da população centro-asiática está privada das condições mais básicas de sobrevivência, as elites ligadas ao governo desfrutam de luxos inimagináveis ao povo. Rumer (2005) identificou nos países da Ásia Central um padrão 5:15:80, no qual 5% da população compõe a elite mais poderosa, ligada aos postos mais altos do governo e às diretorias das grandes empresas, 15% se referem às classes que não detêm tanto poder político e econômico, mas que vivem confortavelmente graças ao envolvimento direto com algum departamento do governo ou empresa e os 80% restantes são aqueles que vivem em condições bastante precárias, sendo que boa parte dessa porcentagem é composta por aqueles que se encontram abaixo da linha da pobreza. Essa formação pode ser vista principalmente nos países onde há a combinação de abundância de recursos naturais, baixo desenvolvimento dos setores industrial e de serviços e excessiva opressão política, casos de Turcomenistão e Uzbequistão, cujos índices de Gini, referentes à desigualdade de distribuição de renda, são os piores da Ásia Central.

Tanto a elite política, encabeçada pelo presidente, como a elite econômica, liderada pelos maiores empresários, montaram uma estrutura na qual seus privilégios e seu

poder sobre os recursos do país não podem ser ameaçados facilmente por nenhuma força opositora. Os negócios e acordos são construídos à margem da lei, tomando como base costumes tradicionais e relações pessoais. Em muitos casos, notadamente no Cazaquistão e no Quirguistão, familiares e pessoas do mesmo clã do presidente são agraciados com cargos de alto escalão e a posse de empresas estatais. A corrupção sequer é considerada um crime pela população local: para ela, trata-se de uma prática necessária para o andamento do jogo político. Nesse sentido, Sergei Duvanov (*apud* RUMER, 2005:6-7) comenta que:

“Corruption, which has been elevated to the rank of a state principle, signifies that everything is up for sale, including all the services in the system of state relations. Formally, there is a constitution, laws... In fact, however, all this is a sham. The laws can simply be evaded and ignored if one pays the officials responsible for the functioning of this or that part of the state mechanism. Bribes and payoffs have turned into an obligatory attribute of social relations. Law-enforcement organs, which are obliged to combat corruption, zealously defend this systematic corruption. As a rule, both the courts and the police are on the side of those who are in accordance with the ‘understandings’ of corruption and punish those who strive to live in compliance with the existing laws”.

Portanto, as mudanças nas estruturas políticas, sociais e culturais da Ásia Central só poderão acontecer de forma gradual, com vistas a conseguir transformações reais apenas a longo prazo. As atuais gerações ainda possuem uma mentalidade pouco condizente com uma realidade democrática e justa, mentalidade esta em que a corrupção, o clientelismo, o desrespeito à propriedade e à lei são aceitáveis desde que sejam praticadas pelos políticos – ou clãs - corretos. Essa mentalidade faz com que as elites locais perpetuem as mazelas da região e a própria população ignore e até legitime as atitudes tomadas pelos homens do poder.

2.4. ASPECTOS GEOPOLÍTICOS

Esta última parte do capítulo apresentará de forma breve os desdobramentos geopolíticos das cinco repúblicas da Ásia Central, descrevendo o relacionamento entre os vizinhos e também a aproximação com países de fora da região, como os Estados Unidos, o Irã e a Turquia.

Se no período imediatamente anterior ao surgimento da União Soviética havia entre os povos centro-asiáticos um sentimento de integração pantúrquica e pan-islâmica contra os invasores russos, a era pós-soviética foi marcada pelo isolamento das repúblicas dentro da região e pelo fortalecimento dos laços delas com países que eram, até 1991, inacessíveis a elas. Ainda antes da independência, quirguizes e uzbeques travaram conflitos violentos no sul do Quirguistão entre junho e agosto de 1990 devido à acusação feita pelos uzbeques que viviam na região de que não eram bem tratados pelos quirguizes. Mesmo com o fim das ofensivas, a relação entre os dois lados não melhorou e novos conflitos envolvendo uzbeques étnicos e quirguizes na mesma região ocorreram entre 1999 e 2000 e também em junho de 2010. Os atritos entre uzbeques e quirguizes e a própria existência de uzbeques étnicos em território quirguiz são o resultado de uma política equivocada de estabelecimento de nações feita pelos soviéticos, que não souberam separar as etnias de forma adequada.

A rivalidade entre quirguizes e uzbeques no sul do Quirguistão é certamente a mais agressiva de todas, mas não a única. Graças à deficiente delimitação de suas fronteiras e ao caráter mais fechado de seu regime político, o Uzbequistão é o país com mais dificuldades diplomáticas dentro da Ásia Central. O país já teve problemas com o Tadjiquistão devido ao apoio de uzbeques étnicos aos rebeldes de oposição na Guerra Civil Tadjique e ao relacionamento de ambos com o Afeganistão ocupado pelo Taleban²⁹. Ele também tem problemas com os governos tadjique e quirguiz devido à vontade destes de garantir que a água que surge nas nascentes dos rios Amu Darya e Syr Darya seja totalmente controlada pelos dois países e os outros que também são abastecidos pelo rio, como o próprio Uzbequistão, se tornem dependentes das decisões tomadas por ambos. Há também um litígio em andamento

²⁹ De acordo com Roy (2005), os uzbeques eram a favor do Taleban e os tadjiques eram contra.

com o Cazaquistão referente à definição de fronteiras: o governo cazaque foi acusado pelos uzbeques de ter anexado partes de seu território, como a costa de Tchimkent.

Os relacionamentos entre os demais países centro-asiáticos, embora não sejam tão negativos como os que envolvem o Uzbequistão, também não são característicos de uma região plenamente integrada. Há, por exemplo, algumas disputas territoriais em andamento, como as entre Cazaquistão e Quirguistão e entre Cazaquistão e Turcomenistão. Este último, especialmente durante o governo de Saparmurat Niyazov, optou pelo isolamento quase total, permanecendo durante muito tempo alheio às tentativas de integração regional e anunciando, em 1995, a neutralidade diante de qualquer questão crítica internacional.

Ademais, a infraestrutura de contatos entre as cinco repúblicas ainda é bastante precária. Os uzbeques exigem vistos de entrada para tadjiques e quirguizes e os turcomenos simplesmente não admitem a entrada de nenhum estrangeiro sem o documento. Os voos que ligam as capitais são escassos. Consulados e embaixadas, ainda em pouca quantidade, começaram a ser abertas muito tardiamente. De fato, os últimos vinte anos foram marcados pela criação de vários organismos internacionais que objetivavam um melhor relacionamento entre os vizinhos centro-asiáticos. No entanto, seus resultados práticos ainda não foram observados. Esses organismos serão apresentados de forma detalhada nos dois próximos capítulos.

Se as repúblicas centro-asiáticas ainda se encontram em estágio inicial de integração regional, os contatos desenvolvidos com países mais distantes e mais fortes foram bem mais profícuos e bem-sucedidos. Atualmente, a Turquia é um dos grandes parceiros da Ásia Central. Seu maior acesso aos negócios e aos recursos da região é justificado pela sua maior proximidade histórica e étnica, ainda que a utopia do panturquismo já não faça mais parte do ideário local. O governo turco foi um dos únicos a estabelecer embaixadas em todos os países centro-asiáticos, além de ter oferecido, por meio da Agência de Cooperação e Desenvolvimento Internacional Turca, bolsas de estudo para que jovens da região viessem estudar nas melhores instituições do país. Várias empresas turcas assumiram negócios na Ásia Central nas áreas de construção, transporte, informática e ensino privado. Com relação ao comércio internacional, a Turquia aparece como um dos países de maior peso nas importações e exportações centro-asiáticas, sobretudo no hermético Turcomenistão: ela é o segundo principal destino dos produtos turcomenos e o maior exportador à república turcomena. Os

turcos também são os principais importadores dos produtos do Tadjiquistão e também absorvem grande parte dos bens e insumos uzbeques e quirguizes. O volume de negócios só não é maior porque, segundo Roy (2005), o governo não tem intenções de concorrer com a Rússia em várias dos setores econômicos mais vitais da Ásia Central.

Outro país que conseguiu estabelecer, ainda que em menor escala, contatos importantes na Ásia Central é o Irã, que faz fronteira com o Turcomenistão pelo norte. Ao contrário da presença turca, maior no setor de serviços, os iranianos preferiram entrar na disputa pelos recursos energéticos regionais e pelo maior poder de influência sobre as repúblicas centro-asiáticas. Destaca-se o gasoduto Turcomenistão-Irã inaugurado em 1997 a contragosto do Ocidente, que havia instaurado sanções no ano anterior limitando a participação dos iranianos na exploração de hidrocarbonetos da região. Apesar de sua capacidade máxima ser bem menor³⁰ do que a do sistema de dutos que os turcomenos inauguraram em parceria com a China em dezembro de 2009, o gasoduto representou uma vitória do governo iraniano sobre seus opositores. Em relação aos demais países centro-asiáticos, o Irã desenvolveu boas relações com o Tadjiquistão³¹ desde o período da Guerra Civil e contatos apenas frios com os demais países. Vale destacar que os iranianos apoiam os russos na disputa hegemônica pela Ásia Central, pois ambos são contrários à presença de turcos e americanos na região.

Os Estados Unidos se tornaram um personagem decisivo nos desdobramentos recentes da Ásia Central ainda na década de 90, mas a região se tornou um assunto de primeira importância na agenda americana somente após os atentados de 11 de Setembro de 2001 em Nova York. Até então, a política de Washington em relação às repúblicas centro-asiáticas se limitava ao estímulo à estabilidade política, à integração delas à área de influência militar americana e à exploração das reservas naturais da região.

O incidente do World Trade Center obrigou o governo americano a redesenhar sua política externa, forçando os outros países a se definirem como aliados ou inimigos de sua

³⁰ Segundo o Russian Analytical Digest (2011), o gasoduto Turcomenistão-Irã foi inaugurado com capacidade máxima de transporte de 8 bilhões de metros cúbicos. Em 2009, ele foi ampliado e sua capacidade subiu para 20 bilhões de metros cúbicos. Enquanto isso, o gasoduto Turcomenistão-China pode operar com um volume máximo de 30 bilhões de metros cúbicos.

³¹ Vale dizer que os tadjiques, ao contrário dos demais povos centro-asiáticos, são uma etnia de origem persa, assim como os iranianos. A proximidade étnica entre aqueles dois povos é a mesma que justifica os laços entre a Turquia e os quatro outros países da Ásia Central, habitados por povos de origem túrquica.

ofensiva contra o terrorismo islâmico. Como o epicentro do conflito era o Afeganistão, os países vizinhos – incluindo, obviamente, os da Ásia Central - se tornaram cruciais na logística de guerra dos combatentes americanos. Poucas semanas após os atentados de Nova York, os Estados Unidos negociaram com os cinco países centro-asiáticos a formação de centros militares que pudessem ser utilizados para distribuição de suprimentos e o uso de seu espaço aéreo para transporte de tropas e recursos. Todos aceitaram colaborar, em maior ou menor escala. Por 500 milhões de dólares anuais, o Uzbequistão concederam aos americanos a base aérea de Khanabad, nas proximidades da divisa com o Afeganistão. O relacionamento entre o governo uzbeque e os Estados Unidos manteve-se bom até o incidente de Andijan em 2005, que levou os americanos a imporem várias sanções à república asiática. Como retaliação, os uzbeques desfizeram a base de Khanabad no ano seguinte e ampliaram os laços com os russos, para incômodo de Washington. O Quirguistão também permitiu que os americanos despendessem 60 milhões de dólares na formação de uma base aérea em seu território, no aeroporto de Manas. O contrato transcorreu sem problemas até fevereiro de 2009, quando o governo quirguiz anunciou que os Estados Unidos tinham 180 dias para desfazer a base de Manas. A decisão foi tomada na mesma época em que a Rússia ofereceu ao Quirguistão um empréstimo de dois bilhões de dólares com a intenção de aumentar sua presença militar no país. Os americanos conseguiram reverter a ordem após aumentar o valor pago pelo aluguel da base, mas os quirguizes não demoraram muito para anunciar que a base de Manas será desativada em 2014. Os outros países da Ásia Central permitiram o uso do espaço aéreo e a instalação de pontos militares menores.

É necessário apontar que os Estados Unidos, além dos intentos geopolíticos na região, também nutriam profundo interesse sobre seus recursos energéticos. As reservas de petróleo do Mar Cáspio poderiam representar uma excelente alternativa ao insumo oriundo do Oriente Médio, conjunto de países considerado altamente problemático para a agenda americana. Outro assunto de relevância para os Estados Unidos é o sistema de dutos de transporte de hidrocarbonetos. O país não vê com bons olhos o fato da maior parte das rotas estar direcionada ao território russo e de existir também um gasoduto que liga o Turcomenistão e o Irã. Para reduzir o poderio russo e iraniano sobre a logística de petróleo e gás natural, os Estados Unidos se envolveram no desenvolvimento da rota Baku-Ceyhan, que atravessa o Mar Cáspio, passa pelo Azerbaijão e pela Geórgia e depois toma dois caminhos,

um terrestre pela Turquia e outro marítimo pelo Mar Negro. Esta seria uma solução para evitar as rotas de países considerados hostis aos interesses americanos.

Apesar de tudo isso, os Estados Unidos, cujas intervenções em outras áreas além da geopolítica e da energética são pouco relevantes na Ásia Central, não são, de forma alguma, a potência mais importante na dinâmica regional. Dois países conhecidos pelo tamanho de seus territórios e de suas economias exercem os maiores impactos econômicos, políticos e sociais sobre as repúblicas centro-asiáticas. Ambos beneficiam-se de posição geográfica privilegiada e desejam fortalecer sua influência na região pelas mais variadas razões. Ainda que não haja hostilidades veladas, é certo que a presença de um incomoda o outro. Nos próximos dois capítulos, serão discutidos os papéis de Rússia e China na Ásia Central contemporânea.

3. A SOMBRA RUSSA

O fim da União Soviética no segundo semestre de 1991 representou o surgimento de quinze novas repúblicas independentes num espaço de terra que ocupava partes consideráveis dos continentes europeu e asiático. Embora esses países recém-nascidos compartilhassem uma história de sete décadas e uma série de problemas para serem resolvidos na transição da economia planificada para o capitalismo globalizado, as diferenças entre eles eram marcantes e influenciaram bastante suas posturas na busca por um caminho político e econômico nessa nova fase. Uma das repúblicas, no entanto, se destacava das demais pelo seu poderio territorial e institucional muito maior do que as demais.

Maior país do mundo, a Rússia não pode ser tratada como um mero estado pós-soviético. Dado que a capital da União era a cidade russa de Moscou e todo o aparato administrativo maior se localizava por lá, o status da Federação Russa perante as demais Repúblicas Socialistas Soviéticas era inegavelmente maior. Além do mais, as principais instituições econômicas, sociais, acadêmicas, culturais e militares também estavam sediadas em território russo. As políticas, decisões e leis que organizavam a vida local das demais regiões eram idealizadas por burocratas eslavos que trabalhavam nos imponentes prédios de Moscou. Em resumo, a Rússia era o coração da União Soviética e as demais repúblicas dependiam diretamente dos seus desígnios.

Devido a isso, seus objetivos eram diferentes dos demais países pós-soviéticos na fase de transição. Enquanto as catorze repúblicas menores desejavam apenas construir uma estrutura que lhes permitisse sobreviver de forma soberana, a Rússia tinha planos mais ambiciosos, relacionados à reedição de um conjunto de nações cujo comando estivesse novamente em suas mãos. Porém, com grandes problemas internos, o país teria sérias dificuldades para exercer qualquer tipo de hegemonia regional. O terceiro capítulo desta monografia apresentará considerações gerais sobre o turbulento relacionamento entre a Federação Russa e os cinco países da Ásia Central, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão.

3.1. IDAS E VINDAS DA RELAÇÃO ENTRE RÚSSIA E ÁSIA CENTRAL

No dia 8 de dezembro de 1991, quando a União Soviética ainda não havia chegado ao fim definitivo de sua existência, a Rússia e mais duas nações, a Ucrânia e a Bielorrússia, assinaram um acordo que resultava na criação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), um organismo que objetivava reunir periodicamente todos os países pós-soviéticos para debater e solucionar problemas econômicos, políticos e militares que afligiam a região. Em um primeiro instante, apenas os três países supracitados se filiaram à CEI: os demais, incluindo as cinco repúblicas centro-asiáticas, preferiram esperar, pois estavam desconfiados de que Moscou ainda planejava retomar seu domínio na área soviética. Somente após a independência da Rússia e a consolidação do fim da União Soviética que a Ásia Central concordou em assinar a declaração de Alma-Ata, que inseria a região dentro da CEI. Este é um exemplo do relacionamento nem sempre amigável e confiável entre russos e centro-asiáticos no período seguinte ao colapso da União.

A Federação Russa tornou-se independente em dezembro de 1991 contra sua vontade. Para ela, os processos de desintegração da União Soviética e de independência das demais repúblicas que a compunham significavam uma drástica redução de seu poder hegemônico na região. Ainda que nem todos os territórios soviéticos do Leste Europeu, do Cáucaso e da Ásia Central lhe auferissem vantagens, a simples diminuição de sua zona de influência representava um golpe em seu orgulho imperialista. Este assunto será tratado mais adiante.

No entanto, apesar dessa ocorrência indesejável, a postura russa nos primeiros anos após o fim da União Soviética não se caracterizou por qualquer atitude mais agressiva com relação aos países da CEI. De fato, essas repúblicas não estavam no topo da lista de prioridades de Moscou. No caso da Ásia Central, o presidente russo Boris Yeltsin sequer “contava com estratégia aparente” (FRICKENSTEIN, 2010, pp. 66). É possível enumerar duas razões para isso. Em primeiro lugar, os russos não dispunham de recursos financeiros, políticos e militares para conseguir recriar um ambiente de domínio sobre outros territórios. Em segundo lugar, os planos principais de Yeltsin, como apontou Frickenstein (2010), se relacionavam com a execução de amplas reformas políticas e econômicas dentro da própria Rússia e com o desenvolvimento de boas relações com os países do Ocidente. Dessa forma, o

pragmático governo Yeltsin não considerava fundamental a questão da hegemonia sobre as demais repúblicas pós-soviéticas. A Ásia Central, em especial, era vista pelo governo russo mais como um grande problema a ser evitado numa fase de reestruturação do que exatamente um assunto a ser relevado.

Até 1996, houve poucos avanços no relacionamento entre russos e centro-asiáticos. Em maio de 1992, a Rússia e os cinco países da Ásia Central assinaram o Tratado de Segurança Coletiva, que deveria assegurar a cooperação multilateral nas áreas militar e de segurança sob o jugo de Moscou. Assinado em Tashkent, o Tratado foi a primeira grande tentativa do governo russo de restabelecer algum tipo de influência militar sobre os territórios centro-asiáticos. No entanto, esse acordo trouxe poucos avanços.

O Tratado de Segurança Coletiva tinha duas grandes propostas: implantar guardas de fronteira comandadas por oficiais russos e estabelecer bases militares russas nos países da Ásia Central. Estes não se empolgaram com as cláusulas. Naqueles primeiros instantes após a independência, as repúblicas centro-asiáticas ainda se preocupavam, segundo Zviagel'skaia (2005), mais com a consolidação de sua própria soberania do que com o estabelecimento imediato de boas relações com os vizinhos. Em alguns casos, havia pouco espaço para qualquer tipo de contato pacífico: o Uzbequistão tinha problemas com o Quirguistão (relativos à insatisfação de uzbeques étnicos com o tratamento recebido no sul quirguiz) e com o Tadjiquistão (rebeldes uzbeques apoiavam a oposição na Guerra Civil Tadjique). Dessa forma, o diálogo foi bastante afetado pelo comportamento defensivo das nações da Ásia Central. Os uzbeques³² não queriam a presença de tropas russas em seu território. Os cazaques até admitiam atividades militares russas em seu país, mas elas deveriam aceitar a participação de oficiais nativos. Os turcomenos, pouco dispostos a manter qualquer tipo de relação mais profunda com os vizinhos, preferiram se recolher à neutralidade. O único país que aceitou uma presença maior dos militares russos em seu território foi o Tadjiquistão, afundado em uma sangrenta guerra civil. A assinatura do acordo permitiu que a Rússia montasse na

32 Entre todos os povos centro-asiáticos, os uzbeques foram os que demonstraram menos interesse e mais ceticismo com o Tratado de Segurança Coletiva. O Uzbequistão não queria participar de um paradigma político-militar em que teria muito menos poder do que a Rússia. Além do mais, o país sentia-se constantemente ameaçado pelo terrorismo islâmico e acreditava que nem os russos e nem os vizinhos centro-asiáticos seriam capazes de ajudá-lo no caso de um ataque. Com esses argumentos, o governo uzbeque preferiu cancelar sua participação no Tratado em 1999, mirando um eventual apoio militar dos Estados Unidos.

república tadjique a 201ª Divisão de Infantaria Motorizada, apoio fundamental nos esforços de estabilização do país. Fora a grande presença militar no Tadjiquistão e a implantação de algumas tropas de fronteira, a Rússia não conseguiu nenhum avanço significativo na questão da integração militar na Ásia Central. Frickenstein (2010) afirma que o intento russo de criar um ambiente de cooperação militar foi caracterizado por “pouca conversa e ainda menos ação”. Roy (2005) foi mais adiante em sua conclusão: a atuação militar da Rússia na Ásia Central foi um fracasso.

Em 1993, uma grande reforma monetária realizada na Rússia inviabilizou o uso do rublo nos demais países pós-soviéticos. Quatro países centro-asiáticos foram obrigados a emitir sua própria moeda ainda em 1993 e o Tadjiquistão passou a fazer o mesmo em 1995. O afastamento entre Moscou e a Ásia Central se fazia nítido pelo fato das cinco moedas centro-asiáticas tomarem como lastro o dólar americano e não o rublo russo.

Como a Rússia havia se mostrado incapaz de auxiliar os países da Ásia Central no seu processo de consolidação das estruturas econômicas, políticas e militares nos primeiros anos após a independência, os governantes da região rapidamente perceberam que a solução para seus problemas poderia estar no contato com outras potências. Em 1994, o Cazaquistão, o Quirguistão, o Tadjiquistão e o Uzbequistão estabeleceram vínculos iniciais com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), aliança militar que congrega boa parte dos principais países ocidentais. A inclusão dessas quatro repúblicas foi feita através do programa “Parceria para a Paz”, que buscava fornecer apoio militar aos estados pós-soviéticos. Foi a primeira grande aproximação do Ocidente na Ásia Central, algo que causava apreensão ao governo russo.

Além do mais, os governantes da região começaram a compreender que poderiam buscar o desenvolvimento e a consolidação de sua soberania com iniciativas próprias, sem a necessidade de qualquer grande poder moderador. Em 1994, o Cazaquistão, o Quirguistão e o Uzbequistão criaram a União Centro-Asiática, o primeiro grande projeto de integração política e econômica desenvolvido internamente. Em 1996, o Uzbequistão assinou acordos bilaterais com a Geórgia e o Azerbaijão com o objetivo de construir um sistema interligado de vias de transporte. No mesmo ano, quatro países pós-soviéticos (Geórgia, Ucrânia, Azerbaijão e Moldávia) fundaram o GUAM, uma associação cuja intenção também era a de levar adiante a criação de uma rota comum de transporte. Alguns anos depois, o Uzbequistão se filiou ao

grupo, que foi renomeado GUUAM. A Rússia esteve presente em todas essas iniciativas como observadora, o que demonstra o caráter passivo da política externa do país perante as demais repúblicas pós-soviéticas.

Na segunda metade de 1996, uma importante mudança no governo elevou a importância do relacionamento da Rússia com os demais países da CEI na agenda política do país. O presidente Boris Yeltsin decidiu efetuar uma substituição no cargo de Ministro dos Assuntos Exteriores: no lugar de Andrei Kozyrev, notório pró-Occidente, entrou Yevgeny Primakov, cujas preocupações se concentravam num melhor relacionamento com as repúblicas pós-soviéticas. A “doutrina Primakov” entendia que a presença de outros países poderosos na antiga zona de influência russa poderia representar grande ameaça a Moscou. Dessa forma, para evitar que isso acontecesse, o país buscava reatar relações com as demais repúblicas da CEI de forma mais efetiva do que nas poucas tentativas anteriores.

Porém, muitas das promessas da “doutrina Primakov” não foram concretizadas. Nas áreas militar e de segurança, a grande novidade foi justamente a implantação da 201ª Divisão de Infantaria Motorizada no Tadjiquistão, algo previsto já nos primórdios do Tratado de Segurança Coletiva. Os demais países da Ásia Central não auferiram muitos benefícios. As bases militares de fronteira foram sendo gradativamente desativadas pelo governo russo e o intercâmbio de recursos e conhecimento bélico foi risível. Rodeados de problemas como o conflito da Chechênia, o domínio do Taleban no Afeganistão, o narcotráfico internacional e os inúmeros litígios étnicos, os governos centro-asiáticos perceberam rapidamente que o discurso mais efusivo de Yevgeny Primakov não resultou em grandes novidades.

Em termos econômicos, os avanços também não foram muitos. O interesse da Rússia na Ásia Central foi menor na ampliação da integração regional e do desenvolvimento do parque produtivo das repúblicas e maior no recrudescimento do controle do sistema de transporte de hidrocarbonetos. Poucos investimentos com capital russo foram realizados na Ásia Central e o comércio entre os dois lados, ao invés de evoluir, diminuiu para níveis muito abaixo daqueles registrados na era soviética. A crise que assolou a Rússia no final dos anos 90 enfraqueceu ainda mais os vínculos econômicos com a Ásia Central, que teve de ampliar seus negócios com outras partes do mundo para minimizar as perdas. De fato, o máximo que a Rússia poderia oferecer aos centro-asiáticos seria a manutenção da rota para o escoamento do petróleo e do gás natural produzidos no Cazaquistão, no Turcomenistão e no Uzbequistão.

Moscou temia a possibilidade do surgimento de dutos que pudessem absorver parte da produção e transportá-lo para outros mercados, como era o caso do gasoduto Turcomenistão-Irã desde 1997. Mesmo assim, o país não tinha recursos para financiar reformas ou novas rotas.

Apesar do esforço de Primakov, só é possível dizer que a CEI – e a Ásia Central em particular – se tornou um assunto fundamental para a Rússia no governo de Vladimir Putin, iniciado em 2000. Ao contrário de Boris Yeltsin, mais preocupado em efetuar as reformas que permitissem uma melhor interação com as potências capitalistas, Putin é um presidente com um perfil bem mais agressivo no tocante à expansão do poder hegemônico russo. Em seu mandato, a Ásia Central deixou de ser considerada um mero incômodo geopolítico para se tornar um assunto de alto interesse à pátria russa, que voltou a tratar a recriação de uma grande zona de influência nos moldes da União Soviética como um de seus grandes objetivos. O renascimento do viés nacionalista e imperialista do governo da Rússia a partir de Vladimir Putin trouxe, portanto, grandes novidades no relacionamento com as repúblicas centro-asiáticas.

Putin compreendeu que se a Rússia quisesse voltar a ter poder hegemônico sobre os países pós-soviéticos, seria necessário desenvolver uma rede de relações que os integrasse de forma coesa e harmoniosa. No mundo contemporâneo, isso se daria, sobretudo, por meio de organizações regionais. Logo em 2000, a Rússia, a Bielorrússia, o Cazaquistão, o Quirguistão e o Tadjiquistão formaram a Comunidade Econômica Euroasiática (CEE), um organismo que visava ampliar o comércio entre esses cinco países. O Uzbequistão integraria o grupo em 2006.

Também em 2000, a Rússia retomou as atividades dentro do paradigma do Tratado de Segurança Coletiva com o objetivo de fortalecer uma estrutura integrada que pudesse conter, sobretudo, as ameaças oriundas do extremismo³³ islâmico. Com esse propósito específico, foi inaugurado na cidade de Bishkek em 2001 um Centro Antiterrorismo responsável pelo desenvolvimento de estratégias, recursos e força humana a serem empregados no combate ao terror. Em junho de 2001, a Rússia se uniu à China e a três países

33 O temor maior da Rússia era a possibilidade dos problemas relacionados com o terrorismo religioso atravessarem a Ásia Central e alcançarem o sul do país, onde há uma grande população muçulmana. Isto será explicado de maneira mais aprofundada mais abaixo.

da Ásia Central (Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão) para formar a Organização de Cooperação de Xangai, um órgão liderado pelos governos russo e chinês cujos propósitos principais eram a manutenção da estabilidade regional e a cooperação econômica. Este organismo, cuja iniciativa é majoritariamente chinesa, será detalhado mais adequadamente no próximo capítulo.

Os ataques terroristas ocorridos nos Estados Unidos em setembro de 2001 causaram grande reviravolta no arranjo geopolítico mundial. A guerra subsequente que o governo americano declarou contra o Afeganistão posicionou a Ásia Central, região vizinha, no epicentro da crise internacional. Para evitar que outros focos de terrorismo surgissem nos países próximos ao Afeganistão, o governo liderado por George W. Bush se viu obrigado a redobrar as atenções destinadas a uma parte do mundo até então considerada menos importante nas relações internacionais. A Rússia, evidentemente, não via com bons olhos o aumento da presença americana em um território que fazia parte de sua histórica zona de influência. Mas foi obrigada, num primeiro instante, a ceder.

Em 24 de setembro de 2001, o governo russo anunciou apoio oficial aos Estados Unidos na guerra contra o Afeganistão. Moscou cooperaria com Washington interligando canais de serviços de inteligência, abrindo o espaço aéreo de seu território aos aviões militares americanos, emprestando homens e recursos para as operações e pressionando os governos da Ásia Central para que estes também colaborassem com os Estados Unidos. Com esse suporte, a Rússia acabou deixando momentaneamente em segundo plano qualquer objetivo de recriar sua zona de influência. Tratava-se de uma postura, acima de tudo, pragmática. Os russos reconheciam a liderança dos Estados Unidos na dinâmica internacional e acreditavam que, trabalhando ao lado da maior potência ocidental, poderiam recompor seu próprio poder hegemônico na Ásia. Ademais, a ofensiva americana era vista pelos russos como uma boa oportunidade para estabilizar um país problemático como o Afeganistão e conter o terrorismo islâmico. No caso específico da Rússia, a derrocada do Taleban era bastante conveniente, pois os terroristas que ocasionaram os conflitos na Chechênia haviam sido treinados pelos homens da organização.

No entanto, a boa vontade momentânea da Rússia com os Estados Unidos começou a diminuir tão logo ficou claro que os americanos permaneceriam na Ásia por mais tempo do que o conveniente. Temia-se que os Estados Unidos, através do bom

relacionamento com os governos vizinhos ao Afeganistão e dos investimentos públicos e privados realizados na região, se tornasse uma referência hegemônica também na Ásia Central e reduzisse ainda mais o poder geopolítico russo. Ainda em 2002, a Rússia retomou os planos de aumento da integração regional estabelecendo contatos com os dois países de postura mais fechada na Ásia Central, o Uzbequistão e o Turcomenistão, e sugerindo aos governos chinês e indiano a criação de um triângulo estratégico Moscou – Nova Delhi – Pequim que se contrapusesse à força americana.

Em 2003, mais novidades na política externa russa. Para evitar que os Estados Unidos monopolizassem o uso bélico do espaço centro-asiático, a Rússia arrendou a base aérea de Kant, no Quirguistão, para montar a primeira base militar aberta por Moscou em território estrangeiro desde o fim da União Soviética. A república quirguiz, dessa forma, se tornou o único país do mundo a possuir instalações bélicas americanas e russas. Curiosamente, apenas trinta quilômetros separam a base russa de Kant da base americana de Manas.

No mês de maio de 2003, a Rússia anunciou em Dushanbe a criação da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), uma evolução estruturada do Tratado assinado em 1992. Essa organização, cujo propósito oficial era o de aumentar a coordenação das medidas militares e de segurança entre os países signatários, representava em termos práticos uma forma dos russos tentarem comandar a estrutura militar da Ásia Central. Os dois principais assuntos discutidos na gênese da OTSC foram a lista de localidades em que a Rússia poderia instalar bases militares como a de Kant e a comercialização de armas russas às repúblicas centro-asiáticas a preços promocionais.

Em outubro de 2003, a Rússia anunciou mudanças em sua doutrina militar que recrudeseriam seu poder hegemônico sobre os países da CEI. A partir daquele instante, o país se reservava o direito de empreender investidas dentro dos territórios das demais nações pós-soviéticas, deixando de lado qualquer direito de soberania, caso se sentisse ameaçado. Entendiam-se por ameaças a mera instabilidade institucional de qualquer um dos países da CEI, a expansão de blocos militares e associações que pudessem afetar a segurança da Rússia e de seus aliados e a violação dos direitos, liberdades e interesses legais dos cidadãos russos nos outros países. Dessa forma, se alguma ocorrência fosse interpretada como ameaça, o governo russo poderia lançar mão de atitudes mais enérgicas contra o país onde foi registrada essa ocorrência. Para Rumer (2005:53), essas mudanças, cujo objetivo maior era o de

demonstrar força geopolítica perante os países da CEI e as potências mundiais, “foram obviamente designadas para emular a ‘doutrina Bush’”, referência à postura do presidente americano George W. Bush de lançar mão de sanções a países considerados contrários aos seus interesses e ocasionalmente intervir em casos considerados mais sérios. Outra interpretação possível deste enfoque mais agressivo da política russa é a retomada do sonho imperialista, que ocorria numa altura em que os problemas internos da própria Rússia já não eram tão grandes³⁴ como durante os anos 90. Uma Rússia fortalecida e proeminente teria condições de reeditar um arranjo semelhante à União Soviética, porém adequado aos novos tempos.

Em junho de 2004, a OTSC realizou uma nova reunião em Astana, capital cazaque. Novamente, a pauta discutida foi o aumento da integração militar entre os países integrantes. As promessas feitas foram um maior uso conjunto da infraestrutura bélica regional, mais projetos de construção de estruturas militares e mais programas de treinamento de oficiais. Entretanto, a realidade não esteve à altura dos compromissos firmados nessa e em várias das reuniões anteriores. A maioria dos acordos militares assinados entre a Rússia e os países da Ásia Central continuou tendo caráter bilateral. No mesmo mês da reunião de Astana, o governo russo assinou o “Tratado de Parceria Estratégica” com o Uzbequistão. Segundo esse acordo, os russos forneciam armas e equipamentos militares ao exército uzbeque e, em troca, os uzbeques entregam ações de várias de suas grandes empresas.

A aproximação maior entre Rússia e Uzbequistão coincidia com uma opinião mais negativa dos Estados Unidos em relação ao autoritarismo dos governos centro-asiáticos, até então seus aliados no combate ao terrorismo islâmico. Em 2005, o presidente uzbeque Islam Karimov foi duramente condenado pelo Ocidente por ter permitido que suas tropas atirassem contra multidões no Massacre de Andijan. Os Estados Unidos, até então simpáticos a Karimov, estabeleceram sanções econômicas contra o Uzbequistão, que respondeu aumentando os laços com a Rússia, apoiadora das medidas do presidente uzbeque em Andijan, e desativando a base americana de Khanabad em 2006.

34 Ao contrário da era Boris Yeltsin, marcada por dificuldades inerentes ao processo de transição de sistemas econômicos, o governo de Vladimir Putin dispunha, ainda no início do novo milênio, de uma economia em ascensão, uma imprensa controlada, um Poder Judiciário docilizado, um Poder Legislativo consonante e uma popularidade bastante alta.

O governo Putin, portanto, destacou-se por restaurar parte da confiança e da autoestima hegemônicas dos tempos da União Soviética. Com menos problemas internos para resolver, a Rússia se concentrou no fortalecimento de seu poder geopolítico por meio das organizações regionais e do relacionamento frio, porém pragmático, com o Ocidente. A Ásia Central, desprestigiada durante o governo Yeltsin, voltou a ser um assunto de grande relevância para a política russa, sobretudo nas questões econômica e de segurança. Contudo, muitos dos compromissos de integração regional firmados foram mais retóricos do que práticos, o que demonstra que a Rússia ainda precisava despender mais esforços se quisesse voltar a ter a importância hegemônica de outrora.

Em maio de 2008, Vladimir Putin deu lugar a Dmitri Medvedev na presidência na Rússia, mas permaneceu na alta política de seu país ocupando o cargo de primeiro-ministro. Em 2012, de forma previsível, Putin se candidatou às eleições presidenciais, venceu e retornou ao seu antigo posto. Como os desdobramentos políticos da Rússia nesses últimos anos sempre estiveram atrelados à figura de Putin, as diretrizes geopolíticas não tiveram grandes modificações entre um governo e outro. O governo russo permaneceu focado em ampliar sua presença na Ásia Central e em continuar combatendo os grandes problemas regionais, como o extremismo, o terrorismo, o separatismo e o narcotráfico.

O relacionamento entre a Rússia e os países da Ásia Central, apesar das iniciativas de cooperação, continuou ocorrendo principalmente em bases bilaterais. No início de 2009, os russos concederam um empréstimo de dois bilhões de dólares ao Quirguistão. Pouco após isso, o governo quirguiz anunciou de forma unilateral que os Estados Unidos deveriam desativar sua base de Manas em 180 dias. O empréstimo não foi concedido sem qualquer compensação: a Rússia realmente tinha interesses em Manas, que ainda continuou sob administração americana após Washington ter aumentado o valor do aluguel pago aos quirguizes, mas que terá de ser definitivamente devolvida a eles em 2014. Apesar de alguns revezes políticos, como o apoio de Dmitri Medvedev à derrubada do presidente quirguiz Kurmanbek Bakiyev em 2010 e os bons contatos que o governo quirguiz mantém com os Estados Unidos e com a China, o convívio entre Rússia e Quirguistão ainda é bastante satisfatório. Embora o Quirguistão não seja economicamente tão relevante para os objetivos estratégicos de Moscou, sua boa vontade e seu excelente relacionamento militar com os russos fazem do país um dos melhores parceiros na Ásia Central.

Graças à proximidade geográfica e à presença de grande população russófona em seu território, o Cazaquistão também mantém relações boas com a Rússia. Além do grande volume de comércio entre os dois países, há também um trabalho cooperativo no sentido de evitar que o terrorismo islâmico cause problemas tanto no próprio Cazaquistão como no sul da Rússia. Entretanto, este bom relacionamento pode não durar por muito mais tempo devido à ascensão do Cazaquistão nos mercados globais, o que pode colocá-lo como concorrente da Rússia sobretudo no setor petrolífero. Além do mais, o governo cazaque também se relaciona muito bem com os Estados Unidos e com a China, o que representa uma ameaça à política externa russa.

Assim como o Quirguistão, o Tadjiquistão é um país que depende fortemente da Rússia pela assistência militar concedida por Moscou e pelo grande peso que as importações e exportações russas têm em sua pequena economia. O governo tadjique sabe que os russos foram de grande ajuda no fim de sua Guerra Civil nos anos 90 e, até os dias atuais, ainda garantem segurança contra qualquer ameaça vinda do extremismo islâmico. O Uzbequistão, da mesma forma que não consegue se relacionar bem com os vizinhos, também se afastou bastante da Rússia durante os anos 90. O convívio só começou a melhorar a partir de meados da década de 2000, com o rompimento do governo uzbeque com os Estados Unidos e a reaproximação com Moscou a partir de parcerias militares e econômicas. O Turcomenistão tem relações distantes com a Rússia, concentradas principalmente no comércio de gás natural.

Nos dias atuais, o governo russo ainda vem se esforçando para ampliar ao máximo suas relações bilaterais e multilaterais com a Ásia Central. Com o arrefecimento dos conflitos entre os Estados Unidos e o terrorismo islâmico, a presença do governo americano foi bastante reduzida na região nos últimos anos, concentrando-se basicamente na exploração de hidrocarbonetos. A ameaça maior, atualmente, é a China, que observa as repúblicas centro-asiáticas como parceiros econômicos e geopolíticos de grande potencial. Como contraponto à crescente presença chinesa, o governo russo vem ampliando seus investimentos nos países da Ásia Central e planejava, no início de 2013, a criação de uma companhia estatal que fomentasse o desenvolvimento econômico regional. Resta saber se essa companhia, que custaria 66,5 milhões de dólares aos cofres russos, efetivamente aumentaria a integração entre os países ou seria mais um dos projetos de cooperação multilateral que não se concretizam.

3.2. AS REAIS INTENÇÕES RUSSAS

Uma das grandes peculiaridades históricas da Rússia é a sua grande disposição para proteger e ampliar o que poderia ser chamado de “império”. Desde os tempos czaristas, uma das grandes prioridades políticas dos russos tem sido a manutenção da grandeza de seu território e da força de suas armas perante as demais nações. Essa mentalidade, segundo alguns analistas³⁵, não foi dirimida durante o período soviético e perdura até a atualidade³⁶. Abaixo, serão apresentadas as ideias gerais de dois russos que possuem grande influência no governo do país e que apoiam firmemente as aspirações imperialistas da Rússia contemporânea. Ambos são descritos mais detalhadamente em Rumer (2005).

O primeiro deles é Anatolii Chubais, empresário que já ocupou importantes cargos políticos no país, como o de primeiro-deputado por dois mandatos nos anos 90. Influente principalmente nos setores econômico e financeiro, Chubais apresentou, em outubro de 2003, uma ambiciosa proposta geopolítica com o título de “Império da Liberdade”. Segundo ela, a Rússia só poderia ser salva da mediocridade e ter um futuro brilhante ampliando sua hegemonia política, econômica e cultural sobre os países da CEI. O objetivo final é a formação do chamado “império liberal,” no qual o governo russo proveria assistência ao povo russo e à sua cultura nos países vizinhos, aumentaria o nível de comércio e investimento com eles e sustentaria o bom funcionamento das instituições desses países, bem como os direitos e as liberdades de seus respectivos cidadãos. Em poucas palavras, o avanço imperialista promovido pela Rússia ocorreria nos âmbitos econômico, cultural e institucional, sem a necessidade de intervenções mais agressivas:

“Russia is not simply a leader; it can, and must, do everything possible to expand, strengthen and consolidate its leading position in this part of the planet during the next fifty years (...). Russia’s mission is that of constructing a liberal empire (...). This task is of such a

35 Até mesmo autores russos acreditam que o ideal do imperialismo é muito forte tanto na classe política como na própria população. Kostantin Kosachev (*apud* RUMER, 2005:45) afirma que “*Russia is still infected with an imperial hysteria and its unwarranted greatness*”. Egor Kholmogorov (*idem*:47) é ainda mais assertivo ao dizer que “os russos são imperialistas por natureza. Nós pensamos em império”.

36 Rumer (2005) acredita que o reestabelecimento da chamada “Grande Rússia”, nos dias atuais, seria feito sob a forma de uma recomposição análoga à União Soviética, mas adequada ao contexto contemporâneo pautado pelas relações de mercado e pela maior independência institucional.

magnitude that it can help our people, once and for all, to overcome the spiritual crisis and to become truly united and mobilized”. (CHUBAIS, Anatolii. *Missiia Rossii v XXI veke*. In: *Nezavisimaia gazeta*. 1 outubro 2003 *apud* RUMER, 2005:48)

Chubais foi o primeiro indivíduo influente na Rússia a defender a necessidade da reconstrução de um império. Durante os anos 90, essa ideia chegou a ser mencionada em alguns círculos minoritários dentro do governo, mas não avançou devido à incapacidade política e econômica de Moscou em tomar qualquer atitude rumo a um maior domínio regional naquele momento. De fato, o país estava perdendo influência na zona correspondente à CEI. No caso da Ásia Central, o idioma, a cultura e os costumes russos haviam sido extirpados, notadamente no Turcomenistão e no Uzbequistão, e as poucas empresas russas existentes na região operavam de forma limitada no Cazaquistão e no Quirguistão.

A recuperação econômica russa pós-crise, atrelada ao aumento dos preços das *commodities* que o país exporta aos mercados mundiais, e a ascensão política de Vladimir Putin permitiram que o sonho imperialista retornasse à pauta russa. Foi nesse contexto o projeto do “império liberal” de Chubais veio à tona. Ainda que as condições econômicas e políticas não fossem as ideais para tal ambição, ela deveria ser levada adiante pois “*Russia is the only and unique natural leader across the entire realm of the CIS both in terms of the volume of its economy and in terms of its citizen’ standard of living*”. (CHUBAIS, Anatolii. *Russia’s mission in the Twenty-First Century*. *apud* SYROEZHKIN, 2005, pp. 114-115). Dessa maneira, para o criador do conceito de “império liberal”, a expansão russa de suas diretrizes econômicas, sociais, culturais e institucionais sobre os demais países pós-soviéticos, incluindo aí os centro-asiáticos, é um assunto de primeira importância para o futuro da própria Rússia.

Outro autor mencionado por Rumer é Andrei Kokoshin, ex-secretário do Conselho de Segurança da Rússia e intelectual bastante influente nos meios militares. Se Anatolii Chubais acredita que o avanço imperialista deve ser feito pelas vias da democracia, da liberdade, da cultura e das relações de mercado, Kokoshin acredita que o dever da Rússia é o de expandir seu poder hegemônico por meio da força bélica. Para ele, somente a atividade militar poderia gerar a segurança regional e o desenvolvimento econômico e social de toda a antiga zona soviética.

A visão de Kokoshin é exposta num artigo com o título de “A demonstração do músculo militar”. A agressividade explicitada já no título é reforçada pelo tom drástico e direto adotado pelo autor. Segundo ele, “*Putin has clearly indicated that the countries of this CIS constitute a zone of our strategic interests*” (KOKOSHIN, Andrei. *apud* RUMER, 2005:49). E o caminho a seguir era óbvio: “*Very many questions of economics are decided under the cover of the military force. (...) It’s necessary to demonstrate one’s own military muscles*”. (idem).

Para efetivar o avanço imperialista sobre os países de sua histórica zona de influência, Kokoshin sugeria a criação de estruturas militares nos territórios vizinhos:

“In a whole number of areas of the post-Soviet space we must really have either military bases or such agreements that would permit us to deploy our own military contingents there quickly and to take the requisite measures in the strictest military way. (...) In regions which directly border on the territory of Russia and have very great significance for ensuring the security of Russia, we must have military bases (even if small and compact”. (idem)

Tanto Chubais quanto Kokoshin, portanto, defendem uma postura geopolítica mais próxima do imperialismo e possuem influência o suficiente para orientar o governo russo nesse sentido. Mas há outras iniciativas de relevância no país. Um dos partidos mais importantes no atual cenário russo é o *Rodina*, cujo nome significa em português “pátria-mãe”. A grande bandeira levantada pelo *Rodina* é exatamente a expansão de caráter nacional-imperialista sobre os territórios vizinhos: “A Rússia deve se tornar a base de um novo estado unido. Isto é historicamente, economicamente e culturalmente justificável. Isto corresponde aos interesses dos povos da Rússia. Isto responde aos anseios da maioria dos residentes na CEI”. (RODINA *apud* RUMER, 2005:46). Porém, segundo Rumer, o apoio a uma ação mais imperialista e intervencionista não vem apenas das elites política e econômica. De forma geral, a população russa endossa uma política externa que domine os países de sua antiga zona de influência exatamente por acreditar que a Rússia é um império e, como tal, deve se comportar e ser respeitada como tal.

Assim, o imperialismo é o pano de fundo ideológico que orienta as ações externas da Rússia em relação aos demais países pós-soviéticos. No entanto, esse sentimento não é a única razão que faz o país ainda se manter interessado na vizinhança. No caso centro-asiático, é possível apontar três outras grandes motivações: afastar o assédio de outros países relevantes sobre sua zona de influência, evitar que alguns problemas de segurança afetem os oblasts próximos da divisa com o Cazaquistão e aproveitar os recursos econômicos existentes na região.

O fim da União Soviética abriu às repúblicas da CEI a possibilidade de se interagir com outras grandes potências além da Rússia. O resultado foi a aproximação de países que, de alguma forma, poderiam ameaçar a hegemonia russa na dinâmica regional. Recapitulando o que já foi apresentado no capítulo 2, um desses países era exatamente os Estados Unidos, que acessaram a região com interesses logísticos na Ásia Central e econômicos na região do Cáucaso visando, em última instância, explorar uma fonte de hidrocarbonetos alternativa ao Oriente Médio, aumentar sua própria zona de influência militar e ideológica e combater o terrorismo islâmico. Outros países temidos pela Rússia são o Irã, mais interessado na exploração e no transporte de hidrocarbonetos do Mar Cáspio; a Turquia, que aproveita sua proximidade étnica com os centro-asiáticos para tentar infiltrar-se na economia e na cultura regionais; o Paquistão, também interessado em hidrocarbonetos e em um maior intercâmbio religioso e geopolítico; e a China, que será tratada no próximo capítulo.

A segurança regional é uma das maiores preocupações da Rússia nos dias atuais. A expansão das atividades ligadas ao fundamentalismo islâmico representa um grande problema especialmente no sul do país, onde houve nas últimas duas décadas a formação de movimentos separatistas que visavam criar países independentes a partir das repúblicas russas habitadas por povos que seguiam o Islamismo, como os chechenos e os daguestaneses. A ação agressiva desses movimentos resultou em conflitos sangrentos como as guerras na Chechênia, no Daguestão e na Ossétia do Norte. Como muitos dos rebeldes envolvidos foram recrutados, treinados e financiados por organizações como o Taleban, o governo russo vem se esforçando para tentar impedir ao máximo a influência dessas organizações sobre as populações muçulmanas do país. Nesse sentido, um maior controle militar e geopolítico sobre a Ásia Central visa também evitar que o fundamentalismo islâmico assale a região e alcance, por contágio, o território russo.

Com relação aos ganhos econômicos, o grande objetivo de Moscou é aproveitar sua vantagem de ter penetrado no território da CEI muito antes das demais potências para obter recursos naturais e exportar seus produtos aos novos mercados. No caso da Ásia Central, a existência de grandes fontes de petróleo e gás natural e a produção de insumos como o algodão significam, para a Rússia, uma possibilidade de incrementar sua economia com a aquisição de *commodities* baratas para consumo interno ou para exportação de bens finais. O relacionamento econômico entre Ásia Central e Rússia será detalhado ainda neste capítulo.

Portanto, o interesse da Rússia na CEI – e na Ásia Central – não pode ser visto de forma fragmentada. As motivações de Moscou são várias e, por causa delas, as medidas de integração regional vêm se tornando mais numerosas. Tudo, no entanto, converge ao desejo do ressurgimento de uma Rússia forte e imperial e ao temor de que outros países pudessem atrapalhar este sonho. Rumer (2005:60) vai além e observa estes propósitos a partir de um prisma psicológico: “*Here one finds nostalgia for the Soviet Union, together with a sense of humiliation over the loss of national power and pride. One also sees a feeling of inferiority*”. As justificativas, em suma, enquadram-se menos no campo do pragmatismo e mais no do sonho.

3.3. INTERCÂMBIO COMERCIAL ENTRE RÚSSIA E ÁSIA CENTRAL

Ainda que o desaparecimento da União Soviética tivesse posto fim à ligação obrigatória entre a Rússia e a Ásia Central, a nova era do capitalismo globalizado não significou que as repúblicas pós-soviéticas encerraram de forma definitiva seu relacionamento econômico. Moscou reconhecia que os países centro-asiáticos, cujas vantagens comparativas foram desenvolvidas no período soviético de modo que eles pudessem fornecer os insumos necessários ao funcionamento de toda a União, poderiam ser grandes parceiros na busca pelo crescimento econômico. Desde a fase da independência, não importando se a fase era de maior ou menor aproximação geopolítica, o governo russo jamais deixou de manter contatos econômicos com a Ásia Central.

Entretanto, o relacionamento nem sempre se mostrava frutífero. Nas duas décadas posteriores ao fim da União Soviética, os negócios entre a Rússia e os cinco países centro-asiáticos ocorreram de forma bastante irregular devido às rotineiras instabilidades políticas e econômicas de ambos os lados. Entre 1991 e 1998, graças à frieza da política externa de Boris Yeltsin e à baixa produtividade dos países da Ásia Central, o volume de comércio entre os dois lados foi consideravelmente mais baixo do que nos tempos soviéticos. O ano de 1998 foi o pior de todos graças à crise russa, que comprometeu os laços econômicos com seus vizinhos. Em relação ao total de exportações realizadas pelo Cazaquistão, a parcela de produtos destinada à Rússia decaiu de 42,8% em 1994 para 35% em 1998. O mesmo ocorreu com o Uzbequistão: queda de 40% em 1994 para 20% em 1998.

A partir do ano 2000, o panorama econômico começou a melhorar tanto para a Rússia como para os países da Ásia Central. A melhora esteve associada ao fim da crise russa e à brusca ascensão dos preços dos hidrocarbonetos a partir do fim de 1999. Com o aumento no valor das exportações de suas *commodities*, as grandes empresas russas aumentaram seus investimentos nas repúblicas centro-asiáticas. Estas, por sua vez, puderam ampliar consideravelmente o volume de comércio com a Rússia. Segundo Sinitsina (2012), entre 2003 e 2008, graças principalmente às importações de gás natural feitas pelos russos, o montante de exportações feitas por toda a Ásia Central ao vizinho maior cresceu 6,2 vezes. A crise financeira de 2008 interrompeu este avanço: considerando esse ano e também o de 2009, as exportações decaíram 12%. Com o fim da crise, o comércio entre Rússia e Ásia Central

voltou a crescer a partir de 2010. Nesse ano, o volume total de exportações e importações envolvendo os dois lados já era de 35,5 bilhões de dólares, 21,3 bilhões a mais do que em 2005.

Entretanto, ainda que esse volume tenha subido bastante em termos absolutos, não dá para dizer o mesmo da importância relativa da Rússia para as exportações e importações centro-asiáticas. A Tabela 5 permite verificar o peso que o mercado russo tem para as exportações dos cinco países da Ásia Central numa série temporal que inclui os anos de 1995, 2000 e de 2005 em diante. Comparando os percentuais desses países a partir do ano 2000, conclui-se que o Quirguistão foi o único país que não diminuiu drasticamente a parcela russa em suas exportações. Contudo, sua trajetória tem sido pautada pela irregularidade. Em alguns anos, o percentual ficou abaixo de 19%. Em outros, como 2009 e 2010, mais de 25% das exportações quirguizes foram destinadas ao território russo – nesses dois anos em especial, o país teve fraco desempenho econômico, o que levaria a crer que a menor produção desestimula as exportações a mercados mais distantes em prol do comércio com o mercado russo, parceiro mais tradicional e geograficamente mais próximo. Com exceção deste caso, a Tabela 5 mostra claramente que a Rússia se tornou nesta última década um destino menos importante à pauta de exportações desses países.

Tabela 5 – Peso da Rússia no montante de exportações dos países centro-asiáticos por ano (%)

	1995	2000	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Cazaquistão	45,1	19,9	12,4	11,6	11,2	11,1	6,9	8,5	7,3
Quirguistão	22,8	16,5	18,6	19,3	20,7	19,2	25,9	35,7	22,2
Tadjiquistão	12,7	33,0	9,1	4,7	6,6	8,6	19,2	14,4	8,7
Turcomenistão	6,4	34,1	1,5	1,4	1,0	1,1	1,0	2,2	1,7
Uzbequistão	-	32,0	23,8	23,7	22,4	16,9	13,9	18,1	18,6

Fonte: Sinitsina (2012) e CIA Factbook (2013)

A principal explicação para este fato é o maior acesso que os países centro-asiáticos e seus produtos tiveram a partir do fim da União Soviética. Além do mais, a crise russa do fim dos anos 90 obrigou estes países a diversificarem seus mercados de forma a não sucumbir junto à antiga parceira. Com a diminuição relativa das exportações à Rússia, outros países acabaram se tornando parceiros comerciais até mais relevantes para as economias da Ásia Central. Em 2011, os três principais destinos dos produtos cazaques foram a Itália, a China e a Holanda. O peso da Rússia nas exportações quirguizes é quase tão grande quanto o do Uzbequistão e do Cazaquistão. O grande destino das exportações do Tadjiquistão nos dias atuais é a Turquia, que importa três vezes mais produtos tadjiques do que os russos. O comércio entre Rússia e Turcomenistão é baixíssimo e depende quase que exclusivamente do gás natural, cujas compras foram reduzidas em 2009. Atualmente, apenas o Uzbequistão tem a Federação Russa como o principal destino de seus produtos, ainda que a Turquia, a China e o Cazaquistão sejam quase tão importantes quanto.

Na Tabela 6, é possível avaliar o peso de cada uma das repúblicas centro-asiáticas no total de exportações da Ásia Central para a Rússia. Sendo a maior economia da região, o Cazaquistão responde pela maior proporção de bens centro-asiáticos enviados para o parceiro setentrional: três em cada quatro dólares que os russos pagam pelos produtos da Ásia Central seguem rumo ao território cazaque. Devido à maior abertura comercial perpetrada pelo presidente Nursultan Nazarbayev e à disparada do preço do barril do petróleo, o Cazaquistão

conseguiu ampliar consideravelmente as exportações com a Rússia até 2007. Porém, a crise internacional de 2008, o estouro da bolha creditícia no Cazaquistão e o fim da escalada do preço do petróleo declinaram o valor total das exportações do país à Rússia em até 9% nos anos seguintes, mas a tendência observada a partir de 2011 é a de recuperação.

Tabela 6 – Percentual de cada país centro-asiático no total de exportações e importações da região à Rússia por ano

	EXPORTAÇÕES				IMPORTAÇÕES			
	1995	2000	2005	2010	1995	2000	2005	2010
Cazaquistão	61,4	74,6	77,7	72,0	69,4	45,4	57,6	47,2
Quirguistão	4,1	3,1	4,5	6,4	3,0	2,2	2,7	1,4
Tadjiquistão	3,9	3,2	3,0	5,1	3,4	6,7	1,5	0,6
Turcomenistão	2,9	7,4	3,4	4,5	3,2	22,2	8,8	15,4
Uzbequistão	27,6	11,6	11,3	12,1	20,9	23,4	29,4	35,4

Fonte: Sinitsina (2012)

Os demais países da Ásia Central respondem por uma parcela minoritária das exportações da região à Rússia. O destaque maior é o Uzbequistão, que responde atualmente por pouco mais de 10% do total de bens centro-asiáticos importados pelos russos. Ao contrário do aumento verificado no caso cazaque, o comércio entre uzbeques e russos foi bastante reduzido na última década, diminuindo de 27,6% em 1995 para 11,3% em 2005. Em Trushin e Trushin (2005), é possível compreender que o relativo baixo desempenho das exportações uzbeques tem relação com a opção do governo por uma política econômica orientada à substituição de importações e ao consumo interno em detrimento de uma integração comercial maior com outros países. Portanto, ainda que o ouro e o algodão, cujos preços avançaram muito na primeira metade da década de 2000, correspondessem a 60% da pauta de exportações do Uzbequistão em 2005, o país não conseguiu aproveitar o bom

momento para aumentar seu peso no comércio com a Rússia em decorrência exatamente de sua postura mais isolada. Entretanto, a redução no comércio de gás natural entre os russos e os turcomenos desde 2009 representou uma boa oportunidade para os uzbeques aumentarem a exportação do insumo. Nos próximos anos, é provável que o mercado russo siga ganhando importância para o Uzbequistão por causa do hidrocarboneto citado.

Quirguistão, Tadjiquistão e Turcomenistão, juntos, correspondem a pouco mais de 10% das exportações totais da Ásia Central à Rússia. Mesmo tendo a menor economia da região, o Quirguistão é o terceiro maior exportador à Rússia graças às agressivas políticas de orientação às exportações de alimentos e produtos têxteis que fizeram com que elas correspondessem a mais da metade do PIB desde 2007. Apesar de não direcionar³⁷ sua economia à exportação como os quirguizes, o Tadjiquistão registra resultados relativos razoavelmente próximos ao do vizinho, muito embora seu montante absoluto ainda seja o menor de toda a Ásia Central. O Turcomenistão é um caso à parte: após a estatal russa Gazprom ter reduzido a compra de gás natural turcomeno em 2009, a participação do país no montante centro-asiático exportado à Rússia se tornou irrisória, fato notável se considerado que a economia turcomena só ficou atrás do Cazaquistão no total de exportações em 2012.

Mas se a Rússia não necessita tanto dos produtos centro-asiáticos para uso interno, os países da Ásia Central não podem dizer o mesmo a respeito dos produtos russos. A Federação é a principal origem dos produtos importados do Cazaquistão (37,9%) e Uzbequistão (19,7%) e a segunda principal dos importados no Quirguistão (13,8%), Tadjiquistão (16,5%) e Turcomenistão (14,3%). No entanto, a Tabela 7 mostra que o peso da Rússia nas importações desses países teve variações distintas na última década. O Cazaquistão registrou queda na primeira metade dos anos 2000 e estabilização na segunda, o Uzbequistão teve aumento na primeira metade dos anos 2000 e leve queda na segunda, Quirguistão e Tadjiquistão tiveram crescimento até 2008 e queda brusca a partir de 2009 e o Turcomenistão manteve-se estável durante quase toda a década.

³⁷ De acordo com estatísticas do Banco Mundial, o Tadjiquistão é um dos países com a menor relação exportações/PIB do planeta. Em 2010 e em 2011, as exportações correspondiam a apenas 15% do indicador.

Tabela 7 – Percentual das importações dos países centro-asiáticos que vêm da Rússia

	1995	2000	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Cazaquistão	49,9	48,4	35,7	36,4	35,4	34	28,5	34,3	37,9
Quirguistão	21,9	23,9	19,7	38,1	40,5	36,6	19,3	17,2	13,8
Tadjiquistão	17,3	15,6	19,3	24,6	32,1	32,3	23,9	23,5	16,5
Turcomenistão	9,6	13,5	9,1	9	11,6	16,8	16,4	21,6	14,3
Uzbequistão	-	14,1	26,6	27,6	30,1	25,1	23,7	25,4	19,7

Fonte: Sinitsina (2012) e CIA Factbook (2013)

A república cazaque ainda é um dos maiores receptores de bens e mercadorias da Rússia: segundo Sinitsina (2012), o país importa 188 tipos de produtos russos, muitos deles incapazes de penetrar em mercados mais desenvolvidos, como máquinas e equipamentos³⁸. Em 2011, 15% das importações cazaques vindas da Rússia eram compostas pelos dois tipos de produto supracitados, 26,9% eram compostas por combustíveis minerais e 12,3% eram representadas por ferro, aço e demais metais. O Cazaquistão, portanto, não só é o grande exportador da Ásia Central ao mercado russo como também o grande importador regional daquele país, ainda que não na mesma intensidade dos anos 90.

Os demais países centro-asiáticos, embora ainda importem muitos produtos russos, preferiram diversificar suas importações ao longo do tempo. O Turcomenistão teve em 2012 um notável aumento de importações vindas da Rússia, relacionadas, sobretudo, a bens de capital e produtos químicos. No entanto, o percentual médio nos últimos dez anos tem ficado ao redor dos 10%: os turcomenos importam bens chineses e turcos em quantidade semelhante. O Tadjiquistão, até 2010, importava da Rússia em proporção similar aos cazaques. Contudo, o país reduziu drasticamente a chegada de produtos russos nos dois anos seguintes, abrindo um espaço maior aos similares oriundos da China: entre 2008 e 2012, a importância dos produtos chineses nas importações tadjiques subiu de 11,9% para 45,9%. Fato semelhante ocorreu no

³⁸ Segundo Zhukov e Reznikova (2005), o país importou da Rússia meio bilhão de dólares em produtos intensivos em tecnologia em 2003, o que representava 8,9% do total de exportações russas deste setor. Entretanto, acompanhando a tendência observada por Sinitsina (2010), a proporção de bens desse tipo nas importações de todos os países centro-asiáticos, incluindo o Cazaquistão, decaiu drasticamente no decorrer na década.

Quirguistão, que reduziu o percentual de produtos russos de 36,6% em 2008 para 13,9% em 2012 ao mesmo tempo em que elevou o percentual chinês de 17,9% em 2008 para 59,7%. A contínua expansão da economia chinesa e a proximidade geográfica do Tadjiquistão e do Quirguistão estão relacionadas a esse fenômeno. O Uzbequistão teve uma trajetória diferenciada: aumentou drasticamente as importações no início da década de 2000, mas teve uma leve queda nos últimos anos. Concomitante a isso, o país estreitou suas relações com a Coreia do Sul, que ampliou seu peso nas importações uzbeques de 13,6% em 2008 para 19,1% em 2012.

Todos esses resultados, porém, ainda são pouco significativos para o comércio exterior da Rússia. Os negócios realizados com os parceiros centro-asiáticos correspondem a apenas uma ínfima parte do total de transações internacionais feitas pelos russos. Em 1995, a Ásia Central correspondia a apenas 6,2% do total de entradas e saídas no território russo. Essa porcentagem caiu para 4,1% em 2005 devido à opção que a Rússia fez por trazer mais bens de médio e alto desenvolvimento tecnológico de regiões mais desenvolvidas, reduzindo o papel da Ásia Central ao de mero fornecedor de insumos e bens de baixo valor agregado. Em 2009, a região atingiu o pico de 6,9% graças ao aumento do valor que a Gazprom pagou pelo gás natural turcomeno e uzbeque – no entanto, a diminuição da compra do gás turcomeno reduziu novamente a porcentagem nos anos seguintes. Segundo o Russian Analytical Digest (2010), em 2007, as importações russas vindas dos países centro-asiáticos totalizaram pouco mais de 10 bilhões de dólares, o que seria equivalente a apenas 4%³⁹ do total de mercadorias estrangeiras que entraram no país. Em compensação, os 18,6 bilhões de dólares em produtos russos que os centro-asiáticos importaram em 2007 correspondiam a cerca de 1/3 do total de importações realizadas pela região, ainda que não significassem mais do que 5% do total de exportações feitas pela Rússia – e essa porcentagem jamais⁴⁰ foi muito maior. Em suma, as transações realizadas entre a Ásia Central e a Rússia ainda são muito mais importantes, do

³⁹ A porcentagem apresentada, obtida a partir do processamento de informações retiradas do CIA Factbook e do Russian Analytical Digest (2010), não condiz com a de Sinitsina (2012), que afirma por meio de um gráfico que, em 2007, o percentual de produtos centro-asiáticos nas importações russas era de 7%, e não de 4%. De qualquer forma, o fato é que a Ásia Central nunca foi uma grande contribuinte na entrada de bens estrangeiros na Rússia. De acordo com Sinitsina, entre 1995 e 2010, sua participação jamais saiu do patamar entre 5% e 12%.

⁴⁰ 4% parece ser uma porcentagem bastante razoável para descrever o peso médio dos produtos centro-asiáticos na Rússia até hoje. De fato, Sinitsina (2012) e Russian Analytical Digest (2010) afirmam ter encontrado valores muito próximos a este desde os anos 90.

ponto de vista macroeconômico, para a primeira do que para a última, cujas preocupações com a região são maiores nos campos geopolítico e militar.

Analisando as cadeias de produtos transacionados entre um lado e outro, percebe-se que a Ásia Central enquadra-se no que o Russian Analytical Digest categorizou como “*staple globalism*”, que nada mais é do que a relação geoeconômica em que alguns países se comprometem a exportar *commodities* e importar bens de capital e de consumo manufaturados. Dessa forma, o que se observa é uma tendência crescente das repúblicas centro-asiáticas de exportar cada vez mais insumos energéticos e de importar cada vez mais produtos manufaturados.

Com relação às exportações russas, Sinitsina (2010) aponta que, entre 1995 e 2010, a Ásia Central passou a captar menos bens de capital e mais recursos energéticos. Entre 2005 e 2010, as exportações russas de petróleo, gás natural, carvão e produtos químicos subiram de 3,6 para 11,7 bilhões de dólares. Essas *commodities* seriam adquiridas, sobretudo, pelos três países com menor potencial energético, o Cazaquistão, o Quirguistão e o Tadjiquistão. Por outro lado, os países autossuficientes em energia, o Turcomenistão e o Uzbequistão, acabam importando mais bens de capital, produtos manufaturados e metais. Entretanto, a tendência verificada é a de redução da aquisição desses três tipos de produtos da Rússia, pois eles seriam de qualidade inferior àqueles oferecidos por outros países. Dessa forma, ainda que a economia russa continue sendo uma grande fornecedora de manufaturados, metais e alimentos à Ásia Central, o seu papel maior no comércio com a região é o de fornecer energia aos países que não possuem suas próprias fontes.

Curiosamente, apesar da relativa baixa versatilidade das indústrias centro-asiáticas, a pauta de produtos que segue rumo à Rússia é até mais variada do que a que faz o caminho inverso. Entretanto, há diferenças de tendências nos vários produtos. O carro-chefe das exportações oriundas da Ásia Central é a energia: sua proporção no total exportado aumentou de 40% em 2000 para 61% em 2010. Três países centro-asiáticos se destacam nesse processo: o Turcomenistão (95% de suas exportações à Rússia se referem basicamente ao gás natural), o Cazaquistão (60% de suas exportações ligadas principalmente ao petróleo) e o Uzbequistão (o gás natural responde por 55% de suas exportações à Rússia). Porém, é interessante notar que a parcela referente à Ásia Central nas importações russas de energia decaiu de 81% em 2000 para 70% em 2010, o que significa que os russos aumentaram até mais a entrada de recursos

energéticos vindos de outras regiões. A questão envolvendo Rússia e exploração de hidrocarbonetos será tratada mais abaixo.

Enquanto o volume de exportações de recursos energéticos ao mercado russo aumentou, os demais produtos perderam bastante terreno na última década. A importância dos produtos agrícolas (fabricados principalmente pelo Tadjiquistão, pelo Quirguistão e pelo Uzbequistão) nas exportações centro-asiáticas à Rússia era seis vezes maior em 2000 do que em 2010. Outros bens que se tornaram menos relevantes nas exportações nos últimos quinze anos, ainda que sua queda não tenha sido tão intensa quanto a dos produtos agrícolas, foram os alimentos processados, os metais, os produtos químicos e os produtos têxteis. Considerando, porém, que o volume de exportações à Rússia vinha crescendo drasticamente desde 2000 e atingiu quase 20 bilhões de dólares em 2008, é possível dizer que essa perda de importância de vários produtos centro-asiáticos se refere menos a uma redução absoluta em suas exportações e mais a uma disparada no volume e no valor dos recursos energéticos enviados à Rússia. Ainda assim, alguns produtos não-energéticos conseguem encontrar espaço nesse mercado. Um bom exemplo é a montadora uzbeque Uz-Daewoo, que conseguiu exportar 93 mil carros para os russos em 2011.

Sendo assim, o intercâmbio comercial entre Rússia e Ásia Central pode ser caracterizado pelo baixo peso das exportações centro-asiáticas ao mercado russo, pela grande importância dos produtos russos na Ásia Central, pela proeminência dos recursos energéticos nas pautas de exportação dos dois lados e pela recente redução, ainda que discreta, da dependência comercial tanto do lado russo como do lado centro-asiático. No entanto, apesar da maior diversificação de mercados para ambos estar se tornando uma realidade cada vez mais óbvia, é impossível não considerar que a Rússia, mesmo que sem a mesma força de outrora, não seja ainda o país mais importante para o comércio exterior das repúblicas da Ásia Central.

3.4. INVESTIMENTOS RUSSOS NA ÁSIA CENTRAL

Devido à história que une os russos e os centro-asiáticos, seria de se esperar que a principal fonte de Investimentos Diretos Externos (IDEs) realizados na Ásia Central fosse exatamente a Rússia e suas empresas. Contudo, esta não é a realidade. Embora o volume de recursos que a potência russa investe em seus vizinhos do sul não seja baixo, sua importância relativa é muito menor do que se poderia imaginar de uma nação que esteve no comando da região durante sete décadas. A ausência de condições técnicas e financeiras para a execução destes investimentos, a falta de voluntarismo político de Moscou durante a década de 90 e a postura mais proativa de outros grandes países reduziram o papel russo ao de um investidor como qualquer outro. Em alguns casos, um investidor de pouca relevância.

Nos anos 90, o fluxo de investimentos vindos da Rússia, considerando as possibilidades do país, foi irrisório, principalmente no final da década, época em que enfrentou grave crise interna. Entre 1993 e 2003, a parcela russa dos IDEs feitos sobre o mais rico dos países centro-asiáticos, o Cazaquistão, foi de apenas 2,3%, o que posicionava a Rússia apenas como a nona investidora mais importante da república cazaque, atrás de Turquia, China e vários países ocidentais. Por causa disso, as repúblicas da Ásia Central foram obrigadas a abrir suas portas a iniciativas oriundas de outros cantos do planeta. Em abril de 1993, a petrolífera americana Chevron liderou a criação de uma joint-venture que exploraria o campo de Tengiz, localizado no noroeste do Cazaquistão. Para adequar a infraestrutura logística regional às suas metas de produção, a Chevron ofereceu à Transneft, empresa estatal russa que controlava os oleodutos na Ásia Central, uma proposta que contemplava vários projetos: a atualização do duto que conectava Tengiz à região russa de Samara, a desobstrução do gargalo na rota que segue até o Mar Negro e a construção de uma nova linha para a produção de Tengiz. A Transneft recusou a proposta e a Chevron foi obrigada a encontrar uma nova maneira para escoar o petróleo de Tengiz. Dessa forma, a companhia americana desenvolveu um sistema de transporte próprio que retira o hidrocarboneto do território cazaque, atravessa o extremo sul da Rússia, passa pelo Mar Negro e chega até a Ucrânia. Em 2003, a Chevron já havia financiado 2,6 bilhões de dólares em 1.500 quilômetros de dutos que possuíam capacidade máxima e transporte de 1,35 milhão

de barris. A participação russa na exploração de Tengiz se resumia a uma posse minoritária das ações da joint-venture nas mãos da Lukoil, petrolífera estatal do país.

O interesse maior do capital estrangeiro sobre os países centro-asiáticos, é necessário ressaltar, se concentrava majoritariamente na extração e no transporte de hidrocarbonetos, setores em que havia muitas empresas e projetos em fase de privatização. A região mais assediada era aquela localizada às margens do Mar Cáspio, riquíssima em petróleo e principalmente gás natural. O Ocidente em especial observava o Cáspio como uma alternativa energética mais segura aos membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), que, com seu histórico de problemas e instabilidades, poderiam afetar a oferta mundial de hidrocarbonetos em um único choque. Portanto, aquela outrora esquecida região localizada na fronteira entre a Europa e a Ásia passou, em questão de poucos anos, a figurar na agenda geopolítica de vários dos países mais poderosos do mundo. Era necessário investir grandes quantidades de dinheiro e tecnologia nos campos de petróleo e gás natural caspianos de modo a integrá-los ao mercado mundial de hidrocarbonetos. E o fato dos dutos financiados pelos agentes ocidentais estarem apontados para o oeste, e não para o sul, o norte ou o leste, é uma clara indicação de que nem todas as grandes potências poderiam fazer parte do negócio. Uma das grandes motivações do Ocidente no Cáucaso é o bloqueio do acesso de Rússia, China e Irã, três *personae non gratae* para a política externa dos principais países do Ocidente, à promissora fonte euroasiática de recursos energéticos.

A Rússia não tinha como reagir à ofensiva ocidental. Nos anos 90, as empresas estatais do país não possuíam meios para liderar projetos mais ambiciosos na Ásia Central. Isso permitiu que grandes conglomerados ocidentais, riquíssimos em recursos e tecnologia, adentrassem a região com ambiciosos projetos de expansão produtiva. O caso da Chevron, citado anteriormente, foi apenas o primeiro de relevância. Destaca-se também a tentativa de três corporações ocidentais, a holandesa Shell e as americanas General Electric e Bechtel, de construir um gasoduto que transporta o produto do Turcomenistão até a Turquia passando pelo sul do Cáucaso. A iniciativa, planejada na virada do milênio, só não seguiu adiante porque a própria Shell não conseguiu ter acesso ao gás natural turcomeno e também porque o presidente do país na época, Saparmurat Niyazov, não estava interessado, naquele momento, em ter outro sistema de gasodutos além do russo e do iraniano.

Mas o interesse estrangeiro não se restringia apenas ao petróleo e ao gás natural. Houve casos de países que preferiram capitalizar sobre algumas das mais críticas lacunas econômicas da Ásia Central. Um bom exemplo é o Japão, que foi um dos melhores parceiros da região em meados dos anos 90 mesmo sem efetuar grandes investimentos no setor de hidrocarbonetos. Em 1996, o Cazaquistão recebeu 200 milhões de dólares dos japoneses para renovar sua precária infraestrutura e ampliar o número de centros médicos em todo o território. O Japão também injetou, naquele ano, 140 milhões de dólares no Uzbequistão para que o governo reformasse os três maiores aeroportos do país. Em janeiro de 1997, os uzbeques receberam 138 milhões de dólares de duas empresas japonesas para que elaborassem um novo sistema de telefonia nacional. Semanas depois desse acordo, o Turcomenistão anunciou que o Japão havia lhe concedido 580 milhões de dólares para construir uma fábrica de polipropileno em seu território. Curiosamente, em 1997, tanto o Japão como a Rússia apresentaram crescimento do PIB ao redor de 1,5%. Ou seja, os russos não poderiam argumentar que os nipônicos colaboravam mais com o desenvolvimento centro-asiático por estarem em um momento econômico muito melhor.

O início da década de 2000, no entanto, representou uma nova fase no relacionamento econômico entre Ásia Central e Rússia. Daquele momento em diante, o investimento russo sobre os cinco países centro-asiáticos se elevou de forma drástica. Sinitsina (2012) afirma que, entre 2005 e 2010, os fluxos de capital oriundos da Rússia subiram 4,4 vezes. Explica-se esta mudança radical por vários fatores: a ascensão política de Vladimir Putin, que tornou a exploração de hidrocarbonetos na Ásia Central um assunto de interesse estratégico para o país; a ascensão dos preços do petróleo e do gás natural entre o fim dos anos 90 e 2007; a notável recuperação da economia russa após a crise de 1998; o fortalecimento internacional das maiores empresas do país, como a Lukoil e a Gazprom; e o temor da Rússia ficar sem recursos energéticos, pois embora o país continue dispondo de grandes reservas de petróleo e gás natural, boa parte da infraestrutura de exploração e transporte ainda é datada dos tempos soviéticos.

Porém, apesar deste crescimento, o investimento russo não só ainda é pequeno em termos absolutos como também não é realizado em muitos setores, ficando concentrado nas indústrias energética, mineral e telefônica, e nem sempre consegue trazer resultados concretos, pois muitos dos projetos acabaram sendo interrompidos ou cancelados. No Cazaquistão, país

que recebe cerca de 25% de todos os IDEs destinados à Ásia Central, a parcela russa no total desses fluxos subiu de 2,3% em 2003 para 4,3% em 2007 e depois decaiu para 3,7% em 2010 graças à crise internacional. Em números absolutos, é possível afirmar que o total de fluxos russos no Cazaquistão subiu de 200 milhões de dólares em 2005 para 1,2 bilhão de dólares em 2010. Apesar do crescimento, este desempenho posiciona a Rússia apenas como o sexto maior investidor da república cazaque, ainda que cerca de dois terços dos capitais russos destinados à Ásia Central tenham seguido para lá e o número de empresas russas no Cazaquistão supere de longe o total de empresas do país nas outras quatro repúblicas centro-asiáticas.

O Quirguistão e o Turcomenistão são os outros dois países em que a participação russa no total de IDEs é baixo. Na república quirguiz, a Rússia é apenas o sétimo parceiro mais importante em termos de investimento acumulado, tendo tido uma participação menor no pequeno país do que o Cazaquistão, o Reino Unido, a Alemanha, a China, a Turquia e os Estados Unidos. Os fluxos absolutos, que incluem IDEs, investimentos de portfólio e empréstimos, cresceram drasticamente na segunda metade da última década, de pouco mais de 100 milhões de dólares em 2005 para quase 400 milhões de dólares em 2010, ano em que a entrada de capitais atingiu seu auge devido ao apoio russo à reconstrução econômica do Quirguistão, devastado por uma sériíssima crise política. O Turcomenistão, por sua vez, é o país que menos depende de investimentos russos. O IDE acumulado no país em 2011 não passou de mísero 1,6 milhão de dólares, oriundo principalmente de empréstimos concedidos para o financiamento de sistemas de comunicação e transporte. Em termos práticos, o governo turcomeno não considera a Rússia como uma fonte importante de capitais.

Os dois países que, em termos relativos, mais dependem dos investimentos russos são o Uzbequistão e o Tadjiquistão. Nessas duas repúblicas, a Rússia figura como uma das fontes mais relevantes de IDE. O Tadjiquistão recebeu, entre 2005 e 2010, um total de 380 milhões de dólares apenas em investimento direto – se considerados também os investimentos em portfólio e os empréstimos, este montante sobe para mais de 500 milhões de dólares. No Uzbequistão, a presença do capital russo cresceu de forma notável nos últimos anos. O investimento acumulado cresceu de 603,7 milhões de dólares em 2009 para 688 milhões de dólares em 2011. Em 2010, os fluxos totais que saíram da Rússia rumo ao território uzbeque alcançaram os 200 milhões de dólares, equivalente à soma do montante dos dois anos anteriores. Este crescimento no investimento russo no Uzbequistão pode ser percebido no

aumento do número de filiais uzbeques de companhias sediadas na Rússia, de 638 em 2007 para 848 em 2010.

O movimento contrário, de investimentos centro-asiáticos, ainda se encontra em estágio primário. Desprovidos de recursos financeiros, governos e empresas da Ásia Central não estão em condições de efetuar grandes projetos em outros países. Em 2005, o total que engloba IDEs, investimentos de portfólio e empréstimos feitos pelas cinco repúblicas centro-asiáticas na Rússia foi de cerca de 920 milhões de dólares. Houve, posteriormente, um pico de 2,1 bilhões de dólares em 2007 no auge dos preços dos hidrocarbonetos e uma queda para apenas 1,1 bilhão de dólares em 2009 no período pós-crise. Em 2010, na esteira da recuperação econômica da região, o total subiu para 2 bilhões de dólares. O Cazaquistão respondeu por 75% desse montante graças à postura ativa de suas instituições financeiras, empresas imobiliárias e de construção civil e redes varejistas. Outro país que exporta grandes quantidades de fluxos é o Quirguistão, que chegou a enviar mais de 530 milhões de dólares à Rússia em 2007. Atualmente, a república quirguiz responde por cerca de 20% dos capitais totais enviados pela Ásia Central à vizinha maior do norte. Os três outros países centro-asiáticos investem muito pouco na Rússia devido, sobretudo, às maiores limitações impostas pelos seus governos nos investimentos realizados no exterior.

Assim como ocorre com os países ocidentais, a grande maioria dos investimentos que a Rússia faz na Ásia Central é destinada ao desenvolvimento da produção de hidrocarbonetos na região, principalmente o gás natural. Segundo Sinitsina (2012), em 2006, entre 4 e 5 bilhões de dólares foram injetados em projetos de expansão das estruturas de produção e transporte de petróleo e gás natural no território centro-asiático. Desta quantia estimada, cerca de 80% foi destinada ao Cazaquistão e 10% ficou com o Uzbequistão. Bergsager (2012) contabiliza que, desde 2000, a Lukoil e a Gazprom já investiram cerca de 2,5 bilhões de dólares em projetos em território uzbeque. Zhukov (2005) afirma que 75% dos IDEs russos no Cazaquistão são canalizados para o setor petrolífero. O interesse maior dos russos pelos dois países citados não ocorre por acaso. O Cazaquistão e o Uzbequistão são as duas maiores economias da Ásia Central e também os dois maiores produtores de hidrocarbonetos que abrem espaço para o capital russo. O Turcomenistão é um produtor de gás natural tão relevante quanto, mas como apresentado acima, o investimento estrangeiro no país é baixíssimo graças à postura fechada do governo local. Abaixo, serão apresentados casos

de envolvimento do capital russo em projetos econômicos das cinco repúblicas centro-asiáticas.

Como não poderia deixar de ser, o Cazaquistão é o país com o maior número de iniciativas com participação de governos e empresas russas. No setor de hidrocarbonetos, a empresa russa mais proeminente é a Lukoil, que está presente em sete projetos de exploração *onshore* e três de exploração no Mar Cáspio, com destaque para o trabalho realizado em conjunto com a estatal cazaque KazMunayGas no campo marítimo de Khvalynskoye. A importância dos hidrocarbonetos cazaques para a Lukoil pode ser traduzida em números: 90% do petróleo e 40% do gás natural que a Lukoil obtém em solo estrangeiro são retirados no Cazaquistão. Por conta disso, a empresa já injetou mais de 6 bilhões de dólares na economia cazaque, 360 milhões somente nos anos de 2010 e 2011. Outras companhias russas que operam no setor de hidrocarbonetos do Cazaquistão são a Rosneft, que não conseguiu atingir os resultados esperados com a exploração dos campos de Kurmangazy e Adai, e a Gazprom, concentrada no campo de Tsentralnoye. As empresas estrangeiras entram no Cazaquistão por meio dos Acordos de Divisão de Produção, um sistema contratual no qual o governo é o único dono *de jus* das fontes de recursos naturais do país, mas as corporações dispõem de liberdade total de operação, o que as torna soberanas *de facto* sobre os hidrocarbonetos cazaques.

O Cazaquistão é, também, o único país cuja economia é grande e desenvolvida o suficiente para atrair investimentos em outras áreas além do setor petrolífero e de gás natural. Um dos grandes interesses russos no Cazaquistão é a captação dos abundantes recursos naturais não-energéticos do país. Boa parte do urânio cazaque é explorada pela Renova e pela Atomredmetzoloto, que adquiriram entre 2007 e 2010 as empresas locais Kara-Balty, Karatau, JSC Akbastau e também a canadense Uranion One, que opera nas minas de Akdala, Inkai e Horasan. O cromo cazaque despertou interesse na Mechel, que inaugurou em setembro de 2008 a planta Voskhod-Chrom, capaz de processar 1,3 milhão de toneladas do metal por ano. O carvão de Eikbastuz é extraído por uma joint-venture entre a russa Rusal e a cazaque Samruk-energo. As minas de ouro de Balazhal, Suzdalskoe e Zherekskoe são exploradas pelo grupo Severstal desde 2007. Da mesma forma, metade do molibdênio retirado da mina de Shorskoe é processado pela Severstal.

O setor manufatureiro cazaque, embora em menor escala e sem o mesmo nível de sucesso, também é explorado pelas corporações russas. Recentemente, a estatal

Uralvagonzavod adquiriu as empresas cazaques Vostokmashzavod e Kazakh Railcar Building Company, duas das maiores produtoras de trens do país. Após as aquisições, a Uralvagonzavod anunciou que investiria 200 milhões de dólares na reformulação dessas empresas visando criar a maior manufatureira de trens do Cazaquistão. Em novembro de 2011, as montadoras automobilísticas AVTOVAZ, da Rússia, e ASIA AVTO, do Cazaquistão, anunciaram que inaugurariam na região oriental do país uma linha de produção para carros AVTOVAZ com capital de 514 milhões de dólares.

As indústrias aeroespacial e militar do Cazaquistão também receberam bons investimentos russos a partir da década de 2000. Os principais projetos mais recentes foram a inauguração de uma fábrica russo-cazaque de transportadores de mísseis Angara em 2005, o início da montagem de aviões Yak-58 e A-31 pela russa-cazaque Yak-Alakon a partir de 2011 e a construção ainda em andamento de uma planta para a montagem de aviões agrícolas Fermer sob a tutela da russa-cazaque KazAviaSpekt. A telefonia, não só no Cazaquistão como também nos demais países da Ásia Central, é um dos poucos setores em que a Rússia apresenta larga vantagem em relação às outras potências mundiais. No caso cazaque, a VypelCom é dona de 74,9% da KaR-Tel e a Eventis Telecom Holdings, empresa russa sediada no Chipre, controla 49% da Eventis Telecom Kazakhstan.

O Uzbequistão é um país que só começou a receber mais atenções da Rússia a partir da segunda metade da década de 2000, quando as relações do presidente Islam Karimov com os Estados Unidos começaram a se deteriorar. A posterior redução da compra de gás natural turcomeno pela Gazprom, que será descrita mais abaixo, permitiu que o relacionamento entre uzbeques e russos fosse ampliado. Em 2010, os investimentos que a Rússia fez nos setores uzbeques de gás natural e petróleo chegaram a 2 bilhões de dólares. As duas empresas russas mais importantes no país são justamente a Lukoil e a Gazprom, que respondem por cerca de 13 dos 63 bilhões de m³ de gás natural produzidos anualmente. Fora do âmbito energético, entretanto, os russos não obtiveram grande sucesso no Uzbequistão. Em novembro de 2007, a russa United Aircraft Corporation adquiriu uma parcela da Tashkent Chkalov Aviation Industrial Association com a intenção de expandir suas operações aeroespaciais na Ásia Central. No entanto, o governo uzbeque, acionista majoritário da Tashkent Chkalov, anunciou em 2010 que estaria encerrando as operações da companhia e que reutilizaria as plantas para produzir carros da General Motors.

Sem grandes recursos naturais, o Quirguistão e o Tadjiquistão acabaram recebendo pouca atenção do governo e das empresas da Rússia. No setor de hidrocarbonetos, a Gazprom é a única empresa russa que realizou maiores investimentos em ambos os países. No Quirguistão, ela investiu 100 milhões de dólares na prospecção de petróleo e gás nos campos de Kugart e Mailuu-Sai-4, além de ter demonstrado intenção de adquirir as duas companhias estatais do país, a Kyrghyzneftgaz e a Kyrghyzgaz. No Tadjiquistão, a empresa começou a explorar os campos de Sargazon, Shaambary Ocidental e Sarykamysh apenas a partir de 2010. O que desperta o maior interesse da Rússia é a produção de energia elétrica desses dois países, ainda que os investimentos realizados nesse setor tenham trazido mais problemas do que retorno. No Tadjiquistão, o único projeto concluído e bem-sucedido que envolveu dinheiro russo foi a usina hidrelétrica Sangtuda 1, um colosso capaz de gerar 670MW que pertence majoritariamente ao governo de Moscou e às empresas russas Rosatom e Inter RAO UES. Há outras iniciativas em fase de desenvolvimento na república tadjique, mas várias delas estão paradas devido a problemas de ordem ambiental e geopolítica, como a construção da usina de Rogun, que aflige o Uzbequistão pela futura necessidade do uso de água do sistema fluvial que desemboca em seu território. O governo uzbeque teme que a usina de Rogun desvie grande parte da água que seu país utiliza para irrigação. No Quirguistão, a morosidade é ainda maior. A Rússia queria investir 2,1 bilhões de dólares na construção da usina Kambarata-1 em 2011, mas o projeto teve de ser interrompido e os russos já estão cogitando abandoná-lo. As usinas de Naryn-1, Naryn-2 e Naryn-3, cuja construção envolve capital russo e quirguiz, também estão paradas devido a entraves políticos.

O relativo fracasso na exploração russa do setor hidrelétrico do Tadjiquistão e do Quirguistão é compensado pela boa participação da Rússia nas telecomunicações dos dois países. No caso do Quirguistão, a VypelCom é dona da JSC Sky Mobile e a Eventis Telecom adquiriu em 2012 51% das ações da Megacom, a maior operadora de telefonia móvel do país. No Tadjiquistão, a Megafon é dona de 75% da JSC-MegaFon-Tajikistan, a maior operadora telefônica do país, e a VypelCom adquiriu por 12 milhões de dólares 60% da empresa de telefonia móvel Tacom.

Com relação ao Turcomenistão, o único interesse que o país desperta nos russos é a exploração de suas grandes reservas de gás natural. Mesmo assim, o acesso de estrangeiros a essas reservas é bastante limitado, pois o governo turcomeno só permite suas atividades nos

campos offshore, menos estimulantes ao capital externo por serem mais intensivos em capital. Atualmente, há apenas uma empresa russa operando neste setor no Turcomenistão, a ITERA, mas a Lukoil e a TNK-BO também estão tentando entrar no país há algum tempo. Sobre o relacionamento econômico entre Rússia e Turcomenistão, é necessário compreender a trajetória do comércio regional de gás natural desde o início da década de 2000.

A partir do fim dos anos 90, os preços internacionais do gás natural começaram a se elevar drasticamente. Como grande produtor do insumo, o Turcomenistão acabou se tornando um país relevante no cenário econômico internacional. A Rússia se aproveitava do fato de controlar a maioria das rotas de escoamento do gás turcomeno para ditar as condições em que negociava o produto com o país. Dessa forma, os russos, por meio da Gazprom, compravam o gás natural a um preço baixo e o revendiam à Europa a preços muito mais altos, auferindo grandes margens de lucro. Entre 2003 e 2005, 1.000m³ de gás turcomeno custavam módicos 44 dólares para a Gazprom e este valor era pago não em dinheiro, mas em produtos russos. A partir de abril de 2005, os governos da Rússia e do Turcomenistão assinaram um acordo em que os contratos de gás natural passariam a ser concretizados em dinheiro. Isso permitiu que os turcomenos elevassem drasticamente o preço de seu produto: 65 dólares em janeiro de 2006, 100 dólares em setembro de 2006, 130 dólares em novembro de 2007 e 150 dólares em meados de 2008. Essa sequência de aumentos não incomodou a Gazprom, pois ela ainda lograva obter margens de lucro elevadas em suas operações de revenda: em 2008, o gás natural era reexportado à Europa custando 500 dólares cada 1.000m³, valor 3,3 superior ao que a empresa havia pago ao Turcomenistão.

Tudo estava bem até a eclosão da crise mundial do segundo semestre de 2008. Naquele período, a Gazprom havia concordado em pagar aos turcomenos um preço mais próximo ao que ela cobrava dos europeus, algo entre 250 e 300 dólares por cada 1.000m³. A crise acabou reduzindo a demanda internacional por energia e, conseqüentemente, o preço internacional do gás natural. Como consequência, para não quebrar o acordo previamente estabelecido, a Gazprom foi obrigada a reduzir a compra de gás do Turcomenistão em 2009 para não incorrer em prejuízos. Essa redução na compra acabou instabilizando as relações diplomáticas entre Rússia e Turcomenistão. No mês de abril daquele ano, um dos gasodutos que ligam os dois países explodiu e os turcomenos acusaram os russos de terem sido os responsáveis pela explosão. Desde então, a Rússia deixou de ser o principal consumidor do

gás natural turcomeno, o Turcomenistão estreitou relações econômicas com a China e o Uzbequistão acabou assumindo parte da demanda russa pelo insumo. O projeto de construção do gasoduto Prikaspiisky, idealizado em 2007 pelos governos russo, turcomeno e cazaque para ampliar o transporte do gás do Turcomenistão até a rede russa de gasodutos, está parado e não tem qualquer previsão de continuidade.

Estes foram, portanto, alguns dos principais projetos em que o governo e as empresas da Rússia se envolveram no âmbito centro-asiático. É possível perceber que por mais que o investimento russo tenha aumentado nos últimos anos, ele não trouxe tantos benefícios que possam levar a um real desenvolvimento regional de longo prazo devido ao seu foco excessivo na exploração de recursos energéticos:

“Overall, the investment activity of Russian business in Central Asia is characterized by insufficient investments into manufacturing and industries with a high value added. That strengthens the predominantly primary export specialization of CA countries, which is highly ineffective and runs contrary to long-term economic interests of both Russia and CA countries” (SINITSINA, 2012:36).

Ademais, os investimentos russos na Ásia Central não são maiores devido à opinião de executivos e políticos da Rússia de que o ambiente para negócios nos países centro-asiáticos ainda é bastante precário. Uma das grandes barreiras é o protecionismo praticado em maior ou menor escala por estes países. Sinitsina (2012) afirma que os russos enfrentam muitas dificuldades de adentrar a região, como os altíssimos preços de entrada, a burocracia para obter licenças e alvarás de funcionamento, a obrigatoriedade de manter boas relações com a elite política e a própria má vontade dos nativos para com as empresas estrangeiras. Há também fatores indiretos que afugentam iniciativas estrangeiras, como a corrupção endêmica, a instabilidade política e a ausência de um Poder Judiciário independente e de sistemas de transparência e informações públicas confiáveis. Logo, por mais que os investidores externos tendam a exagerar sua visão negativa sobre a Ásia Central, o fato é que são eles os canalizadores de recursos que fazem a economia regional funcionar. E se eles não estão satisfeitos, não há investimento.

3.5. IMPACTOS NAS SOCIEDADES CENTRO-ASIÁTICAS

Após sete décadas sob o jugo de Moscou, é natural que os cinco países da Ásia Central tenham buscado se distanciar ao máximo do *status quo* social e cultural vigente na era soviética. Afinal de contas, tratava-se de uma região cujas identidades e tradições foram duramente combatidas no regime comunista. Com a independência, as repúblicas centro-asiáticas, em maior ou menor intensidade, tentaram retomar ao menos algumas das particularidades que caracterizaram suas sociedades antes de 1917. No entanto, esta não é uma guinada tão simples. Os russos fizeram um trabalho de reconstrução social, cultural, filosófica e linguística de tal intensidade que muitos de seus elementos ainda se fazem presentes no cotidiano da população. Nesta última parte do capítulo, será feita uma breve análise sobre a forma pela qual os povos autóctones da Ásia Central foram e ainda são afetados pela influência russa.

Quando houve o fim da União Soviética, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão herdaram mais do que uma estrutura econômica e política que as permitiam uma capacidade mínima de sobrevivência soberana. Os povos locais trouxeram consigo uma série de novidades implantadas durante os mais de setenta anos de domínio russo. O idioma russo, amplamente ensinado nas escolas públicas, é talvez o mais visível destes legados, mas outros merecem igual destaque, como a educação técnica para mulheres (antes da era soviética, as mulheres centro-asiáticas dispunham de poucos direitos educacionais e profissionais), a indumentária ocidental (as pessoas passaram utilizar camisas, calças e sapatos inimagináveis nos séculos anteriores), a burocracia hierárquica (forma clássica de organização da administração pública soviética) e o pensamento marxista (até 1917, o arranjo político centro-asiático era fundado em normas e filosofias do Islamismo e das tradições túrquicas). Independente do juízo de valor que possa ser feito a respeito do contato dos autóctones com aquilo que não fazia parte de sua realidade histórica, o fato é que o povo russo introduziu aos centro-asiáticos uma série de coisas que até então jamais lhes tinham sido apresentadas e que viriam a influenciar suas vidas para sempre.

No entanto, a independência dos países soviéticos significou também que a obrigatória conexão cultural e social entre Moscou e as demais repúblicas não existiria mais. As populações locais poderiam conduzir suas vidas da maneira que desejavam. A abertura

política permitiu que influências de outras regiões, notadamente das grandes potências ocidentais, adentrassem a Ásia Central e modificassem vários dos elementos do cotidiano da sociedade: os padrões de consumo, a cultura de massa, a estética, o entretenimento, etc. Numa fase em que a própria Rússia estava preocupada em emular o modo de vida ocidental, o governo liderado pelo presidente Boris Yeltsin não empreendeu maiores esforços para continuar disseminando a cultura e os costumes russos em sua histórica zona de influência. E os dois líderes posteriores, Vladimir Putin e Dmitry Medvedev, também não promoveram grandes mudanças neste sentido.

O declínio do uso da língua russa, assunto já introduzido na Seção 2.3, foi a faceta mais proeminente da diminuição da influência cultural e social da Rússia sobre a Ásia Central. De acordo com Sinitsina (2012), somente o Cazaquistão ainda registra um percentual notável (67%) de cidadãos que falavam o russo em casa. Nos demais quatro países centro-asiáticos, esse percentual não chega a 40%. O ensino do russo perdeu muita força principalmente nos níveis mais básicos da educação formal e os autóctones estão preferindo estudar idiomas mais adequados para o mundo globalizado, como o inglês. No entanto, ainda não é possível afirmar que o russo será definitivamente extinto da sociedade centro-asiática. No ensino superior de países como o Cazaquistão e o Quirguistão, que ainda possuem parcelas consideráveis de população eslava, a língua russa continua sendo a mais utilizada em aulas e trabalhos, situação que também pode ser observada no ambiente corporativo. No Uzbequistão, Abdullaev (2005) aponta que embora o russo já tenha mais o alcance de outrora, seu uso ainda é bastante comum devido a uma mentalidade mais tradicional e conservadora da população local, refratária a mudanças sociais bruscas. Ademais, o russo também mantém sua importância devido ao gigantesco acervo de livros, jornais e documentos que foi escrito desde o início do domínio da Rússia sobre a Ásia Central. Em suma, por mais que a língua russa tenha perdido grande parte de sua força, sobretudo no âmbito público, ela continua tendo importância em vários setores da sociedade centro-asiática.

Durante a era soviética, a principal forma de transmissão do modo de vida russo às populações centro-asiáticas era a educação. Por meio dela, as pessoas tinham contato não só com o idioma russo, mas também com o materialismo histórico, a cultura eslava e todo o aparato intelectual que formava as bases da União Soviética. O desmantelamento da União

em 1991 não foi acompanhado por nenhuma atitude da Moscou que pudesse manter esse domínio educacional sobre a Ásia Central, até mesmo por já não haver mais nenhuma razão pragmática que justificasse tal domínio. Com isso, as repúblicas centro-asiáticas abriram espaço para as iniciativas oriundas de outras regiões. Em alguns casos, há programas internacionais que aceitam apoiar alunos desses países, como o Erasmus Mundus e o TEMPUS, financiadores de bolsas de estudo para as universidades da União Europeia. Em outros, o próprio governo de determinado país da Ásia Central (notadamente, o Cazaquistão e o Quirguistão) pagava para que alguns de seus estudantes se graduassem no exterior – e apenas uma pequena ⁴¹ parcela optava por estudar na Rússia. O desinteresse pelas universidades russas se justificava por inúmeras razões: defasagem do ensino superior do país, infraestrutura precária, baixo número de vagas reservadas aos centro-asiáticos, desestímulo ⁴² à entrada de estudantes estrangeiros, não-aceitação dos diplomas russos na Ásia Central e sentimentos xenofóbicos por parte dos eslavos. O raciocínio, portanto, é simples: se o aluno precisa despender muito dinheiro para estudar no exterior, ele o fará em países cuja infraestrutura educacional e acadêmica é competente o suficiente para lhe garantir uma boa formação, o que não é o caso da Rússia.

Um dos fenômenos correlatos à diminuição de sua influência social sobre a Ásia Central é a grande diminuição da população de origem russa nessa região. Entre 1991 e 2010, dois milhões de pessoas saíram das cinco repúblicas centro-asiáticas para viver de forma permanente na Rússia, a grande maioria composta por russos étnicos que queriam voltar para sua pátria de origem. No Cazaquistão, a parcela de russos na população total caiu de 37,8% em 1989 para 23,7% em 2009. No Quirguistão, a queda foi de 21,5% em 1989 para 12,5% dez anos depois. No Uzbequistão, entre 1989 e 1996 ⁴³, essa parcela foi reduzida de 8,3% para 5,5%. No Tadjiquistão, ela caiu de 7,6% em 1989 para 1,1% em 2000. No Turcomenistão, a

⁴¹ Sinitsina (2012) apresenta o caso do Bolashak, um programa de bolsas de estudo financiado pelo governo do Cazaquistão para criar uma elite intelectual que possa promover o progresso do país. Entre 2007 e 2008, apenas 9,5% dos aprovados para o Bolashak optaram por estudar na Rússia. 46,6% utilizaram o benefício para estudar na União Europeia e 29% preferiram migrar para os Estados Unidos

⁴² Sinitsina (idem) afirma que, na época da pesquisa, apenas 2% dos estudantes universitários na Rússia não haviam nascido no país.

⁴³ A ausência de dados demográficos atualizados é um dos maiores problemas da informação oficial fornecida pelos governos centro-asiáticos. No Uzbequistão, as informações mais recentes sobre a composição étnica de sua população são datadas de 1996.

queda foi de 9,4% em 1989 para 4% em 2003. A tendência observada, aliás, não só apresenta a contínua redução da população russa na Ásia Central como também o aumento da migração de nativos centro-asiáticos à Rússia.

Atualmente, há cerca de 4,5 milhões de centro-asiáticos trabalhando na Federação Russa em caráter permanente ou temporário. Em 2012, esse contingente enviou um total de 9 bilhões de dólares aos seus países de origem, cerca de 2,5 milhões a mais do que em 2010. Essas remessas possuem grande peso na economia de alguns dos países da Ásia Central. O caso mais emblemático é o do Tadjiquistão, considerado pelo Banco Mundial (2013) o país com a maior relação remessas/PIB do planeta: 47% do seu Produto Interno Bruto em 2011 foi composto pelas rendas transferidas pelos 800 mil tadjiques que trabalham na Rússia. Este índice chegou a 49,3% em 2008, mas caiu para 35,1% em 2009 graças à crise mundial iniciada no ano anterior – mesmo assim, esta percentagem continuou sendo a mais elevada do planeta. O fato do Tadjiquistão depender tanto das remessas vindas da Rússia na composição de seu Produto Interno Bruto é justificado pelas poucas possibilidades de sua economia e pelas muitas emigrações ocorridas especialmente durante a Guerra Civil dos anos 90, ainda que a relação remessas/PIB só tenha começado a assumir valores exageradamente altos a partir de 2005.

Outros países que, em menor intensidade, também dependem das remessas vindas da Rússia são o Quirguistão e o Uzbequistão. No caso quirguiz, estes fluxos compuseram 27,6% do PIB de 2011, o que também faz do país um dos maiores dependentes de remessas externas do planeta. No Uzbequistão, a porcentagem é de cerca de 15%, ainda muito mais elevada do que a média mundial. Os fluxos direcionados ao Cazaquistão e ao Turcomenistão são menores devido ao menor êxodo de cazaques à Rússia e às dificuldades burocráticas que os turcomenos enfrentam quando desejam deixar o país. Dessa forma, de todas as remessas que são enviadas da Rússia à Ásia Central, 40% delas seguem para o Uzbequistão, 38% rumam ao Tadjiquistão e 18% são destinadas ao Quirguistão.

Os migrantes centro-asiáticos vão à Rússia em busca de uma vida mais confortável do que aquela possível em seus países de origem. Na Ásia Central, embora os

níveis de desemprego não sejam elevados⁴⁴ na maioria dos países, os problemas relacionados à pobreza, à violência e à falta de perspectivas para o futuro afetam a esmagadora maioria da população. Ademais, os diferenciais salariais são bastante tentadores. Os salários médios do Quirguistão e do Uzbequistão correspondem a cerca de 20% do salário médio russo. O salário médio do Tadjiquistão é ainda mais baixo: apenas 10% do que é pago na Rússia. Somente o Cazaquistão, com salários mais próximos aos da realidade russa e melhores padrões sociais, tem condições de evitar a saída maciça de habitantes. O país, aliás, é o único da Ásia Central que também recebe grandes fluxos de imigrantes, inclusive da própria Rússia: trabalhadores oriundos das regiões do Rio Volga e dos Montes Urais são contratados por empresas do Cazaquistão Ocidental para ocupar cargos de alta qualificação em grandes empresas.

Portanto, devido aos fatores sociais e também à facilidade para entrar na Rússia e conseguir um emprego, os imigrantes centro-asiáticos têm adentrado o país em número cada vez maior. Em 2005, uzbeques, tadjiques e quirguizes compunham 16,8% do total de imigrações ocorridas em território russo. A porcentagem subiu para 23,4% em 2006 e para 41% em 2007. Após a crise internacional de 2008, muitos centro-asiáticos preferiram permanecer em seus países e a porcentagem decaiu para 30% em 2009 – ainda assim, um índice muito superior aos registrados nos demais países da zona soviética. Em 2010, os cidadãos vindos do Quirguistão, do Tadjiquistão e do Uzbequistão representavam nada menos que 54% da força de trabalho legalizada na Rússia: 31% de uzbeques, 16% de tadjiques e 7% de quirguizes. Essa considerável parcela representa 15% da população economicamente ativa do Uzbequistão, 37% da do Tadjiquistão e 17% da do Quirguistão.

Ainda que boa parte da população russa não tolere bem a entrada de estrangeiros, a imigração centro-asiática tem se mostrado importante para amenizar a redução da população econômica ativa na Rússia, resultado do envelhecimento da população total e da baixíssima taxa de natalidade do país. Em 2009, o número de russos aptos a trabalhar decaiu em 973 mil pessoas. Em 2010, a contração foi de 769 mil pessoas. Em 2025, segundo análise de Sinitsina (2012), a população economicamente ativa do país seria 10,4 milhões menor do que em 2011.

⁴⁴ Vide Tabela 1.

Para repor esta população, o fluxo de imigrantes oriundos da Ásia Central teria de alcançar um nível absolutamente inviável.

Apesar da relativa facilidade para entrar na Rússia e conseguir um emprego, os imigrantes centro-asiáticos enfrentam inúmeras dificuldades no país. Em geral, eles são alocados em ocupações de caráter temporário, baixíssima remuneração e péssimas condições de trabalho. Cerca de 80% deste contingente está empregado em cargos baixos de um destes cinco setores: construção, comércio, agricultura, manufatura e transporte/comunicações. Além de todos esses fatores negativos, os trabalhadores oriundos da Ásia Central são obrigados a conviver com o constante risco do desemprego e de alguma crise econômica. Entre 2008 e 2010, entre 2 e 3 milhões de imigrantes que trabalhavam na Rússia e no Cazaquistão perderam seus empregos. No entanto, apenas 20% deles retornaram para seu país de origem por acreditarem que, caso voltassem, teriam de enfrentar uma situação ainda pior. É necessário dizer, contudo, que tendência a longo prazo na Rússia é a de aumento da demanda por mão-de-obra estrangeira, sobretudo em ocupações menos valorizadas.

Esta seção apresentou sucintamente a influência recente da Rússia sobre os fundamentos sociais centro-asiáticos, uma influência que certamente seguiu perdendo força após a consolidação das independências. No entanto, os reflexos da cultura, dos hábitos e das normas russas ainda se fazem presentes em vários âmbitos da vida cotidiana das populações locais. E em alguns casos, como o dos movimentos migratórios, o cordão umbilical com a Rússia ainda se faz necessário para a Ásia Central. Qual será o futuro dessa relação, tão longa quanto instável? Na última seção, serão apresentadas algumas possibilidades.

3.6. O FUTURO

Por mais que, como visto nas seções anteriores, a Rússia não tenha conseguido manter o domínio absoluto sobre todos os elementos da vida política, econômica, social e cultural da Ásia Central, não é possível dizer que o governo de Moscou trata a região com indiferença ou desprezo. Pelo contrário, a restauração do poder hegemônico sobre a antiga zona soviética é um dos objetivos de longo prazo principais da gestão de Vladimir Putin. O grande problema, neste sentido, é a forma com que as políticas de cunho imperialista estão sendo executadas.

Uma das grandes diferenças entre a Rússia e as demais grandes potências é o estilo de penetração adotado nas regiões em que se deseja estabelecer uma estrutura de influência. Enquanto países como os Estados Unidos adotam o caminho do *soft power*⁴⁵, oferecendo aos seus futuros parceiros incentivos econômicos, culturais e militares que os levem a apoiar de forma voluntária e pacífica a agenda americana e seus objetivos, a Rússia é um país cuja política externa chama a atenção pela agressividade. No caso da Ásia Central, da proteção oferecida aos cazaques contra os invasores oirats no século XVIII até os acordos militares bilaterais e multilaterais assinados nos últimos anos, a postura de Moscou sempre foi marcada pela ênfase à ação bélica, pelo pronunciado orgulho nacionalista dos russos e pelo diálogo coercitivo. Ou seja, a capacidade de convencimento dos russos pouco avança além do discurso de sua franca superioridade militar e territorial perante as outras nações e da necessidade dessas nações estarem sob o comando de um poder maior de modo a garantirem sua sobrevivência. É a partir disto que surgem doutrinas belicistas como as de Andrei Kokoshin, já mencionado anteriormente, e Sergey Ivanov⁴⁶. Mesmo idealizadores que se simpatizam com uma política externa mais voltada para as ações econômicas e culturais,

⁴⁵ Este conceito será melhor apresentado no próximo capítulo.

⁴⁶ Sergey Ivanov foi um ex-ministro da Defesa que publicou, em abril de 2000, um documento que idealizava a doutrina geopolítica e militar que a Rússia deveria seguir de modo a não ser ameaçada por nenhum poder externo. Este documento, cujo conteúdo aparentemente foi adotado na reforma diplomática de outubro de 2003, reconhecia a OTAN apenas como um “não-adversário” da Rússia e a União Europeia como uma boa parceira desde que esta reconhecesse o território russo como ele é, sem apoiar qualquer causa separatista, e permitisse que o governo russo combatesse as ameaças terroristas livremente. Outro ponto importante tratado pelo documento é a possibilidade da Rússia empreender “ataques preventivos” a países que lhe representassem algum tipo de ameaça. Mais detalhes sobre a “doutrina Ivanov” podem ser encontrados em Syroezhkin (2005).

como Anatolii Chubais, pensam no avanço russo como uma ofensiva imperialista, subjugadora e definitiva. Sem desconsiderar que as demais potências compartilham dos mesmos objetivos e até mesmo da mesma firmeza diplomática, ressalta-se que a estratégia de convencimento e negociação da Rússia reside em um caminho menos baseado na satisfação, ainda que aparente, dos sonhos e das necessidades internas dos seus parceiros e mais baseado na frieza das armas e na prepotência vinculada à sua história e ao seu tamanho físico. Porém, num mundo contemporâneo em que um país de grande território pode ser mais fraco do que um país de economia sólida, em que populações separadas por dezenas de milhares de quilômetros consomem, e desejam consumir, os mesmos produtos, em que a liberdade de movimentação de capitais, bens e pessoas é cada vez maior e em que a paciência com governantes que não seguem a mesma filosofia diplomática das grandes potências ocidentais é cada vez menor, a postura russa perante a Ásia Central se mostra cada vez mais ineficaz. É passível de ser superada por outros países.

É evidente que o governo russo já compreendeu que o diálogo, a concessão de incentivos e a formação de arranjos internacionais são medidas que devem ser tomadas até mesmo pelos países mais agressivos. Em termos de integração econômica, a Rússia espera ampliar a coordenação regional do comércio, do mercado de trabalho, do investimento, das finanças e da infraestrutura com a Ásia Central por meio da já anteriormente citada CACO, da EurAsEc⁴⁷, do Acordo da Zona de Livre Comércio⁴⁸, da União de Costumes⁴⁹ e da corporação estatal russa de desenvolvimento econômico que foi sugerida em 2013. O país também mantém planos bilaterais de ampliar a cooperação com as cinco repúblicas centro-asiáticas em vários setores industriais e na infraestrutura de transportes de pessoas e de produtos. No

⁴⁷ A EurAsEc é o acrônimo da Comunidade Econômica Euroasiática, uma organização econômica cujas principais funções são a padronização da regulação técnica, sanitária e fitossanitária dos seus membros e a formação de um fundo de proteção contra crises econômicas internas. Considerando apenas os países que interessam a este artigo, são membros da EurAsEc a Rússia, o Cazaquistão, o Quirguistão e o Tadjiquistão.

⁴⁸ O Acordo da Zona de Livre Comércio foi assinado por Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão ainda no início dos anos 90 dentro do espaço da Comunidade dos Estados Independentes. Seus principais objetivos são o de promover a liberalização comercial e do mercado de fatores de produção entre os signatários e o de desenvolver normas e medidas comuns de cooperação econômica.

⁴⁹ Operante desde 1 de julho de 2010, a União de Costumes é uma organização que prevê, por meio do chamado Código de Costumes, a abolição de todos os controles comerciais monetários e não-monetários, inclusive os sanitários e veterinários, entre os países signatários. Atualmente, somente a Rússia, o Belarus e o Cazaquistão são membros deste grupo, mas há outros países pós-soviéticos interessados no ingresso, como o Tadjiquistão e o Quirguistão.

entanto, estes planos ainda estão mais próximos do campo da retórica do que do da realidade. Apesar dos esforços, a política externa russa como um todo ainda concentra suas apostas em uma intervenção mais bélica e enérgica.

Enquanto a Rússia insiste no modelo descrito acima, outros países se aproximam da Ásia Central falando menos em geopolítica e mais em economia. Sem desprezar problemas como o separatismo e o terrorismo islâmico, esses novos parceiros oferecem aos países centro-asiáticos condições que permitam seu desenvolvimento econômico e sua perfeita integração na globalização. A longo prazo, é possível que as estruturas política e social da Ásia Central também sejam afetadas pela aparição destes personagens mais recentes. O principal deles, e que será o tema do próximo capítulo, é a República Popular da China.

4- O RECENTE ASSÉDIO CHINÊS

Em meados da década de 2000, acadêmicos, jornalistas e demais pessoas interessadas na dinâmica geopolítica da Ásia Central acreditavam que a potência que mais tinha condições e interesse de roubar da Rússia o poder hegemônico sobre os demais países pós-soviéticos era exatamente os Estados Unidos⁵⁰. Afinal de contas, somente Washington dispunha de força econômica e militar o suficiente para tomar das mãos do governo de Moscou o papel de “padrastos” das repúblicas centro-asiáticas. Entretanto, conforme arrefeciam as atividades bélicas americanas no Afeganistão e no Iraque, o interesse dos Estados Unidos pela Ásia Central, vista como uma região estratégica para suas operações logísticas, se tornava cada vez menor. Sem terem desenvolvido grandes vínculos econômicos, sociais e culturais com os centro-asiáticos, hidrocarbonetos do Mar Cáspio à parte, os Estados Unidos já não podem mais ser considerados um personagem fundamental nos desdobramentos de Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Ainda são importantes para a região, sobretudo nas questões institucionais e militares, mas definitivamente não conseguiram se tornar um real agente de influência. O foco central deste trabalho como um todo é mostrar que as duas potências que realmente comandam e coordenam a estrutura política, econômica e social dos cinco países citados acima são a Rússia e a República Popular da China, principal assunto deste último capítulo.

⁵⁰ Zviagel'skaia (2005:90) acredita que o objetivo final da política russa em relação à Ásia Central era exatamente a contenção do aumento da influência americana na região: “*The emergence of an active Russian policy in Central Asia is manifested mainly in terms of military-political cooperation and, above all, is a reaction to the unilateral actions of the United States*”. A ameaça que os Estados Unidos representavam aos intentos da política russa era tamanha que Rumer (2005:60) observava a “ascensão de um sentimento antiamericano” em todas as classes políticas e sociais da Rússia.

4.1- A APROXIMAÇÃO

Ao contrário do relacionamento entre a Ásia Central e a Rússia, possível de ser analisado de forma linear e objetiva devido à sua clara e identificável existência durante um período determinado, compreender a trajetória histórica do relacionamento entre a região supracitada e a China não é uma tarefa fácil exatamente pelo fato de nunca ter havido uma maior coesão de caráter institucional ou cultural entre os dois lados. Em outras palavras, ao longo dos tempos, chineses e centro-asiáticos passaram por sucessivas fases de maior ou menor aproximação, mas jamais estabeleceram um vínculo mais forte. Neste início de século, pode-se dizer que a tendência é a de uma crescente interação, sobretudo nos campos econômico e político. Entretanto, trata-se ainda de uma tendência que pode ser perfeitamente revertida no caso de alguma mudança conjectural. Nesta parte do capítulo, serão apresentadas algumas passagens da trajetória que culminou no atual “namoro” entre a China e os cinco países localizados à sua esquerda.

Como comentado no primeiro capítulo, a Ásia Central é uma região que sempre foi invadida e ocupada por diversos povos, notadamente os de origem túrquica, mongol e árabe. Curiosamente, os povos chineses⁵¹ jamais estiveram entre os maiores personagens na dinâmica local. Uma das explicações é geográfica: a Ásia Central e as maiores cidades chinesas, localizadas principalmente no extremo leste do país, estavam separadas por milhares de quilômetros. No meio do caminho, há uma barreira natural formada por cordilheiras quase intransponíveis, como as de Tian Shan e Pamir. Além do mais, as poucas expedições bélicas que os chineses empreenderam na Ásia Central não resultaram em grande sucesso. Em 750, durante a dinastia Tang, os exércitos da China tentaram assumir a região do Rio Talas e acabaram sendo derrotados pelos árabes, que puderam, a partir daquele momento, introduzir sua cultura e sua religião entre os centro-asiáticos. Em termos práticos, a representatividade dos chineses na Ásia Central era basicamente comercial: comerciantes oriundos principalmente do oeste chinês atravessavam um longo caminho até chegar a cidades como

⁵¹ Em termos étnicos, é incorreto afirmar que haja um único povo chinês. Embora a etnia han seja a majoritária (91,5% da população, segundo censo realizado em 2000), o governo de Pequim reconhece outros 55 grupos minoritários que compõem os 8,5% restantes. Entretanto, para efeito de simplificação, estes grupos serão agrupados na alcunha “chineses” e qualquer minoria a ser destacada, notadamente a uigur, será identificada como um povo à parte.

Bucara e Samarcanda, onde negociavam seda e outros produtos com pessoas de todo o mundo eurasiático. A denominação “Rota da Seda”, referente ao caminho que ligava os mundos ocidental e oriental, surgiu exatamente por causa deste comércio.

O único período em que a China conseguiu penetrar como força política relevante na Ásia Central foi aquele durante 1750 e 1785, em que o país, sob domínio da poderosa dinastia Qing, conseguiu anexar parte dos territórios atualmente correspondentes ao Quirguistão e ao Tadjiquistão. Porém, pouco tempo depois, os russos empreenderam uma jornada veloz e agressiva que lhes permitiu assumir, até o final do século XIX, a totalidade do espaço centro-asiático. Diante disso, os chineses não só não empreenderam grandes esforços para recuperar as províncias perdidas como também não se intrometeram na nova formação territorial perpetrada pelos russos. Mas a mágoa permaneceu viva.

A partir do final dos anos 50, já liderada pelo comunista Mao Tsé-Tung, a China decidiu reaver o território centro-asiático que a Rússia lhe havia tomado no final do século XVIII. O governo russo, comandado pelo igualmente comunista Nikita Krushev, não tinha interesse em negociar qualquer questão territorial com os chineses. Este litígio, somado a diferenças de ordem ideológica e militar, acabou resultando no rompimento das relações entre Pequim e Moscou nos anos 60. Com isso, o relacionamento entre a China e a Ásia Central não teve qualquer desenvolvimento nas últimas décadas de existência da União Soviética.

Com o encerramento da fase soviética, os cinco países centro-asiáticos que surgiam em 1991 se encontravam livres das amarras de Moscou, podendo se relacionar com quem lhes interessasse. Munidos de motivações que serão apresentadas posteriormente, a China foi um dos primeiros países que ofereceram apoio aos governos desses novos países. Em julho de 1991, quando a União Soviética ainda estava em fase de fragmentação, dirigentes da alta política chinesa se reuniram com o presidente cazaque Nursultan Nazarbayev para estabelecer os contatos diplomáticos iniciais entre China e Cazaquistão. Foi o primeiro diálogo entre Pequim e um representante da Ásia Central contemporânea.

Em dezembro de 1991, quando a União Soviética já estava em vias de extinção, uma grande comitiva chinesa liderada pelo ministro do Comércio Exterior, Li Lanqing, atravessou toda a Ásia Central para se reunir com os governantes dos cinco novos países que se criavam por lá. Nestes encontros, a China conseguiu concretizar seus primeiros acordos comerciais e diplomáticos com a região.

Logo nos primeiros dias do ano de 1992, a China anunciou o estabelecimento de plenas relações diplomáticas com todas as repúblicas da Ásia Central, sendo também um dos primeiros países do mundo a reconhecer seus processos de independência. Estes anúncios foram feitos em dias consecutivos: acordo sacramentado com o Uzbequistão no dia 2 de janeiro, com o Cazaquistão no dia 3, com o Tadjiquistão no dia 4, com o Quirguistão no dia 5 e com o Turcomenistão no dia 6. Ainda neste mesmo ano, os dirigentes de Pequim fizeram várias outras visitas na Ásia Central, o que resultou na assinatura de inúmeros pactos econômicos, científicos e tecnológicos, no compromisso mútuo de garantia da segurança regional e no reconhecimento da ilha de Taiwan como uma parte inalienável da China, um dos assuntos mais caros à política externa chinesa.

A próxima série de visitas da alta política chinesa aos países da Ásia Central ocorreu em abril de 1994. O primeiro-ministro chinês Li Peng se reuniu com dirigentes políticos centro-asiáticos defendendo a ideia de que as relações entre China e Ásia Central se pautassem em quatro princípios fundamentais: a coexistência pacífica entre os países, a cooperação em prol da prosperidade comum, o direito de soberania e de não-intervenção em assuntos internos e a promoção da estabilidade regional. Destaca-se o encontro de Peng com o presidente cazaque Nazarbayev no dia 26 de abril, em que duas delicadas questões foram discutidas: a demarcação de algumas fronteiras⁵² ainda incertas e a necessidade do governo do Cazaquistão de se desfazer de suas armas nucleares, exigência feita pela China e por outras grandes potências (Estados Unidos, França e Rússia).

1995 foi um ano em que a China não pôde conceder muita atenção ao desenvolvimento de relações com a Ásia Central graças às tensões ocorridas na Região Autônoma de Xinjiang, problema de caráter geopolítico que será explicado posteriormente. Naquele momento, os governantes centro-asiáticos já estavam alinhados aos objetivos chineses e não titubearam em garantir que nenhum movimento rebelde conseguisse sobreviver em seus territórios. O evento de maior destaque naquele ano foi a visita de Nazarbayev à China em setembro. Assim como na reunião de abril de 1994, dois assuntos críticos foram

⁵² A questão das fronteiras merece uma apresentação à parte. Em novembro de 1989, a China e a União Soviética iniciaram as primeiras negociações de remarcação de fronteiras desde o litígio entre Mao Tsé-Tung e Nikita Krushev nos anos 50. Naquele momento, embora houvesse mais de 11 mil quilômetros de divisas entre os dois países, elas não tinham marcações exatas, o que abria espaço para dúvidas e arbitrariedades territoriais entre os dois lados. Com o fim da União, a China passou a ter de negociar com os quatro países pós-soviéticos com quem compartilhava fronteiras, a Rússia, o Cazaquistão, o Quirguistão e o Tadjiquistão. Para Pequim, o período imediatamente posterior à independência de seus vizinhos a oeste, ainda em estágio de estruturação, era o momento ideal para discutir este assunto que sempre lhe causou incômodo.

colocados para discussão: o separatismo e o tratamento dispensado aos cazaques que habitavam o território chinês. Nazarbayev reforçou sua posição de oposição a qualquer movimento rebelde e confirmou que o Cazaquistão continuará considerando Taiwan como um domínio chinês. Com relação aos cazaques na China, Pequim garantiu total neutralidade: não estimularia e nem reprimiria a imigração de cidadãos do país vizinho.

O ano de 1996 foi marcado pela concretização da primeira grande iniciativa de integração regional proposta por Pequim. Em 26 de abril, os líderes da China, da Rússia, do Cazaquistão, do Quirguistão e do Tadjiquistão se reuniram na cidade chinesa de Xangai para assinar o Acordo de Medidas Fortalecedoras de Confiança na Esfera Militar em Áreas Fronteiriças. Este acordo, cujo objetivo maior era o de assegurar a cooperação em prol da segurança regional e evitar conflitos militares nas bordas entre países, trouxe várias novidades: a redução mútua de tropas, a execução conjunta de atividades bélicas, o maior intercâmbio de informações e o avanço nas discussões sobre a marcação definitiva de fronteiras. De modo informal, o grupo formado acabou ficando conhecido como “Os Cinco de Xangai”, em referência aos membros signatários.

A assinatura do acordo de 26 de abril de 1996 e a formação dos “Cinco de Xangai”, na avaliação de Syroezhkin (2002), tinham alguns significados implícitos para a China. Em primeiro lugar, a forma com a qual os assuntos foram tratados na conferência deu a entender que Pequim ainda reconhecia os três países centro-asiáticos como pertencentes à esfera de influência da Rússia – o que mostrava que os chineses não estavam dispostos, ao menos naquele instante, a competir com os russos em se tratando de poder geopolítico sobre a Ásia Central. Em segundo lugar, o evento de Xangai permitiu uma maior aproximação entre Rússia e a China, que passariam a se unir para “criar um contrapeso ao domínio dos países ocidentais” (SYROEZHNIKIN, 2002:180). O presidente russo Boris Yeltsin chegou a afirmar, na conferência, que se posicionava contra o fato de um único país, os Estados Unidos, controlar os destinos de todo o planeta. Portanto, Rússia e China trabalhariam juntas para tentar criar uma resistência regional contra a hegemonia americana. Por fim, o acordo assinado em Xangai foi interpretado pelos rebeldes uigures de Xinjiang como uma forma do governo chinês obter apoio de outros países para efetuar uma “limpeza étnica”, massacrando os focos de oposição na região autônoma.

Em abril de 1997, os governantes dos “Cinco de Xangai” se reuniram em Moscou para estabelecer um novo acordo de redução mútua de atividades armadas nas fronteiras, reforçando aquele que havia sido assinado um ano antes. Naquele mesmo ano, a China conseguiu concluir o processo de marcação dos 2.800 quilômetros de fronteira compartilhada com os três países centro-asiáticos do grupo, encerrando uma das questões diplomáticas mais delicadas para a elite política de Pequim.

Com a resolução das questões territoriais e a formação de uma estrutura de integração militar, as reuniões dos “Cinco de Xangai” se tornaram anuais e passaram a tratar de outras questões, como a cooperação econômica regional. Entretanto, isso não significou que a questão da segurança regional foi deixada de lado. A conferência de 1999, realizada em Bishkek, introduziu à discussão o tema do terrorismo, uma ameaça real para todos os países do grupo. Por meio do evento, foram assinados naquele ano os primeiros acordos conjuntos focados no combate específico às atividades terroristas, sobretudo aquelas ligadas ao fundamentalismo islâmico.

Em 2000, os “Cinco de Shanghai” iniciaram discussões para formar uma agremiação de caráter formal que pudesse deliberar sobre os assuntos discutidos nas reuniões de forma mais estruturada. No mês de junho do ano seguinte, eles se juntaram ao Uzbequistão⁵³ e formaram a Organização de Cooperação de Xangai (OCX), um órgão cujos objetivos são o fortalecimento das boas relações entre os membros, a garantia da paz e da segurança regional, a construção de uma nova ordem econômica internacional independente daquela coordenada pelas potências ocidentais e a cooperação nas esferas política, econômica, cultural, energética, tecnológica e ecológica. Com a criação da OCX, a China conseguiu elevar seu patamar hegemônico a um nível próximo ao da Rússia ao menos em relação aos assuntos de segurança da Ásia Central. Estavam estabelecidos os fundamentos para uma maior participação chinesa na dinâmica centro-asiática.

Segundo Syroezhkin (2005), após os atentados de 11 de setembro de 2001, a China não definiu com clareza seu posicionamento acerca da guerra dos Estados Unidos

⁵³ De acordo com Hu (2005), o Uzbequistão foi um grande problema para a harmonia dos “Cinco de Xangai” devido à sua postura mais arredia e instável em relação aos vizinhos. O país foi observador da conferência do grupo em 2000 e se interessou no ingresso à organização a ser formada em 2001. No entanto, o governo uzbeque não estava interessado em se submeter aos interesses de nenhuma potência regional e até fez questão de fortalecer seus laços com os Estados Unidos após os atentados de 11 de setembro, o que irritou profundamente a China e a Rússia.

contra os terroristas muçulmanos no Afeganistão. Havia duas questões a serem consideradas. Em primeiro lugar, a intervenção americana no miolo asiático, de certa forma, desestabilizava a estratégia geopolítica praticada por Pequim, em que o equilíbrio regional é obtido a partir de relações minimamente saudáveis com todos os países ao seu redor, inclusive o próprio Afeganistão. Em segundo lugar, os chineses não queriam que Washington tratasse a questão do terrorismo de forma arbitrária, isso é, condenando apenas um determinado grupo de terroristas e ignorando as ações de outros grupos. Em outras palavras, da mesma forma que os Estados Unidos almejavam o apoio da China para combater os radicais do Taleban, a China também queria que os Estados Unidos tomassem alguma atitude com relação aos movimentos separatistas de Xinjiang, do Tibete e de Taiwan, considerados terroristas por Pequim. Diante disso, o governo chinês optou por apoiar de forma discreta as ações americanas e não deixou de reforçar as fronteiras ao oeste, onde os terroristas muçulmanos poderiam causar mais problemas.

Após a criação da OCX, a maior parte das iniciativas geopolíticas da China em relação à Ásia Central foi realizada dentro do âmbito da organização, sobretudo aquelas referentes à segurança regional. Tendo harmonizado as relações com os vizinhos do oeste, as preocupações dos chineses se voltaram para a contenção dos crescentes movimentos separatistas em seu território e o desenvolvimento de um aparato militar na região centro-asiática. Em relação ao primeiro ponto, a postura de Pequim sempre foi marcada pela velocidade e pela intensidade com a qual toma as medidas consideradas necessárias. Os surtos revoltosos ocorridos em Xinjiang em julho de 2009 e em abril de 2013 foram contidos de forma drástica e rápida pelos exércitos chineses. Curiosamente, o país não demonstra o mesmo interesse com problemas semelhantes que ocorrem na vizinhança. Nas crises políticas ocorridas no Quirguistão em 2005 e em 2010, enquanto a Rússia assumia o papel de poder apaziguador, a China preferia reforçar a segurança de suas fronteiras a oeste e não se intrometer. Para o governo chinês, portanto, a prioridade maior em termos tanto de relações exteriores como de política de segurança recaía na manutenção da integridade de seu território. Os seus parceiros funcionariam, acima de tudo, como suporte para o cumprimento desta prioridade.

A questão da maior participação militar na Ásia Central também interessava muito à China, ainda que nem todas as medidas tomadas tenham trazido os resultados

desejados. Em 2005, após os Estados Unidos terem saído da base uzbeque de Khanabad, os chineses tentaram assumi-la visando formar sua primeira estrutura militar na zona centro-asiática. Os planos não foram adiante porque a Rússia não só não permitiu que Khanabad fosse emprestada aos chineses como também impôs a eles a proibição de fundar bases militares na região. Resignada, a China preferiu buscar outro caminho para ampliar sua influência bélica na Ásia Central, estabelecendo operações conjuntas com os países centro-asiáticos. A partir da zona militar de Lanzhou, foi possível montar equipes que fornecessem assistência bélica às repúblicas centro-asiáticas e à Região Autônoma de Xinjiang, como as Forças de Reação Rápida e as Forças de Operações Especiais. Estes grupos eram tão fortes e sofisticados que a própria Rússia admitia que nem mesmo seu exército conseguiria abatê-los. Esta, portanto, foi a solução encontrada pelo governo chinês para garantir sua presença no cenário militar da Ásia Central.

4.2- AS INTENÇÕES CHINESAS

Após terem sido apresentados de forma sucinta os detalhes da aproximação entre a China e a Ásia Central posterior ao fim da União Soviética, o trabalho se proporá a analisar quais são os objetivos reais de Pequim com relação à região outrora completamente dominada por Moscou. Antes disto, faz-se necessário elucidar a forma com a qual será feita esta análise. Como visto na seção acima, o interesse chinês sobre a Ásia Central apresentou mudanças fundamentais com o passar do tempo. Logo, ao invés de explicar este interesse de forma atemporal e horizontalizada, os parágrafos abaixo descreverão a evolução dos objetivos da China conforme o curso da história, destacando sempre a importância de cada objetivo em relação aos demais em cada período.

Hu (2005) afirma que as intenções da China em relação à Ásia Central como um todo residem em quatro grandes prioridades: a manutenção de fronteiras estáveis e pacíficas com os seus vizinhos a oeste, a destruição de vínculos que possam existir entre os rebeldes separatistas da Região Autônoma de Xinjiang e quaisquer organizações internacionais que possam estar operando nos arredores, o acesso de sua economia às fontes energéticas centro-asiáticas e a disseminação de sua influência geopolítica e cultural. Essas prioridades não podem ser vistas de forma equânime, como se tivessem o mesmo grau de importância para Pequim. Entre o colapso da União Soviética e os dias atuais, alguns eventos e circunstâncias levaram à reformulação das metas de política externa a serem atingidas.

O primeiro grande problema chinês a envolver, ainda que de forma indireta, a Ásia Central é a constante insatisfação da minoria uigur. Os uigures são uma etnia de origem túrquica que se destaca das demais na China pelo fenótipo⁵⁴ e pela prática da religião islâmica. Os números oficiais⁵⁵ do governo chinês apontam que existem 11 milhões de uigures vivendo no país, sendo que 8,7 milhões estão concentrados na Região Autônoma de Xinjiang, localizada na divisa com a Rússia, o Cazaquistão, o Quirguistão, o Tadjiquistão, a Mongólia,

⁵⁴ Devido ao intercâmbio genético realizado com povos de origem persa e europeia ocorrido com o passar dos séculos, os uigures acabaram desenvolvendo algumas características físicas que os aproximam dos ocidentais. Ainda que a dobra epicântica e as maçãs de rosto proeminentes estejam presentes, não é incomum encontrar indivíduos de cabelos e olhos claros.

⁵⁵ Segundo a The Uyghur American Association (2012), as estimativas oficiais são bem menores do que aquelas realizadas pelos próprios uigures. Segundo estes, somente em Xinjiang, há mais de 15 milhões de habitantes pertencentes à etnia.

a Índia, o Afeganistão e o Paquistão. Com 1.626.000m² de extensão, a montanhosa região de Xinjiang é conhecida por ter as maiores fontes de petróleo de toda a China, destacando-se as reservas de Turpan, Junggar e Tarim. Por conta de sua importância econômica e territorial, o governo chinês a considera uma parte estratégica para o progresso do país. Contudo, Pequim observa um grande problema: a maioria dos habitantes de Xinjiang pertence a uma etnia totalmente diferente do grupo han, dominante no país. Para o governo central, era temerário permitir que um território tão grande e tão valioso fosse dominado por uma minoria tão deslocada no sistema étnico nacional. Portanto, uma das grandes metas internas da China é a de tornar os han o grupo majoritário de Xinjiang.

A partir dos anos 50, o líder Mao Tsé-Tung empreendeu um grande programa de estímulo à migração de chineses han à Xinjiang. Os resultados apareceram em pouco tempo. Em 1945, a região era composta por 82,7% de uigures e apenas 6,2% de hans. Em 1982, a proporção de uigures caiu para 45,7% e a de hans subiu para 40,3%. Dali em diante, estes valores relativos pouco mudaram. Atualmente, os uigures representam 46,1% da população de 21 milhões de habitantes e os han compõem 39,2%. Evidentemente, esta radical mudança demográfica trouxe problemas. As grandes diferenças culturais, religiosas e estéticas entre uigures e hans acabariam gerando um permanente estado de animosidade entre os dois lados.

Nos anos 70, surgiram os primeiros focos de revolta uigur em Xinjiang. A população nativa considerava que a chegada dos hans representava uma ameaça à sua existência como uma unidade cultural, étnica e religiosa. Para ela, a solução óbvia era a independência da China. Os uigures começaram a alimentar o sonho de um país próprio com o nome túrquico de Turquestão Oriental. Para o governo chinês, tal ambição representava uma verdadeira afronta aos interesses do país.

Os movimentos separatistas se desenvolveram nas décadas seguintes, começaram a empreender ações cada vez mais enérgicas e os governantes de Pequim reagiam colocando o exército nas ruas para coibir as iniciativas. Em poucas décadas, os uigures se encontraram numa guerra contra dois inimigos: a alta política chinesa e os indivíduos da etnia han que habitavam seu espaço.

Hu (2005), um autor chinês não-uigur, resalta alguns dos maiores problemas causados pelos uigures em Xinjiang. Segundo ele, os rebeldes promovem caos social assassinando pessoas e soldados, assaltando bancos e ativando bombas em locais públicos. O

autor também faz um comentário que introduz a participação da Ásia Central neste processo. Alguns dos líderes uigures obtiveram sua formação militar e estratégica em treinamentos realizados no Afeganistão e no Paquistão por organizações terroristas como o Taleban e a Al-Qaeda. Sempre visando fortalecer o Islamismo dentro da Ásia, essas organizações observam com bons olhos as atividades dos separatistas uigures.

Da mesma maneira, a Ásia Central também poderia estar abrigando, ainda que de forma involuntária, organizações de apoio às ações dos rebeldes em Xinjiang. Haveria, neste caso, um importante fator motivador: as grandes similaridades culturais, étnicas e religiosas entre os uigures e a maioria dos povos centro-asiáticos. Afinal, seguindo uma linha pantúrquica de raciocínio, poderia ser do interesse de cazaques, quirguizes, turcomenos e uzbeques que os uigures se saíssem vitoriosos num conflito contra um governo que, em última instância, está agredindo um povo túrquico. Ademais, havia uma considerável população uigur tanto no Cazaquistão como no Quirguistão, algo estimado em 400 mil pessoas nos dois países. Os governantes chineses sabiam de tudo isso. E se viram obrigados a agir.

Em resumo, o separatismo uigur foi o primeiro fator que uniu a China à Ásia Central. Nos anos 90, sobretudo a partir do surgimento dos “Cinco de Xangai”, Pequim buscou assegurar que, de maneira alguma, houvesse algum tipo de estímulo ou apoio à ação dos rebeldes de Xinjiang vindo de uma república centro-asiática. Por meio de negociações bilaterais e multilaterais, os chineses buscaram obter apoio total dos governantes dos cinco países da região no combate ao separatismo uigur ao mesmo tempo em que se esforçaram para aumentar a cooperação internacional na formação de um aparato de segurança que pudesse combater os chamados “três demônios”, o extremismo, o separatismo e o terrorismo. Foi a partir deste contexto que os governos passaram a realizar conferências dos “Cinco de Xangai”, grupo que levou à formação da Organização de Cooperação de Xangai.

Autores como Rumer (2005) e Swanstrom (2011) acreditam que, em um primeiro instante, a preocupação da China em conter os “três demônios” em conjunto com os governantes centro-asiáticos não só se sobrepujava aos outros assuntos de política externa como também motivou o país a se envolver em projetos em outros âmbitos de forma a garantir a amizade dos países parceiros. Esta mentalidade levou a China a participar de

iniciativas de operações militares conjuntas, de desenvolvimento econômico regionais e de consolidação das fronteiras territoriais do país com os vizinhos do oeste.

Sobre esta última medida, enquadrada por Hu (2005) como uma das quatro grandes motivações chinesas supracitadas, seu contexto já foi apresentado na seção anterior. As disputas de territórios fronteiriços entre a China e os países a oeste começaram no fim dos anos 50, não foram resolvidas durante as décadas derradeiras da União Soviética e só puderam ser retomadas para negociações amistosas no início dos anos 90. Entre 1992 e 1997, a maior parte das atividades diplomáticas chinesas na Ásia Central se referiu à remarcação de bordas e sua desmilitarização. A partir do momento em que grande parte das fronteiras pôde ser, enfim, consolidada, a política externa de Pequim passou a redirecionar as atenções para outros assuntos. Na década de 2000, a questão territorial já não fazia mais parte das maiores prioridades da China em relação aos vizinhos.

Nos primeiros dez anos do século XXI, as duas grandes prioridades chinesas para as repúblicas da Ásia Central foram a contínua manutenção da paz regional e a expansão da cooperação econômica. Tendo já conseguido o apoio de todos os vizinhos na batalha contra os separatistas uigures, Pequim optou por conceder atenção a outras questões concernentes à segurança, criando equipes de operação militar conjunta e empreendendo esforços para combater outras ameaças internacionais, como o narcotráfico. Para tentar apaziguar os ânimos da população uigur de Xinjiang, o governo executou na década de 2000 um plano de desenvolvimento econômico que levou mais de oito bilhões de dólares de investimentos e recursos a aquela que era uma das partes mais pobres de todo o país.

A cooperação econômica se tornou um objetivo de extrema relevância a partir do momento em que o Taleban foi obliterado no Afeganistão, o que reduziu as tensões regionais, e, simultaneamente, a China se tornou, ao lado dos Estados Unidos, uma das duas grandes potências mundiais. Crescendo a taxas superiores a 9% desde 2002 e tendo aumentado dez vezes seu volume de importações entre 1999 e 2011, o país atravessou a década negociando agressivamente com os países produtores de matérias-primas e bens energéticos visando satisfazer a crescente demanda relacionada ao aumento avassalador do investimento e da produção. Nesse panorama, a Ásia Central, riquíssima em hidrocarbonetos, acaba se tornando uma região de alto interesse para a política externa chinesa. Mais adiante, serão apresentadas as principais estruturas de comércio e investimento entre China e Ásia Central.

A última das grandes motivações apresentadas por Hu, o fortalecimento da China como um poder capaz de interferir na dinâmica interna dos outros países, inclusive nos âmbitos social e cultural, deve ser discutida de forma cuidadosa. Muito embora Pequim não desconsidere de forma alguma o objetivo de lograr tal poder, o enfoque que é concedido a este assunto é muito diferente daquele observado na condução russa de sua política externa. Swanström (2011) traz, em poucas palavras, esta diferença:

“It is important that China is much more economic in its outlook than Russia, which seems to view the region and the SCO from an exclusively military and security perspective, very much in its old Soviet tradition” (SWANSTRÖM,2011:26).

Portanto, enquanto a Rússia considera a Ásia Central, sobretudo, como uma de suas zonas históricas de influência a partir de uma perspectiva imperialista, a política externa da China em relação à região é bem mais pragmática a este respeito. Ela pode ser caracterizada como um exemplo de aplicação de *soft power*, o estilo de persuasão geopolítica em que a potência consegue impor sua influência e suas vontades em cima de países mais fracos por meio da criação de estímulos que façam com que estes países venham a apoiar de forma voluntária a potência citada. Estes estímulos geralmente são concedidos em forma de políticas militares, culturais ou econômicas. No caso chinês, os negociadores conseguem auferir parcerias e vantagens a partir da retribuição na forma de investimentos e acordos comerciais. Como visto na seção anterior, o país também oferece cooperação militar, mas em menor intensidade. E a execução de políticas culturais e sociais ainda se encontra em um estágio primário – os chineses ainda não possuem grande interesse na difusão de seu modo de vida e de suas tradições e ideologias. Outra faceta do *soft power* é a liberdade de atuação política que a China concede aos presidentes centro-asiáticos. Swanström (2011) afirma que Pequim não é a favor, neste momento, da transformação dos atuais regimes políticos autoritários da Ásia Central em reais democracias. A explicação não seria uma pretensa má vontade com a democracia em si, mas a preocupação com a possibilidade desses países, estando sob um sistema político mais livre, abrirem um espaço maior para o fortalecimento de organizações terroristas e para o aumento da influência de países ocidentais na região. Dessa

forma, a continuação do panorama corrente representaria uma maior facilidade para a China alcançar seus objetivos em consonância com os governantes centro-asiáticos. Estes, por sua vez, apreciam a parceria com Pequim por esta não lhes obrigar a efetuar grandes mudanças políticas.

É importante ressaltar, contudo, que a China não pretende, ao menos até este momento, representar qualquer tipo de ameaça ou entrave aos objetivos russos. Pequim reconhece a hegemonia da Rússia sobre a Ásia Central e, embora as relações das duas potências nunca tenham sido excepcionais, não tem nenhuma intenção de desagradar o vizinho ao norte. Afinal de contas, seu interesse em curto prazo não reside na criação de uma zona de influência no antigo espaço soviético, mas na obtenção de ganhos econômicos e de segurança a partir do *soft power*. Hu (2005), inclusive, observa uma tendência da China em trabalhar pensando sempre no longo⁵⁶ prazo, em especial no âmbito econômico e político. Dessa forma, qualquer contratempo causado por um anseio mais imediato (no caso, um litígio com a Rússia devido a uma busca por maior poder hegemônico) significaria um revés para um projeto chinês maior e, portanto, deveria ser evitado. Ademais, o bom convívio com os russos é indispensável para o combate aos “três demônios” e para a contenção da entrada de outras potências na região, em especial os Estados Unidos.

É possível que, no futuro, a situação mude. No caso de estar dominando o cenário econômico mundial, a China poderia desejar assumir um papel análogo ao dos Estados Unidos a partir dos anos 50, o de poder hegemônico capaz de influenciar não só as estruturas políticas e econômicas de seus parceiros como também a dinâmica social mundial, espalhando sua cultura e seu modo de vida a todas as partes do planeta. A Ásia Central, pela sua relativa proximidade geográfica, seria uma das regiões mais afetadas por essa tendência. Essa, no entanto, ainda se trata de mera especulação. Até a suposição se tornar realista, uma série de eventos teria de ocorrer de modo a alterar por completo o arranjo internacional e permitir que Pequim galgasse ainda mais poder. Mais provável é a possibilidade da China continuar expandindo suas ações comerciais em relação às repúblicas centro-asiáticas, que fornecem os insumos necessários para o funcionamento de sua economia. A questão da segurança regional continuará em voga enquanto os movimentos separatistas não cessarem suas ações, algo

⁵⁶ “It emphasizes the long-term stability of the region (to avert threats to Xinjiang) and an increase in Beijing’s long-term economic and political influence in the region” (HU,2005:145)

bastante improvável enquanto eles não conseguirem o que desejam, a independência de Pequim.

Logo, as intenções da China em relação à Ásia Central, em que se pese aparentarem ser independentes uma da outra, giram em torno dos problemas de segurança regional e, sobretudo, da constantes ameaças de separatismo feitas pelos rebeldes uigures de Xinjiang. A cooperação militar com os vizinhos, a amizade com os governantes centro-asiáticos e a relação simbiótica com a Rússia encontram explicação na formação de uma força internacional que seja capaz de derrotar os separatistas. A cooperação econômica é um instrumento típico da *soft power* utilizado exatamente para conquistar a confiança e a boa vontade dos países da Ásia Central, que precisam de apoio externo, não podem contar com a enfraquecida Rússia e não são sequer lembrados pelas potências ocidentais. O que se observa, diante disso, é um aumento da importância deste relacionamento econômico da China com os cinco países centro-asiáticos do início da década de 2000 em diante, um fenômeno vinculado à resolução da questão das fronteiras, à derrota do Taleban no Afeganistão e ao fulgurante crescimento recente da economia chinesa. Nas páginas seguintes, serão descritas, de forma resumida, as principais informações recentes sobre o comércio e o investimento ocorridos entre a Ásia Central e a China no período seguinte à era soviética.

4.3- O COMÉRCIO ENTRE CHINA E ÁSIA CENTRAL

Durante a fase soviética, as repúblicas centro-asiáticas só podiam transacionar com as demais regiões que compunham a União, ficando impedidas de manter qualquer contato comercial autônomo com o restante do mundo. A partir do instante em que elas se tornaram independentes, a obrigatoriedade do comércio exclusivo com as demais repúblicas do bloco soviético deixou de existir. Isso significava que Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão estavam totalmente livres para comerciar com quem lhes conviesse.

Enquanto os países ocidentais ainda tentavam compreender o conturbado processo que resultou no colapso do comunismo soviético, a China foi a primeira grande potência, obviamente desconsiderando a Rússia, a empreender relações comerciais com os novos países da Ásia Central. Em 1992, o volume total de exportações e importações que envolviam as economias chinesa e centro-asiática já alcançava 465 milhões de dólares, montante que significava muito para os países recém-nascidos, mas muito pouco para a China em termos absolutos. O que não quer dizer, no entanto, que a Ásia Central seja uma região dispensável. Os chineses sabiam que poderiam auferir grandes benefícios dela. Por isso, os números relativos ao comércio entre os dois lados aumentou drasticamente do início dos anos 90 em diante.

Peyrouse (2007) divide este relacionamento em três fases. A primeira delas ocorreu em 1992 e 1996 e teve como principais ocorrências a abertura do primeiro posto comercial de fronteira entre a China e o Cazaquistão, Dostyk-Alatau⁵⁷, e a assinatura dos primeiros acordos de cooperação regionais. Uma interessante característica desde período é a predominância das relações entre as populações fronteiriças dos dois lados. Entre os chineses, a etnia mais interessada em estabelecer transações com os centro-asiáticos era exatamente a uigur, cujas raízes são as mesmas dos demais povos túrquicos da Ásia Central. Entre os centro-asiáticos, os mais motivados em comerciar com a China eram os dunganos, etnia de

⁵⁷ Em sua obra *Economic Aspects*, Peyrouse (2007) dedica um único capítulo, o segundo, apenas para descrever os principais postos de fronteira que ligam a Ásia Central à China. Dostyk-Alatau é apresentado como o de maior volume de comércio entre os territórios chinês e cazaque: em 2003, cerca de 50% das transações entre o Cazaquistão e a Região Autônoma de Xinjiang passavam por lá. Para maiores informações sobre Dostyk-Alatau e outros postos, o capítulo citado é uma boa recomendação.

origem chinesa que pratica o Islamismo. Devido à baixa preponderância de uigures e dunganos nas economias de seus respectivos países e ao caráter nascente da integração econômica regional, o volume de comércio realizado nesse período não foi alto: entre 350 e 750 milhões de dólares anuais.

A segunda fase corresponde ao período entre 1997 e 2002. Durante esses anos, o volume de comércio avançou cerca de 25%, percentual notável em termos relativos, mas que não significou muito em termos absolutos. Trata-se de um momento de transição: como muitos dos entraves de segurança e composição territorial entre a China e a Ásia Central estavam em processo de resolução, Pequim percebeu que poderia utilizar a já consolidada estrutura de integração regional para ampliar as relações comerciais com a região vizinha, o que resultou no aumento drástico do volume de comércio e investimento. Destaca-se o fortalecimento dos laços entre chineses e cazaques: em 1997, foi anunciada a construção do oleoduto Atyrau-Alashankou, um colosso de 3,5 bilhões de dólares que transportaria à China o petróleo extraído dos campos cazaques de Kenkiyak e Zhanazhol. O projeto ficou arquivado durante alguns anos, mas voltou a ser discutido em 2002, suas obras foram iniciadas em 2003 e a o trajeto original foi completado em 2011. Na subseção seguinte, serão apresentadas mais informações sobre Atyrau-Alashankou, um dos maiores investimentos chineses na Ásia Central.

Além do anúncio da construção do oleoduto, a China também se envolveu em outras grandes empreitadas no Cazaquistão no ano de 1997, como a aquisição de 60% das ações da petrolífera local Aktobemunaigaz, exploradora dos campos Kenkiyak e Zhanazhol, por parte da China National Petroleum Corporation (CNPC) e o início da exploração da estrutura petrolífera de Uzen também por parte da CNPC. Com tudo isso, os governos de ambos os países esperavam alcançar um volume de transações de até 1 bilhão de dólares já no ano 2000.

Outra característica desta segunda fase é a diminuição da participação dos uigures no comércio chinês com a Ásia Central. O governo de Pequim temia que o bom relacionamento entre os uigures e as etnias centro-asiáticas poderia resultar no fortalecimento dos movimentos separatistas de Xinjiang. Por conta disso, ele patrocinou a maior participação de chineses da etnia majoritária han no comércio com os países a oeste. O perfil do intercâmbio comercial também mudou: o *shuttle trade*, modalidade em que vendedores

individuais se locomovem para levar produtos de um território ao outro, perdeu força em relação aos grandes negócios, que envolvem diretamente empresas e governos.

A última fase descrita por Peyrouse é a atual, iniciada em 2002. Com o fim dos litígios territoriais e o maior controle da China sobre as questões de segurança regional, o país pôde destinar mais esforços na busca pelo aumento da integração econômica com a Ásia Central. O comércio foi ampliado a patamares inimagináveis no início dos anos 90: o volume total de transações entre os dois lados em 2011 foi de 34,106 bilhões de dólares, montante 73 vezes superior ao registrado em 1992. Em alguns anos, o salto foi bastante notável. Somente entre os anos de 2002 e 2003, houve crescimento de 200% neste volume. No período entre 2004 e 2006, a percentagem foi ligeiramente menor: 150% de crescimento – o que significou, no entanto, que o total absoluto ultrapassou a casa dos 10 bilhões de dólares anuais.

Outra importante característica deste período é o aumento da amplitude dos participantes deste sistema de intercâmbios. Nas duas primeiras fases, os chineses realizavam a maior parte de seus negócios na Ásia Central com cazaques e quirguizes graças à maior proximidade geográfica entre os três países. Na segunda fase, como visto acima, os uigures de Xinjiang perderam força neste comércio. Nesta fase atual, não só os uigures voltaram a ter uma maior participação nas importações e exportações aos países centro-asiáticos, fato resultante dos maiores investimentos que Pequim realizou na região na década de 2000, como também outros países centro-asiáticos passaram a interagir mais com a potência chinesa. Em 2004, o Tadjiquistão abriu seu primeiro posto fronteiriço com a China, o de Kulma-Kalasu. O Uzbequistão estreitou suas relações com os chineses após o rompimento com os americanos em 2005. Por fim, o Turcomenistão se aproximou da China após a morte de Saparmurat Niyazov em 2006. E a crise do fornecimento de gás natural entre russos e turcomenos em 2009 fez com que estes ampliassem ainda mais seu comércio com os chineses.

Tabela 8 – Peso da China no montante de importações e exportações dos países centro-asiáticos por ano (%)

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
CAZAQUISTÃO							
Imp.	21,3	22,1	22,1	25	26,1	27,7	23,5
Exp.	11,2	15,2	15,5	13,4	15,6	20,2	19,8
QUIRGUISTÃO							
Imp.	43	61,9	64,4	70,5	70,8	61	59,1
Exp.	13,4	8	8,5	7,6	4,6	5,4	7,8
TADJIQUISTÃO							
Imp.	7	8,6	10,8	11,9	23,7	35,3	45,9
Exp.	-	-	10	5,7	18,3	5,6	7
TURCOMENISTÃO							
Imp.	-	6,4	9,1	16,7	18	9,2	11,3
Exp.	-	-	-	-	-	28,6	56,3
UZBEQUISTÃO							
Imp.	7,1	10,3	13,3	15,3	20,4	13,9	13,9
Exp.	11,9	10,4	5,6	4,3	5,7	21,8	13,3

Fonte: CIA Factbook (2013) e European Commission (2013)

Na Tabela⁵⁸ 8, é possível conferir o peso da China nas importações e exportações de cada um dos países da Ásia Central entre 2005 e 2011. Considerando que as medições de importações e exportações nem sempre são precisas, os percentuais apresentados são apresentados aqui como ilustração do contexto. Nota-se, em cinco anos, que a China ganhou, em intensidades distintas, importância no comércio exterior do Cazaquistão, do Uzbequistão e do Turcomenistão. O Quirguistão e o Tadjiquistão registraram aumento de importações chinesas, mas o peso da China em suas exportações apresentou comportamento irregular ao longo dos anos analisados. Mais abaixo, serão apresentados mais detalhes sobre o comércio chinês com cada país.

Interessante é a comparação que pode ser feita com a Rússia tomando como base as Tabelas 5, 7 e 8. Ainda que os russos continuem sendo os parceiros mais importante na maioria dos canais de importações e exportações com a Ásia Central, o crescimento chinês é

⁵⁸ Retirados do banco de dados do CIA Factbook (2003) e do European Commission (2013), estes valores são estimados e podem apresentar distorções graças às contínuas alterações de contagens e cálculos, devendo ser aproveitados nesta análise como uma referência para a compreensão dos desdobramentos comerciais. Os campos vazios indicam percentuais risíveis do peso chinês no comércio em questão.

inegável. Neste sentido, há alguns casos gritantes que merecem atenção. Em tempos recentes, o Quirguistão reduziu cada vez mais suas importações russas ao mesmo tempo em que ampliou as importações chinesas: se em 2005 os produtos da Rússia e da China compunham respectivamente 34,2% e 43% das importações quirguizes, estes valores mudaram para 27,2% e 59,1% em 2011. Outro caso bem interessante, e que será melhor descrito nas páginas seguintes, é o redirecionamento das exportações do Turcomenistão do mercado russo para o mercado chinês. Até 2009, a Rússia recebia mais de 30% dos produtos turcomenos exportados, ao passo que o percentual destinado à China mal alcançava os 5%. Já no ano seguinte, os chineses ultrapassaram os russos: 28,6% contra 23,5%. Em 2011, a economia chinesa absorveu quase 60% das exportações turcomenas, ao passo que o percentual russo já não alcançava sequer a casa dos 2%. Ademais, os chineses também conseguiram ganhar vantagem sobre os russos nas importações do Tadjiquistão (45,9% contra 16,5% em 2011) e nas exportações do Cazaquistão (19,8% contra 7,3% em 2011). O que se percebe é que embora não seja uma tendência generalizada ou sequer imune a irregularidades, a perspectiva futura em relação ao comércio centro-asiático é a do crescente avanço da China sobre setores e mercados outrora dominados pela Rússia, sobretudo quando se trata da composição da pauta de importações das cinco repúblicas da região. Em poucas palavras, “é evidente que a influência chinesa cresceu” (SWÄNSTROM, 2011:49-50).

O principal parceiro da China na Ásia Central é o Cazaquistão. Cerca de 60% do volume de negócios em toda a região é feito entre estes dois países. No entanto, não se trata de uma relação simétrica em termos de abrangência do território chinês. Como destacado por Peyrouse (2007), grande parte desse comércio é, na verdade, realizado entre o Cazaquistão e Xinjiang: em 2004, o volume de transações realizadas somente com esta região autônoma alcançou cerca de 3 bilhões de dólares, algo notável se for considerado que o total de exportações e importações entre chineses e cazaques alcançou algo em torno de 4,5 bilhões de dólares naquele ano.

Graças, sobretudo, ao seu enorme potencial petrolífero, o Cazaquistão foi o primeiro país da Ásia Central a atrair a atenção da China. Em se tratando de CEI, é o segundo maior parceiro comercial dos chineses, ficando atrás apenas da Rússia. O rápido desenvolvimento das relações de negócios pode ser traduzido em números: entre 2004 e 2005, o comércio entre chineses e cazaques aumentou 50%. Entre 2005 e 2008, ele praticamente

dobrou. Mesmo após a crise de 2008, os dois parceiros continuaram ampliando suas transições, graças principalmente ao início do funcionamento do oleoduto de Atyrau-Alashankou. Em 2011, os cazaques exportaram 15,036 bilhões de dólares à China e importaram 4,761 bilhões de dólares de lá. Por conta disso, a China é o segundo país de maior peso no comércio exterior cazaque, ficando pouco atrás da Rússia.

O poderio comercial chinês também pode ser sentido nas demais repúblicas da Ásia Central. Além do Cazaquistão, o único país que ainda não tem a China como o principal parceiro econômico é o Uzbequistão. Em 2011, as transações realizadas com a economia chinesa alcançaram 2,123 bilhões de dólares, compostos por 1,42 bilhão em importações e 703 milhões em exportações. Este montante equivalente a 13,9% de todo o comércio exterior uzbeque, percentual inferior apenas ao da Rússia, que ainda é responsável por cerca de 1/5 das transações externas do país. Um dos grandes entraves nesse relacionamento é o sistema tarifário uzbeque, muito mais restritivo do que o dos vizinhos. O alto patamar das tarifas de importação é explicado pela histórica postura protecionista adotada pelo governo.

Os demais países da Ásia Central já consideram a China como a economia mais importante para seu comércio exterior. O Quirguistão é o mais dependente da parceria. Em 2011, o país foi o maior importador de produtos chineses na Ásia Central, superando até mesmo o Cazaquistão: 5,09 bilhões de dólares em mercadorias desembarcaram em território quirguiz naquele ano. No entanto, é necessário fazer uma retificação. 75% dessas mercadorias são, na verdade, reexportadas para o Cazaquistão e o Uzbequistão como se fossem fabricadas no próprio Quirguistão. Portanto, a posição do país como um *hub* comercial para a Ásia Central, ao mesmo tempo em que reforça sua própria economia, distorce⁵⁹ por completo seu balanço comercial. As exportações em 2011 alcançaram módicos 83 milhões de dólares – ainda assim, a China é o quarto principal destino dos produtos do Quirguistão. A soma total de transações com os chineses foi, no ano citado, de 5,171 bilhões de dólares, o que representa mais da metade do comércio exterior quirguiz. Enquanto isso, as transações com os russos não ultrapassaram 1,44 bilhão de dólares, equivalente a apenas 13,4% desse comércio.

⁵⁹ Esta distorção se torna ainda mais clara quando se observa que, em 2011, o Uzbequistão recebeu 207 milhões de dólares em mercadorias quirguizes e o Cazaquistão recebeu 158 milhões. A contabilidade do país não consegue identificar quais importações e exportações representam, na verdade, maquiagem de exportações chinesas ao Uzbequistão e ao Cazaquistão.

O Tadjiquistão é outro país que, embora não tanto quanto o Quirguistão, também depende muito mais da China do que da Rússia em seu comércio exterior, principalmente na questão das importações. Em 2011, os tadjiques importaram 2,079 bilhões de dólares da república chinesa e exportaram 62 milhões para lá. O montante de 2,141 bilhões de dólares garantiu à China 39,5% do total de transações que os tadjiques fizeram com o resto do mundo. A Rússia, por outro lado, participou de apenas 15,2% dessas transações.

O comércio entre Turcomenistão e China pode ser dividido em duas fases: antes e depois do incidente da explosão do gasoduto russo em abril de 2009. Até então, o relacionamento comercial entre os dois lados, em que se pese ter melhorado consideravelmente⁶⁰ durante a década, ainda era bastante frio. Como já apresentado no terceiro capítulo, o principal parceiro comercial do Turcomenistão era a Rússia, que comprava a maior parte do gás natural fabricado no país. Esta boa relação começou a desmoronar logo após a crise de 2008, quando a Rússia já havia combinado em aumentar o preço pago pelo metro cúbico do gás. Com a piora da situação econômica internacional, para não invalidar a concessão prometida ao Turcomenistão previamente, os russos decidiram reduzir drasticamente a compra do hidrocarboneto. O governo turcomeno não aceitou esta medida e houve piora nos ânimos entre os dois países. Em abril de 2009, um dos gasodutos que ligavam o Turcomenistão à Rússia explodiu de forma misteriosa e o Turcomenistão acusou a Gazprom, a estatal russa que controlava a produção e o transporte do gás natural do país, de ter deliberadamente provocado a explosão de modo que houvesse um argumento para que a Rússia reduzisse sua demanda. Bergsager (2012) estima que os danos do gasoduto impediram o Turcomenistão de auferir ao menos 1 bilhão de dólares a mais nas exportações anuais de seu gás natural. Com a deterioração das relações com a Rússia, os turcomenos abriram espaço para as negociações com a China, que em menos de dez anos investiram 4,5 bilhões de dólares na aquisição de empresas locais, em projetos de investimento *greenfield* e, sobretudo, na construção de um gasoduto que se tornou operacional em dezembro de 2009. A China acabou assumindo o papel de grande fomentadora externa da economia turcomena, se tornando a principal parceira comercial do país. Em 2011, o Turcomenistão exportou 4,052

⁶⁰ Em 2001, o total de transações entre China e Turcomenistão foi de apenas 32 milhões de dólares. Sete anos depois, este valor subiu para 830,4 milhões de dólares, algo risível para a economia chinesa, que já movimentava mais de 1,5 trilhão de dólares em comércio exterior.

bilhões de dólares para o mercado chinês, valor composto quase que em sua totalidade pelo gás natural – 25% de todo o hidrocarboneto utilizado pela China foi explorado nos campos turcomenos. As exportações destinadas ao mercado chinês representaram 56% do total exportado pelo país naquele ano. Em termos de importações, os produtos chineses ainda são menos comuns que os turcos e russos, embora sua presença esteja aumentando de forma bastante sutil. Em 2011, eles representaram 11,3% do total de bens importados no Turcomenistão, cerca de 819,7 milhões de dólares.

Nos dias atuais, o comércio com a China é vital para a Ásia Central e a tendência é que sua importância cresça ainda mais para as economias da região. Porém, a recíproca não é a mesma. Em 2011, o comércio exterior chinês totalizou 2,5 trilhões de dólares e, somadas, as cinco repúblicas centro-asiáticas representaram apenas 1,3% desse total. Cazaquistão (0,79%), Quirguistão (0,21%) e Turcomenistão (0,19%) foram, em termos individuais, os países mais importantes desta parceria. Estes números somente reforçam as ideias mencionadas por Rumer (2005) e Swanström (2011) de que as intenções econômicas da China não são justificadas por si só, em que se pese o país estar interessadíssimo em determinados recursos que a Ásia Central oferece. Para o governo chinês, ainda que o relacionamento com os centro-asiáticos não faça grande diferença em sua pantagruélica economia, as questões de segurança regional e combate ao extremismo, ao separatismo e ao terrorismo tornam de grande importância a construção de boas amizades com seus respectivos governantes por meio, sobretudo, das interações econômicas.

Em se tratando de pauta comercial, os interesses da China são bastante claros a respeito do que ela deseja das economias centro-asiáticas. Importadora líquida de recursos energéticos desde 1993, o país necessita de cada vez mais energia para alimentar sua crescente economia - em 2007, cerca de 40% desses recursos vinham de fora. Nesse sentido, cada república centro-asiática tem uma vocação principal. Do Cazaquistão, interessa à China o petróleo. Do Turcomenistão e do Uzbequistão, o gás natural. Dos pequenos Quirguistão e Tadjiquistão, a energia hidrelétrica. É necessário afirmar, no entanto, que o interesse não reside apenas em produtos energéticos. Ricos em recursos de toda a sorte, os países da Ásia Central também exportam uma vasta gama de matérias-primas e recursos minerais a todo o planeta. Peyrouse (2007) estima que cerca de 85% dos produtos que a China importa da região são matéria-prima, petróleo e metais ferrosos e não-ferrosos – esta porcentagem foi

obtida antes do *boom* de importações de gás natural turcomeno. O autor apresenta detalhes sobre as pautas dos dois maiores parceiros da China, o Cazaquistão e o Quirguistão. No caso cazaque, 25% das exportações destinadas à república chinesa se referem a petróleo, 25% a metais não-ferrosos e 25% a metais ferrosos. Em relação ao Quirguistão, 1/3 das exportações à China se referem a metais ferrosos, 20% a produtos químicos e 25% a metais não-ferrosos.

A respeito dos produtos enviados pela China à Ásia Central, o país tem uma grande vantagem em relação aos demais exportadores. Graças à amplitude de suas economias de escala e escopo, a economia chinesa consegue produzir bens a custos baixíssimos, o que lhe permite cobrar valores bem menores do que os demais países. No caso centro-asiático, a China vende produtos a preços inviáveis para seus principais concorrentes, os países ocidentais, a Rússia, o Irã e a Turquia. Em economias menores e sem termos de troca fortes, como o Quirguistão e o Tadjiquistão, este diferencial foi importante a ponto de elevar a China como a principal origem de suas importações. Estima-se que 85% dos produtos chineses que desembarcam na Ásia Central são bens de consumo duráveis e não-duráveis (automóveis, calçados, eletroeletrônicos, remédios, alimentos) e bens de capital (máquinas e equipamentos). Ainda que estas mercadorias, de forma geral, fossem de baixa qualidade, os similares russos, turcos e iranianos também não eram considerados amplamente superiores, apesar de custarem bem mais. Desta forma, estabeleceu-se um relacionamento no qual as repúblicas centro-asiáticas enviam à China bens de baixo valor agregado, como matérias-primas e recursos energéticos, e importam de lá bens manufaturados de maior valor agregado.

Estas são, portanto, as principais características do comércio entre a China e a Ásia Central, um sistema de interações que cresceu rapidamente na década de 2000 e, caso as tendências se confirmem, continuará crescendo nos próximos anos. No “confronto” contra a Rússia, são poucos os canais centro-asiáticos de importações e exportações em que os chineses ainda não tenham tomado a hegemonia das mãos da potência rival. O poderio econômico da China sobre a Ásia Central ficará ainda mais claro na próxima subseção, quando forem apresentados os projetos de investimento que o país levou adiante na região. A capacidade chinesa de financiar iniciativas que desenvolvem as economias centro-asiáticas é um dos grandes diferenciais que ameaçam de forma definitiva qualquer intento hegemônico que a Rússia tenha em relação à parte asiática de sua antiga zona de influência.

4.4- INVESTIMENTO CHINÊS NA ÁSIA CENTRAL

Sem a existência de um poder superior como a União Soviética, as repúblicas da Ásia Central precisaram atrair investimentos externos para conseguir promover o desenvolvimento de suas economias. A fonte natural de investimentos seria a Rússia, mas como esta não dispunha de condições financeiras e técnicas sequer para melhorar sua própria economia, a solução encontrada pelos centro-asiáticos foi o incentivo à entrada de capitais oriundos de outras grandes potências. Naturalmente, a China é uma delas. Esta subseção descreverá alguns dos principais investimentos que o país realizou na Ásia Central nas últimas duas décadas.

Os alvos dos capitais chineses são os mesmos dos de outros países interessados na Ásia Central, os setores de energia, transportes, recursos minerais e telecomunicações. A grande vantagem da China é a disposição para despender recursos em projetos extensos e de longuíssima maturação. De modo geral, é possível afirmar que, por conta exatamente da abundância financeira e da maior disposição de seus executivos e políticos em levar grandes projetos adiante, as iniciativas chinesas costumam apresentar melhores resultados do que as russas, isto é, agregam mais desenvolvimento às economias que se beneficiaram delas, são mais intensivas em tecnologia e capital e costumam ser concluídas mais rapidamente e sem tantos entraves. Projetos que são engavetados ou simplesmente cancelados não são tão comuns e costumam ocorrer mais no setor petrolífero devido a conflitos entre empresas ocidentais que não querem ver concorrentes chinesas operando nos campos maiores, como o caso de Kashagan, a ser apresentado posteriormente.

Mas a situação não é totalmente positiva para o lado chinês. Por mais que a economia chinesa disponha de recursos quase infindáveis, os custos de alguns tipos de investimento, notadamente aqueles relacionados à infraestrutura e ao setor energético, são extremamente altos. As longuíssimas distâncias também contribuem com as dificuldades nos projetos e com a elevação dos custos, especialmente no âmbito da logística de hidrocarbonetos. Além do mais, por ter entrado tardiamente na disputa pelo petróleo e pelo gás natural, a China não conseguiu ter acesso aos campos mais rentáveis e teve de se conformar com a exploração em regiões menos produtivas ou de extração mais complexa. Há de se considerar, por outro lado, que isso permitiu que os chineses acabassem investindo em

nichos e lugares esquecidos pelos demais países, o que lhes deu ampla vantagem em ramos como a exploração energética *onshore*.

Em 2012, a Ásia Central absorveu 45 bilhões de dólares em capitais chineses, um aumento de 2,5% em relação a 2007. Naturalmente, o país que mais recebe investimentos da China é o Cazaquistão: 70% dos fluxos chineses são direcionados ao território cazaque. O grande interesse recai na extração e no transporte do petróleo que é produzido em abundância no país, principalmente na parte ocidental. Os primeiros contatos econômicos entre chineses e cazaques ocorreram em 1997, com a estatal chinesa CNPC comprando 60% das ações da Aktobemunaigas e assumindo a exploração do campo de Uzen, eventos já mencionados na subseção anterior. No entanto, o principal projeto surgido naquele ano foi a construção do Atyrau-Alashankou, um grande oleoduto capaz de transportar boa parte do petróleo extraído no Cazaquistão até a China, encerrando o monopólio logístico da estatal russa Transneft.

O projeto de Atyrau-Alashankou, que ligaria o território chinês ao Mar Cáspio, foi arquivado em 1999 e retomado em 2002 com a descoberta do gigantesco campo Kashagan. No ano seguinte, foram iniciadas as primeiras obras no trecho entre o campo Kenkiyak, explorado pela CNPC desde 1997, e a cidade cazaque Atyrau, localizada às margens do Mar Cáspio. Este trecho de 448km foi finalizado ainda em 2003 e pode transportar cerca de 14 milhões de toneladas anuais do petróleo extraído em Kenkiyak até o Mar Cáspio. Nos anos seguintes, as obras prosseguiram de forma frenética.

Em maio de 2006, foi inaugurado o segundo trecho de Atyrau-Alashankou, um trajeto de 988km que liga a cidade chinesa de Alashankou ao oleoduto Omsk-Pavlodar-Chymkent, no interior cazaque. O último trecho, que liga os campos de Kenkiyak e Kumkol, foi finalizado em 2009. Atualmente, Atyrau-Alashankou possui capacidade máxima de transporte de 20 milhões de toneladas atuais, embora não precise de tanto para conduzir a produção atual dos campos por onde passa. O objetivo é garantir capacidade logística para o caso da China eventualmente obter acesso ao campo de Kashagan, cujo petróleo ainda não está sendo explorado. Peyrouse (2007) previu que o Cazaquistão produziria 180 milhões de toneladas anuais de petróleo em 2015 e, portanto, a China precisava ter uma estrutura que estivesse pronta para conduzir todo esse produto para seu território.

Além da construção do oleoduto Atyrau-Alashankou, a China esteve bastante ativa na aquisição de empresas e campos cazaques a partir do final dos anos 90. Como as

negociações envolvem um alto grau de complexidade, este trabalho apresentará apenas as informações mais básicas sobre elas.

Como já dito, os primeiros campos petrolíferos cazaques explorados pelos chineses foram os de Kenyak e Uzen. Ambos pertencem à CNPC, sendo que o primeiro é diretamente controlado pela Aktobemunaigaz, empresa a qual a CNPC é acionista majoritária. Somando os investimentos realizados e prometidos até 2010, os chineses injetaram 13 bilhões de dólares somente nestes dois campos. Na década de 2000, outras fontes passaram a ser exploradas, como as de North Buzachi (2003), Adai, Fedorov, Mezhdurechensk, Sagiz, Bagaidar e Sazankurak (todos em 2004), Darkhan (2005) e Karazhanbas (2006). Em que pese este avanço, em 2006, a China não controlava mais do que 24% do petróleo cazaque. Os chineses não conseguiram ter acesso a alguns dos campos mais rentáveis do Cazaquistão, como os de Tengiz, ACG, Karachaganak e Kashagan. Este último merece um comentário em separado.

Descoberto em 2000, o campo de Kashagan é considerado a maior descoberta do ramo petrolífero em todo o mundo nos últimos trinta anos. Estima-se que será possível extrair dele ao redor de 1 milhão de barris diários. Por causa disso, várias grandes empresas ao redor do mundo estão disputando o direito de explorá-lo. A China entrou na contenda em maio de 2003, quando a CNPC adquiriu 16,67% das ações da North Caspian Sea Project, empresa que detinha o direito de exploração de vários campos cazaques, incluindo Kashagan. Posteriormente, a China também comprou ações da British Gas, que também tinha esse direito. No entanto, as demais empresas petrolíferas envolvidas no consórcio de exploração de Kashagan não aceitavam a presença de participantes chineses e pressionaram o governo cazaque para que a China ficasse de fora do consórcio. Como resultado, a CNPC teve de repassar suas ações relacionadas à exploração de Kashagan para a KazMunaiGaz e, por enquanto, não tem nenhum acesso à reserva. No entanto, os chineses ainda não desistiram. A conclusão do oleoduto Atyrau-Alashankou pode levar o país a tentar penetrar novamente em Kashagan.

Outra questão controversa envolvendo a CNPC no Cazaquistão foi a compra, em 2005, da Petrokazakhstan por 4,2 bilhões de dólares. A Petrokazakhstan era responsável pela produção de 20% do petróleo produzido no país, operando em campos como Kumkol do Norte e Kumkol do Sul. A aquisição dessa empresa tornou o Cazaquistão a segunda maior

base estrangeira de produção da CNPC, atrás apenas do Sudão. Mas ela também trouxe problemas para os chineses. A petrolífera russa Lukoil mantinha em parceria com a Petrokazakhstan uma subsidiária, a Turgai Petroleum. Com a aquisição da Petrokazakhstan, a CNPC passou a ter direitos sobre a Turgai Petroleum, algo que a Lukoil não reconhecia. Com isso, CNPC e Lukoil foram à justiça internacional para disputar o controle da subsidiária. Este litígio estremeceu as relações entre os setores petrolíferos russo e chinês.

O fato é que a China teve e ainda tem grandes dificuldades para operar no ramo petrolífero do Cazaquistão. Como se não bastasse o trabalho conjunto das petrolíferas ocidentais para atrapalhar ao máximo seu acesso aos hidrocarbonetos, os próprios parlamentares cazaques contestam as sucessivas aquisições de campos petrolíferos que as duas grandes empresas estatais chinesas, a CNPC e a Sinopec, realizaram em um curto espaço de tempo. Porém, o Executivo cazaque considera que a presença da China no ramo petrolífero é bastante positiva por ela representar uma alternativa à Rússia, que ainda comanda boa parte da estrutura de produção e transporte do insumo no Cazaquistão. O fato é que, apesar do rápido avanço, ainda há muito a ser feito para que os chineses consigam usufruir do petróleo cazaque da mesma forma que os outros grandes países.

Sem ainda ter obtido êxito total no setor petrolífero do Cazaquistão, a China não deixou de investir em outras áreas da economia do país, postura que não necessariamente foi seguida pelas demais potências. No setor de gás natural, a CNPC e as autoridades cazaques assinaram em 2006 um acordo de construção de um gasoduto capaz de transportar ao território chinês cerca de 30bmc (bilhões de metros cúbicos) do hidrocarboneto produzido nos campos de Karachaganak, Tengiz e Kashagan. No ramo de extrativismo de metais, chineses e cazaques trabalharam de forma conjunta na exploração do ouro (a Associação Nacional do Ouro Chinês e a cazaque Kazakhaltyn Mining formaram uma *joint venture* em 2005 com a intenção de escavar várias das minas do país) e de urânio (a China National Nuclear Corp e a Kazatomprom uniram forças para retirar dos depósitos do sul cazaque o minério, que é enviado para a China, enriquecido e depois retorna para o Cazaquistão para ser transformado em energia nuclear). No setor hidrelétrico, a China se envolveu em projetos de construção de usinas hidrelétricas na região de Pavlodar, no rio Khorgos e no rio Charyn. Estas usinas produzem, em conjunto, mais de 7.300MWs de potência – somente a de Pavlodar, cujos 7 bilhões de dólares de custo foram totalmente financiados por capital chinês, é responsável por

95% dessa produção. O setor de telecomunicações foi provavelmente aquele em que o Cazaquistão mais conseguiu se beneficiar do investimento chinês: durante a década de 2000, o país passou a economizar em manutenção quando deixou de acessar a internet pela rede europeia para acessá-la na rede chinesa, renovou o sistema de telefonia celular e conseguiu desenvolver sua rede CDMA-450. Se não fosse pela ousada estratégia da China de aplicar grandes somas de dinheiro em projetos complexos na Ásia Central, boa parte da infraestrutura da região permaneceria atrasada em relação ao resto do mundo.

O outro país que se beneficiou de um grande bloco de investimentos oriundos da China foi o Turcomenistão. A principal obra realizada pelo capital chinês foi a construção de um gasoduto de 1.800 quilômetros de extensão capaz de transportar 40bmc do hidrocarboneto desde o território turcomeno até a China. Apesar de ele ter sido inaugurado em dezembro de 2009, a ideia de desenvolvê-lo não é nova. Em 1992, a japonesa Mitsubishi sugeriu a criação de um gasoduto que transportasse o gás turcomeno até o litoral chinês para que ele, em seguida, fosse levado ao Japão. O projeto foi arquivado naquela época devido aos altos custos, mas a China decidiu reavivá-lo (alterando, contudo, o traçado original) no início dos anos 2000, numa fase de elevação do preço do gás natural e de aumento da exploração dos campos Tarim Basim. Em 2005, o presidente turcomeno Saparmurat Niyazov confirmou, em conjunto com os chineses, a construção do gasoduto que ligaria o Turcomenistão ao oeste da China passando pelo Cazaquistão e pelo Uzbequistão. Após quatro anos de obras e custos totais de 4 bilhões de dólares, o gasoduto foi finalizado em 2009, justamente o ano em que a Rússia decidiu cortar a importação de gás natural. Os chineses observavam à distância os problemas entre russos e turcomenos e perceberam que poderiam capitalizar sobre isso.

Ainda em 2009, o Banco de Desenvolvimento Chinês ofereceu um empréstimo de 4 bilhões de dólares à Turkmengaz, a produtora estatal de gás natural, visando explorar e desenvolver o campo de Yolotan do Sul, um dos maiores do planeta. O empréstimo seria pago a partir dos lucros que a Turkmengaz auferiria com a exportação de gás à China por meio do novo gasoduto. Também naquele ano, o Turcomenistão se comprometeu a exportar 65bmc do insumo ao mercado chinês e este, em troca, pagaria o valor do mercado mundial por ele, exatamente a promessa que os russos fizeram em 2008 e não conseguiram cumprir por causa da crise mundial. Atualmente, 25% de todo o gás natural utilizado pela China é oriundo do Turcomenistão, que já a considera sua principal parceira econômica.

Além do envolvimento com o setor de gás natural, o capital chinês também encontrou espaço em outros âmbitos da economia turcomena. Em janeiro de 2007, as empresas chinesas Capital-Longji Sci-Tech Co. e SINOMASCH venceram uma licitação que lhes permitiu construir uma fábrica de vidro que seria a maior da Ásia Central. Os 67 milhões de dólares que foram utilizados para sua construção surgiram a partir de um empréstimo feito pelo Banco de Importações e Exportações da China. No setor de telecomunicações, ainda muito limitado no Turcomenistão, as empresas chinesas estão investindo principalmente na codificação da rede telefônica nacional (iniciada pela ZTE em 2000), na troca de cabos da rede nas principais cidades turcomenas (patrocinada pela Huawei) e na aquisição de novos equipamentos para telefonia fixa, móvel e rádio. No setor ferroviário, os turcomenos fizeram duas grandes aquisições de veículos chineses utilizando recursos obtidos a partir de empréstimos também oriundos da China. Em 2005, o governo turcomeno adquiriu 48 locomotivas a diesel e 50 vagões da Capital-Longji Sci-Tech Co. No ano seguinte, um contrato assinado com a CITIC Company garantiu a compra de mais 200 vagões de trem. Em linhas gerais, a força do relacionamento entre China e Turcomenistão, sobretudo na questão do gás natural, é, possivelmente, a melhor amostra do crescente poderio chinês sobre a economia da Ásia Central vis-à-vis as dificuldades da Rússia em acompanhá-lo.

Os outros três países centro-asiáticos, embora não tenham sido beneficiados com nenhum projeto da magnitude do gasoduto Turcomenistão-China ou do oleoduto Atyrau-Alashankou, também absorveram consideráveis fluxos de investimento oriundos da China. Segundo maior parceiro comercial dos chineses, o Quirguistão foi agraciado com acordos nos setores hidrelétrico, metalúrgico, petrolífero, logístico e de telecomunicações. A energia hidrelétrica quirguiz interessa principalmente a Xinjiang, que precisa dela para solucionar seus antigos problemas de baixa oferta. Assinado em 1995, o primeiro contrato entre China e Quirguistão nesta área garantiu que os quirguizes exportassem ao vizinho parte de sua eletricidade e recebessem petróleo em troca. Na década de 2000, os chineses trabalharam em conjunto com a Rússia na construção das usinas de Kambarata I e II, além de estarem envolvidos, por meio da companhia privada Sarydzhaz-Energo, na criação de cinco usinas com capacidade total de 750MWs. Com relação ao setor metalúrgico quirguiz, o principal objeto de interesse à China é o ouro. Os quirguizes dispõem de boas reservas do minério, mas não possuem grandes recursos técnicos e financeiros para explorá-las. Assim, os chineses

fornece estes recursos exigindo, em troca, o direito de exploração de parte destas reservas. Em 2005, a China concedeu ao Quirguistão algumas centenas de milhões de dólares em investimentos ferroviários, hidrelétricos e metalúrgicos e a contrapartida foi paga na forma de ouro e alguns outros metais. No ano seguinte, foi oferecida ao Quirguistão a possibilidade de fundar uma *joint venture* sino-quirguiz que exploraria alguns depósitos de ouro do país. Estas propostas nem sempre são bem-vistas, pois o ouro é o principal recurso mineral do país e muitos consideram que aos chineses estariam assumindo uma das poucas fontes de autonomia do Quirguistão. Outros metais que motivaram a criação de fábricas e estruturas de extração com capital chinês foram a prata, o mercúrio, o tungstênio, o estanho e o molibdênio.

O setor petrolífero do Quirguistão recebeu atenção da China em 2002, quando o país anunciou que desejaria investir 300 milhões de dólares nos campos localizados no sul quirguiz por meio de um acordo entre a China National Nuclear Corp e a estatal Kyrgyzneftgaz. A Sinopec também se comprometeu, dois anos depois, a reconstruir a pequena e obsoleta estrutura de produção petrolífera quirguiz, embora a maioria das promessas ainda não tenham sido cumpridas. No ramo rodoviário, a China empregou dezenas de milhões de dólares na reconstrução da rodovia Irkeshtam-Osh e na construção de parte da rodovia internacional Osh-Dushanbe. Nas telecomunicações, a Huawei está presente em território quirguiz desde 1998 fornecendo materiais e equipamentos à Kyrgyztelecom no esforço de modernizar a telefonia do país. A Kyrgyztelecom, diga-se, começou a ser privatizada em 2001 e a maioria dos interessados em suas ações vinha da China. O Quirguistão, em suma, é um dos alvos preferidos do capital chinês graças, sobretudo, à proximidade geográfica e ao interesse da China de promover o desenvolvimento econômico num país vizinho à região de Xinjiang. Os investimentos só não são maiores devido à instabilidade política e institucional do país e à ausência de recursos naturais que realmente justifiquem os investimentos estrangeiros.

É possível enxergar semelhanças nos fluxos de investimentos destinados ao Tadjiquistão com aqueles que seguem rumo ao Quirguistão. Na república tadjique, o principal alvo destes fluxos é o setor hidrelétrico. Enquanto as usinas da região sul são controladas pelo capital russo, os chineses decidiram operar na região norte do país, especialmente nas proximidades do rio Zarafshan. Em meados da década de 2000, o Tadjiquistão recebeu recursos do Banco de Desenvolvimento Chinês para a construção de três usinas hidrelétricas

nas águas do Zarafshan que poderiam tornar a parte oeste do país autossuficiente em eletricidade. No sul, os chineses assinaram com o governo tadjique um acordo de 340 milhões de dólares para a construção de linhas elétricas em Khatlon.

Embora o Tadjiquistão não possua grandes atrativos naturais, o país se mostrou capaz de atrair bons capitais em outras áreas além da hidrelétrica. No setor extrativista, tão dependente de capitais estrangeiros para progredir, chineses e tadjiques estão realizando desde 2005 alguns projetos conjuntos de exploração de minerais raros, como o tântalo e o nióbio da mina de Kuristik. Mesmo existindo poucas reservas de grande valor em seu território, cerca de 30% do investimento chinês no Tadjiquistão é destinado à captação de recursos minerais. O ramo de infraestrutura é outro que precisou do apoio dos chineses para solucionar sua defasagem. A China financiou a construção de dois túneis fundamentais para a malha rodoviária tadjique, um que liga Kuliab a Dushanbe (financiado com empréstimo de 40 milhões de dólares) e outro que conecta Shahrstan e Khujand. Ademais, o país concedeu 280 milhões de dólares para a reconstrução da rodovia Dushanbe-Khujand-Chanak, que liga o Tadjiquistão ao Uzbequistão. Outro setor que depende bastante da iniciativa chinesa é o de telecomunicações. A ZTE foi a empresa que mais investiu na infraestrutura tadjique: codificou a rede nacional CDMA em 2003, adquiriu a companhia local TK Mobile em 2004 e anunciou em 2007 a intenção de investir mais 70 milhões de dólares em diferentes projetos no país. Outra corporação bastante ativa no Tadjiquistão é a Huawei, que se responsabilizou pela instalação da rede GSM no país e comercializou de forma exclusiva equipamentos e tecnologia à operadora local Babilon-Mobile.

Ainda que o Quirguistão e o Tadjiquistão sejam países pouco interessantes em termos de rentabilidade para o capital chinês, este não deixa de investir em ambos os países especialmente pela determinação de Pequim de manter a estabilidade regional e evitar que qualquer problema de ordem social sirva como pretexto para o surgimento de organizações rebeldes que possam apoiar o separatismo uigur. O mesmo, no entanto, não pode ser dito sobre o Uzbequistão, possivelmente o país menos relevante para a política geoeconômica da China, ainda que o país já tenha afirmado o contrário no passado⁶¹. A república não é tão rica

⁶¹ Syroezhkin (2002) afirmou que a China, na verdade, considerava o Uzbequistão como o “líder natural” da Ásia Central e também como o parceiro econômico, político e comercial de maior potencial na região. O autor considerava que o relacionamento com o Cazaquistão, reconhecido de forma generalizada como a mais importante das repúblicas centro-asiáticas, estava abalado devido a problemas comerciais ocorridos entre os dois lados em meados dos anos 90, ao passo que o

em petróleo como o Cazaquistão ou em gás natural como o Turcomenistão e também não é foco de problemas geopolíticos como o Quirguistão e o Tadjiquistão. Por conta disso, o investimento chinês no Uzbequistão não está à altura do tamanho do país, o que não significa que ele seja irrelevante.

O setor energético uzbeque só se tornou um assunto de relevância para a China em junho de 2004, quando o presidente chinês Hu Jintao foi a Tashkent sacramentar a assinatura dos primeiros acordos relevantes de exploração de hidrocarbonetos no país. No ano seguinte, na esteira da crise de Andijan, o relacionamento entre os dois países melhorou drasticamente. A CNPC investiu 600 milhões de dólares na criação de uma *joint venture* com a estatal Uzbekneftgaz que exploraria os campos petrolíferos de Bucara e Khiva. Os chineses também emprestaram 35 milhões de dólares para os uzbeques aprimorarem seu sistema de transporte de óleo e gás natural. Em 2006, o Uzbequistão estabeleceu novos acordos de cooperação de longo prazo com a CNPC e com a China National Offshore Oil Corporation (CNOOC) referentes à exploração de campos de petróleo e gás natural no platô Ustiturt, nas regiões de Bucara e Khiva, no Mar de Aral e no Vale do Fergana. Desde então, as empresas chinesas estão no país desenvolvendo, de forma gradual, as estruturas de perfuração, captação e transporte dos hidrocarbonetos destas localidades.

Um setor onde o capital chinês é particularmente forte no Uzbequistão é o de telecomunicações. Em 2005, dois acordos, um entre a Shanghai Bell-Alcatel e a Uzbektelecom e outro entre a Huawei e a uzbeque Perfectum Mobile, garantiram a modernização do sistema de telefonia fixa e móvel do país. Na mesma época, a China Mobile Communications ofereceu uma proposta ao governo uzbeque para se tornar acionista minoritário da Uzbektelecom. O plano não seguiu adiante, mas a empresa continuou recebendo investimentos chineses para implantar melhorias em toda a rede telefônica uzbeque.

O que fica claro no caso do Uzbequistão é que a China ainda não tem o mesmo nível de interesse em sua economia que a Rússia, ainda o maior parceiro de comércio e investimentos do país. Mas não é prudente descartar um aumento da presença chinesa em um país dotado de grandes reservas de recursos naturais e da maior população entre todas as repúblicas da Ásia Central. Conforme os grandes projetos realizados no Cazaquistão e no

Uzbequistão jamais havia tido algum problema com Pequim. Como se percebe, Syroezhkin e o governo chinês estavam equivocados.

Turcomenistão amadureçam, é bem provável que o Uzbequistão se integre à rede de grandes fornecedores de insumos, principalmente os energéticos, da China.

Concluindo esta subseção, pode-se resumir o investimento chinês na Ásia Central como um grande fluxo de capitais financeiros e tecnológicos que permitiu que a China se aproveitasse de uma larga fonte de recursos energéticos na vizinhança, que possibilitou que os países centro-asiáticos desenvolvessem seus parques produtivos em velocidade e intensidade outrora inimagináveis e que ajudou a minimizar a instabilidade regional, levando os governantes da região a apoiarem Pequim e sua luta contra as ameaças vindas, sobretudo, dos movimentos separatistas de Xinjiang. Para este trabalho, contudo, a consequência mais importante do investimento chinês é a perda definitiva de força da Rússia como agente promotor do desenvolvimento regional. A China provou que tem condições de ser o poder hegemônico na Ásia Central ao menos no âmbito econômico. E as cinco repúblicas da região, ainda que não de forma uniforme, têm consciência disso e estão se aproveitando da situação que lhe é bastante favorável.

4.5- E AGORA?

Após ter mitigado boa parte dos problemas de segurança regional e fincado profundas raízes econômicas nas cinco repúblicas da Ásia Central, a China parece estar na posição ideal para confrontar a Rússia numa reedição contemporânea do chamado “Grande Jogo”. Dentre as quatro grandes metas de Pequim em relação à Ásia Central descritas por Hu (2005) e já mencionadas na subseção 4.2, a única que ainda não foi alcançada é a disseminação de sua influência geopolítica e cultural. No entanto, esta jamais foi a maior das prioridades do país. A China quer, sim, ampliar seu poder hegemônico sobre a zona centro-asiática, mas por meio da parceria econômica e da cooperação na área de segurança. Este comportamento, de fato, é uma característica bastante marcante da diplomacia chinesa, que evita ao máximo se envolver em polêmicas e conflitos com os outros países, postura que não é seguida por potências como Estados Unidos, Reino Unido e Rússia. Para Pequim, embora fosse bastante interessante possuir a capacidade de alterar a dinâmica social interna dos seus parceiros a seu bel-prazer, isso não só não necessariamente traria vantagens tangíveis ao país como também poderia gerar forte sentimento de repulsa e rejeição nos povos afetados. Além do mais, no caso da Ásia Central, caso a China quisesse exercer sua hegemonia geopolítica e cultural sobre a região, teria de confrontar a Rússia, cujas intenções são bem mais claras neste sentido. Como os chineses não querem, de forma alguma, problemas com os russos, acabam não se opondo aos planos fortemente imperialistas destes. Mesmo assim, não dá para afirmar que a China é totalmente incapaz de influenciar a dinâmica social das repúblicas centro-asiáticas.

O primeiro grande sinal da presença da China na região foi o desembarque de inúmeros produtos chineses no Cazaquistão logo no início dos anos 90. Essas mercadorias logo se tornaram conhecidas no país por serem muito baratas e de péssima qualidade. Para evitar que a má fama afetasse o comércio regional, os governos de Pequim e Astana decidiram estabelecer padrões mínimos a serem respeitados pelos bens que entravam no mercado cazaque. Ao contrário do que se esperava, essas regras acabaram dificultando ainda mais as exportações chinesas ao Cazaquistão, que em 1993 foram reduzidas pela metade em relação ao nível de 1992. Estes resultados não melhoraram e, em poucos anos, a China já estava preferindo negociar seus produtos manufaturados com o Quirguistão e o Uzbequistão,

menos exigentes do que o Cazaquistão. As relações comerciais com o mercado cazaque só melhoraram a partir do fim dos anos 90, com o foco maior nas transações de hidrocarbonetos. Entretanto, a China jamais conseguiu se livrar da imagem de produtora de manufaturados ruins, seja no Ocidente ou na Ásia Central.

Além da má fama dos produtos fabricados na China, há também a questão da baixa aceitação dos imigrantes chineses por parte dos nativos centro-asiáticos, situação bem apresentada por Swanström (2011). No fim da década de 2000, o Cazaquistão anunciou que pretendia conceder uma área total de 3,5 milhões de hectares para trabalhadores que viessem da China. Em 2010, cerca de 1 milhão de hectares já haviam sido ocupados, algo que desagradou bastante os cidadãos cazaques. Nas cidades, muitos chineses ocupam cargos em setores como construção civil, comércio e indústria aceitando trabalhar mais horas diárias e ganhar um salário menor, distorcendo todo o mercado de trabalho regional. Os empresários de origem chinesa são conhecidos por não gostarem de contratar trabalhadores nativos e por alocarem os que são contratados em postos mais baixos. Além do mais, os baixíssimos preços de seus produtos acabam inviabilizando a atuação das empresas autóctones, incapazes de concorrer em determinados ramos. O resultado é o descontentamento cada vez maior dos centro-asiáticos, especialmente os cazaques e os quirguizes, com o crescimento da população oriunda da China em seu território.

Os chineses, por outro lado, também têm suas reclamações sobre a Ásia Central. O ambiente de negócios ainda é considerado pouco atraente devido ao altíssimo nível de corrupção e aos problemas de infraestrutura herdados da era soviética. E apesar das relações se darem num contexto regional, as longas distâncias e os problemas de acesso entre um país e outro dificultam ainda mais o transporte de mercadorias e impedem que outras partes da China além de Xinjiang consigam realizar transações. Há ainda, no caso do Uzbequistão, um aparato tarifário completamente proibitivo aos produtos vindos de fora. O único país centro-asiático poupado das desconfianças do capital chinês é o Cazaquistão, considerado politicamente estável e mais amigável aos negócios estrangeiros.

Como forma de promover maior aproximação entre China e Ásia Central, os chineses estão investindo cada vez mais em projetos não-econômicos, relacionados sobretudo à cooperação ambiental, à disseminação do idioma mandarim e à promoção de sua cultura. Um dos pilares desta aproximação é o Instituto Confúcio, uma organização mantida pelo

governo chinês no exterior que visa introduzir a cultura e a língua às populações ao redor do planeta. Entretanto, nem todas as iniciativas chinesas são aprovadas por Pequim. Desde o início da década de 2000, o Cazaquistão e o Quirguistão são pressionados pela China para que não permitam associações relacionadas à causa uigur dentro de seus territórios, inclusive o Instituto de Estudos Uigures, criado dentro do Instituto de Estudos Orientais de Almaty para promover sua cultura e seus costumes. Dessa forma, o que fica claro é que o governo chinês está disposto a levar adiante medidas que possam ampliar sua capacidade de influência sobre os povos da Ásia Central, mas toma todo o cuidado para que apenas aquilo que lhe interessa diretamente seja transmitido aos seus parceiros. Em suma, o combate contra os uigures também está feito por vias culturais e sociais.

O que será do relacionamento entre China e Ásia Central no futuro? Em termos de cooperação nas áreas militar e de segurança regional, não há muito mais para ser feito: Pequim já conseguiu todo o apoio e a estrutura territorial de que precisa para combater os “três demônios”. Neste caso, o único objetivo a ser perseguido é a manutenção da estabilidade e do bom convívio com os vizinhos. Com relação à integração econômica, a China já é a grande força hegemônica em vários setores da economia dos países centro-asiáticos e a tendência é que esta força só aumente. Sem haver nenhum outro país que reúna recursos financeiros, tecnologia e disposição para investir numa região cujo potencial ainda não foi devidamente explorado, não há razões para não imaginar que os chineses serão, de forma generalizada e definitiva, os agentes econômicos mais importantes para a Ásia Central em poucos anos. A questão da hegemonia cultural e social suscita algumas incertezas, pois a política externa chinesa ainda não é muito operante neste sentido. Contudo, neste exato instante, caso o país desejasse intensificar sua influência na zona centro-asiática nos moldes do imperialismo russo ou americano, recursos econômicos e políticos para isso não faltariam. O que deve sempre ser levado em conta quando se fala na postura da China em relação à Ásia Central é a necessidade de coibir qualquer possibilidade ação dos separatistas uigures de Xinjiang. Por mais que países como Cazaquistão e Turcomenistão tenham atraído atenções em períodos recentes devido à sua capacidade de produção energética, a verdade é que as motivações de Pequim em relação aos seus vizinhos ocidentais sempre gravitam em torno de sua já antiga luta contra o movimento uigur.

CONCLUSÃO

Na Introdução deste trabalho, foi lançada uma questão que acabou norteando o desenvolvimento de tudo o que foi apresentado a partir de então: estaria a Rússia perdendo o poder hegemônico sobre a Ásia Central para a China? Em outras palavras, Pequim está paulatinamente tomando de Moscou o papel de maior influência política, econômica e institucional sobre as cinco repúblicas centro-asiáticas?

As evidências apresentadas nos capítulos anteriores apontam que há, de fato, uma tendência de parte do outrora incontestado domínio da Rússia estar sendo compartilhado e até tomado para si por completo pela China. No entanto, ressalvas são necessárias nesta análise. Este trabalho buscou apresentar como a Ásia Central foi afetada em vários âmbitos pela presença estrangeira das duas grandes potências que a rodeiam. Portanto, é impossível afirmar que um ou outro país controlará a região de forma definitiva, podendo interferir em absolutamente todas as suas variáveis. O nível de influência que os russos conseguiram impor até o final da União Soviética não é algo alcançável nos dias atuais, em que as interações internacionais são ditadas pela globalização e os países menos poderosos estão cada vez menos propensos a se submeter a decisões tomadas por outrem, optando por dialogar e negociar com aqueles que lhe podem trazer mais vantagens. Em outras palavras, em um mundo no qual uma república como o Turcomenistão pode vender livremente seu gás natural a quem lhe oferecer a melhor contrapartida, não há qualquer chance para um paradigma geopolítico de domínio absoluto.

Dessa forma, o que entra em discussão é a disputa entre a Rússia e a China pela hegemonia no sistema de relações com a Ásia Central, isto é, pela possibilidade de manter alguma forma de controle majoritário sobre o máximo possível de setores da região. Nesse sentido, é possível afirmar que a Rússia, ainda o país de maior presença entre as nações centro-asiáticas, começou a perder força ainda na década de 1990 e se tornou na década de 2000 apenas mais um dos grandes que mantêm interesses sobre essas nações. Os Estados Unidos realizaram uma breve incursão militar em algumas partes da Ásia Central e atualmente estão participando da exploração de hidrocarbonetos de vários campos nas proximidades do Mar Cáucaso, mas não fincaram sua bandeira em outros setores e ainda

reduziram seu interesse estratégico na região conforme a guerra no Afeganistão deixava de ser uma pauta urgente para Washington. Os dois países que possuem ligações culturais e étnicas com a Ásia Central, a Turquia e o Irã, não possuem condições econômicas e militares para penetrar nessa zona de forma mais incisiva. Os únicos que dispõem de recursos quase ilimitados para adentrar as repúblicas centro-asiáticas e que demonstram ter fortes motivações geopolíticas para isso além dos russos são, enfim, os chineses. Assim, Pequim e Moscou oferecem aos países da Ásia Central parcerias e oportunidades que possam conduzir os líderes da região ao alinhamento às doutrinas das duas potências.

Mas há diferenças claras no tocante ao estilo de intervenção praticada e à intensidade com que com que essa intervenção é feita. Desde os tempos do czarismo, a Rússia é conhecida por se impor de forma bastante agressiva e coercitiva sobre aqueles que são dominados, que passam a fazer parte daquilo que ela considera como seu “império”. Mesmo em episódios não violentos, como a absorção das estepes cazaques no final do século XVIII e no início do século XIX, os russos sempre conquistaram povos e territórios adotando uma postura feroz, caracterizada pelo uso massivo de forças bélicas, pela celeridade da realização das operações, pela ausência de maiores diálogos e negociações com o lado dominado, pela repressão àqueles que não aceitam o poderio russo e pela centralidade das decisões estratégicas em Moscou. No caso da Ásia Central, enquanto as estepes do norte foram assumidas pelos russos sem grande resistência por parte dos povos autóctones devido à sua baixa capacidade de organização e retaliação, os vales do sul, onde se localizavam algumas das cidades comerciais mais importantes da Ásia, só foram agregados após conflitos contra inúmeros movimentos revoltosos conduzidos pela população local, que se encontrava num estágio de desenvolvimento social, cultural e urbano mais avançado. A Rússia acabou, enfim, absorvendo o território centro-asiático em sua integralidade devido à firmeza de suas ações. Em seguida, desconsiderando as particulares políticas, sociais e culturais das regiões dominadas, os russos impuseram várias novidades, desde a tecnologia agrícola até a burocracia política, que emulavam sua própria realidade dentro da Ásia Central. Deixando de lado qualquer juízo qualitativo, a realidade é que Moscou conquistou a zona centro-asiática de maneira drástica e brutal e a comandou de modo a reproduzir seus valores e suas estruturas particulares sem levar em conta o cotidiano dos povos nativos.

O período soviético foi marcado, sobretudo, pela total submissão da Ásia Central às determinações expedidas por Moscou. A região, assim como as demais que compunham o território soviético, se viu obrigada a se adequar de forma estrita à estrutura política bolchevique orquestrada pelo Partido Comunista. As peculiaridades locais que, porventura, contrariavam os ditames que regiam a União Soviética, como era o caso dos costumes de inspiração islâmica, eram sumariamente banidas. Aqueles que tentaram implantar um paradigma político alternativo, como os partidários do Alash-Orda na década de 1920, foram punidos com o exílio ou a morte. Em suma, as repúblicas centro-asiáticas tiveram de se enquadrar no modelo que os russos haviam determinado para toda a União e, para isso, se abstiveram de conservar seus próprios costumes. Para os burocratas de Moscou, a centralização das decisões e o baixo nível de autonomia das repúblicas eram condições *sine qua non* para a execução de seu projeto político. Em sua interpretação, uma região que viesse a contestar o bolchevismo poderia abrir espaço para iniciativas contrarrevolucionárias que colocariam em risco a própria integridade da União. Logo, a necessidade de controle estrito sobre tudo o que se encontrava em território soviético era absoluta.

Com o colapso da União Soviética, as repúblicas da Ásia Central se libertaram do domínio russo e lograram sua existência soberana. Ao iniciarem relacionamentos com outros grandes países, os centro-asiáticos perceberam que poderiam obter muito mais vantagens políticas, econômicas e militares com eles do que com a própria Rússia, cujo histórico diplomático remete menos à parceria pacífica e à barganha e mais ao uso das armas. Em termos econômicos, negociar com os países ricos do Ocidente e do Extremo Oriente era bem mais vantajoso do que insistir nas velhas relações com os russos. Em se tratando de segurança regional, os Estados Unidos e a União Europeia eram tão capazes de fornecer os recursos geopolíticos e bélicos necessários para tal quanto a própria Rússia, com o adicional de não adotarem uma postura agressiva em relação aos centro-asiáticos. Nesse contexto, é natural que a pouco amigável Rússia tenha perdido terreno na disputa pela hegemonia sobre a Ásia Central.

Isso não quer dizer, contudo, que Moscou necessariamente passará a adotar o modelo *soft power* de relações exteriores. A imagem da Rússia como um império forte e glorioso que deve se expandir de forma contínua ainda permanece viva entre os membros da elite política, como pode ser visto nos manifestos publicados por Anatolii Chubais e Andrei

Kokoshin, com o primeiro defendendo a construção de um “império cultural” e o segundo preferindo apostar nos “músculos militares” para a expansão de país. Ainda que apenas o paradigma sugerido por Kokoshin seja explicitamente bélico, ambos são os pensadores mais proeminentes de uma ideologia que enxerga a Rússia como um gigante que há de agregar subordinados e parcerias com o uso de seu ilimitado poder de opressão.

Enquanto isso, a China surge no cenário geopolítico da Ásia Central como uma atraente alternativa à antiga hegemonia russa. Tradicional adepta do *soft power*, a república chinesa não tem o costume de expandir suas relações com outros países através da coerção e da subordinação, preferindo criar laços a partir da concessão amigável de benefícios de ordem econômica e, em menor escala, militar. A China é, atualmente, um dos únicos países no planeta que dispõem de amplos recursos para promover o comércio e o investimento com outras regiões. Força econômica relevante na zona centro-asiática desde 1997, ela vem ampliando sua presença por meio do financiamento de grandes projetos nas áreas de exploração de hidrocarbonetos e minerais, de tecnologia e de infraestrutura e do ingresso de produtos e mão-de-obra chineses, preenchendo buracos econômicos ignorados por outros países ricos no mundo. Portanto, ao promover o desenvolvimento das economias das repúblicas centro-asiáticas, Pequim ameniza uma das grandes deficiências da região e conquista a gratidão e a simpatia dos líderes autóctones.

É evidente que o governo chinês não fez nada sem esperar nenhum retorno por parte dos países da Ásia Central. Um dos maiores problemas internos da China atualmente é a constante ameaça de separatismo por parte da etnia uigur, que habita a Região Autônoma de Xinjiang, localizada no extremo oeste do país. Como os uigures têm muito mais características em comum com os povos túrquicos da Ásia Central do que com qualquer outra etnia chinesa, Pequim imagina que esta proximidade geográfica, cultural e histórica poderia facilitar a formação de movimentos de apoio ao separatismo de Xinjiang nos países imediatamente ao lado, como o Cazaquistão, o Quirguistão e o Tadjiquistão. Para evitar que isso acontecesse, a diplomacia chinesa tratou de estabelecer diálogos amistosos com os governantes desses três países almejando obter seus apoios no combate a qualquer iniciativa simpática à causa separatista uigur que pudesse surgir dentro de seus respectivos territórios. As parcerias econômicas e militares são, em última instância, uma forma de convencer os

centro-asiáticos a se alinharem aos objetivos da China. Assim, de forma sutil, Pequim consegue atrair aliados sem necessitar apelar para medidas mais duras como faz a Rússia.

De forma superficial, é possível separar Rússia e China pelo tipo de força hegemônica a que eles exercem na Ásia Central. Russos focam suas atenções nos âmbitos cultural, geopolítico, territorial e bélico, enquanto chineses preferem adentrar a região por meio da economia e da segurança regional. As razões para tudo isso são claras. Moscou sabe que não tem como competir com Pequim quando se trata de comércio e investimento. O enfoque nos demais âmbitos citados acima, por outro lado, é mais viável para a Rússia devido aos laços históricos com a Ásia Central, que naturalmente lhe deram enorme vantagem em relação às outras potências, e também é mais interessante do ponto de vista da recriação de algo análogo a um império. Como a zona centro-asiática ainda é considerada um espaço de domínio majoritário dos russos, a política externa desses tenta exercer um poder de influência capaz de manter “russificadas” a sociedade e as instituições da região. Em tempos dessa globalização, é possível dizer que a opção feita pela Rússia é de alta dificuldade e de possibilidade incerta de sucesso.

A China escolheu concentrar-se apenas nas questões de segurança regional e de economia por simplesmente não ter, ao menos neste momento, grandes interesses explícitos na criação de bases de influência dentro das sociedades da Ásia Central. Ao contrário dos casos da Rússia e dos Estados Unidos, potências que buscam disseminar ao máximo seus valores e seus sistemas aos seus parceiros, a política externa de Pequim ainda não trata de forma prioritária a propagação do “modelo chinês” em outros países. Em todas as regiões onde marcam presença considerável, os chineses buscam apenas se integrar na dinâmica econômica interna, operando negócios, comercializando produtos e estabelecendo mercados amigáveis à economia de seu próprio país. Com relação à Ásia Central, a questão da segurança regional só tem alguma importância para Pequim na medida em que haja um trabalho conjunto com a região na contenção da ameaça separatista de Xinjiang. De forma sintética, conclui-se que a China age na zona centro-asiática dentro dos estritos limites do pragmatismo. Se ela busca fortalecer sua posição por meio da economia e da segurança regional, o faz pensando unicamente em cumprir metas das mais objetivas e claras possíveis. Tentar propagar sua influência em outros âmbitos não só não traria grandes benefícios

palpáveis ao país como também representaria desperdício de esforço numa região que não é sequer considerada, em termos relativos, tão relevante⁶² para Pequim.

Assim, este trabalho observa que as diferentes formas de poder hegemônico exercidas por Rússia e China na Ásia Central encontram justificativa nas filosofias de política externa de uma e outra. Enquanto russos alimentam o abstrato e incerto sonho da reformulação imperialista, chineses raciocinam de forma prática e utilizam sua grande força, a economia, para preencher alguns dos vácuos estruturais da região, a pobreza e a falta de desenvolvimento, o que, em conjunto com a coordenação da segurança regional, resulta no suporte dos governantes centro-asiáticos às suas operações internas de combate ao separatismo uigur. Como o pragmatismo e a barganha são muito mais sedutores do que os discursos de “direito imperial” e de “laços históricos”, é possível afirmar sem errar que a China vem obtendo bem mais êxito no cumprimento de seus objetivos que a Rússia.

O fato de Pequim e Moscou estarem disputando um mesmo espaço geopolítico nos seus arredores não significa que haja animosidade entre eles neste sentido. Muito embora as duas potências já tenham tido problemas no passado, nenhuma delas deseja incomodar a outra. Cientes da remota, porém real, possibilidade dos países do Ocidente galgarem poder hegemônico o suficiente para dominar a Ásia Central por completo, Rússia e China sabem que, mantidas as atuais condições, o convívio respeitoso e cordial é um caminho certo para o fortalecimento da manutenção do *status quo* local. A China, em especial, tem consciência de que a zona centro-asiática sempre esteve sob o jugo da Rússia e que seria necessário dispendir muito esforço e muitos recursos para conseguir o mesmo nível de penetração em outras áreas além da econômica. Mais arredia, a Rússia não vê com bons olhos nenhum grande projeto relacionado à entrada de qualquer outro país em territórios ex-soviéticos. No entanto, nada pode fazer para impedir que os atraentes capitais e mercadorias chineses adentrem as repúblicas centro-asiáticas.

Em resumo, e concluindo o raciocínio, a China ainda não é, na Ásia Central, uma influência mais forte que a Rússia de modo geral. Não obstante, os chineses já tomaram a

⁶² Tanto Hu (2005) quanto Swanström (2011) afirmam que apesar das realizações perpetradas na Ásia Central, ela não é uma prioridade à política externa chinesa. Para Swanström, a grande interessada nessa região é exatamente Xinjiang, que a observa não só como sua melhor parceira econômica como também como uma zona que tem enorme peso nas discussões sobre o separatismo e a causa uigur. O raciocínio de Hu conduz à ideia de que Pequim não está interessada em adentrar a Ásia Central com mais intensidade por reconhecer a atual hegemonia russa nessa região e desejar evitar conflitos com Moscou.

liderança naquele que é o âmbito que mais interessa aos pobres países da região, a economia. Os russos, em mais de duzentos anos, conseguiram moldar a Ásia Central da forma que desejavam, alterando grande parte da estrutura histórica local de forma a introduzir seus elementos sociais, culturais, institucionais e políticos. Mas com a queda da União Soviética, eles não tiveram as condições necessárias – principalmente dinheiro - para seguir coordenando esta estrutura. Atualmente, Moscou não tem muito mais a fazer a não ser tentar preservar ao máximo os ainda numerosos resquícios de sua passagem pela zona centro-asiática. A China, enquanto isso, só não assume de forma definitiva a hegemonia na região porque ainda não é de seu interesse. A partir do momento em que o expansionismo se tornar uma pauta importante na política externa de Pequim, um cenário que jamais pode ser descartado em se tratando de um colosso econômico e político, será difícil duvidar da possibilidade da Ásia Central ser agregada rápida e drasticamente. Dessa maneira, embora seja sempre uma temeridade lançar mão de uma resposta definitiva e segura para uma questão tão complexa, tudo indica que é apenas uma questão de tempo e de voluntarismo político para que a China tome da Rússia o poder hegemônico sobre a bela e, para muitos, ainda misteriosa região conhecida como Ásia Central.

ANEXO 1 – OS PAÍSES DA ÁSIA CENTRAL

CAZAQUISTÃO

A maior das repúblicas da Ásia Central é a República do Cazaquistão, um colosso de terra de 2.724.900 km² localizado ao sul da Rússia, a leste do Mar Cáspio, a oeste da China e ao norte de Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão. O território cazaque é ocupado por uma população de 17.736.896 habitantes,⁶³ dentre os quais predominam cazaques (63,1% do total), russos (23,7%) e uzbeques (2,8%). A religião predominante é o islamismo, praticado por 47% da população. Entretanto, o Cazaquistão se destaca por ter uma grande população cristã ortodoxa, cerca de 44% do total, consequência da influência mais forte que os russos tiveram sobre a sociedade cazaque do que sobre as demais.

Nono maior país do planeta, o Cazaquistão é composto quase que exclusivamente por estepes. Essas estepes foram ocupadas durante séculos por várias tribos nômades de origem túrquica ou mongol, como os carluques, os kipchaks e os caracanidas. Antes dos russos adentrarem a região, na década de 1730, ela era dominada por tribos de origem mongol que a partilhavam de acordo com o clã que a ocupava. Portanto, o antigo território cazaque era dividido em Pequena Horda, Média Horda e Grande Horda.

Quando os russos assumiram o controle da região, foi decidido que as estepes, anteriormente utilizadas apenas por nômades que criavam gado, seriam ocupadas por colonos de origem russa que cultivariam cereais e algodão. Desta forma, os russos estabeleceram grandes fazendas e reduziram o campo de movimentação dos pastores nômades, gerando sérios problemas sociais entre a população não russa. Durante o período soviético, o Cazaquistão era um dos grandes fornecedores de produtos agrícolas, minérios e bens de capital a toda a União Soviética, sendo responsável por 8% da carne, 6% das aves, 19% do carvão e 21% do trigo de todo o país. Nesse período, houve entrada maciça de russos em

63 Os dados estatísticos e números referentes às questões econômica, demográfica e geográfica dos países foram retirados do banco de dados CIA Factbook, disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>, em abril de 2013.

território cazaque, os quais assumiram os empregos mais qualificados nas cidades e também fizeram das estepes áreas largamente cultivadas por meio do programa “Terras Virgens”, executado nos anos 1950 e 1960 para estimular o desenvolvimento agrícola. Graças a esse êxodo, a população cazaque se tornou minoritária no próprio território, caso único na União Soviética. Tal tendência foi revertida nas últimas décadas, com o retorno dos russos à terra natal, uma alta taxa de natalidade e a chegada dos cazaques étnicos que viviam na China e na Mongólia.

O Cazaquistão se tornou independente em 16 de dezembro de 1991, tendo sido a última das repúblicas centro-asiáticas a obter a independência. Desde então, seu presidente é Nursultan Nazarbayev, um ex-primeiro ministro que gozava de alta popularidade e que havia sido nomeado secretário-geral do Partido Comunista Cazaque por Mikhail Gorbachev, então secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, em junho de 1989. No ano seguinte, Nazarbayev assumiu o posto de líder do Soviete Supremo cazaque. É considerado um político hábil e conciliador, que agradava tanto às elites cazaques pró-URSS quanto aos democratas. No dia 1º de dezembro de 1991, duas semanas antes da independência, houve as primeiras eleições presidenciais no Cazaquistão e Nazarbayev se sagrou o vencedor com 98,78% dos votos.

Nursultan Nazarbayev faz o perfil típico do presidente centro-asiático: criado na antiga *nomenklatura* política, abandonou os ideais comunistas tão logo a União Soviética acabou. Na liderança do Cazaquistão, decidiu modernizar o país adotando a economia de mercado e a propriedade privada. No entanto, e assim como nos demais países da Ásia Central, a democracia não foi a opção política de Nazarbayev. O presidente considera que o sistema democrático é saudável, mas o povo cazaque não estaria pronto para isso, já que nunca teve qualquer experiência democrática anterior. Neste contexto, portanto, haveria a necessidade de uma autoridade forte e estável no poder. Tal raciocínio é utilizado para justificar a trajetória eleitoral de Nazarbayev, que promoveu um referendo em 1995 perguntando à população se ela desejava a manutenção do mesmo presidente no poder até o ano 2000, ano em que haveria novas eleições presidenciais. O resultado foi favorável e o mandato de Nazarbayev foi mantido até o fim do ano 2000. Ele disputou as eleições e saiu vencedor, embora o resultado tenha sido contestado pelos opositores. Em 2005, Nazarbayev voltou a disputar as eleições presidenciais e foi reeleito com 91,2% dos votos. Dois anos

depois, foi sacramentada uma emenda constitucional que garantia ao presidente o direito de tentar se reeleger eternamente. As últimas eleições presidenciais foram realizadas em 2011 e Nursultan Nazarbayev foi reeleito⁶⁴ novamente com 95,5% dos votos.

Embora Nursultan Nazarbayev seja considerado por Furman (2005) um líder de temperamento e semblante calmos, seu governo é considerado autoritário e personalista pela comunidade internacional. Nazarbayev costuma favorecer familiares e integrantes de seu clã, a Grande Horda, com empregos no governo e a propriedade de empresas outrora estatais. A oposição é representada pelos comunistas e pela elite liberal, que ascendeu a partir das privatizações realizadas pelo próprio presidente, mas que percebeu que a segurança jurídica do país era baixa e acabou rompendo com o governo no final dos anos 1990. Personagens como o ex-primeiro ministro Akezhan Kazhegel'din, o ex-ministro da energia Mukhtar Abliazov e o ex-governador da província de Pavlodar Galymzhan Zhakiianov tentaram enfrentar Nazarbayev, mas acabaram perseguidos e presos. Enquanto combate a pequena e desorganizada oposição, o presidente efetua obras suntuosas com o dinheiro das exportações de *commodities*. Em 1998, Nazarbayev inaugurou a nova capital do Cazaquistão, Astana, construída na região norte do país. Foram gastos sete bilhões de dólares na construção da cidade, que inclui uma pirâmide de 62 metros de altura e 25 andares. A substituição foi feita porque a antiga capital, Almaty, estava localizada em uma região onde os movimentos de oposição a Nazarbayev eram mais fortes e as possibilidades de terremotos eram grandes.

A economia cazaque é a maior e mais forte da Ásia Central, sendo baseada na indústria extrativista e, em menor escala, na agropecuária. Logo após o fim da União Soviética, ela teve problemas de queda de produção e aumento do desemprego em decorrência da ausência imediata do apoio soviético, mas as reformas econômicas efetuadas pelo presidente Nazarbayev em meados dos anos 1990 fizeram o PIB do Cazaquistão crescer numa média de 5,5% entre 1996 e 2003, crescimento vinculado especialmente ao aumento dos preços mundiais do petróleo. O avanço contínuo foi interrompido nos anos de 2007 e 2008 graças à queda momentânea dos preços do petróleo e à redução das entradas de capital em decorrência da crise mundial, mas o governo reagiu desvalorizando sua moeda, o *tenge*, e injetando 10 bilhões de dólares na economia. Como resultado, o Cazaquistão se recuperou

64 BBC NEWS. **Kazakhstan President Nazarbayev wins re-election**. Londres, 4 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-asia-pacific-12949853>>. Acesso em: 02 nov. 2012.

bem e o PIB apresentou crescimento acima dos 7% nos anos de 2010 e 2011. Em 2012, o Produto Interno Bruto foi de 210,9 bilhões de dólares.

O Cazaquistão foi um dos países da Ásia Central que optaram pela cartilha recomendada pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial, a qual incluía a privatização de empresas públicas, a desburocratização e a plena integração do país aos mercados mundiais. Entre 1995 e 1997, o presidente Nazarbayev empreendeu um grande programa de privatizações de empresas estatais de energia e recursos naturais. Grande parte do dinheiro obtido com as vendas foi desviada via esquemas sofisticados de corrupção e uma elite muito próxima do presidente acabou assumindo várias dessas companhias.

O petróleo é um dos principais produtos do país, representando cerca de 1/3 do PIB cazaque. Nos últimos vinte anos, o crescimento econômico esteve sempre vinculado ao aumento dos preços do barril. Entre 1998 e 2003, enquanto as exportações do hidrocarboneto duplicaram, os lucros triplicaram. Estima-se que haja reservas de cerca de 30 bilhões de barris, o que faz do Cazaquistão o país com o 11º maior potencial de produção de petróleo no planeta. A exploração petrolífera é feita por meio de *joint ventures* e Acordos de Divisão de Produção (PSA), com fortíssimo investimento estrangeiro. Empresas como a italiana Eni, a holandesa Royal Dutch Shell, a americana ExxonMobil e a francesa Total operam em grandes sítios de exploração como Tengiz, Karachaganak, Kurmangazy e Kashagan, a maior reserva petrolífera fora do Oriente Médio. Este petróleo é transportado para a China por meio do oleoduto construído em 2005, para a Rússia por meio dos antigos oleodutos direcionados ao norte, para o Azerbaijão por meio de transporte marítimo que atravessa o Mar Cáspio e para o Irã por via terrestre.

O gás natural é outro produto importantíssimo para a economia cazaque. Estima-se que haja reservas que totalizam 2,407 trilhões de metros cúbicos no país, sendo as principais localizadas em Karachaganak e Amangeldy. Como a indústria de transformação do gás natural em eletricidade é pouco expressiva, predomina a exportação do produto cru, sem qualquer processamento. Além do petróleo e do gás natural, o país se destaca por possuir grandes reservas de carvão, encontrado principalmente em Karaganda e exportado principalmente para a Ucrânia e a Rússia. Outros recursos encontrados no solo cazaque são bauxita, ferro, manganês, cobre, níquel, cromo, zinco, chumbo, prata, cobalto, molibdênio, ouro e urânio.

O setor agropecuário do Cazaquistão é bastante forte, embora só represente 5,2% do agregado do PIB. No norte, há grande produção de algodão e de cereais, principalmente trigo, graças às temperaturas mais amenas da região. No sul do país, região escassa em recursos minerais relevantes, as principais atividades econômicas são a pecuária ovina e o cultivo de frutas e vinhas. O setor industrial é mais forte do que a média dos países centro-asiáticos graças ao extrativismo. Além das empresas relacionadas à exploração do petróleo e do gás natural, há indústrias relevantes de máquinas agrícolas, motores, material de construção, produtos químicos e processamento de metais.

QUIRGUISTÃO

Conhecido oficialmente como República Quirguiz, o Quirguistão é um pequeno país localizado ao sul do Cazaquistão, a oeste da China, ao norte do Tadjiquistão e a leste do Uzbequistão. Sua área de 199.951 km² é majoritariamente ocupada por altas montanhas na parte leste, tendo 64 delas mais de quatro mil metros de altura, e vales verdejantes na parte oeste, com destaque para o Vale de Fergana e suas terras férteis que fazem fronteira com o Uzbequistão e o Tadjiquistão. A população é de 5.548.042 habitantes, sendo ela majoritariamente composta por quirguizes (64,9%), uzbeques (13,8%) e russos (12,5%), embora a parcela destes últimos tenha diminuído drasticamente desde o fim da União Soviética. 75% da população total é muçulmana sunita e 20% pratica o cristianismo ortodoxo.

De relevo montanhoso e localização geográfica desfavorável, o território hoje conhecido como Quirguistão era uma região esparsamente ocupada por tribos nômades de origem túrquica e mongol, tendo chegado a fazer parte dos impérios mongol e chinês antes de ser incorporada à Rússia em 1876. Na década de 1890, a região quirguiz foi ocupada por uma considerável população russa, cujo êxodo foi estimulado por Moscou visando à ocupação da nova área conquistada. Os russos estabeleceram um modo de vida sedentário que acabou por marginalizar a população nômade, a qual perdeu o acesso livre às terras para criar gado. Por causa disso, a pobreza aumentou drasticamente entre os quirguizes. Por ter a mesma situação se repetido em outras áreas da Área Central, vários povos da região organizaram revoltas simultâneas contra Moscou em 1916. Os russos reagiram aos protestos com violência, executando ou deportando milhares de revoltosos. Cerca de um sexto da população quirguiz acabou falecendo nesse período.

Nos primeiros anos da era soviética, a região quirguiz foi uma das mais ativas na luta contra o domínio russo. O sentimento de revolta era especialmente grande entre os *basmatchis*, muçulmanos de origem camponesa que lograram certo sucesso na contenção das tropas soviéticas durante algum tempo. No entanto, em 1920, o general soviético Mikhail Frunze interveio na Ásia Central e impôs derrota a grande parte dos opositores, permitindo que Moscou implantasse o regime soviético de maneira definitiva. Eventualmente, a capital quirguiz foi renomeada após a integração da região à União Soviética. O antigo nome Bishkek

foi substituído por Frunze, sobrenome do general que estabilizou a Ásia Central para posterior domínio russo.

Em 1922, Moscou delimitou um pequeno território a leste da China e o nomeou Região Autônoma Caraquirguiz. Dois anos depois, a república ganhou novo nome: República Socialista Soviética Autônoma Quirguiz. Naquela época, ela possuía autonomia administrativa e cultural, mas sua soberania ainda estava limitada pela inexistência de parlamento, conselho de ministros e língua própria. Em 1936, a União Soviética decidiu transformar a República Socialista Soviética Autônoma Quirguiz em República Socialista Soviética Quirguiz. Com esta mudança, a região quirguiz pôde desenvolver estruturas típicas de um estado-nação próprio e desenvolveu seu grau máximo de autonomia política e institucional dentro da União Soviética.

Sob domínio soviético, a região quirguiz assistiu ao drástico aumento da imigração de colonos russos, que acabaram ocupando as poucas terras férteis e distorceram a estrutura étnica local. Em meados dos anos 1970, os russos chegaram a compor 30% da população total da Quirguízia. Ademais, assim como em outras repúblicas centro-asiáticas, o governo central soviético tentou aniquilar a cultura local por meio de proibições e da implantação forçada da cultura soviética, mas não conseguiu eliminar a obra épica *Manas*, o livro mais importante da história quirguiz. Nos anos 1950, diante da possibilidade do desaparecimento compulsório do *Manas*, a população quirguiz se revoltou duramente contra os políticos soviéticos e a obra foi mantida em sua integridade.

A República Socialista Soviética Quirguiz se tornou oficialmente independente da União Soviética em 31 de agosto de 1991, substituindo de forma imediata seu nome para Quirguistão. A capital também teve seu nome trocado, de Frunze para Bishkek, numa tentativa de resgate simbólico da cultura e das tradições quirguizes. Entretanto, os governantes quirguizes relutaram acerca da independência, pois tinham consciência da total dependência econômica da região em relação ao poder central. Durante o período soviético, os quirguizes pouco podiam contribuir com a economia de todo o país, pois havia poucas regiões férteis e poucos recursos minerais sob seu solo. Sua principal atividade econômica era a pecuária, com destaque para a produção de lã e de carne ovina e bovina. Sua indústria havia passado por bons períodos de desenvolvimento nas décadas de 1940 e 1960, mas a limitação de escassez de matéria-prima não permitia maiores avanços no setor.

O primeiro presidente da história do Quirguistão foi Askar Akayev, um físico de pouca experiência prévia com o ambiente político. Akayev foi eleito presidente em novembro de 1990, quando a União Soviética ainda não havia sido desmembrada, após ter derrotado os comunistas no pleito. Era considerado pela comunidade internacional um perfil técnico e pragmático, que poderia implantar reformas liberais e democráticas e transformaria o Quirguistão em um país moderno e próspero. Entretanto, Akayev não chegou a implantar a democracia por julgar que a população ainda não estava preparada para esse tipo de regime e que havia a necessidade de uma autoridade forte que impedisse o retorno dos comunistas ao poder e o risco dos conflitos étnicos e do fundamentalismo religioso, dois problemas que se manifestam com frequência no sul do país.

Akayev permaneceu no poder até 24 de março de 2005, quando uma série de revoltas populares que duraram vários dias e levaram à morte cerca de trinta pessoas resultou em sua queda. O movimento revoltoso, conhecido como “Revolução das Tulipas”, se deu pelas acusações de manipulação das últimas eleições parlamentares, pelos escândalos de corrupção, pela ausência de liberdade política e pela péssima situação social da maior parte da população quirguiz. No lugar de Akayev, foi empossado o ex-primeiro ministro Kurmanbek Bakiyev, que havia migrado para a oposição de forma oportunista.

A situação do país, contudo, não melhorou com Bakiyev. O governo permaneceu corrupto e autoritário e as condições de vida no Quirguistão continuaram precárias. Em abril de 2010, a população se rebelou contra o presidente devido ao aumento nos preços dos serviços públicos, ao assassinato de líderes opositores e às grandes suspeitas de fraude nas eleições presidenciais de 2009, em que Bakiyev foi reeleito com 90% dos votos. Após conflitos entre populares e as tropas do governo, Kurmanbek Bakiyev foi derrubado no dia 3 de abril de 2010. A ministra de Assuntos Exteriores Roza Otunbayeva assumiu a presidência de forma interina e permaneceu no poder até novembro de 2011. Durante seu governo, foi promulgada uma nova Constituição, na qual o regime presidencialista foi substituído pelo modelo parlamentarista, caso ainda único na história recente da Ásia Central. O atual presidente, no cargo desde dezembro de 2011, é Almazbek Atanbaev e o atual primeiro-ministro, empossado em setembro de 2012, é Jantoro Satybaldiev.

A economia quirguiz é a menor e menos expressiva de toda a Ásia Central. O relevo montanhoso não só inviabiliza o florescimento de um setor agrícola forte como

também dificulta a construção de um sistema logístico competitivo. O posicionamento geográfico do Quirguistão não permite que o país tenha acesso aos principais mercados, ficando restrito às relações comerciais com os vizinhos maiores, Uzbequistão, Rússia, Cazaquistão e China. Além disso, ao contrário dos demais países da Ásia Central, o Quirguistão não possui grandes reservas de recursos minerais e hidrocarbonetos sob seu solo. O ouro é o principal produto de exportação do país, embora não seja largamente explorado devido à grande dificuldade de construção de uma infraestrutura adequada de exploração em um contexto de poucos recursos financeiros e localização geográfica desfavorável. Outros recursos minerais encontrados no solo quirguiz são mercúrio, urânio, chumbo, bismuto e zinco.

Outro importante produto de exportação do Quirguistão é a energia elétrica. Em 2011, o país exportou cerca de 2,62 bilhões de kWh, gerados majoritariamente em usinas hidrelétricas como Kambarata-1 e Kambarata-2. Vários dos grandes rios da Ásia Central, como Syr Darya, nascem na cordilheira de Tian Shan, localizada na região leste do país, e favorecem a produção de energia hidrelétrica. O setor agropecuário quirguiz, embora pouco expressivo se comparado com o dos países vizinhos, compõe 20,2% do PIB do país. Histórico fornecedor de carne e lã durante o período soviético, o Quirguistão ainda depende bastante de sua pecuária bovina, ovina e caprina para compor seu Produto Interno Bruto, que alcançou apenas 6,197 bilhões de dólares em 2012.

O setor industrial, responsável por 27,3% da economia quirguiz, está se desenvolvendo gradativamente. Os principais produtos industriais ainda são os derivados de matéria-prima animal, como alimentos processados, calçados e roupas, mas nota-se uma tendência de modernização da indústria quirguiz, com o aumento na produção de máquinas, motores e eletrônicos.

Após o colapso da União Soviética, o Quirguistão foi um dos países que optaram pela linha econômica liberal-ortodoxa sugerida pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional. As reformas que incluíram a privatização de várias das grandes empresas dos tempos soviéticos, a diminuição da carga tributária de 27% em 1990 para 13,5% em 1996 e a redução dos gastos estatais de 32% do PIB em 1992 para 20% em 1996 resultaram em avanços como a queda da inflação de 772% em 1993 para 2,8% em 2004 e a expansão do setor comercial de 21,1% entre 1996 e 2002.

Entretanto, o Quirguistão não teve, até aqui, nenhum período mais prolongado de crescimento econômico por várias razões. Mais aberto à globalização comercial e financeira do que alguns de seus vizinhos, o país acompanhou os ciclos de ascensão e queda da economia internacional. Ademais, a transição de um sistema de economia planificada para uma economia de mercado revelou-se dolorosa para um país pequeno e pobre como o Quirguistão. O PIB quirguiz caiu abruptamente entre 1991 e 1995 devido à queda na produtividade das empresas, ao aumento do desemprego, à contração generalizada da demanda, à falta de competitividade dos produtos nacionais frente aos importados e aos movimentos de migração em massa ocorridos em direção à Rússia na primeira metade dos anos 90. Entre 1996 e 1998, o país experimentou um rápido e intenso período de crescimento graças à queda dos preços do petróleo, insumo importado pelos quirguizes, e à construção de uma grande mina de ouro em Kumtor. A crise russa de 1998 atingiu fortemente a economia quirguiz, que mergulhou em uma longa fase de recessão. A situação só melhorou novamente em 2005, quando o novo governo de Kurmanbek Bakiyev iniciou um grande programa de desenvolvimento econômico centrado no controle do déficit fiscal. O PIB teve bom crescimento até 2010, quando a revolução que tirou Bakiyev do poder destruiu parte da infraestrutura nacional e diminuiu o indicador para módico 0,5%. Em 2011, ano de eleições presidenciais, o PIB cresceu 5,7%. Entretanto, o crescimento foi de apenas 1% em 2012 graças, sobretudo, ao declínio de 83% da produção da mina de ouro de Kumtor. Mesmo assim, caso a economia quirguiz prossiga se modernizando e o ambiente político permaneça calmo, a tendência é a de crescimento nos próximos anos.

TADJQUISTÃO

Com apenas 143.100 km² de área, a República do Tadjiquistão é o menor país da Ásia Central em extensão. Mesmo sendo pequeno, o Tadjiquistão está localizado em uma região considerada problemática do ponto de vista geopolítico, dividindo fronteiras com o Quirguistão ao norte, a China a leste, o Uzbequistão a oeste e o Afeganistão ao sul. Sua população é de 7.910.041 habitantes, sendo 79,9% deles de origem tadjique e o restante composto por minorias como a uzbeque (15,3%) e a russa (1,1%). A religião predominante é o islamismo, praticado por 90% da população.

93% do território tadjique é ocupado pelas montanhas das cadeias Pamir e Alay. Entre elas, encontra-se o pico Ismoili Somoni, outrora conhecido como “pico Comunismo” considerado o ponto mais elevado da antiga União Soviética, com 7.495 metros de altura. Ao norte, na fronteira com o Quirguistão, avista-se o Vale de Fergana, propício para a agropecuária. Ao sudoeste, encontram-se os vales Vakhsh e Kofarnohon, regiões conhecidas pela grande produção de algodão. Devido às dificuldades naturais de sobrevivência nos relevos montanhosos, 90% da população tadjique prefere viver nos vales irrigados, onde se localizam as maiores cidades.

Os tadjiques são um povo bastante antigo que possui algumas características que o distingue das demais etnias centro-asiáticas. Enquanto cazaques, quirguizes, turcomenos e uzbeques são de origem turca, os tadjiques são descendentes dos antigos sogdianos, de origem persa. A história religiosa é outro grande diferencial: os tadjiques foram budistas durante séculos e após a disseminação do islamismo por toda a Ásia Central, uma boa parcela deles aderiu ao islamismo xiita, pouco comum nas demais regiões centro-asiáticas.

Os vales do atual território tadjique eram um dos pontos mais importantes da Rota da Seda, que conectava a China ao Ocidente. No século XVI, a região foi incorporada ao emirado de Bucara o qual, por sua vez, acabou sendo dominado pelos russos em 1867. Em setembro de 1920, quando a União Soviética ainda estava em processo de consolidação, a elite intelectual de Bucara assumiu o poder e proclamou uma república nacionalista e autônoma, mas com vínculos oficiais com o governo central soviético. Entretanto, a República de Bucara foi dissolvida em 1924 devido ao descontentamento de Josef Stalin, então secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, que acreditava que o governo

bucariano não estava de acordo com os princípios soviéticos. A parte mais oriental da República de Bucara deu origem à República Socialista Soviética Autônoma Tadjique, que foi elevada ao patamar máximo de República Socialista Soviética Tadjique em 1929.

Durante o período soviético, o Tadjiquistão desempenhou o papel de segundo maior fornecedor de algodão do país, atrás apenas do Uzbequistão: 11% do insumo utilizado em toda a União Soviética era produzido nos vales tadjiques. Outra importante fonte de renda da república era a energia hidrelétrica. Assim como o Quirguistão, o Tadjiquistão é um país de alto potencial hidrelétrico, devido à presença de grandes rios nas regiões montanhosas. Para aproveitar este potencial, o governo soviético construiu mais de cinquenta usinas em todo o país, como a de Nurek, localizada no rio Vakhsh. Em menor escala, a economia tadjique também fornecia bens de consumo manufaturados e bens de capital. No entanto, o Tadjiquistão era uma região altamente dependente das demais repúblicas, pois não produzia alimentos e produtos manufaturados na escala necessária para a sobrevivência da população.

O fim da era soviética do Tadjiquistão foi bastante conturbado. O líder do Partido Comunista Tadjique Rahmon Nabyev foi retirado do poder em 1985 e substituído por Kakhar Makhamov. Porém, a gestão de Makhamov foi altamente impopular e, mesmo tendo vencido as eleições presidenciais de 1990, acabou destituído pelo Parlamento em 31 de agosto de 1991. A independência do Tadjiquistão foi declarada nove dias depois, em 9 de setembro de 1991.

A queda de Makhamov foi patrocinada por grupos pró-democracia, por movimentos islâmicos e pela intelectualidade tadjique. Quem acabou retornando ao poder interinamente foi exatamente Rahmon Nabyev, que havia sido substituído por Makhamov. Nabyev venceu as eleições de 24 de novembro de 1991 e manteve-se na presidência do Tadjiquistão. Mas o ambiente político no país continuava negativo, diante da crescente rivalidade entre os opositores islâmicos e a antiga elite soviética. A eleição de Nabyev, pertencente ao clã Leninabad-Khodjent que domina o norte do país, não representava uma solução aceitável à oposição islâmica, mais forte no sul tadjique.

Em março de 1992, surgiram focos de revolta na capital tadjique, Dushanbe. A oposição, que incluía não somente os muçulmanos (representados, principalmente, pelo Partido da Renascença Islâmica), mas também a elite democrata e a minoria étnica pamiir, iniciou conflitos violentos com o intento de derrubar o governo de Nabyev e instaurar um regime ao mesmo tempo democrático e fundamentado no islamismo. O governo tentou

reprimir as revoltas, mas não conseguiu conter o avanço do movimento, que subjugou Dushanbe e outras cidades grandes. Iniciava-se a Guerra Civil Tadjique, que duraria até junho de 1997.

O presidente Nabyev não estava interessado em deixar o poder, mas teve de iniciar no mês de maio de 1992 algumas tratativas visando à formação de um governo de coalizão, que incluísse membros dos movimentos islâmico e democrata. Em junho, eclodiu o conflito armado entre norte e sul, sendo este o período mais violento da Guerra Civil Tadjique.

Em setembro de 1992, Nabyev deixou o poder e um governo provisório, formado pelos principais personagens da oposição, tentou garantir o fim dos conflitos e a estabilidade institucional do Tadjiquistão, mas ele só durou até o mês de novembro. O Conselho Supremo do Tadjiquistão acabou, então, designando à presidência do país Emomali Rakhmonov, notório comunista, pró-Rússia e anti-islamismo. Devido à escolha, a oposição prosseguiu com a Guerra Civil, empreendendo inúmeros assassinatos e sequestros de integrantes da elite governamental.

Em outubro de 1994, iniciou-se um período de cessar-fogo entre as tropas do governo e as guerrilhas opositoras. No mês seguinte, o presidente Rakhmonov foi reeleito num pleito oficialmente sem candidatos de oposição, pois os três maiores partidos opositores haviam sido banidos do Tadjiquistão no início de 1993. Insatisfeitos com o resultado, os movimentos opositores anularam o cessar-fogo e reiniciaram a Guerra Civil em 1995.

O ambiente político só melhorou no fim de 1996, quando o movimento Oposição Unida do Tadjiquistão propôs ao presidente Rakhmonov um governo de coalizão composto por 80% de membros da oposição e 20% de membros governistas. A proposta foi recusada, mas o presidente declarou novo cessar-fogo em dezembro daquele ano e iniciou diálogos com a oposição organizada com o objetivo de encerrar definitivamente a Guerra Civil Tadjique. Em junho de 1997, Rakhmonov e a Oposição Unida do Tadjiquistão assinaram um acordo de paz que levou ao encerramento definitivo da guerra. Após cinco anos, 100 mil tadjiques haviam sido mortos e grande parte da infraestrutura do país estava destruída.

Um verdadeiro governo de coalizão havia sido iniciado, mas o caráter autoritário do presidente Rakhmonov permaneceu intacto. Nas eleições presidenciais de 1999, ele foi reeleito com 97% dos votos. Sete anos depois, Rakhmonov foi reeleito novamente com 79,3% dos votos. Embora haja no Tadjiquistão uma liberdade política maior do que nos demais

países centro-asiáticos, o poder que o presidente possui para fraudar eleições, reprimir opositores considerados mais ameaçadores e conceder benefícios aos aliados em detrimento de outros clãs e regiões ainda é considerável.

Embora não seja a menor economia da Ásia Central, tendo registrado um PIB de 7,59 bilhões de dólares em 2012, o Tadjiquistão ainda é o país com o pior PIB per capita da região, contabilizando 959 dólares para cada habitante em 2012. Longe de ser tão assediada pelas grandes potências internacionais, a república tadjique sofre com profundas limitações que impedem seu desenvolvimento, como a localização geográfica, os ainda persistentes efeitos da Guerra Civil dos anos 1990, o relevo majoritariamente desfavorável à agropecuária e a escassez de recursos naturais.

Os produtos mais relevantes para a economia tadjique são o algodão, o alumínio e, em menor escala, o gás natural e a energia elétrica. A vocação para a agricultura algodoeira é oriunda do período soviético, no qual o Tadjiquistão havia sido designado à produção intensiva do insumo pelo governo central. Até 2008, toda a cadeia de cultivo e processamento do produto estava nas mãos do Estado, que considerava o setor estratégico para o desenvolvimento do país. A privatização de terras é uma das etapas da reforma no setor agrário que vem sendo realizada no país com o suporte do Fundo Monetário Internacional.

O alumínio é o principal produto industrial do Tadjiquistão. Assim como o algodão até 2008, a indústria do alumínio atualmente se encontra sob total controle do Estado e boa parte dos lucros é desviada para as contas do presidente Rakhmonov e seus familiares. O gás natural, cujas reservas somam 5,663 bilhões de metros cúbicos, é explorado pela russa Gazprom e exportado em pequena escala. Por fim, a energia elétrica é produzida por meio das usinas localizadas em rios como o Amu Darya, que nasce na cordilheira Tian Shan, e exportada principalmente para o Afeganistão, país vizinho ao sul.

Sob o solo tadjique, é possível encontrar grandes reservas de urânio, além de mercúrio, lignito, ouro, chumbo, zinco, prata, tungstênio e antimônio. No entanto, o setor de extrativismo mineral é pouco desenvolvido graças à falta de recursos e às dificuldades inerentes ao relevo montanhoso. Da mesma forma, os setores industrial e agrícola pouco conseguem produzir além dos bens e insumos supracitados. A defasagem do parque industrial e a baixa produtividade agrícola resultam na necessidade de importação de produtos fundamentais, como alimentos, máquinas e equipamentos.

Em um país pobre e com poucas oportunidades, os habitantes são obrigados a recorrer a formas alternativas de renda, ainda que elas não se enquadrem na legalidade. No Tadjiquistão, o tráfico de drogas e a economia paralela crescem de maneira vertiginosa, atraindo principalmente jovens sem oportunidades melhores na economia formal. Ademais, outra importante fonte de renda do país, que chegou a contabilizar 48% do PIB antes da crise de 2008, é representada pelas remessas de dinheiro enviadas por tadjiques que trabalham em outros países, principalmente na Rússia. A migração de pessoas do Tadjiquistão para a Rússia é um fenômeno que vem ocorrendo intensamente desde os anos 1980, sendo a única saída para milhares de pessoas que enfrentam um ambiente de pobreza e caos em sua terra natal.

TURCOMENISTÃO

Às margens do Mar Cáspio, dominado por desertos planos e adornado por algumas montanhas na fronteira com o Irã, encontra-se o Turcomenistão, a segunda maior república da Ásia Central em área. Seus 488.100 km² abrigam 5.113.040 habitantes, sendo 85% deles turcomenos étnicos e os demais uzbeques, russos e minorias menos expressivas. A religião predominante no país é o islamismo, praticado por 89% da população, ao passo que outros 9% são cristãos ortodoxos, consequência da influência russa pré-soviética.

O Turcomenistão é um país que se encontra em posição relativamente privilegiada dentro da Ásia Central. Embora o clima seja predominantemente subtropical desértico, a localização geográfica do país e as próprias características de relevo permitem um acesso muito maior aos mercados internacionais. O Mar Cáspio é uma excelente via de escoamento em direção à Europa. Ao norte, há fronteiras com as duas maiores economias da Ásia Central, o Cazaquistão e o Uzbequistão. Ao sul, o Turcomenistão dispõe de uma boa via de acesso ao Oriente Médio, o Irã.

A região onde se localiza o atual Turcomenistão foi, durante séculos, uma espécie de entreposto comercial e estratégico, onde povos e impérios diferentes se encontravam, negociavam e, em alguns casos, guerreavam em busca de territórios. A população original da região era a etnia oghuz, de origem túrquica. No século X, os povos oghuz se uniram e formaram o império Seljúcida, que conquistou vários territórios no oeste da Ásia Central. Entretanto, após grandes episódios de revolta popular, o império foi desmembrado no século XII e uma parte de sua população, os turcomenos, se estabeleceu no território que eventualmente se tornaria o atual Turcomenistão após ter sido forçada a se manter às margens do Mar Cáspio pelos invasores mongóis liderados por Gengis Khan.

A região correspondente ao Turcomenistão foi integrada à Rússia no final do século XIX, no período de conquistas dos russos na Ásia Central. Em 1869, Moscou estabeleceu no território turcomeno um ponto de apoio às tropas russas, Krasnovodsk. Como forma de retaliação, os turcomenos se engajaram na luta em oposição à invasão russa. Mesmo assim, os revoltosos nativos não tinham condições e recursos para enfrentar as bem preparadas tropas de Moscou. Em 1881, os russos conseguiram neutralizar a ação dos

rebeldes turcomenos na fortaleza de Gokdepe, encerrando as possibilidades de retomada da soberania do território por parte dos nativos.

Entretanto, os turcomenos ainda mantiveram vivo o sentimento antirrusso, protestando contra os confiscos de terra realizados em seu território pelo governo de Moscou em 1916. Mesmo durante o início da era soviética, foi possível a eles manter um governo anticomunista e relativamente independente durante os primeiros anos. A situação mudou em 1920, quando o general russo Mikhail Frunze adentrou o território turcomeno, tomou o controle da capital Ashgabat e definitivamente suprimiu qualquer forma anticomunista de política da região, implantando o regime soviético. Em 1924, a União Soviética juntou a região transcaspiana com a região turcomena de Bucara Ocidental e estabeleceu a República Socialista Soviética Turcomena.

Ainda insatisfeitos com a presença russa, os intelectuais turcomenos lideraram um movimento de resistência nacionalista entre 1930 e 1934, mas os soviéticos revidaram com prisões e execuções. Moscou tinha conhecimento da personalidade contestadora dos turcomenos e acusou a elite política local de tentar sabotar a política soviética. Em 1939, o presidente do Soviete Supremo do Turcomenistão, Nedirbai Aitakov, foi executado pelo governo central sob essa acusação.

Durante o período soviético, o Turcomenistão era a mais pobre das repúblicas. As políticas econômicas do governo central forçavam a região a se concentrar na produção intensiva de algodão, inviabilizando a vida nômade. Ao mesmo tempo em que a economia turcomena fornecia 16% de todo o algodão utilizado na União Soviética, a população que cultivava um modo de vida nômade não conseguia se integrar à vida sedentária e isto ampliou ainda mais os problemas sociais já existentes na região.

O Turcomenistão se tornou independente da União Soviética no dia 27 de outubro de 1991, tendo sido uma das últimas repúblicas soviéticas a se desvencilhar do governo central. A elite política turcomena não acreditava na independência, pois sabia que a economia local era fortemente dependente das demais repúblicas. O próprio presidente recém-empossado, Saparmurat Niyazov, secretário-geral do Partido Comunista turcomeno desde 1985, foi um dos únicos líderes cuja preferência pessoal era a manutenção da integridade de toda a União Soviética.

Saparmurat Niyazov foi um dos poucos presidentes centro-asiáticos que mereceram atenções do mundo ocidental graças ao seu estilo bastante peculiar de governo, “uma mistura única de nacionalismo independente reforçado por um generalizado culto à sua personalidade” (LIBRARY OF CONGRESS, 2007:2). As primeiras eleições presidenciais foram realizadas em junho de 1992 e, sem candidatos de oposição, Niyazov foi considerado o vencedor com uma porcentagem de votos quase próxima da totalidade. Em janeiro de 1994, foi realizado um referendo que consultava a população turcomena acerca da possibilidade do mandato de Niyazov ser estendido até 2002. Segundo números oficiais, 99,9% da população votou a favor da extensão.

Em dezembro de 1999, foi colocada para deliberação e votação no parlamento turcomeno a possibilidade de manter Saparmurat Niyazov na presidência do Turcomenistão até o fim de sua vida. De forma unânime, os parlamentares decidiram pela vitaliciedade do mandato de Niyazov. Trata-se de uma situação pouco surpreendente em um país no qual a existência de partidos de oposição era impossível até janeiro de 2012, quando foi promulgada uma lei que autorizava a criação de novos partidos além do governista Partido Democrático do Turcomenistão, e no qual os poucos indivíduos que se atreviam a expressar alguma forma de insatisfação política eram condenados à prisão.

Além de limitar as liberdades política e de expressão a níveis mínimos, o presidente Niyazov notabilizou-se pelas rotineiras intervenções na vida cotidiana da população turcomena e pelo culto obrigatório à sua imagem. Autointitulado *Turkmenbashi*, cujo significado em turcomeno é “pai dos turcomenos”, Niyazov acreditava ser não somente o líder político maior do Turcomenistão como também uma espécie de líder espiritual e filosófico. Ele escreveu um livro cuja leitura se tornou obrigatória nas escolas primárias, o *Ruhnama*, que pode ser traduzido como “livro da alma”. Trata-se de uma obra que contém os pensamentos ideológicos de Niyazov e um relato épico sobre a população turcomena. Segundo o próprio presidente, todos que lessem o *Ruhnama* ao menos três vezes durante toda a vida, após morrerem, passariam o resto da eternidade no Paraíso. A autodivinização perpetrada por Niyazov também poderia ser percebida na dinâmica urbana. O nome Saparmurat Niyazov e o apelido *Turkmenbashi* eram utilizados em avenidas, aeroportos, mesquitas, cidades, portos e até mesmo em um planeta da constelação de Touro e em um meteorito encontrado em território turcomeno. A imagem do presidente também era

frequentemente exibida em painéis públicos, no dinheiro e até mesmo em rótulos de bebidas. Ademais, Niyazov notabilizou-se por proibir atividades e produtos por motivos puramente arbitrários e nada relacionados a questões públicas relevantes. Desta forma, os turcomenos não podiam, por exemplo, frequentar óperas e circos, utilizar batom ou dentes de ouro e se casar sem a permissão do governo.

Saparmurat Niyazov deixou o poder apenas em decorrência de sua morte, no dia 21 de dezembro de 2006. Segundo a constituição turcomena, em caso de morte do presidente, quem assumiria o poder seria o primeiro-ministro, mas este cargo também era ocupado por Niyazov. Neste caso, a presidência deveria ter sido assumida pelo presidente do Parlamento, Overzgeldy Atayev, mas ele foi impedido de assumir o poder por estar sendo julgado por acusações de corrupção. Desta forma, quem assumiu interinamente a presidência do Turcomenistão foi o vice-presidente do Parlamento, Gurbanguly Berdymuhamedov, aliado tradicional de Niyazov. Ele foi reeleito nas eleições presidenciais de 2007 e 2012, sempre com percentagens expressivas de votos. De personalidade mais comedida que Niyazov, Berdymuhamedov promulgou em setembro de 2008 uma nova Constituição, na qual boa parte das proibições e das obrigações menos ortodoxas vigentes no governo Niyazov foram suprimidas. No entanto, poucos avanços foram registrados no ambiente político do Turcomenistão, que permanece autoritário e pouco sadio. O presidente Berdymuhamedov, assim com vários dos outros líderes centro-asiáticos, empregou vários de seus familiares em alguns dos cargos mais importantes do país, numa demonstração de uso viciado da máquina pública.

Apesar das inúmeras ações atentadas contra a democracia, a liberdade de expressão e os direitos humanos mais básicos, os governos de Niyazov e Berdymuhamedov não tiveram de enfrentar a fúria popular e a desaprovação das elites intelectuais e econômicas por duas grandes razões. A primeira é a total supressão perpetrada pelo Estado sobre qualquer possibilidade de oposição contra o *status quo*. A segunda é a existência de um grande aparato econômico controlado de perto pelo governo que possibilita a plena satisfação de todas as classes sociais. Este aparato é mantido, basicamente, pelas exportações de gás natural, a grande fonte de renda do Turcomenistão.

As reservas de gás natural turcomenas acumulam 24,3 trilhões de m³, número superado apenas pelas reservas de três países. No entanto, o país é apenas o décimo primeiro

maior exportador do hidrocarboneto, pois a ausência de uma infraestrutura de extração e transporte adequada ainda não possibilita um maior aproveitamento das reservas. No início do novo milênio, o setor de gás natural recebeu grandes investimentos da Rússia e da Ucrânia, o que permitiu o início de um período bastante próspero para o Turcomenistão. A estatal russa Gazprom praticamente assumiu o monopólio do transporte de gás natural do país. Contudo, apesar do controle dos gasodutos pertencer à Rússia, o insumo é levado diretamente à Ucrânia e posteriormente repassado aos países da Europa Ocidental. No entanto, o monopólio foi quebrado nos últimos anos com a construção de gasodutos que ligam o Turcomenistão ao Irã, apesar das reações negativas dos países ocidentais, e à China. Este último, inaugurado em 2009, é capaz de transportar cerca de 40 bilhões de metros cúbicos anuais do gás natural turcomeno até a província chinesa de Xinjiang, passando pelo Cazaquistão e pelo Uzbequistão. Por esse gasoduto atravessam 25% do gás natural que a economia chinesa consome. O grande volume de exportações do insumo explica o fato do Turcomenistão possuir o segundo maior PIB per capita da Ásia Central, inferior apenas ao do Cazaquistão: US\$ 6.546 por habitante em 2012. O PIB total do país em 2012 foi de 33,47 bilhões de dólares.

Além do gás natural, o setor agropecuário também é de grande importância no Turcomenistão, empregando 48,2% da população e colaborando com 7,6% do PIB. Os produtos mais cultivados no país são o algodão, destinado majoritariamente à exportação, e o trigo, consumido internamente. O setor algodoeiro em especial encontra-se sob controle rígido do Estado, que trata o algodão como um assunto estratégico para a dinâmica econômica do país. Porém, o desenvolvimento do setor é limitado pela ausência de recursos hídricos adequados num contexto de desertificação crescente e poluição extrema do Mar Cáspio e do rio Amu Darya.

O Turcomenistão é um país que optou por um modelo econômico nacionalista baseado em um Estado forte e interventor, sem a necessidade de apoio vindo do Ocidente. O governo Niyazov apostou em uma economia fundamentada nas exportações de gás natural e algodão que acabaria sendo revertida para a população em forma de subsídios na gasolina e fornecimento gratuito de água, sal, eletricidade, gás natural e educação, embora o sistema educacional turcomeno tenha sofrido grande perda de qualidade após o fim da União Soviética. Os grandes esquemas de corrupção no governo também drenam boa parte dos lucros estatais do algodão e do gás natural.

Após a independência, o Turcomenistão passou por um grande período de dificuldades econômicas graças à grande dívida externa e à ausência de rotas de exportação para seus produtos. Os acordos firmados recentemente com a Rússia, a China e o Irã no que concerne ao fornecimento de gás natural mudaram a situação e o país se tornou, nos últimos anos, uma das economias de maior crescimento do planeta. Em 2011, o aumento no PIB de 14,7% só foi inferior ao do Catar e da Mongólia. Em 2012, o PIB cresceu apenas 8%, desempenho ainda suficiente para posicionar o país entre os de maior avanço econômico no mundo. Entretanto, apesar do bom nível dos preços mundiais do gás natural e das reformas econômicas feitas pelo presidente Berdymuhamedov, que incluem a criação de uma zona turística no Mar Cáspio e o encorajamento dos investimentos externos, os prognósticos a respeito do futuro do Turcomenistão são incertos devido aos problemas de corrupção crônica, de infraestrutura precária e de baixo nível da educação.

UZBEQUISTÃO

O mais populoso dos países da Ásia Central é a República do Uzbequistão. Embora sua área de 447.400 km² seja menor do que a do Cazaquistão e a do Turcomenistão, o território uzbeque comporta 28.661.637 habitantes, sendo 80% deles uzbeques étnicos e o restante composto majoritariamente por russos, tadjiques, cazaques, caracalpaques e tártaros. A religião predominante é o islamismo sunita, praticado por 88% da população. A influência russa se faz percebida na presença da religião cristã ortodoxa, adotada por 9% dos tadjiques.

Esse verdadeiro “caldeirão” étnico ocupa uma região dominada por desertos e vales que margeiam os grandes rios da região, como o Amu Darya, o Syr Darya e o Zarafchan. No extremo leste do país, encontra-se o Vale de Fergana, que faz divisa com o Quirguistão e o Tadjiquistão. As fronteiras com o Cazaquistão ao norte e com o Turcomenistão ao sudoeste fazem do Uzbequistão o único país da Ásia Central que possui divisas em comum com todas as demais ex-repúblicas soviéticas asiáticas.

A história do Uzbequistão é bastante rica e conturbada. Os primeiros registros relacionados à região são datados do século V a.C. e estão relacionados à ocupação realizada por tribos sogdianas, bactrianas e tocarianas, que prosperaram com o desenvolvimento da conexão entre a China e o mundo ocidental concretizada na Rota da Seda. Graças ao forte comércio e às interações entre diferentes povos, localidades como Bucara, Samarcanda e Mawarannahr se desenvolveram notavelmente durante os séculos. Os uzbeques étnicos, que comporiam a população do Uzbequistão atual, eram uma tribo do norte da Ásia Central que invadiu e tomou o controle de Bucara e Samarcanda no início do século XVI. Pouco tempo após a invasão, no entanto, as brigas internas entre os uzbeques acabaram resultando no surgimento de três facções: os khiva, os kokands e os bucaras. Cada uma dessas facções ocupava uma parte do atual Uzbequistão, parte cujo nome era correspondente aos da facção que a ocupava.

A desunião das tribos uzbeques, de certa forma, favoreceu a invasão dos russos no século XIX, pois cada facção, por si só, não tinha qualquer poder de reação frente ao poderio de Moscou. Entre 1865 e 1875, as regiões ocupadas pelas três facções já haviam sido tomadas por completo pela Rússia. Embora ela tenha trazido avanços à Ásia Central, mais precisamente nas áreas econômica e institucional, os problemas sociais, políticos e étnicos

ocasionados pela sua irrupção fizeram com que os uzbeques fossem uma das etnias mais ativas nos movimentos de revolta. Em 1916, a situação econômica dos territórios centro-asiáticos era tão precária que uzbeques e outros povos nativos promoveram levantes contra os russos, os quais coibiram as movimentações com violência.

Durante os primeiros anos da era soviética, Bucara e Khiva puderam manter estados com um certo nível de autonomia dentro da União Soviética. Entretanto, devido à desconfiança de Josef Stalin, que acreditava que os governos das duas localidades não seguiam a ideologia soviética de forma estrita, elas foram definitivamente suprimidas em 1924. Em outubro do mesmo ano, o governo decretou a criação da República Socialista Soviética Uzbeque, que incluía a parte central de Bucara, a parte sul de Khiva, Samarcanda, Kokand e os rios Amu Darya e Syr Darya. As elites uzbeques não estavam satisfeitas com os rumos políticos e econômicos definidos pelos soviéticos para a região. A administração local frequentemente entrava em conflito com o governo central, que reagia aos problemas com truculência. Em 1938, Faizullah Khodjaev, presidente do Comitê Executivo Central da União Soviética, e Ahmed Ikramov, secretário-geral do Partido Comunista uzbeque, foram executados após serem acusados de trotskismo. Para resolver a situação, o governo russo decidiu conceder a maior parte dos cargos políticos de alto escalão na república uzbeque para funcionários de origem eslava.

Sob controle da União Soviética, o Uzbequistão era considerado a economia mais importante da Ásia Central. Dois terços do algodão produzido em toda a união provinham dos mais de 100.000 km² de campos uzbeques destinados ao produto. Ademais, o país também produzia boa variedade de alimentos, como arroz, uvas, maçãs, tomates, damascos e melões. O setor industrial da república era responsável por 60% da produção de todo o conjunto centro-asiático de indústrias, com destaque para o processamento de bens agrícolas e a construção de bens de capital. Entre 1956 e 1975, a produção industrial duplicou em todo o país graças aos investimentos da união. Entretanto, a insatisfação dos uzbeques com os russos ainda era grande devido ao estímulo soviético à produção algodoeira no Uzbequistão, o que diminuiu a oferta local de alimentos, e ao combate do governo central às tradições islâmicas.

O Uzbequistão se tornou independente da União Soviética em 1º de setembro de 1991. O cenário político que precedeu a independência era de total caos e desorganização. No início dos anos 80, o governo central acusou o secretário geral do Partido Comunista uzbeque

Sharaf Rashidov, no poder desde 1959, de corrupção e nepotismo. A limpeza política feita pelos russos no Uzbequistão alimentou ainda mais o sentimento antirrusso da população nativa, que formou grupos de oposição à política soviética. Em 1989, Mikhail Gorbachev nomeou como líder máximo da república uzbeque Islam Karimov, um funcionário de segundo escalão do Gosplan. Karimov, do clã Djizzak, permaneceu no poder até a independência e, com 80% dos votos, foi eleito o primeiro presidente da história do Uzbequistão nas eleições do fim de 1991.

O estilo de administração de Islam Karimov se assemelha ao de Saparmurat Niyazov, presidente do Turcomenistão entre 1991 e 2006, no que se refere ao grau de autoritarismo e de falta de limites entre a vida pessoal e o cargo político do governante. Em 1993, Karimov criou um código ideológico oficial que deveria ser seguido pela população e estudado em escolas e prisões, a Ideologia de Independência Nacional, segundo a qual o Uzbequistão deveria abandonar definitivamente toda e qualquer ligação com o regime soviético e restaurar as antigas tradições e culturas locais. Nesse processo, o presidente da república seria o símbolo político maior da ideologia. Desta forma, a Ideologia de Independência Nacional também pode ser vista como uma forma de consolidar toda a estrutura política vigente na república uzbeque.

Assim como os demais países da Ásia Central, o Uzbequistão padece da ausência de liberdade política e de expressão. Prisões políticas sem direito a julgamento, torturas e banimentos são comuns no país. Em dezembro de 1992, no mesmo mês do lançamento da nova Constituição uzbeque, o principal partido de oposição, o nacionalista Birlik, teve suas atividades encerradas pelo governo. O presidente Karimov argumenta que a necessidade de uma atuação autoritária se faz pela manutenção da estabilidade institucional em um ambiente de intensos conflitos étnicos e religiosos. O fundamentalismo islâmico é uma das grandes preocupações dos governantes uzbeques. Em meados dos anos 90, ex-guerrilheiros uzbeques que se uniram aos combatentes tadjiques na Guerra Civil do Tadjiquistão retornaram ao seu país de origem e fundaram o Movimento Islâmico do Uzbequistão (MIU), que defende a existência de uma república baseada nos princípios do Islamismo. A guerra travada entre os líderes políticos do Uzbequistão e os grupos islâmicos de oposição é observada com atenção pelo Ocidente, que considera Islam Karimov um personagem importante para a estabilidade

da região. Devido a isso, são poucas as pressões que os países ocidentais exercem sobre o Uzbequistão no que se refere às rotineiras violações dos direitos humanos no país.

Em 1995, o Uzbequistão realizou um referendo que consultava a população a respeito da manutenção de Islam Karimov no cargo de presidente da República até o ano 2000. O resultado final foi de 99% de votos sacramentando a continuidade. As eleições presidenciais foram realizadas em janeiro de 2000 e Karimov foi reeleito com 99% dos votos. Não houve observadores internacionais e os cinco partidos existentes no país declararam apoio ao vencedor.

Em 2002, o parlamento uzbeque aprovou uma mudança fundamental na Constituição: o mandato do presidente foi estendido de cinco para sete anos. Dessa forma, Karimov só precisou disputar novas eleições em dezembro de 2007. Sua reeleição foi garantida com 88,1% dos votos. Embora a estrutura política uzbeque seja pluripartidária, a realidade mostra que qualquer movimento opositor ao governo de Karimov não terá espaço eleitoral relevante.

Um dos pilares da permanência de Islam Karimov no poder é a força econômica do Uzbequistão. O PIB em 2012, de 48,3 bilhões de dólares, só perde para o do Cazaquistão na Ásia Central. Ao contrário de alguns dos seus vizinhos centro-asiáticos, a república uzbeque é autossuficiente em energia elétrica e alimentos, embora esta situação seja recente.

Os três principais produtos da economia do Uzbequistão são o gás natural, o algodão, o ouro e, em menor escala, o petróleo. Os hidrocarbonetos representaram cerca de 40% dos 15,53 bilhões de dólares em exportações em 2012. No entanto, o setor ainda carece de desenvolvimento. Embora o país conte com 171 reservas que contabilizam, no total, 1,841 trilhão de m³ de gás natural e 594 milhões de barris de petróleo, todo esse potencial não é aproveitado devido à ausência de infraestrutura adequada de exploração e transporte. Em 2001, o governo uzbeque iniciou um programa de privatizações de empresas de hidrocarbonetos visando modernizar a produção e ampliar as exportações. Atualmente, o gás natural e o petróleo são explorados por empresas como a russa Lukoil, a americana Texaco e a japonesa Mitsui. Mas ainda há muito a ser feito para que o setor atinja um grau de eficiência e competitividade compatível com a magnitude dos recursos naturais do país.

Além do gás natural e do petróleo, o Uzbequistão possui reservas consideráveis de ouro, mineral beneficiado pelo contexto externo que permitiu uma melhora substancial no PIB

uzbeque na última década. Entre 2003 e 2012, o preço do ouro subiu numa média anual de 17,7%⁶⁵, fato positivo para um país que produz noventa toneladas anuais do metal⁶⁶. Outros minerais encontrados no solo uzbeque são urânio, carvão, prata, cobre, zinco, tungstênio e molibdênio. Todos esses recursos são utilizados na crescente indústria nacional, que começa a ganhar força com a chegada do capital externo. Produtos como bens de capital e automóveis surgem como sinais da diversificação produtiva que gradualmente determina os rumos da economia uzbeque.

O setor agrícola também é bastante importante na economia do Uzbequistão, respondendo por 25,9% dos empregos e 18,5% do PIB do país. Embora apenas 11% do território seja irrigado, especialmente nos vales, o Uzbequistão é um grande produtor de bens agropecuários, com grande destaque para o algodão. Durante o período soviético, esse produto foi o grande propulsor da dinâmica econômica local. Atualmente, o Uzbequistão é o quinto⁶⁷ maior produto e exportador de algodão do planeta. Todo o sistema de produção algodoeira do país está sob controle do Estado, que é o único dono das terras cultiváveis. Há três formas de empresa agrícola: as *shirkatys*, cooperativas agrícolas onde os agricultores trabalham em sistema familiar e retêm apenas pequena parte de sua produção; as fazendas individuais, que são arrendadas por quinze anos; e os *dekhkonklar*, lotes de terra domésticos cujo uso algodoeiro é menos expressivo vis-à-vis a produção de alimentos para subsistência. O sistema de irrigação uzbeque é bastante amplo, abrangendo cerca de quatro milhões de hectares de terras cultiváveis, embora boa parte de sua estrutura tenha sido herdada da União Soviética e, portanto, já esteja defasada. Ademais, a qualidade da água é afetada pelo nível de poluição dos rios Amu Darya e Syr Darya, cujos percursos foram desviados durante o período soviético exatamente para fins de irrigação.

Embora o algodão ainda seja o produto principal do setor agrícola uzbeque, observa-se uma tendência de diversificação com o aumento do cultivo de frutos e vegetais de maior valor. Durante os primeiros anos após a independência do Uzbequistão, a população padeceu com a grande dependência da importação de alimentos, situação resultante da política

65 GOLD PRICE. **Gold Price**. Disponível em: <<http://goldprice.org/>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

66 U.S. GEOGRAPHY SURVEY. **Gold**. Jan. 2012. Disponível em: <<http://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/commodity/gold/mcs-2012-gold.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

67 NATIONAL COTTON COUNCIL OF AMERICA. **Rankings**. 2012. Disponível em: <<http://www.cotton.org/econ/cropinfo/cropdata/rankings.cfm>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

soviética de monocultura algodoeira. A diversificação reduzirá preços e aumentará o acesso da população mais pobre (17% dos uzbeques encontram abaixo da linha da pobreza) aos alimentos.

Assim como o Turcomenistão, o Uzbequistão foi um dos países que apostaram num modelo econômico baseado em ideais nacionalistas e desenvolvimentistas e na força do Estado, rechaçando a assistência de órgãos internacionais. Em 1994, o governo uzbeque iniciou diálogos com o Fundo Monetário Internacional com o objetivo de introduzir reformas liberalizantes em sua economia. Entretanto, o relacionamento entre os dois lados foi interrompido em 1996, quando o Uzbequistão decidiu implantar seu próprio modelo econômico, baseado na ausência de conversibilidade cambial, no controle de preços, no financiamento inflacionário e na participação ativa do Estado como dono de empresas. A partir de 1999, no entanto, o presidente Karimov optou pela liberalização gradual de alguns elementos econômicos por meio do retorno da conversibilidade da moeda, da privatização de empresas menores e da redução do déficit orçamentário. Porém, o controle dos preços e das grandes empresas de recursos naturais por parte do Estado mostra que a soberania do governo uzbeque sobre os destinos de sua economia ainda é maior do que no Cazaquistão ou no Quirguistão. Graças ao aumento dos preços internacionais dos hidrocarbonetos, do ouro e do algodão, o PIB uzbeque vem crescendo a taxas superiores a 8% há alguns anos. Como não há expectativas acerca de quedas nos preços internacionais das *commodities* supracitadas, espera-se que o Uzbequistão continue sendo um dos países de maior crescimento econômico no planeta.

ANEXO II – MAPA DA ÁSIA CENTRAL⁶⁸



⁶⁸ Esse mapa contendo os países da Ásia Central e suas respectivas capitais foi desenvolvido com o apoio do editor de mapas disponível no site <http://www.stepmap.com/editor.php>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDULLAEV, Evgeny. Uzbekistan: Between Traditionalism and Westernization. In: RUMER, Boris (org.). *Central Asia at the End of the Transition*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2005. cap 7, pp. 267 – 294.

A SEMANA que mudou a URSS. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 ago. 1991. pp. 2-7. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2012.

BENARD, Alexander. Poderio americano é o precursor de sua influência global. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 6 jan. 2012. pp. A10. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2012.

BERGSAGER, Henrik. *China, Russia and Central Asia: The Energy Dilemma*. Lysaker: Fridtjof Nansen Institute, 2012. Disponível em: www.fni.no/doc&pdf/FNI-R1612.pdf. Acesso em: 15 mar. 2013.

BLAGOV, Sergei. *Russia Eyes Stronger Economic Engagement with Central Asia*. Washington: The Jamestown Foundation, 8 fev. 2013. Disponível em: http://www.jamestown.org/programs/edm/single/?tx_ttnews%5Btt_news%5D=40437&cHash=e200ba479e32203eae3f2d30685fa919. Acesso em: 11 abr. 2013.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. *The World Factbook*. Washington, 2009. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>. Último acesso em: 09 mai. 2013.

CHADE, Jamil. Ex-repúblicas soviéticas vivem no abandono total. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 ago. 2001. pp. A13. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2012.

_____. Novo governo deve retomar obra dos dutos para gás e petróleo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 30 nov. 2001. pp. A22. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2012.

CHINA NATIONAL TOURIST OFFICES, *Ethnic Groups*. Nova York, 2012. Disponível em: <http://www.cnto.org/about-us/ethnic-groups/>. Acesso em: 28 mai. 2013.

CHOW, Edward C.; HENDRIX, Leigh E. *Central Asia's Pipelines: Field of Dreams and Reality*. Seattle: The National Bureau of Asian Research, 2012. N. 23. Disponível em: http://csis.org/files/publication/1009_EChow_LHendrix_CentralAsia.pdf. Acesso em: 11 abr. 2013.

CLOVER, Charles; GORST, Isabel; DOMBEY, Daniel. Rússia reconquista espaço perdido na Ásia Central. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 abr. 2009. pp. A18. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

CURTIS, Glenn E. *Kazakhstan, Kyrgyzstan, Tajikistan, Turkmenistan and Uzbekistan country studies*. Washington: Library of Congress, 1997. Disponível em: http://www.marines.mil/Portals/59/Publications/Kazakhstan,%20Kyrgyzstan,%20Tajikistan,%20Turkmenistan,%20and%20Uzbekistan%20Study_1.pdf. Acesso em: 14 nov. 2012.

DE BENIGSSEN, Alexandre. Los Turcos Durante el Gobierno Zarista y Sovietico. In: HAMBLBY, Gavin. *Asia Central*. Tradução de: Maribel Carrillo. Madri: Ediciones Castilla, 1972. cap 14, pp. 195 – 204. (Historia Universal Siglo Veintiuno)

DE MORAES, Márcio Senne. Cooperação com EUA conturba Ásia Central. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 26 set. 2001. pp. Especial 5. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

_____. Democracia fracassa no espaço soviético. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 7 dez. 2003. pp. A24. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

_____. Ex-repúblicas da URSS ainda dependem da Rússia. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 7 dez. 2003. pp. A24. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

D'ENCAUSSE, Helène Carrère. La Revolución Rusa y la Política Soviética de Asia Central. In: HAMBLBY, Gavin. *Asia Central*. Tradução de: Maribel Carrillo. Madri: Ediciones Castilla, 1972. cap 16, pp. 225 – 239. (Historia Universal Siglo Veintiuno)

DÉSPOTA proíbia batom, dente de ouro e bibliotecas. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 22 dez. 2006. pp. A15. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

DITADOR COMANDA país desde fim da URSS. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 16 mai. 2005. pp. A10. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

DITADOR TURCOMENO morre e abre debate por reservas de gás. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 22 dez. 2006. pp. A15. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

DWECK, Denise. Dubai da estepe. *Veja*, São Paulo, 25 out. 2006, pp. 106-107. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em: 18 out. 2012.

EMPRÉSTIMOS fortalecem a geopolítica da Rússia. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12 abr. 2009. pp. A19. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

ESCOBAR, Pepe. Ásia Central tenta recuperar seu lugar na história. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 set. 1998. pp. A20. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2012.

EUROPEAN COMISSION. *Kazakhstan: EU Bilateral Trade and Trade with the World*. Bruxelas, 2013. Disponível em: http://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2006/september/tradoc_113406.pdf. Acesso em: 07 jun. 2013.

_____. *Kyrgyz Republic: EU Bilateral Trade and Trade with the World*. Bruxelas, 2013. Disponível em: http://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2006/september/tradoc_113409.pdf. Acesso em: 07 jun. 2013.

_____. *Tadjikistan: EU Bilateral Trade and Trade with the World*. Bruxelas, 2013. Disponível em: http://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2006/september/tradoc_113453.pdf. Acesso em: 07 jun. 2013.

_____. *Turkmenistan: EU Bilateral Trade and Trade with the World*. Bruxelas, 2013. Disponível em: http://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2006/september/tradoc_113457.pdf. Acesso em: 07 jun. 2013.

_____. *Uzbekistan: EU Bilateral Trade and Trade with the World*. Bruxelas, 2013. Disponível em: http://trade.ec.europa.eu/doclib/docs/2006/september/tradoc_113461.pdf. Acesso em: 07 jun. 2013.

FAVROD, Charles-Henri. *Os Soviéticos*. Tradução de: H Silva Letra. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978. (Enciclopédia do Mundo Actual)

FRICKENSTEIN, Scott G. *O Ressurgimento do Interesse da Rússia na Ásia Central*. Washington: Air Force Research Institute, 2010. Disponível em: http://www.airpower.au.af.mil/apjinternational/apj-p/2010/2010-3/2010_3_06_frickenstein_p.pdf. Acesso em: 13 mar. 2013.

FURMAN, Dmitrii. The Regime in Kazakhstan. In: RUMER, Boris (org.). *Central Asia at the End of the Transition*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2005. cap 6, pp. 195 – 266.

HIGHER SCHOOL OF ECONOMICS. Всесоюзная перепись населения 1989 года. Национальный состав населения по республикам СССР. *Demoscope Weekly*. Moscou, 3-16

mar. 2013. Disponível em: http://demoscope.ru/weekly/ssp/sng_nac_89.php?reg=5. Acesso em: 23 mai. 2013.

HOWELL, Anthony; FAN, C. Cindy. *Migration and Inequality in Xinjiang: A Survey of Han and Uyghur Migrants in Urumqi*. Columbia: Bellwether Publishing Ltd., 2011. Disponível em: <http://www.sscnet.ucla.edu/geog/downloads/597/403.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2013.

HU, Richard W. X. China's Central Asia Policy: Making Sense of the Shanghai Cooperation Organization. In: RUMER, Boris (org.). *Central Asia at the End of the Transition*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2005. cap 4, pp. 130 – 149.

IMPÉRIO aos pedaços. *Veja*, São Paulo, 4 set. 1991. pp. 42 - 48. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em: 18 out. 2012.

ISLÂMICOS uzbeques estão divididos e só se unem por mais poder político. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 16 mai. 2005. pp. A10. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

KRAMER, Andrew E. Rússia e Ocidente disputam energia centro-asiática. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 30 dez. 2007. pp. A15. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

LEVY, Clifford J. Quirguistão está na mira das grandes potências. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 2 ago. 2009. pp. A21. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2012.

LIBRARY OF CONGRESS. Federal Research Division. *Country Profile: Turkmenistan*. 2007. Disponível em: <http://www.marines.mil/Portals/59/Publications/Turkmenistan%20Profile.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2012.

_____. _____. *Country Profile: Uzbekistan*. 2007. Disponível em: <http://www.marines.mil/Portals/59/Publications/Uzbekistan%20Profile.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2012.

MAISONNAVE, Fabiano. Ex-repúblicas soviéticas são disputadas por Rússia e China. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 10 dez. 2011. pp. Mundo 2. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

MORTOS no Uzbequistão podem chegar a 600. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 16 mai. 2005. pp. A10. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

OLCOTT, Martha B. *The 'Stans' at 20*. Madri: Elcano Royal Institute, 2011. Disponível em: <http://www.realinstitutoelcano.org/wps/wcm/connect/a5c0b4804996caf48005b09437ec6e7e/WP>

21-

2011_Olcott_Stans_20.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=a5c0b4804996caf48005b09437ec6e7e. Acesso em: 26 out. 2012.

O PIOR país do mundo. *Veja*, São Paulo, 28 jan. 2004. pp. 48. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>. Acesso em: 18 out. 2012.

OPOSIÇÃO depõe governo do Quirguistão. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 25 mar. 2005. pp. A9. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

O VICE Ianaiev substitui seu ex-protetor. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 ago. 1991, pp. 2-3. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2012.

PEYROUSE, Sebastien. *Economic Aspects of the Chinese-Central Asia Rapprochement*. Washington: Central Asia-Caucasus Institute, 2007. Disponível em: http://www.isdp.eu/images/stories/isdp-main-pdf/2007_peyrouse_economic-aspects-of-the-chinese-central-asia-rapprochement.pdf. Acesso em: 21 mar. 2013.

PIERCE, Richard. La Conquista y la Administración Rusa de Turkestán. In: HAMBLBY, Gavin. *Asia Central*. Tradução de: Maribel Carrillo. Madri: Ediciones Castilla, 1972. cap 15, pp 205 – 224. (Historia Universal Siglo Veintiuno)

POMFRET, Richard. *Central Asia and the Global Economic Crisis*. Bruxelas: FRIDE, 2009. N. 7. Disponível em: www.fride.org/descarga/EUCAM_PB7_ENG_jun09.pdf . Acesso em: 10 mar. 2013.

PROTESTOS derrubam governo do Quirguistão. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 8 abr. 2010. pp. A12. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

QUINN-JUDGE, Paul. O custo de cruzar os braços. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 jun. 2010. pp. A14. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2012.

ROY, Olivier. *L'Asie Centrale Contemporaine*. Éd. 3. Paris: Puf, 2005. (Que sais-je?)

RONNAS, Per; SJÖBERG, Örjan. De-Linking the Externally Planned Economies. In: _____ (org.). *Economic Transformation and Employment in Central Asia*. Ankara: International Labour Organization, 1994. cap. 2, pp. 15 – 21.

RUMER, Boris. Central Asia at the End of the Transition. In: RUMER, Boris (org.). *Central Asia at the End of the Transition*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2005. cap 1, pp. 3 – 64.

RUSSIAN ANALYTICAL DIGEST. *Russia's Economic and Security Relations with Central Asia*. Zurique: Eldgenössische Technische Hochschule Zürich, 25 jan. 2010. N. 71. Disponível em: <http://www.css.ethz.ch/publications/pdfs/RAD-71.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2013.

SACHS, Susan. Morte da URSS desperta Ásia Central e Cáucaso. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 ago. 1997, pp. A14. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2012.

SAMORODOV, Alexander. Background Information on Population, Economic Developments, Labour Markets and Employment. In: RONNAS, Per; SJÖBERG, Örjan (org.). *Economic Transformation and Employment in Central Asia*. Ankara: International Labour Organization, 1994. cap. 3, pp. 23 – 43.

SENATO DELLA REPUBBLICA. Servizio Studi. *L'Asia Centrale Ex Sovietica*. _____, 2006. Disponível em: <http://www.senato.it/documenti/repository/lavori/affariinternazionali/approfondimenti/45.Asia.centrale.pdf>. Acesso em: 24 out. 2012.

SHOEBAT, Walid. Muslim Uyghurs involved in “Terrorist attack” in Xingjiang, China; 21 dead. *Shoebat Foundation*, 28 abr. 2013. Disponível em: <http://shoebat.com/2013/04/28/muslim-uyghurs-involved-in-terrorist-attack-in-xingjiang-china-21-dead/>. Acesso em: 31 mai. 2013.

SINITINA, Irina. *Economic Cooperation Between Russia and Central Asian Countries: Trends and Outlook*. Bishkek: University of Central Asia, 2012. N. 5. Disponível em: <http://www.ucentralasia.org/downloads/UCA-IPPA-WP5-RussiaInfluence-Eng.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2013.

SPITZCOVSKY, Jaime. China e ex-soviéticos fazem pacto. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 abr. 1996. pp. 13. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2012.

_____. Droga ameaça estabilidade do Quirguistão. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 dez. 1994. pp. 3-2. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2012.

_____. Golpe depõe Gorbachev. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 ago. 1991. pp. 2-1. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2012.

_____. Gorbachev desmonta PCUS. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 ago. 1991. pp. 2-1. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2012.

_____. Gorbachev sai de cena. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 dez. 1991. pp. Especial-1. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2012.

_____. Muçulmanos enfrentam resistência à “islamização” da Ásia Central. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 9 mai. 1992. pp. 2-10. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 15 nov. 2012.

STALIN, Josef. *Marxism and the National Question*. São Petersburgo: Prosveshcheniye, 1913. Tradução de: Carl Kavanagh. Disponível em: <http://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1913/03a.htm#s1>. Acesso em: 17 ago. 2012.

SWANSTROM, Niklas. *China and Greater Central Asia: New Frontiers?*. Washington: Central Asia-Caucasus Institute, 2011. Disponível em: http://www.isdp.eu/images/stories/isdp-main-pdf/2011_swanstrom_china-and-greater-central-asia.pdf. Acesso em: 18 mar. 2013.

SYROEZHKIN, Konstantin. Central Asia Between the Gravitational Poles of Russia and China. In: RUMER, Boris (org.). *Central Asia at the End of the Transition*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2005. cap 3, pp. 93 – 125.

_____. Russia: On the Path to Empire?. In: RUMER, Boris (org.). *Central Asia: A Gathering Storm?*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2002. pp. 169 – 208.

TISDALL, Simon. O papel de Moscou no conflito quirguiz. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 jun. 2010. pp. A16. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2012.

TRUSHIN, Eshref; TRUSHIN, Eskender. Institutional Barriers to the Economic Development of Uzbekistan. In: RUMER, Boris (org.). *Central Asia at the End of the Transition*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2005. cap 9, pp. 334 – 363.

UCHÔA, Rodrigo. Ásia Central debate óleo e extremismo. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 8 abr. 2000. pp. Mundo 16. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br>. Acesso em: 18 out. 2012.

USBEQUISTÃO: canhões contra protesto. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 mai. 2005. pp. A18. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 29 out. 2012.

THE UYGHUR AMERICAN ASSOCIATION. *About Uyghurs*. _____, Washington, 2012. Disponível em: <http://uyghuramerican.org/about-uyghurs>. Acesso em: 31 mai. 2013.

WORLD BANK. *Data*. Washington, 2013. Disponível em: <http://data.worldbank.org/>. Último acesso em: 22 abr. 2013.

ZHUKOV, Stanislav. Kyrgyzstan and Uzbekistan: Landlocked Agrarian Economies with an Unlimited Supply of Labor. In: RUMER, Boris (org.). *Central Asia at the End of the Transition*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2005. cap 8, pp. 297 – 327.

_____. Kazakhstan: The Development of Small Raw-Material Exporters Under the Constraints of Globalization. In: RUMER, Boris (org.). *Central Asia at the End of the Transition*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2005. cap 10, pp. 385 – 416.

_____; REZNIKOVA, Oksana. Economic Ties Between Russia and Kazakhstan: Dynamics, Tendencies and Prospects. In: RUMER, Boris (org.). *Central Asia at the End of the Transition*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2005. cap 11, pp. 417 – 432.

ZVIAGEL'SKAIA, Irina. Russia and Central Asia: Problems of Security. In: RUMER, Boris (org.). *Central Asia at the End of the Transition*. Nova Iorque: M. E. Sharpe, 2005. cap 2, pp. 71 – 91.